



Programa de Pós-Graduação em
LINGUÍSTICA

**RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTITUIÇÃO DA ESCRITA DE ARTIGOS
CIENTÍFICOS**



SÃO CARLOS – SP

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTITUIÇÃO DA ESCRITA DE ARTIGOS
CIENTÍFICOS

FABRÍCIO JOSÉ DA SILVA

Bolsista: CAPES (Processo 23112.033127/2022-67)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Vinício de Carvalho Maciel

São Carlos - São Paulo - Brasil

2024

Folha de aprovação

Assinaturas dos membros titulares da Comissão Examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Fabrício José da Silva, realizada em 07/08/2024:

Prof. Dr. Lucas Vinício de Carvalho Maciel (UFSCar)

Profa. Dra. Ângela Francine Fuza (UFT)

Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito (UFSCar)

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha mãe, **Vera Aparecida de Ávila Silva**, e à minha orientadora da graduação, **Rosângela Rodrigues Borges**. Àquela, por ter me concedido a dádiva da vida a partir da sua; esta, por me possibilitar sonhar. Um título acadêmico, evidentemente, é importante; mas o que me conduziu a esta pesquisa, antes de tudo, foi o amor.*

Agradecimentos

Compartilhando do pensamento de Bakhtin e do Círculo, entendo que o sujeito se constitui na relação com o *outro* e, a partir dele, configura-se uma atuação no mundo. Em minha atuação no Mestrado, não poderia ser diferente: o caminho percorrido até aqui apenas foi possível graças às chegadas e partidas acompanhadas pelo(s) outro(s). A todos esses outros, dedico com afetuosa sinceridade estes agradecimentos:

Ao Misericordioso Coração de Jesus e à Santa Catarina de Alexandria, protetora dos estudantes. De minha parte, em se tratando de um título de mestre, não há como deixar de mencionar Jesus, verdadeiro mestre e verdadeiro Deus.

Aos meus pais, sobretudo à minha mãe, cujo nome figura em minha dedicatória, por todos os motivos possíveis e i(ni)magináveis, pelo amor, pelo incentivo, pelo apoio e por me ensinarem que a educação é um poderoso instrumento de transformação da realidade.

Às professoras doutoras Fabiana Cristina Komesu (UNESP) e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda (UFU), por terem gentilmente aceitado o convite para ser membros titulares da minha banca de qualificação e pela honra que me foi concedida em ouvir comentários tão valiosos que em muito contribuíram para que esta dissertação tomasse forma.

Aos professores doutores Luiz André Neves de Brito (UFSCar) e Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL-MG), esta última cujo nome figura em minha dedicatória, por terem gentilmente aceitado o convite para ser membros suplentes da minha qualificação de mestrado e por todos os ensinamentos compartilhados; seja na esfera acadêmica, seja no âmbito da vida privada, que em muito moldaram a minha formação como professor/pesquisador e como ser humano.

À Profa. Dra. Ângela Francine Fuza (UFT), por ter gentilmente aceitado compor a banca de defesa como membro titular e pela indicação de bibliografia(s) que em muito contribuíram para a realização desta Dissertação.

Às professoras doutoras Luciana Salazar Salgado (UFSCar) e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda (UFU), por terem gentilmente aceitado fazer parte da Comissão Examinadora como membros suplentes da banca de defesa e pelos muitos conhecimentos compartilhados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de fomento concedida para a realização desta dissertação, que me possibilitou pesquisar com mais empenho e dedicação, haja vista as oportunidades de apresentação em congressos, mudanças e viagens, participação em eventos acadêmico-científicos, compra de livros, entre outros motivos que demandam recursos financeiros para a realização de uma pesquisa deste nível.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde e Profa. Dra. Luzmara Curcino, pelos muitos esclarecimentos recebidos em respostas a *e-mails* e pela atenção sempre solícita em ouvir demandas dos discentes.

Aos colegas e amigades criadas durante o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado e durante a participação em aulas na pós-graduação: Vanuza dos Santos Lima, Lauro Damasceno e Milena Lima, por ouvirem minhas angústias, pelos conhecimentos compartilhados e por oferecerem escuta em momentos nos quais apenas a chance de desabafar bastaria.

Às amigas de longa data: Swellen Souza, Milena Favalli e Ana Flávia Viveiros, que muito me animaram em dias nos quais meus pensamentos e sentimentos eram tomados por profundas tristezas, apatia e desânimo em ver o novo sol de cada dia. A elas, agradeço de coração pela companhia e pelos valores presentes em uma amizade.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Linguística, em especial à Silvana Felix, por todas as orientações e informações compartilhadas e por todas as respostas encaminhadas sobre as minhas dúvidas.

À Maria Luiza Alves, à Profa. Dra. Inês Signorini (Unicamp) e à Profa. Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira (UNIFAL-MG), por motivos antes e durante a seleção do mestrado em Linguística na UFSCar. À primeira pela indicação para que eu cursasse uma disciplina como aluno especial na Unicamp; à segunda pelo aceite em cursar uma disciplina por ela oferecida como aluno especial e à terceira por me informar sobre o edital do processo seletivo para o mestrado em Linguística na UFSCar.

À Universidade Federal de São Carlos como um todo, espaço de muito aprendizado, acolhimento, conversas e palestras inspiradoras e cafés memoráveis.

Ao Prof. Dr. Lucas Vinício de Carvalho Maciel, meu orientador, deixo um agradecimento especial, registrado na página a seguir.

Conforme disse anteriormente, este trabalho foi possível graças às chegadas e partidas acompanhadas pelo(s) outro(s). Esses outros foram estrelas que iluminaram esta jornada. Por isso, dedico a eles estes versos de Mário Quintana:

*Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las.
Que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas
(Mário Quintana).*

Agradecimento especial

Ao querido Prof. Dr. Lucas Vinício de Carvalho Maciel, orientador desta Dissertação de Mestrado. Agradeço de coração por ter me dito o “sim” à época de seleção do mestrado em um momento de desesperança em relação à carreira acadêmica. Tornar-me mestre em Linguística sob sua tutela foi motivo de honra e alegria: o Prof. Dr. Lucas Maciel é um bakhtiniano *em pessoa*. Por meio de suas aulas, orientações e conversas, muito aprendi sobre o universo bakhtiniano; ensinamentos esses que se reverberaram em toda a construção deste trabalho. O trabalho que teve comigo não foi fácil: alteramos completamente o projeto apresentado na seleção e, com todo o incentivo de sua parte, pude chegar à finalização desta pesquisa. Por esses motivos e outros, deixo um agradecimento especial para o orientador desta dissertação, na certeza de que os pressupostos teóricos de Bakhtin e do Círculo ainda vão lhe render muitas alegrias.

*Apenas o amor é capaz de ser esteticamente
produtivo; apenas em correlação com o amado
é possível a multiplicidade plena
(Bakhtin, 1919/1921).*

Resumo

As relações dialógicas são constitutivas da linguagem e, como tais, podem se apresentar de maneiras diversas. Partindo desse pressuposto, neste trabalho, tencionamos mostrar como essas relações podem se afigurar nas práticas de produção escrita acadêmicas, em especial na escrita de artigos científicos. Os textos examinados para exemplificação de nosso debate provêm de um *corpus* de pesquisa constituído por 18 (dezoito) artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento, quais sejam: Ciências Biológicas, Exatas e Humanas. São artigos científicos disponíveis em periódicos científicos representativos dessas três grandes áreas cujo Qualis esteja posicionado no estrato A1. Na investigação empreendida, ancoramo-nos em reflexões do Círculo de Bakhtin, especialmente expressas nas obras *Problemas da poética de Dostoiévski* (Bakhtin, 2018) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2021), a partir das quais propomos analisar as relações dialógicas tendo em vista os seguintes aspectos: (i) tipos de discurso da prosa (discurso orientado para o referente, discurso objetificado e discurso bivocal); e (ii) os tipos e variantes de discurso por meio dos quais se textualizam os vínculos dialógicos. Na apreciação desses aspectos, recorreremos a exemplos de modos de citação na construção composicional desses artigos, com base, sobretudo, em alguns conceitos bakhtinianos metodologicamente empregados no estudo das relações dialógicas, com vistas a comparar as explanações do Círculo com os exemplos de artigos científicos. Por esse procedimento, notamos como as relações dialógicas podem se manifestar no gênero do discurso artigo científico, de modo a possibilitar também divisar diferenças na composição e no alcance das relações dialógicas, ao se observar como as diferentes formas de citação em artigos científicos podem ser explicadas à luz das noções de relações dialógicas e de tipos e variantes de discurso. Com base na análise realizada, destacamos também os vínculos e os conflitos entre a voz própria e a voz alheia, entre a voz que cita e a que é citada, configurando-se, assim, a atuação das relações dialógicas na composição do gênero artigo científico tendo por base os diferentes modos de citação encontrados nesses artigos.

Palavras-chave: Relações dialógicas; Artigo científico; Tipos de discurso; Escrita acadêmica.

Abstract

Dialogical relationships are constitutive of language and, as such, can present themselves in different ways. Based on this assumption, in this work, we intend to show how these relationships can appear in academic writing production practices, especially in the writing of scientific articles. The texts examined to illustrate our debate come from a research corpus consisting of 18 (eighteen) scientific articles representing the three major areas of knowledge, namely: Biological, Exact and Human Sciences. These are scientific articles available in scientific journals representing these three major areas whose Qualis is positioned in stratum A1. In the investigation undertaken, we anchored ourselves in reflections from the Bakhtin Circle, especially expressed in the works *Problems of Dostoevsky's Poetics* (Bakhtin, 2018) and *Marxism and Philosophy of Language* (Volóchinov, 2021), from which we propose to analyze dialogical relationships having in view of the following aspects: (i) types of prose discourse (referent-oriented discourse, objectified discourse and double-voiced discourse); and (ii) the types and variants of discourse through which dialogical links are textualized. In assessing these aspects, we resorted to examples of modes of citation in the compositional construction of these articles, based, above all, on some Bakhtinian concepts methodologically used in the study of dialogical relationships, with a view to comparing the Circle's explanations with examples from scientific articles. Through this procedure, we note how dialogical relations can manifest themselves in the scientific article discourse genre, in order to also make it possible to see differences in the composition and scope of dialogical relations, by observing how different forms of citation in scientific articles can be explained in light of the notions of dialogical relationships and types and variants of discourse. Based on the analysis carried out, we also highlight the links and conflicts between one's own voice and the voice of others, between the voice that quotes and the one that is cited, thus configuring the role of dialogical relationships in the composition of the scientific article genre based on the different modes of citation found in these articles.

Keywords: Dialogical relationships; Scientific article; Types of discourse; Academic writing.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Correlação entre épocas históricas e formas de transmissão do discurso alheio...41	41
Quadro 2 - Periódicos científicos que constituem o <i>corpus</i> de pesquisa.....53	53

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Percurso metodológico.....	544
Figura 2 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista Ciência e Saúde Coletiva” (área de Biológicas).....	55
Figura 1 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista de Saúde Pública” (área de Biológicas).....	56
Figura 4 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista Design & Tecnologia (D & T)” (área de Exatas)	57
Figura 5 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais” (área de Exatas).....	57
Figura 6 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da Revista “Cadernos Nietzsche” (área de Humanas)	58
Figura 7 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da Revista “Cadernos Pagu” (área de Humanas)	59
Figura 8 - O modo pelo qual os tipos de discurso orientaram a construção do parágrafo	85
Figura 9 - O modo pelo qual a citação direta introduziu os três tipos de discurso.....	123
Figura 10 - O modo pelo qual os três tipos de discurso orientaram a construção do trecho...	180

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	American Psychological Association
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
E1CB	Escrevente 1 Ciências Biológicas
E2CB	Escrevente 2 Ciências Biológicas
E3CB	Escrevente 3 Ciências Biológicas
E1CE	Escrevente 1 Ciências Exatas
E2CE	Escrevente 2 Ciências Exatas
E3CE	Escrevente 3 Ciências Exatas
E1CH	Escrevente 1 Ciências Humanas
E2CH	Escrevente 2 Ciências Humanas
E3CH	Escrevente 3 Ciências Humanas
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS MODOS DE CITAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA	20
2.1 O ARTIGO CIENTÍFICO COMO GÊNERO DISCURSIVO DA ESFERA ACADÊMICA.....	20
2.2 DA VIDA AO TEXTO: UM CAMINHO DIALÓGICO PARA ENTENDER OS GÊNEROS DO DISCURSO.....	24
2.3 OS TIPOS DE DISCURSO E AS ATUAÇÕES DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS	29
2.4 OS TIPOS DE DISCURSO EM <i>MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM</i>	37
2.4.1 Estilo linear	39
2.4.2 Estilo pictórico	40
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	45
3.1 METODOLOGIA DE PESQUISA À LUZ BAKHTINIANA	45
3.2 <i>CORPUS</i> DE PESQUISA: ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DAS TRÊS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO.....	48
4 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DAS TRÊS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO	54
4.1 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	59
4.2 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS EXATAS.....	78
4.3 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
REFERÊNCIAS	246

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As motivações que levaram a cabo a realização desta pesquisa centram-se em um interesse particular — que se traduz em uma paixão e em uma curiosidade — deste pesquisador em nível de mestrado a respeito de um tema intrínseco e muito caro às questões de linguagem: o processo de escrita e o ensino (de escrita). Com vistas a uma melhor compreensão desse fenômeno da linguagem — o processo de escrita e o seu ensino —, este pesquisador em formação que vos fala realizou uma pesquisa de Iniciação Científica na graduação em Letras, na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), da qual resultou a publicação de artigos científicos relativos à temática da escrita em contexto de vestibular, mais precisamente a redação do/no ENEM. Tais pesquisas, ainda na licenciatura em Letras, também contaram com a abordagem bakhtiniana como principal suporte teórico-metodológico para as suas concretizações.

Esta pesquisa em nível de mestrado, por sua vez, é uma tentativa empreendida por este pesquisador em formação de dar continuidade aos estudos concernentes à temática da escrita e, uma vez mais, valendo-se do aporte teórico-metodológico do Círculo de Bakhtin. Desta feita, a escrita aqui contemplada remonta aos estudos em escrita acadêmica/científica, compreendendo o *artigo científico* como gênero discursivo fortemente requisitado na esfera acadêmica e também como objeto de análise/pesquisa (e de discurso) desta Dissertação de Mestrado. A escrita acadêmica, então, traduzir-se-ia como a nova paixão deste pesquisador em formação e que se refletiu e se refratou na realização desta pesquisa ora apresentada.

Um estudo acerca dessa temática justifica-se na medida em que a escrita acadêmica é um aspecto essencial presente na formação de todo pesquisador, independentemente da área de conhecimento a que se filia. Seja para cumprir requisitos enquanto bolsista, seja para garantir a comunicação e a divulgação científica entre os pares, seja para pleitear um bolsa de determinada agência de fomento à pesquisa, seja, ainda, para garantir uma melhor colocação em concursos públicos ou em processos seletivos em termos de currículo, a escrita acadêmica é um fator preponderante nessas situações. Com o conhecimento e a familiarização com os gêneros discursivos que circulam na esfera acadêmica, os escreventes podem produzir resenhas, resumos expandidos, artigos científicos, livros, relatos de experiência, dissertações de mestrado, capítulos de livro, teses de doutorado. Dentre esses gêneros, destaca-se o *artigo científico*, dado que é altamente produzido em todas as áreas de conhecimento como principal

veículo de divulgação científica¹, razão pela qual o elegemos como objeto de análise desta Dissertação de Mestrado.

Pesquisas como as de Fuza (2015) e de Miranda (2016)², cada qual a seu modo, também se preocuparam e se concentraram em questões relativas à seara da escrita acadêmica. Nelas, a constituição dos discursos escritos em práticas letradas acadêmicas foi tema central de pesquisa; mormente em Fuza (2015), o *artigo científico*, como gênero discursivo da esfera acadêmica, também se mostrou o objeto de pesquisa/análise da tese de doutorado da pesquisadora em voga. Em ambas as teses de doutorado, os discursos escritos intrínsecos à esfera da escrita acadêmica foram analisados e interpretados cientificamente à luz dos pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin, com ênfase às noções de relações dialógicas e de gêneros do discurso.

Em Maciel (2014), por sua vez, o estudo das relações dialógicas é levado a efeito em termos de análise dos tipos e variantes de discurso, cunhados pelo Círculo de Bakhtin, nas obras *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2018). O autor, em sua tese de doutorado, propõe-se a investigar como esses tipos e variantes de discurso se afiguram na constituição dos discursos escritos em narrativas solicitadas em contexto de redação de vestibular. Para tal, o autor também se preocupou em estudar diversas obras de Dostoiévski, dado que a figura desse autor russo, com suas obras, adquire papel e influência de relevo nos estudos de Bakhtin e do Círculo.

Tomando as pesquisas supracitadas como fontes de inspiração, entendemos que o processo de escrita e o seu ensino é plasmado e (en)formado por relações dialógicas na Universidade (Miranda, 2016) e complexamente organizados por relações dialógicas (Maciel, 2014). Assim, lança-se luz à hipótese de partida segundo a qual os modos de citação presentes nos artigos científicos seriam complexamente organizados pelas diferentes relações dialógicas imbricadas no processo de escrita desse gênero discursivo.

Ao tomar como norte essa hipótese de partida, a questão principal de pesquisa a que tencionamos responder e que orienta a construção desta dissertação é: *de que maneira se dão as relações dialógicas presentes no processo de escrita do gênero do discurso artigo científico ao se privilegiar o estudo dos diferentes modos de citação nele empregados?* Procuramos,

¹ Mais à frente, explicitamos de maneira mais bem detalhada os motivos pelos quais o artigo científico parece receber mais prestígio em termos de divulgação científica em praticamente todas as áreas do conhecimento.

² Evidentemente, há outras pesquisas realizadas acerca da temática em voga. Contudo, citamos esses estudos tendo em vista que eles também contaram com o aporte teórico e metodológico do Círculo de Bakhtin, diferentemente de outras perspectivas teóricas.

portanto, responder à indagação relativa ao papel das relações dialógicas no momento em que o escrevente estabelece vínculos dialógicos em sua produção escrita — vínculos esses traduzidos na forma de modos de citação de outros autores em artigos científicos.

Somadas a essa pergunta de pesquisa principal, entram em cena também outras questões norteadoras desta Dissertação de Mestrado, quais sejam: (i) como se dão as relações dialógicas entre o discurso do autor e das vozes sociais da academia com as quais ele dialoga para a formulação de seus textos (os artigos científicos)?; (ii) como os tipos e variantes de discurso expõem as interações dialógicas encontradas nesses artigos?; e (iii) quais as possíveis relações dialógicas estabelecidas entre os artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento — Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas — e as vozes outras que auxiliaram na construção desses artigos?

Levando-se em consideração essas questões norteadoras, o objetivo geral desta Dissertação de Mestrado é analisar e detalhar o papel das relações dialógicas na constituição da escrita de *artigos científicos*. Desse objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos:

- 1) analisar de que maneira se dão as relações dialógicas entre o discurso autoral e o discurso alheio na construção composicional do gênero do discurso artigo científico;
- 2) verificar como os tipos e variantes de discurso encontrados nas obras do Círculo de Bakhtin expõem as eventuais interações dialógicas encontradas na composição desses artigos científicos; e
- 3) identificar quais as possíveis relações dialógicas estabelecidas entre os artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento — Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas — e as vozes outras que auxiliaram na construção desses artigos.

Com vistas a alcançar esses objetivos propostos, procedemos à utilização de uma metodologia de estudo da língua exposta por Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021). Associada a essa maneira de estudar metodologicamente a língua, conforme propõe Volóchinov, também nos valem do Paradigma Indiciário, proposto por Ginzburg (1986), dado que, evidentemente, não analisamos todas as formas de citação possíveis que se apresentavam na construção composicional desses artigos científicos, mas apenas aquelas que “saltaram a nossos olhos”, conforme a proposta do paradigma. Essas escolhas das formas de citação se deram de modo a encontrar aquelas que pudessem ilustrar de maneira cabal como os tipos e variantes de discurso influenciaram na construção composicional desses artigos

científicos e como eles orientaram ainda a constituição da escrita desses artigos em termos de citação do discurso do outro.

No que concerne à construção composicional desta Dissertação de Mestrado, ela está organizada em três capítulos, além desta seção de considerações iniciais e da seção de considerações finais. Há a presença de subtópicos em todos os capítulos relativos à fundamentação teórica, aos procedimentos metodológicos e à análise e à discussão dos resultados.

Relativamente ao primeiro — fundamentação teórica —, estão presentes os subtópicos “O artigo científico como gênero discursivo da esfera acadêmica”, “Da vida ao texto: um caminho dialógico para entender os gêneros do discurso”, “Os tipos de discurso e as atuações das relações dialógicas” e “Os tipos de discurso em *Marxismo e filosofia da linguagem*”. No que toca ao segundo — os procedimentos metodológicos —, estão presentes os subtópicos “Metodologia de pesquisa à luz bakhtiniana” e “*Corpus* de pesquisa: artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento”. Referentemente ao terceiro — a análise e a discussão dos resultados —, estão presentes os subtópicos “Exame das relações dialógicas nos artigos científicos representativos da área de Ciências Biológicas”, “Exame das relações dialógicas nos artigos científicos representativos da área de Ciências Exatas” e “Exame das relações dialógicas nos artigos científicos representativos da área de Ciências Humanas”.

No capítulo de fundamentação teórica, intitulado “Fundamentação teórica: os modos de citação sob uma perspectiva bakhtiniana”, buscamos explicar sobre questões relativas ao contexto acadêmico de produção de artigos científicos, à temática dos gêneros do discurso na vida e das relações dialógicas e, por fim, abordaremos os modos de citação com base nos tipos e variantes de discurso discutidos e apresentados em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e *Problemas da poética da Dostoiévski* (2018) — obras que se configuram como a principal base teórica e metodológica do presente trabalho.

No capítulo destinado a questões de ordem metodológica, cujo título é “Aspectos metodológicos e *corpus* de pesquisa”, temos por objetivo detalhar o modo pelo qual a pesquisa foi conduzida. Assim, entram em cena os procedimentos adotados para a coleta dos 18 (dezoito) artigos científicos que constituem o *corpus* desta pesquisa, as dificuldades encontradas na seleção dos periódicos classificados com Qualis A1 e que pudessem ser representativos das publicações relativas às Ciências Biológicas, às Ciências Humanas e às Ciências Exatas no presente trabalho. Entram em cena, também, as maneiras pelas quais pretendemos realizar a análise dos tipos e variantes de discurso que se afiguram na construção composicional dos

artigos selecionados, tendo por base os vínculos dialógicos estabelecidos na relação entre o discurso autoral e o discurso alheio, entre o discurso citado e o discurso que cita.

O capítulo que contempla a análise e a discussão dos resultados, intitulado “Exame das relações dialógicas nos artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento”, é o mais extenso desta Dissertação de Mestrado. Nele, realizamos diversas análises do modo de funcionamento das relações dialógicas — em termos de atuação dos tipos e variantes de discurso apresentados na fundamentação teórica — na constituição da escrita dos artigos científicos selecionados. Tivemos um cuidado e uma preocupação, em grande medida, em explicitar os diferentes modos pelos quais os tipos e variantes de discurso orientaram e influenciaram a escrita dos artigos científicos sob análise. Por esse motivo, foram realizadas exaustivas análises com vistas a ilustrar as variadas formas por meio das quais as relações dialógicas são constitutivas do gênero do discurso artigo científico e também por meio das quais os tipos e variantes de discurso orientaram e conduziram o escrevente na formulação de seus artigos, em suas mais variadas seções. Trata-se, portanto, neste capítulo, de uma análise exclusivamente discursiva, pois tencionamos analisar como esses tipos e variantes de discurso orientaram e influenciaram a construção da escrita dos artigos científicos selecionados e entendidos como representantes das publicações concernentes às três grandes áreas do conhecimento.

É diante desse cenário de pesquisa que buscou contribuições com base em reflexões a respeito da escrita acadêmica/científica, mais precisamente a escrita de artigos científicos, e em noções da abordagem bakhtiniana para o estudo da língua, como relações dialógicas, tipos e variantes de discurso e gêneros do discurso — as quais formam a tríade para a condução desta pesquisa —, que deixamos registrado o nosso convite aos eventuais leitores interessados na temática desta Dissertação de Mestrado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS MODOS DE CITAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Neste capítulo, abordaremos noções referentes à fundamentação teórica com a qual operamos neste trabalho. Para tanto, percorremos um caminho que se inicia com uma breve explanação acerca do contexto acadêmico — da produção de artigos científicos —, partindo para a exposição relativa aos gêneros do discurso, bem como às relações dialógicas e, por fim, abordaremos as formas de citação sob um viés bakhtiniano especialmente expressas a partir de duas obras do Círculo, quais sejam: *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021).

Tal questão — os diferentes modos de citação em artigos científicos — será observada a partir da análise do gênero discursivo acadêmico *artigo científico*, cuja produção revela uma prática de escrita muito comum na esfera acadêmica. Assim, com base nos tipos e variantes de discurso apresentados pelo Círculo nas duas obras supramencionadas, tencionamos verificar como as relações dialógicas são constitutivas do gênero do discurso acadêmico artigo científico em diferentes áreas do conhecimento, observando contextos dessa publicação científica.

2.1 O ARTIGO CIENTÍFICO COMO GÊNERO DISCURSIVO DA ESFERA ACADÊMICA

Na seara da escrita científica, uma prática de letramento adquire papel de relevo nas variadas áreas do conhecimento: a escrita do artigo científico. Em termos de linguagem, o que se entende por *artigo científico*? E por que a sua produção se mostra tão importante na esfera da escrita acadêmica? Com o fito de respondermos a essas indagações, recorreremos à ampla e vasta produção decorrente dos estudos da teoria do Círculo de Bakhtin, na qual a linguagem sob um prisma dialógico é essencialmente concebida.

Em um dos textos que compõem a coletânea *Estética da criação verbal* (2011), Bakhtin discorre a respeito do problema e da definição dos gêneros do discurso: o ensaio intitulado *Os gêneros do discurso*. Segundo Bakhtin (2011), os gêneros são interpretados como tipos *relativamente estáveis* de enunciados, uma vez que podem se alterar no curso do desenvolvimento histórico.

Os gêneros do discurso são enunciados, cujos elementos constitutivos são seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Todos esses três elementos, nas palavras de Bakhtin, estão “indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados

pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (2011, p. 262). Significa isso dizer que esses três elementos constitutivos do enunciado — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — não se separam da totalidade do enunciado; ao contrário, formam um todo concreto.

No que concerne à especificidade de um determinado campo da comunicação discursiva, significa dizer que todo enunciado será concebido mediante as *peculiaridades* de determinada esfera. Em termos da produção de um artigo científico, por exemplo, entram em cena as implicações concernentes à esfera acadêmica, tais como as normas e diretrizes de submissão de determinados periódicos de divulgação científica, as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), *Vancouver*, *American Psychological Association* (APA), discursos presentes nos documentos oficiais, políticas científicas, diretrizes para a avaliação de artigos científicos submetidos em periódicos, política(s) de avaliação da pós-graduação desenvolvida(s) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), relações de poder, dentre outras questões intrínsecas à seara da escrita científica/acadêmica. No que diz respeito às relações de poder, destaca-se, por exemplo, a questão da titulação acadêmica de que cada autor dispõe — mestre, doutor, graduado — com vistas à garantia da submissão e posterior publicação em revistas científicas mais bem classificadas pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Cabe salientar em especial o que se entende por conteúdo temático, estilo e construção composicional — os três elementos constitutivos do enunciado — sob a perspectiva bakhtiniana. Em *Para entender os gêneros do discurso*, Maciel (2022) apresenta de uma maneira didática e objetiva o texto de Mikhail Bakhtin a que estamos nos referindo para um amplo público interessado especialmente no conceito bakhtiniano de gêneros do discurso.

Parafraseando suas palavras, temos que *conteúdo temático* é o assunto sobre o qual se discorre em determinado texto ou em determinada fala, ou seja, o tema do texto. A *construção composicional*, por seu turno, contempla a estrutura do texto, isto é, as partes que compõem a estrutura composicional de determinado(s) texto(s). Tais partes constitutivas da estrutura funcionam como a base a partir da qual o primeiro elemento citado — o conteúdo temático — será desenvolvido. O *estilo*, por fim, seriam as escolhas dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua que cada indivíduo realiza no momento de sua fala ou de sua escrita. Isso significa dizer que todos nós, na concepção bakhtiniana, temos estilo, um estilo que nos é próprio, único.

Os gêneros discursivos também são divididos por Bakhtin como primários e como secundários. Comumente, entende-se por gêneros primários aqueles ligados à oralidade e, como tal, seriam mais simples³; os secundários, por sua vez, seriam aqueles ligados à escrita e, sendo assim, supostamente mais complexos. Todavia, Maciel (2022) já adverte que essa definição pode ser bastante simplista, gerando, por vezes, controvérsias entre os estudiosos do Círculo de Bakhtin.

Como gêneros primários, devemos entender aqueles que estão “fortemente ligados à *comunicação discursiva imediata*, possuem *vínculo imediato com a realidade concreta*” (Maciel, 2022, p. 45, grifos do autor). Ou seja, tais gêneros apresentam um vínculo imediato com a realidade. Por essa razão, entendemos, também, que os gêneros primários apenas são compreendidos quando de sua manifestação estritamente ligada a determinados espaços e tempos imediatos. Daí advém o seu caráter de realidade imediata. Um exemplo seria uma reunião com o orientador de uma determinada pesquisa. Embora o assunto tratado nessa reunião possa ser formal e complexo, tal reunião está direta e totalmente dependente do vínculo imediato com a realidade, haja vista que, se um dos participantes faltarem à reunião, por exemplo, a possibilidade de ela se concretizar será praticamente nula, inexistente.

Os gêneros secundários, por seu turno, não apresentam esse vínculo diretamente ligado à realidade imediata. Uma história em quadrinhos, por exemplo, pode ser lida a qualquer momento do tempo e em vários espaços. Ou seja, não estamos imersos em uma relação de dependência com o tempo imediato, com o momento presente.

Um gênero escrito e primário apresentado por Bakhtin (2011) é a carta, pois ela precisa ser lida por alguém em um tempo e em um lugar específicos. Já uma reportagem televisiva gravada, por exemplo, não apresenta esse vínculo imediato com a realidade no tempo e no espaço, visto que ela não depende da realidade imediata para ser compreendida, ou seja, pode ser assistida em qualquer tempo e em qualquer espaço.

No momento em que Bakhtin afirma que os gêneros primários podem ser interpretados como gêneros simples e os secundários como gêneros complexos, quer dizer com isso que os gêneros primários estão mais para as situações de convívio social cuja elaboração seja mais simples; os secundários estão mais para as situações de convívio social nas quais a sua elaboração seja complexa. Dito de outro modo, quando planejamos a escrita de um livro didático, por exemplo, a situação que envolve esse planejamento requer um convívio social mais complexo e, portanto, mais elaborado, como o contato com uma editora, serviços de

³ Em *Estética da criação verbal*, aparecem os termos “simples” e “complexo” como designações, respectivamente, dos gêneros primários e secundários, conforme detalhamos a seguir.

impressão, revisão, diagramação, etc. Já uma conversa telefônica, por outra via, não requer todo esse convívio social mais complexo e elaborado, dado que os participantes dessa interação discursiva estão diretamente ligados àquele momento da ligação, não exigindo, portanto, da parte deles, um convívio social de interação mais elaborado.

Retomando as nossas questões iniciais — o que se entende por artigo científico e por que a sua produção se mostra tão importante para a esfera acadêmica —, pautemo-nos nas discussões bakhtinianas a respeito de *Os gêneros do discurso* com vistas a uma melhor compreensão dessas indagações.

Com base no exposto em tela, sob uma perspectiva bakhtiniana, o *artigo científico* é compreendido como um gênero discursivo secundário, dado que pertence a um contexto de produção cultural mais complexo e mais elaborado — o da seara da escrita científica — e, portanto, atende às especificidades desse campo da atividade humana. Aliás, o próprio Bakhtin cita, em *Os gêneros do discurso*, os textos resultantes da pesquisa científica como gêneros secundários, dado o seu caráter heterogêneo de constituição por vezes demasiadamente complexo:

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (Bakhtin, 2011, p. 263).

A produção de um artigo científico engloba a sua construção composicional, o seu conteúdo temático e o seu estilo. A depender da área do conhecimento na qual esse artigo se encontra, as peculiaridades de cada campo da atividade humana constituirão um fator preponderante para a formação desses três elementos constitutivos do enunciado no todo composicional do artigo científico.

Em síntese, temos, então, que o conteúdo temático de determinado artigo reflete o assunto, o tema acerca do qual se discorre em uma pesquisa realizada; a sua construção composicional possivelmente seguirá espaços composicionais como introdução, fundamentação teórica, metodologia, resultados e conclusões⁴ — observando-se, também, evidentemente, as *particularidades* de cada área do saber e as normas correspondentes aos

⁴ Ou, ainda, a estrutura “introdução, métodos, resultados e discussão”, autodenominada “IMRD”. Para saber mais a respeito da divisão das seções de um artigo científico em diferentes áreas do conhecimento, consultar Medeiros e Tomasi (2021): *Redação de artigos científicos: métodos de realização, seleção de periódicos, publicação*.

periódicos a que esses artigos poderão ser submetidos e publicados. No que toca ao estilo presente em um artigo científico, entendemos que, no estilo do autor, entram em cena as relações dialógicas e, portanto, os recursos e as escolhas — posições axiológicas — dos quais se valeu também estão correlacionados ao estilo do seu orientador, por exemplo, ou, ainda, ao estilo de outros autores lidos para a construção de seu texto. No entanto, ainda que o estilo receba influências diretas ou indiretas de outrem, Bakhtin já nos adverte para o fato de cada indivíduo ter o seu estilo próprio, pois organiza de modo particular as influências que recebe.

Acreditamos ser possível apontar que a ampla produção do artigo científico em praticamente todas as diferentes áreas do conhecimento se deva, entre outras razões, à sua construção composicional. Por ser um gênero cuja extensão não é tão longa, facilitaria a leitura por parte de outros pesquisadores, sintetizando as noções fundamentais e os principais resultados alcançados por determinada pesquisa. Ademais, os periódicos científicos — os suportes nos quais se inscrevem esses artigos — não conseguiriam comportar, no mundo físico, textos de longa extensão, como teses e dissertações, por exemplo. Embora no espaço digital essa limitação não mais exista, o fato de os artigos científicos apresentarem em sua constituição uma extensão não tão longa, facilita a leitura por parte de seus pares na medida em que promove a síntese das principais implicações decorrentes de uma pesquisa realizada. Desse modo, cremos ser possível afirmar que a construção composicional mais sintética do gênero discursivo acadêmico artigo científico contribui em larga escala para a sua boa recepção na esfera acadêmica e, conseqüentemente, a sua vasta produção nas diferentes áreas do conhecimento.

Nesta seção, discorreremos brevemente a respeito do contexto acadêmico em que se encontram as práticas de produção do gênero artigo científico e das relações dialógicas como fenômeno constitutivo da linguagem e, portanto, também presentes na composição dos gêneros do discurso, em especial o gênero discursivo artigo científico. Na seção seguinte, procuramos nos ater à temática dos gêneros do discurso na vida, bem como às relações dialógicas como parte constitutiva da linguagem.

2.2 DA VIDA AO TEXTO: UM CAMINHO DIALÓGICO PARA ENTENDER OS GÊNEROS DO DISCURSO

Bakhtin destaca que, para uma melhor compreensão dos gêneros discursivos, é necessário levar em consideração a ligação desses gêneros com o âmbito da *vida*. Conforme pontua Maciel (2022), o entendimento dos gêneros discursivos requer partir da *vida* para o

texto. Significa isso dizer que, antes de se atentar, única e exclusivamente, a aspectos de ordem puramente linguística e textual — como coesão e coerência, estratégias de organização e de progressão textuais, convenções da escrita (uso da norma de referência da língua portuguesa) —, faz-se necessário questionar como um determinado gênero se vincula à vida, isto é, como e por que determinado texto resulta de alguma *necessidade* da vida.

Produzimos uma redação de tipo dissertativo-argumentativo (ou quaisquer outros gêneros), enquanto pré-universitários/vestibulandos, com vistas a responder à necessidade⁵ do vestibular, segundo a qual devemos demonstrar: domínio da norma-padrão da língua portuguesa; capacidade de pensar criticamente e de estabelecer e defender ideias de modo coeso e coerente; propor soluções acerca de determinada problemática social, além de mostrar domínio de outras áreas do conhecimento e com elas estabelecer diálogos, entre outros critérios de correção textual. Ou seja, produzir um gênero como uma redação de tipo dissertativo-argumentativo, nesse contexto, responde a um *propósito* da vida: escrevemos esse gênero porque nos é cobrado no contexto do vestibular, em que serve como instrumento de avaliação e possibilidade de acesso ao Ensino Superior. Desta feita, depreendemos que, sob o viés bakhtiniano, devemos olhar primeiramente para o contexto da vida que nos pede, solicita a produção do gênero.

Com base no contexto da vida para o qual determinado gênero nos é solicitado, conforme Maciel (2022), é lícito indagar quando da produção ou do ensino dos gêneros: (i) quem escreveu?; (ii) para quem escreveu?; (iii) quando e onde escreveu?; (iv) com que intenções? Assim, compreendendo a necessidade que levou à produção do gênero, podemos entender melhor os próprios gêneros do discurso que atendem a essa necessidade.

Maciel (2022) ainda ressalta que, a partir dessa concepção de gênero que responde a alguma necessidade da vida, devemos conceber o trabalho com o(s) texto(s) no âmbito da sala de aula, mais precisamente no campo da atividade humana denominado Educação Básica. Sendo assim, devemos pensar por que aquele gênero ocorre na vida; por que o sujeito, naquele momento, fala ou escreve determinado gênero; quando se deu o surgimento daquele gênero; a que necessidade de comunicação esse gênero se relaciona. É preciso, pois, se *debruçar* sobre o contexto da vida e, por conseguinte, compreender melhor o papel real desempenhado pelo gênero na vida das pessoas. Assim, entende-se, precisa e objetivamente, como a produção do gênero pode ser mais bem praticada em termos composicionais, temáticos e estilísticos.

⁵ Evidentemente, essa é uma dentre as várias finalidades a que se propõe a aplicação de um exame vestibular. No entanto, entendemos aqui tais finalidades em termos intimamente relacionados a aspectos linguísticos e textuais.

Estendendo essa discussão para além do campo da Educação Básica, no concernente às práticas letradas acadêmicas, em especial à produção do gênero discursivo *artigo científico*, esse caminho não poderia ser diferente: é necessário refletir a que *necessidade* da vida responde a produção de um artigo científico.

Em síntese, perguntaremos aquelas questões citadas anteriormente. As respostas possíveis, que apresentamos, advêm do imaginário coletivo, sobretudo da comunidade científica, não se tratando de respostas oriundas de um estudo teórico. Essas respostas, muito provavelmente, seriam: (i) um artigo científico existe na vida em virtude da necessidade de se apresentarem os resultados e as contribuições alcançados por uma pesquisa científica e da necessidade de atender a políticas de avaliação da CAPES por meio de padrões quantitativos expressos; (ii) o escrevente pode produzir um artigo porque é uma das principais funções enquanto pesquisador em termos de divulgação científica e também porque o escrevente (no caso docente) precisa se manter no Programa de Pós-Graduação e, sendo discente, precisa cumprir requisitos como bolsista, porque, também, quer *status* (reconhecimento) como pesquisador ou mesmo pleitear outras bolsas de fomento à pesquisa para trabalhos porvindouros; (iii) o surgimento desse gênero se deu para atender às necessidades da divulgação das contribuições alcançadas por uma pesquisa e também para atender às necessidades de uma ciência que mede a produção intelectual pela quantidade de artigos publicados; e (iv) esse gênero se vincula à necessidade de se promover a comunicação científica entre seus pares e também à necessidade de manter um sistema de relações de poder — conforme dito anteriormente, há revistas científicas, por exemplo, que apenas aceitam a submissão de textos produzidos por escreventes cuja titulação mínima seja a de doutor em sua respectiva área de conhecimento ou, em outros casos, textos produzidos em coautoria com um pesquisador doutor.

Para além dos aspectos mencionados, cabe salientar também a questão da avaliação da pós-graduação *stricto sensu* no contexto brasileiro, mais precisamente no que tange aos cursos de pós-graduação. Esses cursos são avaliados mediante a aplicação de uma nota na escala de 1 a 7 e são acompanhados pelo Sistema Nacional de Pós-Graduação — SNPG. Como um dos principais parâmetros de avaliação desses cursos, tem-se o quantitativo da produção intelectual em forma de gêneros acadêmico-científicos e, dessa maneira, a exigência para publicar impulsiona os acadêmicos — sejam discentes, sejam docentes — a realizar pesquisas e, principalmente, a publicá-las (de preferência em periódicos mais bem avaliados segundo os estratos CAPES).

Tais ações visam, conforme indica Fuza (2015), à continuidade do Programa de Pós-Graduação e à manutenção ou à elevação da excelência do curso por meio da atribuição de uma

nota. Essa busca pela publicação provém da necessidade de o acadêmico se inserir, bem como se manter na esfera acadêmica e dela fazer parte, uma vez que, ao divulgar seus trabalhos, suscitam-se ideias para novas pesquisas, novos pontos de vista, de modo a contribuir para a construção de uma rede de pesquisadores inter-relacionados acerca de temáticas que lhes despertem interesse (Fuza, 2015). Essas ações direcionadas à publicação não envolvem, portanto, apenas os aspectos “românticos”, por assim dizer, do processo de produção intelectual, como reconhecimento na esfera acadêmica (*status*) e a divulgação dos trabalhos realizados. Englobam, ainda, relações de poder mantidas em termos, sobretudo, de avaliação da pós-graduação *stricto sensu*, o que provoca um senso de competitividade entre programas de pós-graduação, instituições, discentes⁶, docentes, áreas do conhecimento, centros de pesquisa e demais membros da comunidade científica.

Se a linguagem apenas se realiza por meio de gêneros, então, sempre que enunciamos — falamos ou escrevemos —, estamos, *pari passu*, realizando algum gênero discursivo. Assim, para entender a história da linguagem, é preciso, antes do mais, entender a história dos gêneros. Bakhtin (2011) já deixou evidente o fato de os gêneros apresentarem uma extrema heterogeneidade funcional: ao passo que novos gêneros surgem; outros, por sua vez, desaparecem. Assim, temos em cena uma mudança social no que toca à linguagem.

Em *Para entender os gêneros do discurso*, Maciel (2022) cita como exemplo o advento das tecnologias digitais. Em perfis da rede social *Instagram*, por exemplo, professores podem criar um *post* no qual se expliquem conceitos concernentes a uma determinada disciplina por ele lecionada. Embora possam versar aparentemente sobre o mesmo tema, o *post* e a aula são gêneros discursivos diferentes que imporão tratamentos temáticos diferentes ao que se tem a dizer. Nesse sentido, os gêneros surgem e se desenvolvem em consonância com as mudanças sociais.

Cabe relevar em especial as diversas formas de retomar e de citar o discurso de outrem, isto é, as relações dialógicas. No contexto brasileiro, a palavra “dialogismo” se destaca quando se trabalha com a teoria do Círculo de Bakhtin. Maciel (2022) adverte que, nos textos cujas frases ressoam o pensamento de Bakhtin, comumente se emprega a expressão “relações dialógicas” em detrimento do vocábulo “dialogismo”. Além disso, conforme aponta Maciel (2016), o próprio Bakhtin também chega a preferir o termo “relações dialógicas” em suas obras. Também é oportuno destacar que, neste trabalho, operamos com o conceito de relações

⁶ Se o programa não está bem avaliado, o número de bolsas a ele destinado torna-se menor, o que compromete negativamente os interesses da comunidade científica a ele vinculada, dentre outras consequências decorrentes da aplicação de uma nota inferior.

dialógicas, e não de polifonia, visto que, por vezes, ambos os conceitos tendem a ser equivalentes para alguns estudiosos do Círculo. Ressalvamos, contudo, que, em se tratando de polifonia, há de se considerar, sobretudo, outros aspectos que o estudo das relações dialógicas não contempla, quais sejam: (i) a amplitude do diálogo; (ii) as relações entre microdiálogo, diálogo composicionalmente expresso e grande diálogo e (iii) a questão do diálogo inconcluso⁷. Como não observaremos essas questões em nosso trabalho, optamos pelo uso da expressão “relações dialógicas”.

As relações dialógicas são entendidas como “as relações entre as palavras e ideias de uma fala ou de um texto [...]” (Maciel, 2022, p. 136). Quando falamos ou escrevemos, sempre esperamos uma *posição responsiva* — uma resposta ativa — do nosso interlocutor, ainda que não haja uma resposta em voz alta. Essa resposta ativa caracterizar-se-ia como a preocupação que sentimos em relação à forma como o nosso texto ou fala poderá vir a ser recebida. Ou seja, preocupamo-nos com a resposta ativa, com a recepção de nosso enunciado.

Atrelada a essa posição responsiva ativa, estão os *elos antecedentes*, isto é, as relações que se dão entre um enunciado com textos ou falas passadas (Maciel, 2022). Por sua vez, também existem os *elos futuros*, ou seja, as possíveis relações entre um enunciado e outros textos que poderão ser suscitadas. Em termos bakhtinianos, toda a comunicação humana tem por base esses elos que unem as palavras e as ideias de um indivíduo com outro indivíduo. A esses elos, na perspectiva bakhtiniana, dá-se o nome de *relações dialógicas*.

Em suma, as relações dialógicas podem ser interpretadas como esses elos que atuam como conectores entre um enunciado presente a seus enunciados passados e a possíveis respostas que esse enunciado pode suscitar, com enunciados futuros. Ainda que a resposta não seja dada em voz alta, é relevante lembrar que, para Bakhtin, o diálogo não seria apenas uma conversa face a face; um pensamento em silêncio também é entendido como um diálogo. Quer no silêncio, quer em voz alta, o enunciado sempre suscitará resposta; daí advém o seu caráter essencialmente dialógico.

Transpondo as relações dialógicas e a propriedade linguística da palavra de sempre ser capaz de suscitar resposta para a seara da escrita dos gêneros discursivos, observaremos que, em realidade, todos os textos e falas de um sujeito são influenciados por enunciados que os antecederam. Assim, esses textos respondem, de certo modo, a enunciados passados e geram, conseqüentemente, enunciados futuros. Os gêneros produzidos por nós, portanto, em sua

⁷ Para saber mais a respeito das diferenças entre dialogismo e polifonia, recomendamos a leitura de Maciel (2016), disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8270>.

constituição, sempre carregam enunciados passados de outrem e suscitam novas respostas; com o artigo científico, evidentemente, não poderia ser diferente: o escrevente leva em conta enunciados passados para a construção de seu próprio texto⁸, o qual suscitará novas respostas em momentos futuros.

Para Bakhtin, assim como descrito por Maciel (2022), as relações dialógicas são a base de toda a comunicação humana, dado que todo enunciado sempre retoma algum texto ou fala antecedente e suscita, ao mesmo tempo, um enunciado porvindouro. Assim, sendo o enunciado sempre se realizando por meio de algum gênero do discurso, o enunciado “perde”, por assim dizer, um caráter de *ineditismo*, original e novo, visto que o enunciado sempre parte de um já dito, resultando, por conseguinte, em incontáveis relações dialógicas. Os gêneros, então, ao mesmo tempo, sempre carregam algo de seu e algo de outrem, pois sempre levam em conta o enunciado alheio. Sob o viés bakhtiniano, pensemos, ao fim e ao cabo, o gênero discursivo como um complexo de relações dialógicas.

Sendo, portanto, o gênero discursivo interpretado como um complexo de relações dialógicas, na próxima seção, procuramos demonstrar os tipos de discurso, tendo por base os textos de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018). Posteriormente, em nossa análise, procuramos discorrer acerca do modo pelo qual tais tipos e variantes de discurso podem atuar na constituição da escrita de artigos científicos, bem como de que maneira essa atuação poderá vir a contribuir para os processos de textualização da escrita acadêmica, tendo por base as relações dialógicas como constitutivas da composição do gênero artigo científico em diferentes áreas do conhecimento.

2.3 OS TIPOS DE DISCURSO E AS ATUAÇÕES DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS

A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes; embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam (Bakhtin, 1919/1921, p. 91).

Conforme dito e explicitado anteriormente, as relações dialógicas são fenômeno constitutivo da linguagem. Ao trabalharmos com elas, faz-se relevante citar as classificações que Bakhtin faz dos “tipos de discurso da prosa”, discussão desenvolvida em *Problemas da*

⁸ Tal questão será observada a partir dos diferentes modos de citação em artigos científicos por meio dos quais notamos a réplica a enunciados passados, bem como a capacidade de suscitar respostas futuras, o que caracteriza um modo de olhar para as relações dialógicas atuantes na escrita de artigos científicos.

poética de Dostoiévski. Nessa discussão, Bakhtin lista algumas formas de relacionamento entre a palavra de um *eu* correlacionada a um *outro*.

O primeiro tipo de discurso apresentado por Bakhtin é o “discurso direto orientado para o referente” (Bakhtin, 2018, p. 213). Nesse tipo de discurso, o discurso volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. A título de ilustração, conforme aponta Maciel (2014), pensemos em um objeto material, como uma árvore. Na hipótese de alguém pronunciar a frase “Esta árvore é linda!”, tem-se um exemplo de discurso voltado exclusivamente a um objeto, a um único referente, qual seja: a árvore.

Conforme explica Bakhtin (2018), o discurso referencial direto — primeiro tipo de discurso — conhece somente a si mesmo e ao seu objeto para o qual está voltado e para o qual procura se adequar ao máximo. O dizer do enunciador, então, conhece apenas a si mesmo e ao seu objeto e procura adequar o seu discurso o máximo possível a esse objeto. Para isso, “[...] ele imita alguém, aprende com alguém, isso não muda absolutamente a questão: são aqueles andaimes que não fazem parte do conjunto arquitetônico, embora sejam indispensáveis e levados em conta pelo construtor” (Bakhtin, 2018, p. 214). Nesse tipo de discurso, então, o que importa é falar sobre a árvore (única e exclusivamente), embora, evidentemente, para falar acerca desse referente, o enunciador recorra a modelos, visto que suas palavras sempre partem de um já-dito.

Ainda relacionado a esse tipo de discurso, Bakhtin chama a atenção para o fato de que ao enunciador importa mesmo o referente, e não outra voz. Maciel (2014), a título de exemplificação, cita novamente as árvores. Quando alguém diz “árvores são desnecessárias”, ao que outro alguém responde: “árvores são lindas”, o sujeito não tem nesse caso como centro de enunciação apenas a árvore — o referente —, mas também a enunciação do outro; sendo essa enunciação contestada mesmo que de forma indireta. Assim, nesse caso, tratar-se-ia mais de um referente correlacionado a alguma outra voz, e não apenas exclusivamente de um referente; teríamos em cena, então, um outro tipo de discurso.

O segundo tipo de discurso que Bakhtin apresenta é o “discurso objetificado” (discurso da pessoa representada). Esse tipo de discurso acontece quando um autor de prosa⁹ torna o discurso de sua personagem o seu objeto, objetificando-o. Segundo Bakhtin (2018), o discurso da personagem é orientado única e exclusivamente para o seu objeto, mas esse discurso também é objeto de outra orientação, qual seja: a do autor. Assim, o discurso da personagem apresenta um objeto, é um discurso que tem um referente, um objeto, algo sobre o qual a personagem

⁹ Em sua exposição, Bakhtin cita os tipos de discurso na prosa literária, na qual aparecem as figuras de autor, narrador e personagens.

fala; mas também o próprio discurso da personagem funciona como o objeto do discurso do autor.

No segundo tipo de discurso — discurso objetificado —, há duas unidades de enunciação: uma é a da personagem, cujo discurso é orientado para algum referente; a outra é a do autor, cujo discurso é orientado para a enunciação da personagem. Nesse tipo de discurso, segundo Bakhtin (2018), o discurso do autor ocupa uma certa distância em relação ao discurso da personagem. A unidade de enunciação da personagem *subordina-se* à unidade de enunciação do autor, de que é objeto. Portanto, na proposta inicial de Bakhtin, o discurso objetificado se refere ao discurso da personagem; neste trabalho, no entanto, esse conceito será expandido para a análise das formas de citação nos artigos científicos. Nesse sentido, o discurso objetificado não compreende o discurso da personagem, mas sim o discurso de outros autores reais com os quais o escrevente dialoga.

No que diz respeito a exemplos desse tipo de discurso, Bakhtin (2018) cita o *discurso direto dos heróis* como o tipo mais típico e difundido desse discurso. Daí decorre que os exemplos desse tipo de discurso podem ser inúmeros, visto que a presença desse tipo de discurso é bastante comum nas falas das personagens em narrativas.

Maciel (2014) exemplifica detalhadamente¹⁰ esse tipo de discurso com um trecho de *Gente Pobre*, obra de Dostoiévski, no qual a personagem Makar Diévuchkin fala por meio de uma carta a respeito das balas que está enviando a Várienka, personagem com a qual dialoga: “mando-lhe uma libra de balinhas, compradas especialmente para você. Coma, alminha, e a cada balinha lembre-se de mim. Mas não morda as balas, é melhor chupá-las, senão vão doer-lhes os dentes” (Dostoiévski, 1846, p. 79 *apud* Maciel, 2014).

Assim, como explica Maciel (2014), o discurso direto de Makar está orientado para um referente, a saber: as balas. É acerca das balas que se fala no texto; mas também o discurso da personagem constitui o objeto do discurso do autor, sendo, portanto, um exemplo do segundo tipo de discurso. Em outras palavras, a fala da personagem se torna objeto por meio da voz do autor. Certamente, encontraremos, nos artigos científicos selecionados, também exemplos desse tipo de discurso — análise na qual nos deteremos mais à frente.

Como a palavra evidentemente não está voltada apenas para o seu referente, mas, antes, considera enunciados alheios, temos, então, o terceiro tipo de discurso, o “discurso orientado para o discurso do outro”, ao qual Bakhtin também atribui o nome de “discurso bivocal”. Nas palavras de Bakhtin (2018), nesse tipo de discurso há de forma implícita uma referência ao

¹⁰ Para saber mais a respeito desse tipo de discurso, consultar Maciel (2014): <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/941584>.

discurso de um outro. Sendo assim, o discurso bivocal estaria, ao mesmo tempo, voltado para o objeto do discurso e também para *um outro discurso*, discurso esse de *um outro*. Nesse tipo de discurso, discurso bivocal, a palavra do enunciador não está apenas voltada a um objeto do discurso, a um referente, como nos dois tipos de discurso apresentados anteriormente, mas também está orientado a uma outra palavra e, conseqüentemente, a um outro discurso.

Maciel (2014) segue dando continuidade à ilustração dos tipos de discurso com o exemplo da árvore. A frase “Esta árvore é linda” pode ser considerada como um exemplo do terceiro tipo de discurso na hipótese de haver nela a influência de uma segunda voz (daí decorre o termo “bi” tendo em vista a presença de duas vozes). Se, por exemplo, como propõe Maciel (2014), o enunciador da frase “Esta árvore é linda” estivesse se opondo a outro que tenha dito “deve-se cortar essa árvore sem utilidade”, ter-se-ia um exemplo de discurso bivocal. Ou seja, é possível perceber/sentir no exemplo dessa frase a influência de uma segunda voz, com a qual se contrapõe ao dizer que, a seu ver, “a árvore é linda”. Assim, o enunciador se volta a um referente, mas também a outros enunciados anteriores que também já tenham tido contemplado esse mesmo referente. Em síntese, “no discurso bivocal se imbricam duas vozes: a que enuncia no presente algo sobre um referente e uma outra voz que também já enunciou algo sobre esse mesmo referente” (Maciel, 2014, p. 60).

É complicado traçar uma distinção clara entre o primeiro e o terceiro tipo de discurso, como adverte Maciel (2014), especialmente porque o terceiro tipo de discurso, além de ser referencial, também se volta a outro discurso. Se as práticas de produção escrita são dependentes dos contextos sociais, nesse caso também o contexto adquire papel de destaque: é por meio dele que essa fronteira entre o primeiro e o terceiro tipo de discurso pode ser mais bem delineada. Tratar-se-ia, por exemplo, de um discurso de primeiro tipo se não pudessemos identificar nele a presença do discurso de outro; ao passo que, se fosse possível “sentir” a presença de alguma outra voz no discurso de um falante, ter-se-ia, então, um discurso do terceiro tipo.

Bakhtin ainda discrimina três variedades de discurso bivocal — aquele em que há duas vozes imbricadas, quais sejam: (i) discurso bivocal de orientação única; (ii) discurso bivocal de orientação vária e (iii) discurso bivocal de tipo ativo.

Com relação à primeira variedade, “consiste em que o autor inclui no seu plano o discurso do outro voltado para as suas próprias intenções” (Bakhtin, 2018, p. 221). Inferimos, então, que, nesse tipo de discurso, há duas vozes, mas essas vozes estão seguindo uma única orientação, aquela orientação prescrita pelo autor. Conforme aponta Bakhtin, um exemplo

típico de discurso bivocal de orientação única é o discurso do narrador, pois, nesse caso, a voz do narrador está a serviço da voz do autor.

Maciel (2014) cita como exemplo o trecho inicial de *Crime e Castigo*. Nele, Dostoiévski se vale de um narrador para a composição de sua narrativa:

“Ao cair da tarde de um início de julho, calor extremo, um jovem deixou o cubículo que subalugava de inquilinos na travessa S., ganhou a rua e, ar meio indeciso, caminhou a passos lentos em direção à ponte K” (Dostoiévski, 1866, p. 19 *apud* Maciel, 2014, p. 61).

No exemplo em tela, podemos entender que estamos diante de um discurso bivocal de orientação única na medida em que a voz do narrador está a *serviço* da voz do autor. Como pontua Bakhtin (2018, p. 221), “o mesmo ocorre com a narração do narrador, que, refratando em si a ideia do autor, não se desvia de seu caminho direto e se mantém nos tons e entonações que de fato lhe são inerentes”. Verificaremos, mais à frente, se e como esse tipo de discurso se afigura (ou não) nas práticas de escrita do gênero discursivo artigo científico.

A segunda variedade apresentada por Bakhtin é o discurso bivocal de orientação vária, na qual “o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes com orientação diametralmente oposta” (Bakhtin, 2018, p. 221). Bakhtin traz como exemplo o discurso parodístico, pois o autor obriga a palavra do outro a servir a fins opostos àqueles originalmente empregados.

Maciel (2014) cita mais um exemplo pautando-se na obra de Dostoiévski a partir de um excerto por meio do qual se vê claramente que, para Dostoiévski, aquilo que é considerado como exemplo de “alta” literatura para a personagem é considerado motivo de escárnio para Dostoiévski.

Transpondo esse tema para a atualidade, muitos vídeos que circulam nas redes sociais fazem paródia de algo que, originalmente, é visto como digno de admiração, “espetáculo”. No momento em que um comediante/youtuber, por exemplo, faz paródia¹¹ de algum outro vídeo publicado nas redes em que se mostra a rotina de algum brasileiro — possivelmente também engajado nas redes sociais — e que não mora mais no Brasil, e sim nos EUA, o faz com a intenção de zombar, debochar desse usuário, que, por estar nos EUA, julga que tudo o que acontece por lá é “superior” ao que acontece no Brasil, como um simples ato de tomar café da manhã ou mesmo trabalhar como cuidadora de bebês (babá), trabalho que não é culturalmente

¹¹ Um exemplo desse tipo de vídeo pode ser assistido em: <https://www.tiktok.com/@jedinizm/video/7265730567692406022>. Nesse vídeo, a produtora de conteúdo grava cenas comuns do cotidiano de qualquer indivíduo; entretanto, ao mostrar como alguns brasileiros fazem isso, ela debocha de como algumas pessoas veem o simples ato de tomar café ou mesmo falar ao telefone como algo incrível simplesmente por estar nos Estados Unidos, dentre outras ações humoristicamente ridicularizadas.

valorizado estando no Brasil. Ou seja, o importante é estar imerso na cultura americana, independentemente da ação que se pratica.

A terceira variedade, por fim, Bakhtin a nomeia de “tipo ativo”. Nesse tipo de discurso, a palavra do outro “influi e de um modo ou de outro determina a palavra do autor, permanecendo ela mesma fora desta” (Bakhtin, 2018, p. 223-224). Em outras palavras, o discurso do outro não se sujeita à palavra do autor, não é submisso a suas intenções, havendo, portanto, um confronto entre as duas palavras. O discurso é determinado pela influência da palavra do outro. Bakhtin lista alguns exemplos dessa terceira variedade, a saber: a polêmica velada, a réplica do diálogo e o diálogo velado.

No que toca a esses exemplos, para Bakhtin, “na polêmica velada o discurso está orientado ao mesmo tempo para um objeto e para outro discurso que procura refutar” (Maciel, 2014, p. 63). O discurso a ser refutado, no entanto, não é trazido a lume e permanece subjacente. Os discursos se encontram no próprio objeto. Esse tipo de discurso, então, fala de um objeto, mas considera também aquilo sobre o qual o outro falou a respeito desse objeto.

Embora reconheça a importância desse tipo de discurso na comunicação cotidiana e no discurso literário, Bakhtin faz uso de poucos exemplos, como em *Memórias do Subsolo*. Contudo, arriscamos exemplificar esse tipo de discurso com trechos da canção¹² “Alô, alô, marciano”, escrita por Rita Lee e Roberto de Carvalho e interpretada por Elis Regina. No trecho a seguir, os compositores descrevem a vida na Terra para extraterrestres: “você não imagina a loucura, o ser humano ‘tá’ na maior fissura porque ‘tá’ cada vez mais *down in the high society*”. Em outro trecho, dizem: “ui, gente fina é outra coisa, entende?”.

Nesses trechos, os compositores descrevem como é a vida na Terra; contudo, ao descrever esse objeto — a vida na Terra —, o discurso não se volta apenas a esse objeto de descrição, mas também a outros discursos com os quais, de forma velada, polemizam. Ao ouvir a canção e, mais precisamente, ao ler a letra da música, percebemos que há uma crítica à desigualdade social na Terra, à alta sociedade e ao modo fútil de vida das pessoas elitizadas, finas, requintadas. A crítica predominante na canção pode parecer, à primeira vista, uma crítica direta à vida na Terra; no entanto, para entender as críticas nela presentes, é necessário, por exemplo, ter conhecimento da língua inglesa e também se valer de uma leitura mais atenta a respeito da(s) ironia(s) que constituem a letra da música. Portanto, há aí uma polêmica velada em cena. Dito de outro modo, ao se referir ao objeto de discurso — a vida na Terra —, o discurso dos compositores tem a intenção de ridicularizar o modo de vida da alta sociedade, no qual se

¹² O clipe pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjWuop9G6bU> .

preconiza a ostentação, a desigualdade social, a decadência moral — “o ser humano ‘tá’ na maior fissura” — e a suposta superioridade das pessoas sofisticadas, elegantes — “ui, gente fina é outra coisa, entende?”. Mais adiante, verificaremos se há a presença desse tipo de discurso nas relações dialógicas constitutivas do gênero artigo científico.

A réplica do diálogo é, segundo Bakhtin, outra variedade do tipo ativo de discurso. Como diz Bakhtin:

Todas as palavras que nessa réplica estão orientadas para o objeto reagem ao mesmo tempo e intensamente à palavra do outro, correspondendo-lhe e antecipando-a. O momento de correspondência e antecipação penetra profundamente no âmago do discurso intensamente dialógico. É como se esse discurso reunisse, absorvesse as réplicas de outro, reelaborando-as intensamente (Bakhtin, 2018, p. 225).

A réplica do diálogo também considera a fala do outro sobre o objeto, ou seja, ela não versa apenas sobre um objeto. Daí decorre a compreensão segundo a qual “a réplica do diálogo está duplamente orientada: para um objeto e para uma voz acerca desse mesmo objeto” (Maciel, 2014, p. 65).

Bakhtin não traz exemplos a respeito desse ponto; em Maciel (2014), temos outro exemplo de Dostoiévski, desta feita, presente em *Os irmãos Karamázov*. Para ilustrar essa variedade do tipo ativo de discurso, recorremos a Machado de Assis, com um trecho da obra *Dom Casmurro*. Transcrevemos o trecho, inserindo entre colchetes o nome das personagens:

[D. Glória] – A gente do Pádua?

[José Dias] – Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

[D. Glória] – Não acho. Metidos nos cantos?

[José Dias] – É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida...

(Assis, p. 4, 1994).

Nesse excerto, as personagens não apenas se referem a um determinado objeto, nesse caso, o Bentinho, mas também procuram refutar o discurso da outra personagem. José Dias, na obra de Machado de Assis, tenta convencer D. Glória de que não seria “bonito” Bentinho andar metido nos cantos com a filha do Tartaruga; D. Glória, por seu turno, não acredita que Bentinho esteja “metido nos cantos” com a pequena. Ademais, para José Dias, parece que D. Glória acredita que todos têm a alma cândida; pensamento esse já não compartilhado por José Dias. Logo, ambos os discursos procuram refutar um ao outro. Como observa Bakhtin, as palavras na réplica estão orientadas para o objeto e elas reagem ao mesmo tempo e de maneira intensa à palavra da outra personagem.

Por último e não menos importante, Bakhtin ainda menciona o “diálogo velado” como uma das manifestações do discurso bivocal de tipo ativo. Assim propõe Bakhtin (2018, p. 226):

Imaginemos um diálogo entre duas pessoas no qual foram suprimidas as réplicas do segundo interlocutor, mas de tal forma que o sentido geral não tenha sofrido qualquer perturbação. O segundo interlocutor é invisível, suas palavras estão ausentes, mas deixam profundos vestígios que determinam todas as palavras presentes no primeiro interlocutor.

No diálogo velado, o sujeito do discurso permanece ausente. No entanto, ele se faz presente “na medida em que o discurso se volta a ele, volta-se às suas réplicas” (Maciel, 2014, p. 66). Bakhtin destaca que, em Dostoiévski, esse diálogo velado foi profundamente elaborado e ocupa, portanto, posição de relevância. Esse recurso apareceu em muitas obras do autor e Bakhtin destaca *Gente Pobre, O duplo, Memórias do subsolo e Os irmãos Karamázov*.

Bakhtin ilustra esse diálogo velado a partir de um trecho de *Gente Pobre* em que uma personagem reflete sobre a sua condição de vida:

Em conversa privada, Ievstáfi Ivânovitch disse recentemente que a mais importante virtude cívica é a capacidade de fazer fortuna. Ele falava de brincadeira (eu sei que era de brincadeira), entretanto a moral da história é a de que não se deve ser peso para ninguém; e eu não peso para ninguém! Eu como do meu próprio pão; é verdade que é um pão simples, às vezes até seco é, mas eu o tenho, eu o consigo com esforços e o como legal e irrepreensivelmente. Mas fazer o quê? Ora, eu mesmo sei que faço pouco copiando; assim mesmo eu me orgulho disto: eu trabalho, suo a camisa. Por acaso há algo de mal no fato de eu copiar? [...] (Bakhtin, 2018, p. 238).

Em seguida, Bakhtin (2018, p. 240-241, destaque do autor) transforma esse trecho em um diálogo reproduzindo as falas da personagem — Makar Diévuchkin — com um “outro”:

O outro. É preciso saber fazer fortuna. Não se deve ser peso para ninguém.
Makar Diévuchkin. Não sou peso para ninguém. Como do meu próprio pão.
O outro. Isso lá é pão?! Tem hoje, mas não tem amanhã. E vai ver que ainda é pão seco!
Makar Diévuchkin. É verdade que é um pão simples, às vezes até seco é, mas eu o tenho, eu o consigo com esforços e o como legal e irrepreensivelmente.
O outro. E que esforços! Tu apenas copia. Não tens capacidade para mais nada.
Makar Diévuchkin. Mas fazer o quê? Ora, eu mesmo sei que faço pouco copiando; assim mesmo eu me orgulho disto!
O outro. Há quem se orgulhe de tudo! Até de copiar! Ora, isso é uma vergonha!
Makar Diévuchkin. Por acaso há algo de mal no fato de eu copiar? Etc.

Assim, com base nesse exemplo, esse “outro” com o qual a personagem dialoga é invisível; porém, suas palavras deixam sinais que determinam que tudo o que será dito por ela — pela personagem — recebe influência desse “outro”. Bakhtin pontua que o diálogo velado é amplamente difundido nas narrativas de Dostoiévski. Verificaremos, mais à frente, se há, na escrita dos artigos científicos, exemplos de diálogo velado, por meio do qual o escrevente/autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente.

Maciel (2014) adverte que, de fato, há relações dialógicas em todos os enunciados; seus modos de concretização, no entanto, são diferentes a depender dos gêneros, pois o diálogo

velado amplamente manifestado em Dostoiévski é pouco frequente em outros gêneros, como nas redações de tipologia textual predominantemente narrativa, analisadas por Maciel. No mais tardar, analisaremos, também, se há esse tipo de diálogo na composição do artigo científico.

Esperamos, com esta exposição, ter esclarecido os tipos de discurso apresentados em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018), bem como mostrado a sua importância para as discussões porvindouras em nosso trabalho. A seguir, passemos aos tipos de discurso abordados em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021).

2.4 OS TIPOS DE DISCURSO EM *MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM*

[...] o estudo produtivo do diálogo pressupõe uma análise mais profunda das formas de transmissão do discurso alheio, pois elas refletem as tendências principais e constantes da percepção ativa do discurso alheio; tal percepção também é fundamental para o diálogo (Volóchinov, 2021, p. 252).

Nesta seção, a base principal para a nossa discussão será *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2021), especialmente a parte III: “Para uma história das formas do enunciado nas construções da língua (experiência de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos)”.

Nessa parte, interessa a Volóchinov como o discurso alheio é concebido pelo falante e recebido ativamente, estando a sua atenção voltada para as formas de citação da palavra do outro e estudando como os tipos de discurso podem elucidar os modos pelos quais o “eu” se apropria do discurso alheio.

A Volóchinov (2021, p. 252) interessa, particularmente, saber:

De fato, como é percebido o discurso alheio? Como vive o enunciado alheio na consciência concreta intradiscursiva daquele que recebe? Como o enunciado alheio é transformado ativamente na consciência do ouvinte? E como o discurso posterior do próprio ouvinte é orientado em relação ao discurso alheio?

Saber como a palavra do outro penetra na consciência é importante para esclarecer como o receptor orienta as palavras que pronunciará em seguida. Nessa passagem, não é empregado o termo *dialogismo*; todavia, como adverte Maciel (2014, p. 102), esta é “uma das características do dialogismo: a relação entre a palavra do outro que vem a mim, entra na minha consciência e acaba, de algum modo, refletindo-se em minhas enunciações futuras”. Assim, também se trata de dialogismo, dado o vínculo entre palavras alheias e palavras minhas, palavras ditas e palavras ainda não ditas.

Por meio do discurso citado podemos vislumbrar as relações entre as palavras do eu e as do outro, ou seja, mostram-se as relações dialógicas. Decorre daí a importância de estudar as

formas de citação examinadas por Volóchinov na terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, sendo as relações dialógicas o principal ponto de interesse desta dissertação.

Todo enunciado, na perspectiva bakhtiniana, é um elo na comunicação dialógica, dado que retoma, de uma forma ou de outra, enunciados precedentes. Por isso, é válido observar o modo pelo qual tal retomada é verbalizada em termos de tipos de discurso disponíveis para o falante ou o escrevente assimilar a palavra alheia. Esses tipos de discurso também mostram as formas pelas quais o “eu” delinea sua “recepção ativa do discurso de outrem”, ou seja, como o *eu* se apropria do discurso do *outro*, para citá-lo de forma mais ou menos explícita nas suas enunciações.

Antes de passarmos à divisão de princípio entre “estilo linear” e “estilo pictórico”, presentes na descrição dos tipos de discurso, exporemos, primeiramente, o problema do discurso alheio.

O discurso alheio é “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (Volóchinov, 2021, p. 249, grifos do autor).

O assunto sobre o qual falamos é apenas o conteúdo do discurso, entendido como o tema das palavras. Volóchinov cita como exemplos de conteúdo a “natureza”, o “homem”, a “oração subordinada”. Contudo, Volóchinov adverte: o enunciado alheio não é apenas o tema do discurso; ele entra “em pessoa” no discurso, com as suas peculiaridades.

No que respeita ao enunciado autoral, este integra por meio de normas sintáticas, estilísticas e composicionais o discurso do outro, de alguma forma mantendo a independência do discurso do outro. Em caso de o enunciado autoral se focar tão somente no tema do discurso alheio, isto é, no tema das palavras, no conteúdo do discurso, este discurso alheio pode passar despercebido; não seria possível reconhecer esse discurso alheio como do outro, pois o discurso alheio deve entrar “em pessoa” no discurso, desvelando as suas peculiaridades.

As formas de transmissão do discurso alheio expressam, segundo Volóchinov (2021, p. 251, grifo do autor), “a *relação direta* de um enunciado com outro, não no plano temático, mas nas formas construtivas estáveis da própria língua”. Na transmissão do discurso alheio, está também o fenômeno da reação da palavra à palavra; essa reação está dividida entre os participantes. Já em um contexto autoral único, a reação da palavra à palavra se dá por meio de um dos tipos de transmissão da palavra alheia, quais sejam: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

A percepção ativa e avaliativa do discurso alheio baseia-se na existência econômica da coletividade falante. Segundo Volóchinov, há essa existência econômica da coletividade

falante, pois a sociedade seleciona e gramaticaliza apenas os aspectos que julga pertinentes e constantes socialmente para a inserção na estrutura gramatical da língua. Nesse ponto, cabe divisar as diferenças entre a percepção ativa do discurso alheio e a sua transmissão. A transmissão possui objetivos específicos, os quais podem ser a transmissão de um(a): relato, sessão do júri, polêmica científica e assim sucessivamente. Essa transmissão é orientada para um terceiro, ou melhor, para aquele a quem são transmitidas as palavras alheias. Tais formas de percepção e de transmissão do discurso alheio não refletem oscilações subjetivo-psicológicas, mas inter-relações sociais estáveis entre os membros de uma coletividade. Nas palavras de Volóchinov (2021, p. 253):

Em diferentes línguas, em diferentes épocas, em diferentes grupos sociais, em contextos que variam conforme os objetivos, predomina ora uma, ora outra forma, umas ou outras modificações dessas formas. Tudo isso revela a fraqueza ou a força das tendências sociais da mútua orientação social dos falantes, das quais as formas são estratificações estáveis e seculares.

Com relação à percepção avaliativa do enunciado alheio, temos que essa percepção se expressa no material do discurso interior. O discurso alheio é percebido por um ser humano repleto de palavras interiores, ou seja, não por um ser mudo, que não sabe falar. É nesse contexto interior que o enunciado alheio é percebido, compreendido e avaliado. Tal percepção se dá em duas direções: (i) o discurso alheio é emoldurado pelo contexto real e comentador — que coincide com aquilo que é chamado de fundo de apercepção da palavra; e (ii) prepara-se para uma réplica interior. Já quando da expressão exterior, o discurso alheio será acompanhado do *comentário* e da *réplica*. Ambos os elementos “se fundem naturalmente na unidade da percepção ativa e podem ser isolados apenas de modo abstrato” (Volóchinov, 2021, p. 254). Volóchinov, no tocante ainda às formas de transmissão do discurso alheio, ressalta que é um erro isolar essas formas do seu contexto de transmissão. O objeto de estudo, então, do discurso alheio seria a inter-relação dinâmica entre o discurso transmitido (alheio) e o discurso transmissor (autoral). Desse modo, o discurso autoral e o discurso alheio só existem nessa inter-relação.

Passemos, agora, à divisão estabelecida por Volóchinov entre o que chama de “estilo linear” e “estilo pictórico” de transmissão do enunciado de outrem.

2.4.1 Estilo linear

No estilo linear, a língua esforça-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis. Trata-se de um estilo por meio do qual se criam limites claros e precisos para o

discurso alheio, preservando, assim, a alteridade e a autenticidade do discurso alheio. Procura-se, portanto, uma evidente distinção entre as palavras do autor e as palavras por ele citadas. As palavras citadas estão separadas do discurso autoral, isto é, do discurso citante; a palavra do outro, por sua vez, estaria “resguardada da influência da entonação do autor que delas se apropria” (Maciel, 2014, p. 106). Daqui já decorre uma ressalva: qualquer palavra alheia, ao ser transposta para outro discurso, acaba por receber as entonações peculiares do autor que a cita. Portanto, a palavra do outro, resguardada da influência da entonação do autor, é entendida apenas como uma meta.

No âmago do estilo linear, pode haver diferentes modos de percepção social do discurso alheio:

- (a) o discurso alheio é visto em termos de sua expressão, especificidades estilísticas, características lexicográficas;
- (b) apenas como posição semântica: importa *o que* do discurso, e não *o como* (tipo semântico-objetual e despersonalizante). O discurso despersonalizante pode se apresentar: (i) no discurso indireto ou (ii) no discurso direto.
- (c) grau de percepção autoritária da palavra: sem espaço para “fissuras” no discurso citado: (i) modificações analítico-objetuais do discurso indireto e (ii) modificações retóricas do discurso direto.

Esses diferentes modos de percepção social do discurso alheio serão mais bem detalhados à frente.

2. 4. 2 Estilo pictórico

No estilo pictórico, há uma introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral ao discurso alheio. Por isso, há, também, uma decomposição da integridade e do fechamento do discurso alheio, apagando as fronteiras desse tipo de discurso¹³.

Os tipos de relação entre discurso autoral e alheio no estilo pictórico podem ser entendidos a partir de dois prismas: (i) o contexto autoral penetra o discurso alheio, recobrando este com suas entonações (humor, ironia, amor, ódio, enlevo, desprezo) e (ii) a dominante discursiva é transmitida para o discurso alheio, que dissolve o discurso autoral.

Ainda, no estilo pictórico, o autor interage de modo mais incisivo frente à palavra de outrem, buscando “apagar suas fronteiras”. Há, portanto, uma maior interação entre a palavra

¹³ Discurso alheio percebido não apenas em termos objetuais, mas em suas particularidades linguísticas.

do autor, o contexto autoral e a palavra de outrem — o discurso citado (Maciel, 2014). Segundo Volóchinov, ainda no cerne do estilo pictórico são encontradas três correntes¹⁴: a corrente decorativa, uma segunda corrente não nomeada e a corrente impressionista.

Volóchinov faz também uma correlação entre épocas históricas e as formas de transmissão do discurso alheio. Transporemos essa correlação neste trabalho em forma de quadro:

Quadro 1 - Correlação entre épocas históricas e formas de transmissão do discurso alheio

Idade Média	Dogmatismo autoritário: estilo monumental, linear e impessoal de transmissão do discurso alheio.
Séculos XVII e XVIII	Dogmatismo racionalista: estilo linear ainda mais nítido.
Final do século XVIII e século XIX	Individualismo realista e crítico: estilo pictórico com discursos autorais penetrando o discurso alheio.
Contemporaneidade	Individualismo relativista: decomposição do contexto autoral.

Fonte: Elaborado por Maciel¹⁵ a partir de Volóchinov (2021)

Dadas as caracterizações dos estilos linear e pictórico, passemos agora aos tipos de discurso relacionados a cada um desses estilos em consonância com os postulados do Círculo. No capítulo três de *Marxismo e filosofia da linguagem*, observam-se os seguintes modelos de transmissão do discurso alheio: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Tais modelos, segundo Volóchinov (2021, p. 264), “se realizam apenas na forma de uma determinada modificação”.

Volóchinov ainda critica a distinção que se faz entre discurso direto e discurso indireto, visto que, a seu ver, tal distinção não é muito clara: faltam distinções de tempo, modo, conjunções e formas verbais. Para Volóchinov, o discurso indireto ser pouco desenvolvido em russo é consequência da ausência de um período cartesiano e racional, com o contexto autoral autoconfiante e objetivo analisando o discurso alheio e criando modificações complexas e

¹⁴ Não entraremos em detalhes relativos a essas três correntes. Para saber mais, consultar Maciel (2014): <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/941584>.

¹⁵ Material didático elaborado pelo professor Lucas Vinício de Carvalho Maciel (2022) para aulas na graduação e na pós-graduação.

relevantes de sua transmissão indireta. De outra parte, isso leva ao entendimento do estilo pictórico, com penetração mútua entre discurso autoral e alheio, pois essas singularidades da língua russa criaram condições favoráveis para o desenvolvimento do estilo pictórico de transmissão do discurso alheio. Assim, para Volóchinov, cada modelo de transmissão tem seu próprio modo de (re)elaborar o enunciado alheio.

No que respeita ao estilo linear, destacam-se os seguintes tipos de discurso: (i) discurso direto em estilo monumental; (ii) discurso indireto analítico-objetual; e (iii) discurso indireto analítico-verbal.

No discurso direto em estilo monumental, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Esse estilo difere, portanto, do sentido do discurso indireto, em que há a transmissão analítica do discurso alheio. Sendo assim, a tendência analítica do discurso indireto é transferir os elementos afetivo-emocionais para o conteúdo. Quando alguém diz, por exemplo, “que maravilha! Isso sim é um trabalho de qualidade!”, há um discurso direto. No discurso indireto, teríamos algo como: “Ele disse que *isso é uma maravilha* e que *isso é um verdadeiro trabalho*”. Logo, temos em cena a passagem dos elementos afetivo-emocionais para o conteúdo, o que não ocorre com o discurso direto em estilo monumental.

O discurso indireto pode se desenvolver em duas direções: (i) discurso indireto analítico-objetual e (ii) discurso indireto analítico-verbal. Na primeira direção, o discurso está voltado para a posição semântica do falante, de modo a buscar a composição objetual — aquilo que o falante disse. Volóchinov ainda acrescenta que esse tipo de discurso predomina em contextos cognitivos e retóricos: científico, filosófico, político, etc. Na segunda direção, o discurso está voltado para o enunciado alheio como *expressão*, para o modo de falar típico do outro. Esse modo de falar, porém, está acompanhado da análise objetual.

Em relação ao estilo pictórico, destacam-se os seguintes tipos de discurso: (i) discurso indireto impressionista; (ii) discurso direto preparado; (iii) discurso direto reificado; (iv) discurso antecipado, disperso, oculto; (v) discurso direto retórico; (vi) discurso direto substituído.

No discurso direto impressionista, temos a transmissão do discurso interior das personagens. Por isso, ele é caracterizado como “impressionista”, pois busca revelar, de um modo ou de outro, o que está no âmago do discurso interior das personagens. Esse tipo de discurso pode conceber o discurso alheio como um bloco compacto ou penetrar nele. No entanto, o que interessa mesmo para Volóchinov é quando o discurso direto da personagem “ataca” o discurso autoral.

O discurso direto preparado acontece quando o discurso autoral prepara a emergência do discurso alheio, destacando sua diferença. Ocorre quando, por exemplo, o narrador antecipa o discurso alheio, o discurso da personagem. O discurso direto, então, surge do indireto. Assim, no futuro discurso direto, os seus principais temas são antecipados pelo contexto e pelas entonações do autor.

Outra modificação do discurso direto, pertencente ao estilo pictórico, é o discurso direto reificado. Nesse caso, “o contexto autoral se constrói de um modo em que as definições objetuais do personagem (dadas pelo autor) fazem sombras espessas sobre o seu discurso direto” (Volóchinov, 2021, p. 280). Dito de outro modo, as avaliações e as emoções imbricadas na apresentação objetual do personagem passam para as suas próprias palavras.

No discurso antecipado, disperso, oculto, o discurso alheio — no caso, o discurso da personagem — passa a “contaminar” o discurso autoral — o discurso do narrador. Em outras palavras, o discurso autoral recebe influências *diretas* do discurso alheio. Assim, há um embate entre duas entonações: a do autor e a das personagens, o que nos leva ao fenômeno da *interferência discursiva*. Existe esse embate, pois há um conflito entre o que se caracteriza como particularidade do discurso narrativo e o que se caracteriza como particularidade do discurso da personagem. As influências que o discurso autoral recebe das palavras das personagens não deixam tão evidente as fronteiras entre os aspectos afetivo-emocionais concernentes ao narrador e os aspectos afetivo-emocionais concernentes à personagem. Quando o narrador descreve aspectos físicos de uma personagem, por exemplo, o faz com base nas influências diretas que recebe acerca dessa personagem.

No discurso direto retórico, há a transmissão do discurso alheio em estilo linear. Nesse tipo de discurso, é muito comum que se façam perguntas e exclamações retóricas de modo a demarcar o limite entre o discurso autoral e o discurso alheio.

Eis um exemplo citado por Volóchinov (2021, p. 286), retirado de *O prisioneiro do Cáucaso*:

Mas quem será, no brilho da lua, no meio do silêncio profundo, que vem vindo com passos leves? O russo acordou. Diante dele, com um sorriso terno e silencioso, estava a jovem circassiana. Ele a mirou em silêncio e pensou: deve ser um sonho enganador, um jogo fútil dos sentimentos cansados [...].

Nesse excerto, percebemos de modo evidente o limite entre o discurso autoral e o discurso alheio, uma vez que estamos diante de uma pergunta retórica: “Mas quem será, no brilho da lua, no meio do silêncio profundo, que vem vindo com passos leves?”.

Por fim, no *discurso direto substituído*, por vezes o autor — narrador — fala pela personagem, isto é, fala no lugar da personagem, fala em nome da personagem. Nesse caso, o

autor procura se antecipar ao seu personagem, de modo a falar por ele aquilo que poderia ser dito por ele mesmo. Segue exemplo desse tipo considerado interessante por Volóchinov (2021, p. 287), também retirado de *O prisioneiro do Cáucaso*:

Apoiando-se nas lanças, os cossacos contemplavam o correr escuro do rio e, em frente deles, pretejando na bruma, boiava a arma do malfeitor... Em que está pensando, cossaco? Está lembrando das batalhas de antigamente... Adeus povoados livres, casa paterna, Don calmo, guerra e lindas donzelas! O inimigo oculto atracou às margens, a flecha saiu da aljava, ergueu-se e o cossaco caiu do monte ensanguentado.

Nesse fragmento, percebemos como o narrador fala pelo personagem, fala no lugar desse personagem e em nome dele algo que poderia ser dito pelo personagem mesmo. Um exemplo mais nítido é no momento em que o narrador se refere às recordações do personagem: “está lembrando das batalhas de antigamente (...)”.

Postas todas essas definições dos tipos de discurso, presentes em *Marxismo e filosofia da linguagem* e em *Problemas da poética de Dostoiévski*, além de questões relativas a outros temas tão caros à teoria bakhtiniana, como relações dialógicas e gêneros do discurso, bem como (algumas) noções que permeiam as práticas de produção escrita acadêmicas, passaremos neste momento a aspectos de ordem metodológica.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS E *CORPUS* DE PESQUISA

Assim como descrito em Maciel (2014), para se falar em uma *metodologia bakhtiniana*, é preciso antes se valer de bons argumentos, visto que, para alguns estudiosos, não existe essa metodologia. Na mesma direção, é também considerado perigoso levar as discussões do Círculo para além da esfera literária.

Tendo em vista essas considerações, este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia com a qual operamos neste trabalho, valendo-nos de um caráter um tanto quanto argumentativo¹⁶, de modo a justificar a possibilidade de uma metodologia bakhtiniana (Maciel, 2014). Além disso, esta pesquisa busca validar tal metodologia no exame da composição dos artigos científicos, algo que já foi cientificamente validado em Maciel, quando da análise de redações em contexto de vestibular.

3.1 METODOLOGIA DE PESQUISA À LUZ BAKHTINIANA

Para alguns estudiosos do Círculo, haveria uma ausência de decisões metodológicas em Bakhtin. Maciel (2014), em sua tese, cita como exemplo o prefácio de *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*, conhecido livro de Carlos Alberto Faraco, ainda na edição de 2003, em que Possenti cita que Bakhtin nunca se preocupou em desenvolver uma metodologia, pois não se pretendia cientista.

Como teoria e metodologia são inseparáveis, neste trabalho a metodologia que utilizamos também nasceu dos postulados bakhtinianos e dos estudos de Maciel (2014). Desse modo, pretendemos mostrar os caminhos metodológicos que percorremos sempre associados aos textos do Círculo. Focalizaremos nossa discussão em *Problemas da poética de Dostoiévski* e, sobretudo, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, obras nas quais também nos baseamos na fundamentação teórica.

Maciel (2014), do seu ponto de vista, já acreditava ser um ganho a ausência de diretrizes metodológicas nos estudos do Círculo: a cada nova pesquisa, a cada novo pesquisador, estarão abertos novos caminhos, novas metodologias em virtude dos objetivos a que se propõe investigar.

¹⁶ Evidente que a discussão desses argumentos não será feita de modo tão incisivo como em Maciel (2014); no entanto, também julgamos oportuno trazer esses apontamentos de maneira a explicar melhor nosso percurso metodológico.

A despeito de, para alguns estudiosos, haver uma ausência de diretrizes metodológicas na teoria do Círculo de Bakhtin, Volóchinov (2021) aponta um caminho, uma ordem metodológica a partir da qual se deve estudar a língua. Essa ordem, conforme Volóchinov (2021, p. 220), passaria por:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

Diante dessa ordem metodológica descrita por Volóchinov (2021), uma metodologia bakhtiniana, portanto, neste trabalho, passa por: (a) descrever o contexto; (b) observar o gênero discursivo por meio do qual se dá a interação discursiva analisada; e (c) analisar as relações dialógicas constitutivas do gênero do discurso acadêmico artigo científico tendo por base os diferentes tipos e variantes de discurso e vozes externas a esses tipos de discurso, as quais podem influenciar na organização das relações dialógicas imbricadas no processo de textualização dos artigos científicos.

A partir do objetivo geral de investigar e de detalhar o papel das relações dialógicas na constituição da escrita de artigos científicos, buscamos, no desenvolvimento desta pesquisa, abordar os seguintes pontos a partir desse percurso metodológico bakhtiniano com base nas leituras supracitadas de *Problemas da poética de Dostoiévski* e *Marxismo e filosofia da linguagem*:

- (i) *Como se dão as relações dialógicas estabelecidas entre os diferentes modos de citação nos artigos científicos?*

A relação entre os discursos do autor e as vozes de outros autores a partir dos seguintes tipos de discurso: (i) discurso direto imediatamente orientado para o seu referente como expressão da última instância semântica do falante — que abreviaremos como discurso orientado para o referente, (ii) discurso objetificado (discurso da pessoa representada), (iii) discurso orientado para o discurso do outro (discurso bivocal).

- (ii) *Como os tipos e variantes de discurso expõem as interações dialógicas presentes nos artigos científicos?*

Para esse exame, apoiar-nos-emos em colocações presentes na terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*, em que Volóchinov discorre a respeito das formas de retomada da palavra do outro, explorando as particularidades dos discursos direto e indireto empregados nessa retomada.

(iii) *Quais as possíveis relações dialógicas estabelecidas nos artigos científicos e vozes externas a eles, mas que, direta ou indiretamente, fazem parte da composição dos artigos?*

Para essa discussão, também recorreremos a explicações expostas em *Os gêneros do discurso* (Bakhtin, 2011), quando procuraremos discutir como os artigos se relacionam dialogicamente com as vozes externas trazidas para o todo composicional do artigo em forma de citação do discurso de outrem.

Se anteriormente não enfatizamos o emprego do ensaio *Os gêneros do discurso*, é porque este e outros textos bakhtinianos serão referenciados mais pontualmente, ao passo que *Problemas da poética de Dostoiévski* e *Marxismo e filosofia da linguagem* compõem, por assim dizer, a base principal desta pesquisa. Para a avaliação desses pontos, cotejamos artigos e excertos desses artigos científicos com os tipos e variantes de discurso mencionados e discutidos na seção de fundamentação teórica. Por vezes empregaremos os exemplos literários já fornecidos pelos textos bakhtinianos, como entrevisto no capítulo de fundamentação teórica; outras vezes, tomaremos, se necessário, a liberdade de citar exemplos que escolheremos para ilustrar a atuação dos tipos e variantes de discurso presentes na constituição da escrita dos artigos selecionados.

Ou seja, para desenvolver esta exposição, precisaremos optar por determinados artigos e por certos modos de citação dos autores desses artigos. A escolha dos modos de citação presentes nos artigos científicos se dará a partir da leitura e da comparação entre eles, selecionando-se, como veremos mais detalhadamente adiante, os três artigos científicos que foram listados primeiramente na edição atual do periódico selecionado.

Assim como nos casos em que elegemos trechos de canções e trechos literários para exemplificar as discussões do Círculo presentes em *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da poética de Dostoiévski* quanto na escolha de certos modos de citação dos artigos, as escolhas são um tanto quanto subjetivas, pois selecionamos dados, determinados modos de citação, certas passagens que se “destacaram” a nossos olhos, baseando-nos, por vezes, em “elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”, em “formas de saber

tendencialmente *mudas* — no sentido de que [...] suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas” (Ginzburg, 1986, p. 179, grifos do autor). Sendo assim, a influência do paradigma indiciário nesta pesquisa se faz notar no momento em que não nos deteremos nos indícios, mas sim naquilo que “saltou” a nossos olhos ao eleger excertos dos artigos científicos que pudessem ilustrar a atuação das relações dialógicas tendo por base os diferentes tipos e variantes de discurso.

Portanto, a metodologia empregada nesta pesquisa conjuga os postulados bakhtinianos a elementos imponderáveis como citado por Ginzburg. Ainda que se proponha a realizar uma análise das relações dialógicas que possa vir a ser aplicada em outros gêneros, que não os da seara científica, a singularidade dos dados pode impor uma análise bastante particular de cada artigo, de cada texto dos autores dos artigos científicos como se verá nas análises.

Acreditamos também ser possível afirmar que as três perguntas colocadas acima fazem parte de uma metodologia bakhtiniana — um passo a passo — na medida em que podem ser replicadas especialmente para o estudo das relações dialógicas em outros gêneros do discurso. Considerando que, para o estudo dos gêneros discursivos, é necessário levar em conta o contexto da vida no qual se encontra esse gênero, tais indagações, devidamente (re)formuladas de acordo com os objetivos de determinada pesquisa, podem “desenhar” um percurso metodológico bakhtiniano, como descrito em Volóchinov (2021), para o estudo das relações dialógicas e dos gêneros do discurso, visto que essas perguntas podem nortear a análise dos dados de uma pesquisa, dos objetos de análise.

Esperamos que as análises que se seguem possam auxiliar na exposição de nosso percurso metodológico.

3.2 *CORPUS* DE PESQUISA: ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DAS TRÊS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Procuramos estender nossa discussão para além do campo acadêmico correspondente às Ciências Humanas, tencionando uma contribuição significativa e relevante também para as outras áreas do conhecimento. Para tal, tendo em vista que o nosso objeto de análise são os artigos científicos, pesquisamos os meios de circulação — os suportes — nos quais se inscrevem esses artigos.

Para a realização de nossa busca, procuramos o *site* da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mais precisamente o *site* da

Plataforma Sucupira¹⁷. Após essa busca, pesquisamos, no “Qualis Periódicos”, revistas científicas por meio das quais são publicados os artigos científicos de alto impacto referentes às diversas áreas do conhecimento. Sabemos, no entanto, que são muitas as áreas científicas discriminadas pela CAPES. No campo das Ciências Biológicas, por exemplo, existem as Ciências Biológicas I, II e III; ainda no campo das Ciências Biológicas há a Medicina I, II e III e a Medicina Veterinária. Ou seja, existem muitas ramificações e subcategorias entre as áreas do conhecimento; citamos, a título de exemplo, algumas subcategorias temáticas em relação à área de Medicina.

Levando em consideração esses aspectos, optamos por “simplificar” essa categorização a fim de selecionarmos os artigos científicos — nosso objeto de análise. Dentre as várias áreas do conhecimento científico discriminadas pela CAPES, elegemos o que são consideradas historicamente *as três grandes áreas do conhecimento*, quais sejam: as Ciências Exatas, as Biológicas e as Ciências Humanas. Assim, procuramos por revistas científicas representativas dessas três grandes áreas do saber — no momento da busca na *Plataforma Sucupira*, essas revistas estavam inseridas em sua respectiva área, o que nos leva a afirmar que elas podem ser representativas da área em que se encontra —, cujo estrato Qualis esteja posicionado como A1.

Optamos por esse estrato, dado que essa “nota” atribuída representa os artigos científicos que alcançaram um maior número de citações referentes à avaliação quadrienal 2017-2020 da CAPES. Entendemos por maior número de citações aqueles periódicos que gozam de mais prestígio na esfera acadêmica, desvelando as relações de poder imbricadas no processo de publicação de gêneros acadêmico-científicos¹⁸.

No que toca ao estrato¹⁹ Qualis referente a cada periódico, é oportuno lembrar como se dá essa classificação quadrienal dos periódicos científicos realizada pela CAPES. A classificação dos periódicos científicos é utilizada historicamente como qualificação indireta da produção intelectual dos artigos científicos publicados nessas plataformas de divulgação científica — os periódicos (Capes, 2023). A qualificação é indireta, pois não se atribui um conceito diretamente aos artigos científicos vinculados a esses periódicos, mas, por meio do Qualis, atribuem-se conceitos a esses veículos de divulgação nos quais se inscrevem os artigos.

¹⁷ Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>.

¹⁸ Para saber mais a esse respeito, consultar Silva e Maciel (2024): “Relações de poder na escrita de gêneros acadêmico-científicos: o suporte como mecanismo legitimador”.

¹⁹ Usamos o termo “estrato” no lugar da palavra “nota” em função de o Qualis ser mais propriamente uma espécie de ranqueamento que subsume complexos cruzamentos de critérios. Logo, o termo “nota” não representa propriamente esse tipo de ranqueamento.

Opera-se, assim, com uma listagem classificatória, isto é, com os conceitos atribuídos aos periódicos científicos das diversas áreas do conhecimento, sendo esses periódicos utilizados pelos programas de pós-graduação como forma de divulgação de sua produção. Essa classificação se dá pela análise dos comitês de consultores de cada área de avaliação, que seguem critérios previamente estabelecidos por cada área do conhecimento. Ademais, teoricamente, o estrato A1 (Qualis) representa, no contexto brasileiro, um importante parâmetro de avaliação dos periódicos científicos. Muitos pesquisadores, inclusive, chegam a se basear nessa avaliação como critério de escolha das revistas nas quais submeterão seus trabalhos. Além disso, os artigos inscritos nesses suportes — periódicos científicos — representariam, em tese, aqueles textos mais bem produzidos segundo o reconhecimento dessa esfera da comunicação humana.

Partindo do contexto exposto, compreendemos, portanto, que os periódicos científicos classificados no estrato A1 gozam de mais prestígio na seara da divulgação científica. Por conseguinte, os artigos científicos a eles vinculados também parecem receber mais prestígio acadêmico, pois compreendem aqueles artigos que alcançaram maior projeção acadêmica em termos de fator de impacto — número de citações. Desse modo, optamos, em nosso trabalho, por trabalhar com artigos científicos inscritos em periódicos cuja classificação esteja posicionada no estrato A1 em virtude das relações de poder imbricadas no processo de publicação e do reconhecimento que esses artigos parecem receber na esfera acadêmica.

Não queremos dizer com isso que todos os textos publicados em periódicos cujo Qualis seja A1 sejam textos de mais qualidade, até mesmo porque pode haver bons textos/trabalhos em revistas acadêmicas cujo Qualis não esteja tão bem posicionado. Apenas destacamos que é comum se atribuir maior valor a artigos publicados em periódicos mais bem avaliados. Além disso, em processos seletivos para o ingresso na pós-graduação *stricto sensu*, por exemplo, artigos publicados em periódicos mais bem classificados recebem uma pontuação melhor em termos da valoração da trajetória acadêmica e do currículo do candidato, o que contribui significativamente para a concessão de bolsas de fomento à pesquisa, dentre outros benefícios.

Outro aspecto que contribui para a escolha dos artigos inscritos em periódicos posicionados no estrato A1 é que, segundo o próprio reconhecimento dessa esfera da comunicação humana, esses artigos, para muitos pesquisadores, são representativos do que há de melhor em termos de gêneros do discurso — em termos temáticos, estilísticos e composicionais —, o que sugere, inclusive, que, nesses artigos, os autores mobilizam as vozes em termos de citação do discurso do outro de modo adequado.

Nessa direção, compreendemos os periódicos como dispositivos comunicacionais e de apropriação de conhecimentos e, também, como meios de indicação de prestígio e de reconhecimento intelectual. Os periódicos podem, assim, ser compreendidos como meios de ranqueamento, vinculados à atual política de publicar em larga escala, como uma espécie de legitimação do trabalho intelectual que os pesquisadores desenvolvem em suas respectivas instituições (Clares, 2017).

Esperamos ter explicado e detalhado melhor o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) se opera com os periódicos científicos posicionados no estrato A1 neste trabalho. Acreditamos também que a escolha desses periódicos poderá refletir uma análise mais produtiva das relações dialógicas presentes nos diferentes modos de citação dos artigos científicos, pois tais artigos, por estarem inscritos nesses veículos de divulgação, também receberam ou receberão mais prestígio acadêmico: o estrato atribuído a cada periódico se dá em função da análise do número de citações alcançado pelos artigos a eles vinculados.

Delimitado esse contexto referente ao sistema das publicações acadêmicas, passemos agora à forma pela qual conseguimos obter os artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento. Elegemos um *corpus* para análise composto por dezoito artigos científicos. Esses artigos foram coletados no interior de seis revistas científicas; essas revistas, por sua vez, são relativas a cada área do conhecimento. Dessas revistas, coletamos os três artigos científicos que foram listados primeiramente na edição atual/analísada (novembro/2023) de cada revista. Para a representação de cada área do conhecimento, elegemos duas revistas representativas de cada área. Ou seja, dois periódicos referentes à área de Biológicas, dois periódicos referentes à área de Exatas e dois periódicos referentes à área de Humanas. Acreditamos que o total de dezoito artigos científicos seja suficiente para a análise a que nos propusemos, tendo em vista que esses artigos têm uma determinada extensão e observaremos minuciosamente as relações dialógicas em termos de citação do discurso do outro. Em síntese, chegamos a um total de 18 (dezoito) artigos com base no seguinte raciocínio: 2 (duas) revistas multiplicadas por 3 (três) grandes áreas = 6 (seis) revistas. 6 (seis) revistas multiplicadas por 3 (três) artigos publicados em cada edição = 18 (dezoito) artigos.

Em nossa pesquisa pela Plataforma Sucupira, constatamos que a maioria dos periódicos científicos usava como idioma de divulgação apenas o inglês — não à toa o inglês é considerado a língua da ciência²⁰. Assim, nossa busca pelas revistas tornou-se um desafio mais complexo, dado que este trabalho privilegia a língua portuguesa como idioma

²⁰ Para saber mais a respeito, consultar: <https://www.roseta.org.br/2018/05/21/uma-critica-ao-ingles-como-lingua-franca-da-publicacao-de-periodicos-academicos> .

dos artigos publicados tendo em vista a possibilidade de haver uma maior comparação e uma análise mais profunda entre os modos de citação. Acreditamos também que o fato de esses artigos estarem redigidos em língua inglesa se deva a questões de projeções internacionais, a fim de que o estudo exposto no artigo possa alcançar um alto fator de impacto em escala internacional e contribuir para os processos de internacionalização da ciência.

A despeito de o inglês ser a língua predominantemente usada na ciência, também conseguimos encontrar periódicos científicos posicionados no estrato A1 e que se valiam do português como a língua oficial para a publicação de seus textos. No que concerne à área de Ciências Humanas, foi significativamente mais fácil encontrar esses periódicos; o mesmo não se pode dizer em relação às outras áreas, dado que a maioria de seus periódicos científicos usa a língua inglesa como idioma oficial para a promoção da divulgação científica²¹.

Após muitas pesquisas para que conseguíssemos encontrar esses artigos, ressaltamos, contudo, que, no que toca às áreas de Ciências Exatas e Ciências Biológicas, o(s) tema(s) das pesquisas publicadas nesses periódicos muitas vezes se assemelha(m), ou seja, as duas revistas da área de Biológicas, por exemplo, contemplam temas muito próximos entre si, relativos à Saúde Pública. Essas limitações — o uso do inglês como língua oficial da ciência e a dificuldade em encontrar periódicos que contemplassem temas diferentes relacionados a uma mesma grande área do conhecimento — fizeram com que optássemos por revistas que abranjam temas (objetos de estudo), presentes em seus artigos científicos, muitas vezes inter-relacionados; porém que, de todo modo, abarcam questões de pesquisa diferentes, embora o escopo das revistas seja referente a temas bem parecidos. Além disso, ainda que em algumas revistas possa haver interface com as outras áreas do conhecimento, não se restringindo a temas exclusivos a uma única área, salientamos que esses periódicos se encontram posicionados no estrato A1 em relação às três grandes áreas do conhecimento²², o que nos leva a afirmar que eles podem ser representantes dessas áreas do conhecimento em nosso trabalho.

²¹ Não nos aprofundaremos nesse tema, embora seja relevante o estudo de por que as Ciências Humanas usam mais a língua portuguesa como idioma oficial de suas publicações. Uma hipótese possível talvez seja a de que as *Humanidades* estão mais preocupadas com questões sociais que estão à margem da sociedade brasileira, como a discussão de gênero, racismo, feminismo(s) e desigualdade social; questões essas que estão, de certa forma, distantes dos espaços de poder. O inglês, por sua vez, representa uma potência linguística ao se destacar como a língua franca da ciência.

²² A “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais”, por exemplo, embora situada no campo dos estudos da Engenharia Civil, contempla temas relacionados às Humanidades ao trabalhar com a questão da desigualdade social como um dos principais empecilhos para o desenvolvimento do empreendedorismo urbano.

O quadro a seguir procura ilustrar os periódicos científicos eleitos para a constituição do *corpus* desta pesquisa, dos quais provêm os artigos científicos entendidos como nossos objetos de análise:

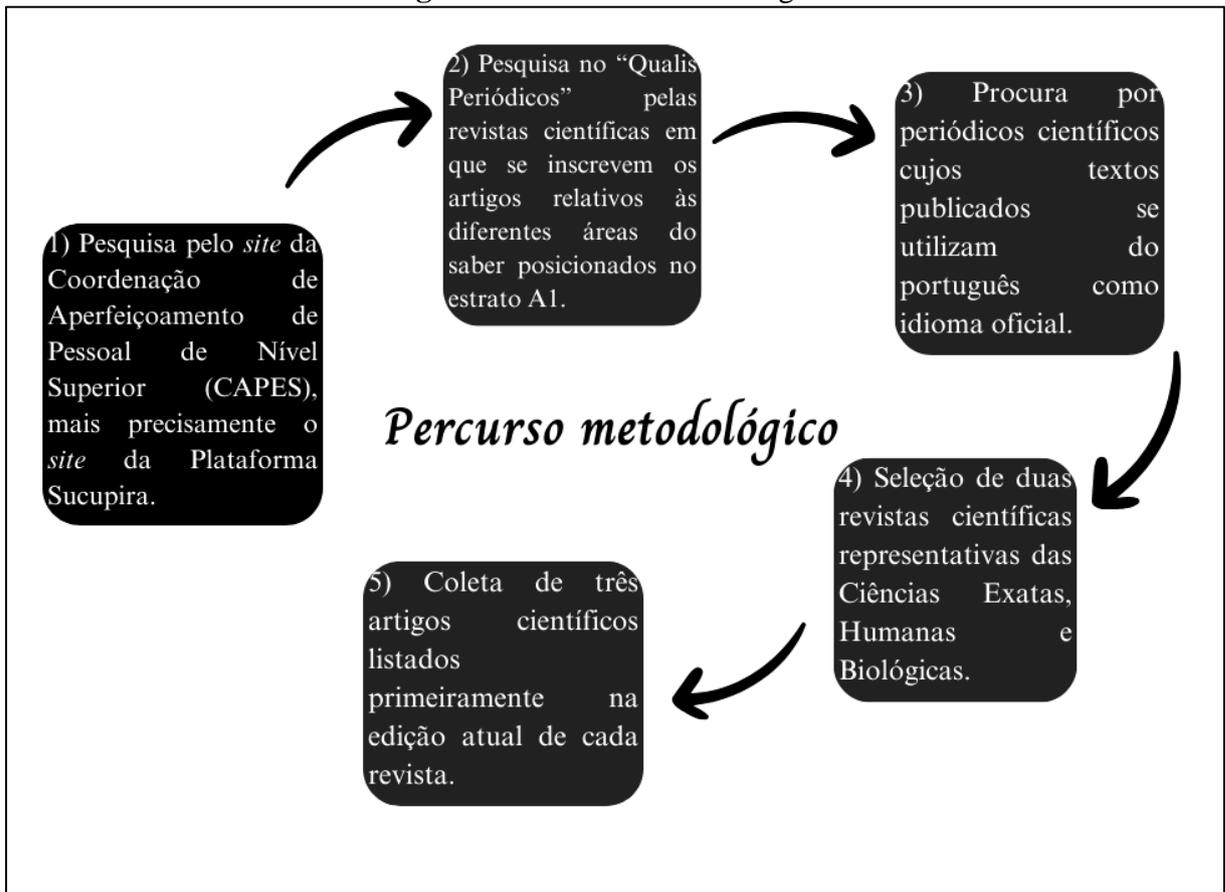
Quadro 2 – Periódicos científicos que constituem o *corpus* de pesquisa

<i>Ciências Biológicas</i>	<i>Ciências Exatas</i>	<i>Ciências Humanas</i>
<p>“Revista Ciência e Saúde Coletiva”</p> <p>Disponível em: https://cienciaesaudecoletiva.com.br/</p>	<p>“Revista Design & Tecnologia (D & T)”</p> <p>Disponível em: https://www.ufrgs.br/det/index.php/det</p>	<p>“Cadernos Nietzsche”</p> <p>Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet</p>
<p>“Revista de Saúde Pública”</p> <p>Disponível em: https://rsp.fsp.usp.br/</p>	<p>“Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais”</p> <p>Disponível em: https://rbeur.anpur.org.br/rbeur</p>	<p>“Cadernos Pagu”</p> <p>Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu</p>

Fonte: Elaboração própria

Com vistas a deixar de forma mais bem detalhada nosso percurso metodológico, elaboramos um esquema de nosso “passo a passo”, descrito na imagem a seguir:

Figura 2 – Percurso metodológico



Fonte: Elaboração própria

4 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DAS TRÊS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Neste capítulo, analisamos alguns artigos científicos, tencionando desvelar de que maneira as relações dialógicas podem servir a diferentes projetos discursivos dos autores desses artigos, contribuindo para o tecer de suas distintas composições textuais.

Tendo em vista os tipos e variantes de discurso apresentados e discutidos, apreciamos os três artigos relativos a cada área do conhecimento — os três artigos que foram listados primeiramente na edição atual de cada revista escolhida —; logo, temos um total de 18 (dezoito) artigos analisados, uma vez que foram eleitas duas revistas relativas a cada área do conhecimento. Elegemos esses três artigos em virtude da ordem em que se apresentam na edição atual dos periódicos científicos e também por acreditarmos que, por meio deles, se possa perceber como são possíveis diferentes organizações e manifestações das relações dialógicas. Acreditamos ser possível afirmar que as relações dialógicas podem ser configuradas de maneiras diversas, ainda que os textos pertençam à mesma edição de cada revista.

Abaixo, transporemos em forma de imagens (capturas de tela) como os três artigos estão situados no momento de nossa análise na edição atual²³ de cada revista referente a cada área do saber.

Figura 3 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista Ciência e Saúde Coletiva” (área de Biológicas)

Artigos da Edição
0302/2023 - IDOSOS PRIVADOS DE LIBERDADE: “A DOR DELES DOI MAIS” (10/10/2023) Maria Cecília Souza Minayo, Patricia Constantino Artigo de Revisão
0235/2023 - Fontes e sistemas de informação sobre acidentes do trabalho no Brasil (25/08/2023) Claudio José dos Santos Júnior, Frida Marina Fischer Carta
0219/2023 - Sobre a Soberania Sanitária no Complexo Industrial da Saúde (23/08/2023) Reinaldo Guimarães Artigo / Tema Livre

Fonte: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/edicoes/ate-quando-a-pessoa-idosa-sera-menosprezada-no-brasil/257>

²³ Evidentemente, o adjetivo “atual” se refere ao momento da análise (novembro/2023). Logo, o “atual” se refere ao momento da análise empreendida; não sendo, portanto, considerado “atual” o momento em que este trabalho poderá vir a ser lido por eventuais leitores.

Figura 4 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista de Saúde Pública” (área de Biológicas)

Artigos Recentes

Artigo Original Altmetric

Análise temporal e fatores contextuais associados ao HIV/aids no Brasil entre 2000 e 2019

Denise Eliziana de Souza; Cleber Nascimento do Carmo; James R. Welch

22 de novembro de 2023 Resumo

Artigo Original Altmetric

Estratégias de comunicação mercadológica em rótulos de alimentos consumidos por crianças

Luciana Azevedo Maldonado; Sílvia Cristina Farias; Kelly Veloso da Cruz; Bruna Pereira dos Santos; Luciana Maria Cerqueira Castro; Inês Rugani Ribeiro de Castro

22 de novembro de 2023 Resumo

Artigo Original Altmetric

Processos de geocodificação em estudos de coorte: métodos aplicados no EpiFloripa Idoso

Catharina Cavasin Salvador; Adalberto Aparecido dos Santos Lopes; Danilo Resendes; Fernanda Faccio Demarco; Marcelo Dutra Della Justina; Renato Tibiriçá de Saboya; Cassiano Ricardo Rech; Eleonora d’Orsi

Fonte: <https://rsp.fsp.usp.br/artigos/>

Figura 5 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista Design & Tecnologia (D & T)” (área de Exatas)

Artigos

Turismo inclusivo: uma proposta de inserção social dos cegos, por meio da fotografia multissensorial
 Jonas Pôrto, João Eduardo Chagas Sobral, Anna Cavalcanti
 01-16

PDF

A Comunicação mediada pelas tecnologias como fator de influência no desempenho de equipes em projetos de design de moda
 Gabriela Kuhnen, Richard Perassi de Sousa, Gilson Braviano, Elton Moura Nickel
 17-36

PDF

A metodologia TXM Business aplicada ao desenvolvimento de novos negócios na área de tecnologia
 Naiane Cristina Salvi, Thiago Ângelo Gelaim, Luiz Salomão Ribas Gomez, Francisco Antonio Pereira Fialho
 37-49

PDF

Fonte: <https://www.ufrgs.br/det/index.php/det>

Figura 6 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais” (área de Exatas)

Artigos - Planejamento e Políticas Públicas

Ciclos de remoções em Belém (PA): a Bacia do Tucunduba e a reprodução da precariedade
 Ana Carolina Miranda Tavares, Ana Claudia Duarte Cardoso

PDF (PORTUGUÊS) **PDF (INGLÊS) (ENGLISH)**

Geoprocessamento aplicado ao estudo da dinâmica imobiliária: um estudo de caso sobre vazios urbanos na Região Norte de Niterói/RJ
 Rubens Moreira R. Carvalho, Pedro Henrique P. Leite, Daniel Sanfelici

PDF (PORTUGUÊS)

Representações como Potência: Da Trama Verde e Azul às outras Tramas na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, São Paulo
 Tathiane Mayumi Anazawa, Antonio Miguel Vieira Monteiro

PDF (PORTUGUÊS)

Fonte: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur>

Figura 7 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da Revista “Cadernos Nietzsche” (área de Humanas)

▼ Sumário

Cadernos Nietzsche, Volume: 44, Número: 3, Publicado: 2023

Dossiê 150 de publicação de *O nascimento da tragédia* Editorial

Calomeni, Tereza C.

Texto: [PT](#) | PDF: [PT](#)

Abrindo trilhas com leituras: reflexões sobre a gênese de *O nascimento da tragédia*

Dossiê 150 De Publicação De O Nascimento Da Tragédia

Cavalcanti, Anna Hartmann

Resumo: [EN](#) [PT](#) | Texto: [PT](#) | PDF: [PT](#)

Entre a arte e a filosofia: Nietzsche e o lugar de Platão em *O nascimento da tragédia*

Dossiê 150 De Publicação De O Nascimento Da Tragédia

Mendonça, Adriany Ferreira de

Resumo: [EN](#) [PT](#) | Texto: [PT](#) | PDF: [PT](#)

Lendo *O nascimento da tragédia* 150 anos depois Dossiê 150 De Publicação De O Nascimento Da Tragédia

Pimenta, Olímpio

Resumo: [EN](#) [PT](#) | Texto: [PT](#) | PDF: [PT](#)

Fonte: <https://www.scielo.br/j/cniet/i/2023.v44n3/>

Figura 8 - Os três primeiros artigos listados na edição atual da Revista “Cadernos Pagu” (área de Humanas)

Artigos	
Camila Fernandes	1-18
Desejo e acusação: a “novinha” e a sexualidade feminina como fonte de tensão	
PDF	
Diego Calmon	1-17
Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade	
PDF (English)	PDF (English)
Karla Garcia Luiz, Marivete Gesser	1-14
Mulheres com deficiência e dependência complexa: experiências de relações de cuidado para (sobre)viver	
PDF	PDF (English)

Fonte: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/2097>

4.1 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Como esta análise se baseia, em parte, em “elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”, em “formas de saber tendencialmente *mudas* — no sentido de que [...] suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas” (Ginzburg, 1986, p. 179, grifo do autor), elegemos trechos presentes nos artigos científicos que se destacaram a nossos olhos, de sorte que estes possam representar melhor os tipos de discurso a que nos propusemos analisar neste trabalho.

Isso posto, utilizaremos a identificação “escrevente²⁴ 1 – Ciências Biológicas” (E1CB) para designar o(s) autor(es) do primeiro artigo publicado no primeiro periódico selecionado que compreende a área de Ciências Biológicas; a identificação “escrevente 2 – Ciências Biológicas” (E2CB), por sua vez, para designar o(s) autor(es) do segundo artigo publicado no primeiro

²⁴ Sabemos que, dentre os artigos científicos selecionados, pode haver mais de um autor; no entanto, optamos pelo termo “escrevente”, no singular, para questões de uniformização e de padronização, em virtude da possibilidade de haver apenas um escrevente como autor de um determinado artigo científico publicado.

periódico. Por fim, a identificação “escrevente 3 – Ciências Biológicas” (E3CB) para designar o(s) autor(es) do terceiro artigo publicado na edição “atual” do periódico selecionado. Feitas essas considerações, passemos às análises.

No que toca ao artigo intitulado “Idosos privados de liberdade: a dor deles dói mais”, alguns trechos “saltaram aos nossos olhos”, conforme propõe Ginzburg, e cremos ser possível tecer algumas considerações sobre eles tendo em vista a sua atuação na constituição da escrita desse artigo. O primeiro trecho que destacamos é quando E1 se vale do *discurso bivocal de orientação vária* e do *discurso antecipado, disperso, oculto* na seguinte passagem:

De acordo com a mesma autora, 16% de todos os homens presos e 10% de todas as mulheres na mesma condição têm 55 anos e mais. No entanto, segundo Skarupski et al., embora o número de presos jovens tenha começado a diminuir, o de pessoas acima de 55 anos presas cresceu 79% entre 2000 e 2009 e 282% de 1995 a 2010, constituindo hoje mais de 200.000 indivíduos.

Nessa passagem, E1CB se vale do *discurso bivocal de orientação vária* na medida em que “obriga” a palavra alheia a servir a fins diametralmente opostos àqueles originalmente empregados. Em outras palavras, E1 se vale do discurso alheio — do discurso de outros pesquisadores com os quais dialoga — para refutar a afirmação dita anteriormente pela autora, de modo a mostrar o alarmante número de pessoas acima de 55 anos que foram (e estão) presas. O discurso, então, apresenta orientações opostas em relação à afirmação dita anteriormente pela autora, pois, para ela, o número de pessoas acima de 55 anos não constitui um crescimento preocupante; de outra parte, para outros autores, esse é sim um dado alarmante. O escrevente 1CB, portanto, se vale do *discurso bivocal de orientação vária* para ilustrar a situação do número de presos acima de 55 anos como um número que cresce vertiginosamente.

No que diz respeito ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, E1CB se apropria desse tipo de discurso na medida em que as palavras dos outros autores passaram a determinar, a “contaminar” o seu discurso. Dito de outro modo, o discurso autoral — o discurso de E1CB — foi determinado pelas palavras alheias, pois, para demonstrar que concorda com os outros autores a respeito da problemática dos presos acima de 55 anos, o autor se vale do discurso desses autores a fim de demarcar o seu posicionamento acerca da problemática discutida pelos autores. O discurso de E1CB, então, é influenciado, direta ou indiretamente, pelas palavras de outrem. Desse modo, embora os pesquisadores sejam citados, ou seja, apesar de a referência estar expressa no texto, não é possível delimitar, objetiva e precisamente, as fronteiras entre os aspectos afetivo-emocionais concernentes ao narrador (ao autor — escrevente 1) e os aspectos

concernentes aos outros autores com as quais dialoga, pois o discurso autoral está, de uma forma ou de outra, “contaminado”, “determinado” pelas palavras alheias.

O *discurso objetificado* e o *discurso bivocal de orientação única* se afiguram no seguinte trecho do mesmo artigo:

Segundo Wacquant, Berg et al., e Sawyer e Wagner, as pessoas idosas pobres, afro-americanas, latinas, imigrantes, alcoólatras que usam drogas e em situação de rua são as que mais ocupam as prisões e são as mais desproporcionalmente visadas pela polícia.

O *discurso objetificado*²⁵ se faz presente nesse trecho na medida em que a unidade de enunciação dos autores citados se subordina à unidade de enunciação do autor, tornando, por assim dizer, a fala dos autores citados objetificada. Nesse caso, o discurso citado “serve” às intenções do autor: por meio do discurso alheio, o autor comprova o fato de as pessoas que estão à margem da sociedade serem as que mais ocupam as prisões — algo que é interpretado também como um ponto de vista do escrevente. Portanto, a fala, o discurso citado, se torna objeto por meio do qual o autor comprova e atribui credibilidade ao seu discurso, dado que retoma autores importantes em sua área como um mecanismo de consolidação da argumentação.

O *discurso bivocal de orientação única*, por sua vez, se faz sentir nesse trecho na medida em que as vozes presentes nesse discurso — tanto o discurso autoral como o discurso alheio — convergem para uma orientação única, qual seja: a de que as pessoas em situação de vulnerabilidade social são as que mais se encontram nos presídios. Sendo assim, as vozes presentes nesse discurso estão seguindo aquela orientação prescrita pelo autor e, conseqüentemente, também “servindo” às intenções do autor, pois o discurso citado, de uma forma ou de outra, converge, se coaduna com a opinião defendida pelo autor em seu texto.

Esses mesmos discursos — *discurso bivocal de orientação única* e *discurso objetificado* — também se fazem presentes na formulação do seguinte trecho:

[...]por isso, segundo Wildeman, a prisão em massa nos Estados Unidos tem sido em parte responsável pela queda na expectativa de vida dos americanos de pelo menos dois anos.

²⁵ Bakhtin se refere ao *discurso objetificado* na relação entre os discursos dos personagens; neste trabalho, contudo, tal discurso é estudado em termos de citação do discurso de outros autores reais.

A fala do autor citado — Wildeman — é objetificada por meio da voz do autor (E1CB), ou seja, subordina-se à unidade de enunciação de E1CB, fazendo dela um objeto. Assim, o discurso citado também cumpre o papel de “servir” às intenções do autor, de maneira a concluir seu ponto de vista em relação à prisão em massa nos EUA. O *discurso bivocal de orientação única* também cumpre um papel semelhante nesse trecho na medida em que ambas as vozes presentes — a de E1CB e a do autor citado — convergem para uma única orientação, para a orientação prescrita pelo autor. Dito de outro modo, em virtude de ambas as vozes terem o mesmo ponto de vista em relação a um determinado objeto, ambas também compartilham da mesma orientação, e, por isso, o uso desses tipos de discurso se torna produtivo para a construção desse trecho, pois ele confirma as ideias do autor.

O *discurso bivocal de orientação vária* e o *discurso bivocal de tipo ativo* também se fazem sentir nesse artigo escrito por E1. No trecho que se segue:

Enquanto a Constituição Brasileira nos artigos 229 e 230, a Política Nacional do Idoso de 1994 e o Estatuto do Idoso de 2003 propõem os direitos e a proteção de todos os brasileiros de 60 anos ou mais, o Código Penal, a Lei de Execução Penal e o Código de Processo Penal ou contrariam ou são ambíguos em relação ao tratamento legal que deve ser dado às pessoas idosas que cometem crime.

Aqui, temos um exemplo de *discurso bivocal de orientação vária* na medida em que o discurso se converte em um palco de luta, pois as vozes citadas não estão com orientações iguais, mas sim opostas. Em outras palavras, E1CB elenca uma série de importantes documentos nacionais para a proteção da população idosa que comete crimes e, de outra parte, outros documentos que deixam uma interpretação “vaga”, por assim dizer, em relação a como se deve proceder no tratamento para com essa população. Assim, as vozes presentes nesse trecho entram em conflito e, para ilustrar esse tipo de conflito, E1CB se vale do *discurso bivocal de orientação vária* para a formulação de seu texto.

O *discurso bivocal de tipo ativo* também se faz sentir nesse trecho, visto que o discurso citado, isto é, o discurso presente nos documentos nacionais, não se sujeita à palavra de E1CB, à palavra do autor; não é submisso às intenções de E1CB. Dito de outro modo, E1CB, na composição de seu texto, defende o modo adequado para se tratarem as pessoas idosas, ainda que elas tenham cometido crimes. O discurso presente no Código Penal, na Lei de Execução Penal e no Código de Processo Penal, por sua vez, não se submete ao que é proposto pelos documentos anteriormente citados, o que mostra o embate/conflito entre as vozes citadas. Por

isso, o *discurso bivocal de tipo ativo* foi explorado por E1CB nesse aspecto de sua construção textual.

Assim como na seção de “introdução” dos artigos científicos, o uso do *discurso direto orientado para o referente* também é um recurso bastante explorado para a construção do tópico frasal dos parágrafos que compõem o artigo. A título de exemplo, citamos o seguinte trecho:

O acervo brasileiro de estudos sobre idosos presos, apesar de bastante diverso, quando olhado em conjunto permite algumas conclusões convergentes entre si e com as referências internacionais. Com a maior longevidade, a população idosa, sempre vista pelo estereótipo de fragilidade, começa a aparecer também como autora de violência e crime.

Nessa passagem, importa mesmo ao enunciador (ao E1CB) apenas o referente — a situação carcerária da população idosa —, e não alguma outra voz. Logo, o discurso volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, procurando se adequar ao máximo a esse objeto. Percebemos, portanto, que o discurso de E1CB está única e exclusivamente voltado a esse referente — a situação carcerária da população idosa —, não importando o que outras vozes porventura poderiam dizer a respeito dessa problemática. Para E1CB, importa o fato de que a população idosa também passou a ser vista como autora de violência e crime. O uso do *discurso direto orientado para o referente* passa, então, a se comportar como uma eficiente estratégia textual para introduzir/contextualizar temas que serão discutidos no(s) parágrafo(s) subsequente(s).

Na seção que contempla a discussão dos resultados obtidos pela pesquisa, um uso de um tipo de discurso se destaca: o *discurso objetificado*. Para os pesquisadores de longa experiência, talvez seja de se esperar que esse tipo de discurso fosse, de fato, encontrado na seção de discussão e de considerações finais dos artigos científicos, pois, no mais das vezes, os autores se valem do estudo de outros pesquisadores como uma forma de validar o resultado e as implicações concernentes às suas próprias pesquisas. Com isso, vejamos os motivos pelos quais essa estratégia de usar esse tipo de discurso é produtiva para o tecer dessas seções que compõem os artigos. No trecho:

Pela rigidez das leis e pela formação elitista de seus operadores, os referidos autores evidenciam que não basta formar bons gestores e agentes penitenciários. O sistema judiciário como um todo e a sociedade precisam tomar consciência e agir em relação ao que está acontecendo com os presos idosos, em especial com a degenerescência de sua saúde.

Percebemos que E1CB se vale do *discurso objetificado* na medida em que o próprio discurso dos autores citados funciona como o objeto de discurso do autor. Ou seja, o discurso dos autores citados está “a serviço” do discurso do autor, de modo a confirmar o que foi exposto pelo autor durante toda a escrita de seu artigo. Em outras palavras, E1CB objetifica o discurso dos autores trazidos, de forma a atender às suas intenções, que, nesse caso, se configuram como a necessidade de o sistema judiciário e a sociedade compreenderem o que está acontecendo com os presos idosos. Por isso, o uso do *discurso objetificado* é uma estratégia eficiente para a formulação (principalmente, mas não apenas) da seção de discussão dos resultados.

Na seção de “conclusões” do artigo, E1CB se vale de maneira produtiva do *discurso direto orientado para o referente*. Vimos que esse tipo de discurso é bastante explorado quando do tecer da introdução do artigo e da contextualização presente nos tópicos frasais; mas também esse tipo de discurso foi bastante usado na composição das conclusões de E1CB. Com base no trecho:

Fica clara a necessidade de revisão dos métodos de punição e de levar em conta as condições de encarceramento para esse seguimento populacional.

Notamos que o autor é enfático ao afirmar quanto ao que seria necessário para amenizar a situação carcerária da população idosa. Para tal, faz uso do *discurso direto orientado para o referente* como uma maneira de destacar a importância de se cumprir essa exigência. Assim, com base no uso desse tipo de discurso, não importa, para E1CB, o que dizem outras vozes; importa apenas o que ele está dizendo acerca desse referente. Por isso, o seu discurso volta-se exclusivamente a esse referente, volta-se exclusivamente a essa necessidade de revisão dos métodos de punição e a consideração das condições de encarceramento da população idosa. Também se mostra uma estratégia eficiente esse tipo de discurso na parte de conclusões tendo em vista que, nessa seção, o intuito principal é o “fechamento” das ideias.

No que se refere ao segundo artigo publicado no primeiro periódico selecionado da área de Ciências Biológicas, intitulado “Fontes e sistemas de informação sobre acidentes do trabalho no Brasil”, apenas um trecho se destacou entre as partes que compõem o artigo. Esse trecho é representativo dos seguintes tipos de discurso: *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e *discurso antecipado, disperso, oculto*. O trecho a que estamos nos referindo se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A maioria dos sistemas abordados no artigo de Batista e seus colaboradores fornecem, para além de dados sobre ATF, informações abrangentes sobre outros eventos relacionados à saúde e à segurança dos trabalhadores, permitindo assim uma análise mais ampla dos riscos, das condições de trabalho e das tendências de acidentes e doenças relacionados ao trabalho no país.

Em relação ao *discurso objetificado*, temos que o discurso citado — o artigo de Batista e seus colaboradores — funciona também como o próprio discurso de E2CB na medida em que se vale desse discurso para tecer suas considerações a respeito da problemática exposta em seu trabalho. Ou seja, a unidade de enunciação dos autores citados se subordina à unidade de enunciação de E2CB com vistas à manifestação de suas considerações em relação a algo que já foi discutido por outros autores. Sobre o *discurso bivocal de orientação única*, temos que as vozes citadas no texto convergem para uma única orientação, a orientação prescrita pelo autor do texto. Assim, o uso desse tipo de discurso se torna produtivo na medida em que o discurso alheio citado converge, combina com as orientações adotadas por E2CB; “serve”, portanto, às intenções de E2CB, ao seu projeto discursivo.

Por fim, com relação ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, é possível perceber a influência do discurso alheio na transmissão do discurso autoral. Nesse caso, o discurso autoral de E2CB recebe influências diretas do discurso citado (o artigo de Batista e seus colaboradores), pois E2CB se vale desse discurso para chegar à conclusão segundo a qual as informações contidas nos estudos de Batista e seus colaboradores permitem uma análise mais ampla dos riscos, das condições de trabalho e das tendências de acidentes e doenças relacionados ao trabalho. Desse modo, percebemos como o discurso alheio passa a “contaminar” as escolhas textuais de E2CB e, ainda, como as influências que recebe do discurso alheio passam até mesmo a determinar as conclusões e observações que tece na composição de seu artigo.

O terceiro e último artigo publicado na edição atual da “Revista Ciência e Saúde Coletiva”, da área de Ciências Biológicas, intitulado “Sobre a Soberania Sanitária no Complexo Industrial da Saúde”, dispõe de um único trecho que escolhemos entre os demais, pois tal trecho é representativo de mais de um tipo de discurso atuando na constituição da escrita desse artigo. Esse trecho se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

No contexto sanitário a soberania está estabelecida na Constituição Federal de 1988 em seus artigos 196 e imediatamente seguintes. Esses dispositivos definem a saúde humana como um direito, a partir da noção da universalidade. Trata-se de uma disposição que, conceitualmente, não admite grau maior ou menor: todas as cidadãs e cidadãos têm direito à saúde e a garantia desse direito é um dever do estado brasileiro. Entretanto, no contexto específico do Complexo Industrial da Saúde (CIS), temos uma situação distinta, em que as dificuldades atualmente postas a ele dizem respeito mais à noção de autossuficiência do que de soberania.

Percebemos, no trecho acima, a atuação dos *discursos direto orientado para o referente*, *bivocal de orientação vária* e *discurso direto em estilo monumental* na introdução do artigo. Em relação ao *discurso direto orientado para o referente*, o discurso de E3CB volta-se exclusivamente a um determinado objeto, qual seja: a garantia da saúde para todos os cidadãos, o que se configura como um direito. Nesse ponto, importa, para E3CB, apenas o referente, ou seja, importa apenas a garantia de saúde para todos os cidadãos. Não importa, portanto, o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente, pois o seu discurso procura se adequar ao máximo a esse referente, a essa ideia segundo a qual todos têm direito à saúde. O uso do *discurso orientado para o referente* se mostra uma estratégia produtiva nesse caso na medida em que E3CB atribui uma ênfase maior ao seu referente ao dizer que a garantia da saúde para todos é um direito e um dever do estado brasileiro. Assim, o seu texto adquire um tom semântico mais preciso e objetivo em relação à ideia que se deseja passar no que tange ao seu referente.

A contradição que se introduz com o uso da conjunção adversativa “entretanto” se baseia na utilização do *discurso bivocal de orientação vária*. Por meio desse discurso, as vozes citadas se convertem em um palco de luta, pois as suas orientações estão diametralmente opostas. Dito de outro modo, os discursos da Constituição de 1988 e os discursos do Complexo Industrial da Saúde (CIS) não se orientam em direção a um denominador comum, pois o Complexo Industrial da Saúde não segue o que está sendo assegurado pela Constituição de 1988. Para ilustrar esse tipo de embate entre ambas as vozes citadas, E3CB se vale do *discurso bivocal de orientação vária* para mostrar a contradição e, assim, expor o conflito existente entre os discursos da Constituição de 1988 e os discursos do Complexo Industrial da Saúde. A partir disso, desenvolvem-se outras ideias e outros pontos de vista decorrentes desse conflito.

O *discurso direto em estilo monumental*, por seu turno, se afigura nesse trecho na medida em que o enunciado, o discurso alheio é compreendido como um todo compacto, imutável e impenetrável. E3CB se vale desse tipo de discurso quando faz menção à Constituição de 1988, pois o que está prescrito pela lei maior deverá ser assegurado a todos os cidadãos.

Desse modo, o uso desse tipo de discurso se torna produtivo principalmente na medida em que atribui uma ênfase maior ao que está sendo dito pela Constituição de 1988, sendo esse discurso da Constituição entendido como algo imutável, um todo compacto. Portanto, o uso do *discurso direto em estilo monumental* contribui no sentido de conferir ao autor uma maior credibilidade em relação ao seu discurso, pois se utiliza do(s) enunciado(s) alheio(s) presente(s) na Constituição, os quais são entendidos como vozes imutáveis e impenetráveis.

Os artigos que compreendem o segundo periódico da área de Ciências Biológicas, intitulado “Revista de Saúde Pública”, como visto na metodologia, também foram objeto de análise deste trabalho. Utilizaremos a mesma identificação quanto aos autores/escreventes dos artigos publicados na edição atual do referido periódico, qual seja: “E1CB” para designar o(s) escrevente(s) do primeiro artigo publicado; “E2CB”, o segundo artigo; e, por fim, “E3CB”, o terceiro artigo.

Quanto ao primeiro artigo publicado na edição atual do periódico, cujo título é “Análise temporal e fatores contextuais associados ao HIV/aids no Brasil entre 2000 e 2019”, destacamos, primeiramente, o seguinte trecho, que se comporta como o tópico frasal da introdução do artigo:

A epidemia de HIV/aids é de escala global, com casos identificados nas diferentes regiões do mundo.

Nesse trecho, encontramos o *discurso direto orientado para o referente*, dado que o discurso de E1CB volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, a saber: a epidemia de HIV/aids. Para E1CB, não importa, nesse contexto, o que dizem outras vozes acerca desse referente; a E1CB importa apenas o referente, bem como aquilo que ele afirma no que diz respeito a esse referente. O uso do *discurso direto orientado para o referente* se mostra como uma estratégia produtiva nesse caso na medida em que introduz uma afirmação que é de conhecimento geral, ou seja, algo sobre o qual todos compartilham da mesma opinião. Tendo em vista que se trata de um fato sobre a situação da epidemia de HIV/aids, o uso desse tipo de discurso contribui para as intenções do autor, pois ele, muito provavelmente, tem a intenção de ser objetivo e preciso em relação ao que se diz acerca desse referente; acerca da epidemia de HIV/Aids.

Outro trecho que se destacou a nossos olhos é representativo dos *discurso direto orientado para o referente, discurso bivocal de tipo ativo e diálogo velado*. O trecho se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

As desigualdades sociais e as mudanças na predominância das vias de transmissão ao longo do tempo contribuem para que a epidemia apresente perfis epidemiológicos diversos. Inicialmente restrita a homens que fazem sexo com homens, pessoas que fazem uso de drogas injetáveis e com hemofilia, os contornos da epidemia mudaram, tendo maior alcance entre as mulheres.

No que toca ao *discurso direto orientado para o referente*, percebemos que, quando E1CB menciona o fato de a epidemia apresentar perfis epidemiológicos diversos, seu discurso se volta exclusivamente a esse referente, pois o que E1CB diz anteriormente no tocante a esse objeto contribui para confirmar o fato de a epidemia de HIV apresentar perfis epidemiológicos diversos. Ou seja, não importa, para E1CB, o que dizem outras vozes acerca desse objeto; importa, contudo, apenas o referente. O discurso de E1CB procura se adequar ao máximo a esse referente e se vale de argumentos apresentados anteriormente para ratificar o que o escrevente afirma em relação a esse referente.

Quanto ao *discurso bivocal de tipo ativo*, E1CB tece um diálogo com um aspecto polêmico, por assim dizer, presente nas discussões sociais em torno da problemática do HIV/Aids. Houve um tempo²⁶ em que o discurso em relação à epidemia de HIV/aids era apregoado como de responsabilidade e resultado apenas da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, mais precisamente os homossexuais homens. Nesse caso, notamos a atuação do *discurso bivocal de tipo ativo* na medida em que o discurso de E1CB não se sujeita ao discurso de outras vozes cujas falas em relação à epidemia de HIV/aids eram restritas aos homens que fazem sexo com homens, pessoas que fazem uso de drogas injetáveis e com hemofilia. Assim, há um conflito entre as vozes citadas, as quais não se submetem às intenções de outras vozes com as quais dialoga. A partir desse conflito, E1CB apresenta o cenário atual relativo à epidemia de HIV/aids: há um maior alcance entre as mulheres. O uso do *discurso bivocal de tipo ativo*, portanto, é um recurso eficiente para mostrar o embate entre as vozes citadas; um

²⁶ Infelizmente, ainda ouvimos ecos de um pensamento preconceituoso em relação à epidemia de HIV/Aids. Houve épocas em que era denominada como “peste gay”: um modo preconceituoso, inadequado e injusto de se referir à doença em virtude da crença segundo a qual os responsáveis pela transmissão da epidemia eram os homossexuais. Para saber mais, consultar o texto “HIV/Aids, os estigmas e as histórias”. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/MVjwV7MHM4VSmBBgvfTT3fS/>.

conflito por meio do qual se dá origem a visões atuais a respeito da problemática discutida no artigo.

O *diálogo velado* se manifesta nesse trecho por meio do uso do *discurso bivocal de tipo ativo*. Na passagem citada, não há visivelmente a presença de um outro; no entanto, podemos sentir essa presença do outro de forma velada. Assim, E1CB dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente. Dito de outro modo, ainda que de forma indireta, E1CB tem a intenção de refutar o discurso segundo o qual apenas um determinado grupo de pessoas estaria sujeito à epidemia de HIV/Aids. Para tal, se vale do *diálogo velado* com interlocutores ausentes a fim de fazer esta ressalva: não somente homens que fazem sexo com homens e pessoas que fazem uso de drogas injetáveis e com hemofilia estão sujeitos à enfermidade, como também todas as outras pessoas, sem distinção de cor de pele, condição socioeconômica e orientação sexual. E1CB, portanto, se vale do *diálogo velado* e tenciona refutar as possíveis réplicas de eventuais interlocutores ausentes, mas que podemos sentir a presença desses interlocutores ainda que de forma velada.

O segundo artigo publicado na edição atual do periódico, intitulado “Estratégias de comunicação mercadológica em rótulos de alimentos consumidos por crianças”, dispõe de exemplos variados dos tipos de discurso em algumas passagens analisadas. O primeiro trecho é ilustrativo do *discurso direto orientado para o referente* e está presente na introdução do trabalho:

A adoção de dietas sustentáveis vem sendo estimulada por especialistas e instituições de todo o mundo, como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Nessa passagem, notamos como o discurso de E2CB volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: a adoção de dietas sustentáveis. Para E2CB, então, importa como esse referente — a adoção de dietas sustentáveis — vem sendo concebido por especialistas e instituições diversas. Não importa o que dizem outras vozes acerca desse mesmo objeto, mas sim somente aquelas cujas falas dizem ser benéfica a adoção de dietas sustentáveis.

A partir desse mesmo trecho, também notamos a atuação do *discurso objetificado* na medida em que o discurso da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura é objetificado pela voz do autor, de modo a “servir” às suas intenções. A unidade de enunciação do discurso citado, da voz alheia, subordina-se à unidade de enunciação do autor,

pois o autor se vale desse discurso, objetifica esse discurso com vistas a destacar a importância da adoção de uma dieta sustentável.

O uso do *discurso bivocal de orientação vária*, *discurso bivocal de tipo ativo* e do *diálogo velado* se faz presente no trecho que se segue:

A oferta de brindes foi uma das ECM menos frequentes nesse estudo, diferentemente do observado na literatura, que aponta frequência de 3,6% a 10% de presença de oferta de brindes, jogos ou brincadeiras e sorteio de prêmios.

Nessa passagem, o *discurso bivocal de orientação vária* é atuante quando percebemos que o discurso se converte em palco de luta entre as vozes citadas, dado que essas vozes apresentam uma orientação diametralmente oposta. Desse modo, o discurso de E2CB “obriga” a palavra alheia a servir a fins opostos àqueles originalmente empregados. Em outras palavras, enquanto o seu estudo aponta discrepâncias em relação ao uso de oferta de brindes, com uma menor recorrência, na literatura, por sua vez, essa oferta é bem mais recorrente no que diz respeito à sua utilização. Assim, as vozes citadas entram em conflito, se convertem em um palco no qual a(s) orientação(ões) estão diametralmente opostas. O uso desse tipo de discurso se torna produtivo na medida em que ilustra esse tipo de conflito, demonstrando as diferenças entre o estudo atual e o que comumente se encontra na literatura.

O uso do *discurso bivocal de tipo ativo* e do *diálogo velado* também estão presentes na formulação do trecho selecionado. Na passagem, observamos que o discurso do outro — no caso o discurso presente na literatura — não se submete às intenções de E2CB, havendo, portanto, um confronto entre ambas as vozes. Dito de outro modo, o discurso presente na literatura não vai ao encontro dos achados do presente estudo do autor; o estudo de E2CB apresenta descobertas diferentes em relação ao mesmo tema abordado. Assim, ainda que haja um conflito entre as vozes citadas, o uso desse tipo de discurso é produtivo para E2CB na medida em que aponta e divisa diferenças entre o trabalho analisado e a literatura concernente aos trabalhos realizados anteriormente na área.

O *diálogo velado*, por sua vez, se faz sentir nesse trecho quando E2CB procura refutar as réplicas de um interlocutor ausente. E2CB dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente na medida em que considera as vozes de outros pesquisadores com os quais, de forma velada, dialoga. Dito de outro modo, um pesquisador mais experiente na área, por exemplo, poderia ler esse trabalho e apontar que isso ocorre de uma forma diferente na literatura; E2CB já faz essa ressalva pensando na presença de um outro, presença essa que

apenas podemos sentir, e não visualizar. Assim, o uso do *diálogo velado* se torna produtivo na medida em que o trabalho de E2CB leva em conta as réplicas de um interlocutor ausente, o que torna o seu estudo, de uma forma ou de outra, mais completo e passível de evitar eventuais críticas.

O uso do *diálogo velado* também se afigura no seguinte trecho:

As principais limitações do estudo foram: a impossibilidade de análise de 15% dos 459 produtos referidos pelos participantes do inquérito que originou o presente estudo e a análise parcial de 20,3% dos 390 rótulos incluídos no estudo.

Como se sabe, as limitações decorrentes de um estudo realizado geralmente são apresentadas na seção de “considerações finais”. Nesse ponto, o uso do *diálogo velado* se mostra uma estratégia produtiva especialmente quando E2CB considera a presença oculta de seus interlocutores com os quais dialoga ao apresentar as limitações de seu trabalho. E2CB considera as réplicas de um interlocutor ausente, seja os eventuais leitores de seu trabalho, seja os pareceristas do trabalho submetido à revista. Em outras palavras, E2CB, ao pensar nas réplicas de um interlocutor ausente — mais precisamente o parecerista de seu trabalho —, antecipa considerações oportunas a respeito da realização do estudo. Nesse caso, E2CB “sente” a presença de um outro, muito provavelmente o seu parecerista com o qual dialoga de uma forma mais direta²⁷; e com os seus eventuais leitores com os quais dialoga de uma forma menos direta ao apresentar as limitações decorrentes do estudo realizado. Assim, tendo em vista a presença do *diálogo velado*, o trabalho de E2CB se torna mais bem acabado em termos estilísticos, temáticos e composicionais, pois antecipa as considerações e as possíveis réplicas de um interlocutor ausente.

Assim como ocorreu com os artigos científicos que compreendem o primeiro periódico correspondente à área de Ciências Biológicas, no segundo periódico a ocorrência do *discurso direto orientado para o referente* também foi muito frequente nas seções de introdução e considerações finais dos artigos. Esse trecho, transposto a seguir, é representativo desse tipo de discurso:

São também fundamentais políticas públicas que estimulem a difusão de informações confiáveis, pautadas nos guias alimentares, para toda a população e em diferentes mídias.

²⁷ Apresentar as limitações advindas de um determinado estudo realizado é um dos critérios recomendados pela escrita acadêmica/científica; a depender da área do conhecimento em que se encontra determinado artigo, esse aspecto da escrita acadêmica pode apresentar maior recorrência. Por isso, julgamos que o autor provavelmente dialoga diretamente com o seu parecerista, dado que esse é um dos aspectos de composição de um artigo científico.

Nessa passagem, o *discurso direto orientado para o referente* introduz encaminhamentos possíveis em relação ao estudo realizado, às implicações decorrentes da pesquisa realizada. Nesse caso, o discurso de E2CB volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: a importância da difusão de informações confiáveis. Aqui, não importa o que dizem outras vozes acerca desse mesmo objeto; importa, para E2CB, apenas o que ele mesmo diz com relação a esses encaminhamentos, à importância da difusão de informações confiáveis. O uso do *discurso direto orientado para o referente*, portanto, na seção de considerações finais, é um meio de conferir credibilidade e autonomia ao discurso de E2CB na medida em que se vale apenas da sua voz para se adequar ao máximo a esse referente, e, conseqüentemente, passa a transmitir maior credibilidade em relação ao seu próprio trabalho.

O terceiro e último artigo publicado no segundo periódico correspondente à área de Ciências Biológicas, intitulado “Processos de geocodificação em estudos de coorte: métodos aplicados no Edifloripa Idoso”, dispõe de alguns exemplos ilustrativos de variados tipos de discurso em sua constituição. No trecho que se segue:

A importância da geocodificação para análise de dados de saúde tem sido evidenciada por pesquisas nacionais.

Percebemos a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, do *diálogo velado* e do *discurso antecipado, disperso e oculto*. No que concerne ao uso do *discurso bivocal de orientação única*, temos que as vozes citadas nesse discurso estão seguindo uma única orientação, ou seja, aquela orientação prescrita por E3CB, pelo autor. Dito de outro modo, para E3CB, a geocodificação é importante para a análise de dados de saúde e ele traz outros discursos — outras pesquisas — que comprovam a informação dita anteriormente, de modo a sustentar o que foi dito antes pelo escrevente. Desse modo, E3CB se vale do discurso alheio como um modo de embasar teoricamente as ideias por ele ditas por meio do uso do *discurso bivocal de orientação única*.

Quanto ao uso do *diálogo velado*, E3CB dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente ao dizer que essa foi importância já fora constatada por pesquisas nacionais. Assim, por meio do *diálogo velado*, E3CB não vê a presença de um outro, mas dialoga com esses interlocutores ausentes na medida em que busca trazer um respaldo maior à sua pesquisa ao trazer as pesquisas nacionais realizadas. Na mesma direção, a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* é sentida quando o discurso de E3CB recebe

influências *diretas* do discurso alheio. Assim, o discurso alheio passa a penetrar o discurso autoral, pois o discurso presente nos trabalhos concernentes às pesquisas nacionais é usado como um modo de trazer credibilidade ao que está sendo dito pelo autor, um modo de embasar o que está sendo dito pelo autor por meio das vozes sociais da academia das quais se vale para trazer respaldo teórico à sua pesquisa. Esse é um recurso bastante explorado na escrita acadêmica na maioria dos artigos das variadas áreas do conhecimento.

O *discurso bivocal de orientação vária* e o *discurso bivocal de tipo ativo* também se afiguram neste artigo, especialmente na passagem a seguir:

Apesar da importância da escala para agregar as variáveis do ambiente, poucas pesquisas examinaram a influência de diferentes definições de vizinhança em resultados de análise.

Nesse trecho, notamos como o *discurso bivocal de orientação vária* se faz presente na medida em que o discurso se converte em um palco de luta com as vozes citadas apresentando orientações opostas. A fim de mostrar o conflito entre o que se diz por parte da voz do autor e o que se diz por parte da literatura especializada de uma forma geral, E3CB se vale do *discurso bivocal de orientação vária* com vistas a ilustrar esse tipo de contraste. Por um lado, a adoção da escala é importante para agregar as variáveis do ambiente; por outro lado, apesar da relevância, poucas pesquisas se valeram desse tipo de recurso para chegar aos seus resultados. Com efeito, E3CB, indiretamente, mostra como esse tipo de análise poderia ser mais bem explorado em outras pesquisas.

O *discurso bivocal de tipo ativo*, por sua vez, se faz presente nesse trecho quando podemos notar que o discurso alheio não se submete, não se sujeita às intenções do autor. Nesse caso, o discurso da literatura especializada não se sujeita ao que pelo autor é dito, uma vez que, apesar de ser considerado relevante esse tipo de critério para o autor, ele não é tão bem usado com frequência em trabalhos desenvolvidos em outras pesquisas. Há, portanto, um confronto entre ambas as vozes citadas — a voz do autor e a voz da literatura especializada com a qual dialoga —, de modo que não há um comum acordo entre o que é dito pela voz do autor e o que é dito pela voz com a qual dialoga.

O discurso *objetificado*, o discurso *bivocal de orientação única* e o discurso *antecipado*, *disperso*, *oculto* se fazem sentir no seguinte trecho:

Trabalhos anteriores reportaram taxas de geocodificação variáveis e perdas causadas por endereços problemáticos e com má qualidade dos registros.

Nessa passagem, o discurso é *objetificado* quando E3CB objetiva o discurso presente nos trabalhos anteriores. Assim, o discurso alheio — o discurso dos trabalhos anteriores — subordina-se à unidade de enunciação do autor, servindo aos seus propósitos discursivos. O discurso de E3CB, então, se vale das observações postas no discurso do outro para, posteriormente, tecer as suas próprias observações a respeito do mesmo tema discutido no artigo científico.

O discurso é *bivocal de orientação única* quando podemos perceber que as vozes presentes no trecho estão seguindo uma única orientação, a orientação prescrita pelo autor. Nesse caso, as vozes presentes nos trabalhos anteriores de que fala o discurso do autor é retomada com o fito de seguir a orientação prescrita pelo autor do artigo. Essa orientação prescrita por E3CB diz respeito às perdas causadas pela má qualidade com que se produzem algumas taxas de geocodificação. Desse modo, assim como para os trabalhos anteriores, também para E3CB essas taxas deveriam ser reportadas. Por isso, as vozes citadas seguem a orientação prescrita pelo autor do texto.

O discurso *antecipado*, *disperso*, *oculto* também é presente nesse trecho na medida em que o discurso de E3CB passa a receber influências diretas do discurso citado. Nesse caso, o discurso autoral também recomenda que as taxas de geocodificação produzidas com uma má qualidade sejam reportadas; mas essa recomendação é feita pelo autor com base no que foi dito por trabalhos anteriores. Portanto, o discurso de E3CB se vale das influências que recebe — das influências recebidas pelo discurso de outrem — para tecer a suas próprias observações a respeito da mesma problemática que também já foi discutida, em maior ou menor grau, por outros pesquisadores.

O próximo trecho a ser analisado é representativo do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. O trecho se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Estudos internacionais utilizam o ArcGIS(r)/ArcView(r), um software licenciado para a geocodificação, porém apontam riscos de localização incorreta e erros quando aplicados em outros países. Outras pesquisas contratam empresas comerciais com profissionais treinados, softwares próprios e correções espaciais contínuas. Portanto, para minimizar as despesas de geocodificação interna, dados locacionais de alta qualidade são fundamentais.

O *discurso objetificado* se faz presente nesse trecho quando E3CB objetiva o discurso de outras pesquisas para afirmar que são necessários dados locacionais de alta qualidade. Desse modo, a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina à unidade de enunciação de E3CB; a fala das outras pesquisas citadas, que se caracteriza como um discurso alheio, se subordina às intenções do autor, ao seu projeto discursivo. Em outras palavras, E3CB se vale do discurso alheio para tecer o seu ponto de vista, ou melhor, o que para ele é necessário para que as despesas de geocodificação interna sejam minimizadas.

No que toca ao *discurso bivocal de orientação única*, este se faz presente na medida em que as vozes citadas no discurso convergem para uma única orientação; aquela orientação prescrita pelo autor do texto. Dito de outro modo, as vozes citadas servem para introduzir o que o autor/E3CB pensa acerca da temática discutida no seu trabalho. Para tal, se vale do discurso alheio como um modo de embasar o seu ponto de vista; especialmente quando faz uso da conjunção “portanto” tendo em vista a conclusão de seu pensamento.

O *discurso antecipado, disperso, oculto* é presente nesse trecho quando as palavras de outrem passam a “contaminar” o discurso autoral. Nesse caso, o discurso de E3CB recebe influências *diretas* do discurso citado. Assim, é a partir do que já foi dito por outras vozes, presentes em outros discursos, que E3CB (re)formula o seu pensamento de maneira a dar cabo à sua linha de raciocínio. Com isso, o autor, a partir da influência que recebeu do discurso presente em outras pesquisas, tece a sua conclusão a respeito do que está sendo exposto no parágrafo, conclusão segundo a qual dados locacionais de alta qualidade são fundamentais para minimizar as despesas de geocodificação interna.

O seguinte trecho é representativo do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação vária*:

As publicações provenientes deste projeto têm utilizado, até então, os setores censitários como unidade espacial de análise e representação das vizinhanças dos participantes. Com a geocodificação dos domicílios, novos estudos podem ser desenvolvidos, aplicando unidades de análise mais específicas ao ambiente urbano que efetivamente possa ser acessado dentro de um determinado intervalo de tempo. Contudo, esse processo impõe diversos desafios tecnológicos e operacionais que precisam ser enfrentados para assegurar confiabilidade e precisão aos resultados.

Quanto ao *discurso objetificado*, seu uso é notado quando E3CB cita as publicações decorrentes de outras pesquisas para servir às suas intenções. Em outras palavras, tais publicações servem ao propósito discursivo do autor de citar como as pesquisas têm utilizado os setores censitários como unidade espacial de análise e, para tal, cita as publicações concernentes a outras pesquisas. O *discurso bivocal de orientação vária*, por sua vez, se faz sentir no momento em que as vozes citadas entram em conflito, com orientações opostas. Esse conflito é evidenciado quando E3CB cita que, por meio da geocodificação dos domicílios, outros estudos podem ser desenvolvidos, os quais não se valham apenas dos setores censitários em seus trabalhos. Ou seja, há um conflito entre as vozes citadas, dado que, para o autor, é preciso usar e explorar mais a geocodificação dos domicílios também em outros trabalhos.

Outro conflito também é evidenciado quando o autor faz uso da conjunção de valor opositivo “contudo”. O autor apresenta ressalvas em relação à sua própria voz²⁸, ao seu próprio discurso, quando faz menção aos diversos desafios tecnológicos e operacionais a serem enfrentados. Diferentemente do que comumente ocorre em outras áreas do conhecimento, na seção de discussão dos resultados, não é muito comum que os autores/escreventes da área de Ciências Biológicas — pelo menos nos textos que constituem nosso *corpus* de análise — dialoguem de forma direta com outros autores para a discussão dos resultados obtidos por suas respectivas pesquisas.

Por fim, o último trecho a ser analisado — último trecho relacionado ao periódico em questão e também à área de Ciências Biológicas — se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

²⁸ Acreditamos que Bakhtin e Volóchinov, nas respectivas obras estudadas para a construção deste trabalho, não apresentam um tipo de discurso por meio do qual o autor se contrapõe à sua própria voz; porém, cremos que esse discurso se encaixa no *discurso bivocal de orientação vária*.

Apesar dos desafios relacionados à geocodificação, como inconsistências nos endereços, adequados mecanismos de correção e verificação propiciaram elevada taxa de atribuição de coordenadas geográficas.

Essa passagem é representativa do *diálogo velado*, subjacente ao *discurso bivocal de tipo ativo*, pois podemos “sentir” a presença de um interlocutor ausente com o qual o escrevente dialoga de maneira implícita. E3CB leva em consideração as réplicas de um interlocutor ausente ao tecer a sua observação segundo a qual, embora tenha havido desafios relacionados à geocodificação, adequados mecanismos de correção e de verificação contribuíram para elevar a taxa de atribuição de coordenadas geográficas.

Desse modo, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente — quer os pareceristas do artigo em questão, quer os eventuais leitores do seu manuscrito. Esse diálogo (velado) faz com que o autor antecipe possíveis réplicas a possíveis questionamentos em relação ao alcance do trabalho produzido, em relação ao alcance dos resultados obtidos e às possíveis implicações na prática, tornando o seu trabalho mais coerente e mais bem finalizado em termos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero. Portanto, o uso do *diálogo velado* se mostra uma estratégia produtiva no intuito de evitar eventuais interpretações desconexas no que tange à investigação empreendida, assim como realizar oportunas ressalvas e advertências acerca das partes que compõem o artigo tendo em vista as réplicas de um interlocutor cuja presença não pode ser visualizada, mas pode ser sentida.

As análises acima descritas compreendem, como visto, os dois periódicos concernentes à grande área de Ciências Biológicas e os três primeiros respectivos artigos científicos publicados na edição “atual”, isto é, a edição analisada de cada um deles. Nessas análises, foi possível identificar os tipos e variantes de discurso que mais se destacaram a nossos olhos, conforme propõe Ginzburg (1986), alinhado a como se deve conceber o estudo metodológico da língua, conforme propõe Volóchinov (2021). Procuramos, como também entrevisto, mostrar o modo pelo qual esses tipos de discurso, abordados em *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da poética de Dostoiévski*, podem contribuir de maneira produtiva para o tecer da escrita acadêmica dos artigos da área de Ciências Biológicas na medida em que se tem por vista o projeto e o propósito discursivos do(s) respectivo(s) autor(es). A seguir, passemos às análises dos artigos científicos que compreendem e representam a grande área de Ciências Exatas com base nos periódicos selecionados.

4.2 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS EXATAS

Novamente, assim como nas análises anteriores, utilizaremos a identificação “escrevente 1 — E1CE” para designar o(s) escrevente(s) do primeiro artigo publicado correspondente à área de Ciências Exatas; “escrevente 2 — E2CE” para designar o(s) autor(es) do segundo artigo e, por fim, para o terceiro artigo, a identificação “escrevente 3 — E3CE”. Desta vez, acompanhados de “CE – Ciências Exatas”.

O artigo intitulado “Turismo inclusivo: uma proposta de inserção social dos cegos por meio da fotografia multissensorial” é o primeiro artigo listado na edição do periódico “Design e Tecnologia (D & T)”. O primeiro trecho selecionado para análise é representativo do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado* e *discurso antecipado, disperso, oculto*. A passagem se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Nesse viés, o turismo é um dos fenômenos sociais em que a prática do ir e vir se manifesta de modo mais marcante, sendo uma das atividades preferidas pelas pessoas nos momentos de lazer. Do ponto de vista sociológico, a prática turística ocupa importante papel na interação entre os indivíduos, razão pela qual promover a acessibilidade no turismo se faz tão importante.

A atuação do *discurso direto orientado para o referente* se faz perceber na medida em que o discurso de E1CE volta-se exclusivamente a um único referente, qual seja: a prática do turismo. Para E1CE, portanto, importa apenas o que ele descreve em relação à prática do turismo, de modo a não importar o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente. Descrição segundo a qual o turismo é “uma das atividades preferidas pelas pessoas nos momentos de lazer”. Assim, a atuação do *discurso direto orientado para o referente* promove, no texto, informações pontuais acerca da importância da atividade turística e a razão pela qual se faz importante estudá-la em seu artigo.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz sentir nesse trecho no momento em que E1CE se vale de outra voz para tecer as suas considerações em relação ao mesmo referente. Dito de outro modo, a unidade de enunciação da voz alheia se “subordina” à unidade de enunciação do autor, sendo objeto da enunciação do autor. Por meio do uso desse tipo de discurso, E1CE cita, baseado em outras vozes — o ponto de vista sociológico —, como a prática turística ocupa importante papel na interação entre os indivíduos. Assim, tomando por base

outras vozes com as quais indiretamente dialoga, E1CE destaca a importância de se promover a acessibilidade na prática turística.

O *discurso antecipado, disperso, oculto* se faz perceber nesse trecho no momento em que o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. Dito de outra maneira, o discurso de E1CE recebe influências diretas das palavras de outrem. Assim, para determinar a importância de se promover a acessibilidade nas práticas de turismo, E1CE se vale de vozes alheias a fim de confirmar a importância e justificar a relevância do desenvolvimento de seu trabalho científico. Portanto, as influências que recebe do discurso de outrem — o discurso referente ao ponto de vista sociológico — passa a determinar o que E1CE escreverá em seguida — a importância de se promover a acessibilidade nas práticas turísticas.

O trecho seguinte a ser analisado é representativo do *discurso direto orientado para o referente* e do *discurso bivocal de orientação vária*. A passagem se apresenta da seguinte forma na composição do artigo:

A pacificação do continente fez com que as mulheres e famílias também pudessem viajar com mais segurança. A natureza, que era vista como um inimigo a ser dominado, passou a ser um bem a ser também contemplado.

Nessa passagem, percebemos a atuação do *discurso direto orientado para o referente* no momento em que o discurso de E1CE se volta exclusivamente à pacificação do continente, que é o seu referente. Assim, o uso desse tipo de discurso confere mais ênfase às ideias ditas pelo autor, pois (re)afirma, de modo mais enfático, o que por ele está sendo dito, de modo a não levar em consideração o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente.

O *discurso bivocal de orientação vária*, por sua vez, se faz perceber no momento em que o discurso se converte em palco de luta entre as vozes presentes, pois tais vozes não apresentam uma única orientação; ao contrário, apresentam orientações diametralmente opostas. Em outras palavras, E1CE refuta o que por outras vozes é dito em relação à presença da natureza nas práticas de turismo. Do seu ponto de vista, a natureza não é mais vista como um inimigo a ser dominado, mas sim como um bem a ser contemplado. Assim, para marcar essa mudança de posicionamento, ainda que haja a possibilidade de não mais existir esse conflito entre pontos de vista em relação à natureza, E1CE se vale do *discurso bivocal de orientação vária* com vistas a demarcar as orientações opostas entre as vozes cujo discurso se refere a um mesmo objeto — no caso a presença da natureza nas práticas de turismo.

O próximo trecho a ser analisado se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Estudos afirmam que o turismo expressa a vontade e o desejo humano de sair da rotina de tempos em tempos para refrescar a mente e descansar o corpo.

Essa passagem é representativa do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação única*. No que concerne ao *discurso objetificado*, notamos sua atuação no momento em que a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina à unidade de enunciação de E1CE. Em outras palavras, E1CE se vale da enunciação da voz alheia, tornando-a o seu próprio objeto de fala na medida em que discorre acerca da prática do turismo em relação às suas finalidades, quais sejam: sair da rotina de tempos em tempos, refrescar a mente e descansar o corpo. Assim, o discurso alheio — o que dizem outros estudos acerca das funcionalidades do turismo — se torna objeto por meio da voz do autor e esse discurso “serve” às intenções de E1CE.

O *discurso bivocal de orientação única*, por sua vez, adquire funcionalidades semelhantes ao *discurso objetificado* quando da construção do projeto discursivo de E1CE. As vozes citadas — as vozes do autor e as vozes com as quais dialoga — estão seguindo uma única orientação, aquela prescrita pelo autor. Assim, por meio do uso do *discurso bivocal de orientação única*, o discurso de outrem “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CE, visto que ambas as vozes estão seguindo uma única orientação. Essa orientação diz respeito às finalidades e funcionalidades relacionadas às práticas turísticas comprovadas por outros estudos já desenvolvidos.

O próximo trecho em análise compreende o uso do *discurso objetificado* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A LBI, como ficou conhecida, foi construída coletivamente sob o lema “Nada sobre nós sem nós”, baseada na Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. A lei da inclusão nasceu com o intuito de contemplar toda a diversidade humana e consiste, até o presente momento, no mais importante e completo dispositivo legal de garantias de direitos às pessoas com deficiência.

O *discurso objetificado* se faz sentir nessa passagem especialmente quando as vozes alheias passam a ser objeto por meio da voz de E1CE. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina, é *submissa* às intenções do autor na medida em que a presença da lei citada “serve” ao projeto discursivo do autor. Em outros termos, a citação da lei — o discurso alheio trazido pelo autor — serve de base para que ele escreva sobre a importância dessa lei da inclusão no sentido de contemplar toda a diversidade humana. Assim, o discurso alheio trazido apresenta um objeto — um referente acerca do qual fala o autor —; todavia, o próprio discurso do outro funciona como o objeto do discurso do autor, uma vez que ambos falam sobre o mesmo referente e a unidade de enunciação da voz alheia subordina-se às intenções do autor.

No que toca ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, percebemos que o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. O discurso de E1CE, então, recebe influências diretas do discurso trazido. Em outras palavras, as influências que E1CE recebe acerca da lei de inclusão para pessoas com deficiência são determinantes para as observações que tece em seu artigo em relação a essa mesma lei. Desse modo, as influências recebidas — sobretudo quando a Lei cita o lema “Nada sobre nós sem nós” — passam a determinar o que por E1CE será dito posteriormente. Nesse caso, E1CE, com base nas influências recebidas diretamente do discurso de outrem, considera essa lei como “o mais importante e completo dispositivo legal de garantias de direitos às pessoas com deficiência”.

O próximo trecho selecionado é representativo do *discurso direto substituído, discurso bivocal de orientação única* e do *discurso objetificado*. A passagem se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Assim, para regulamentar as mudanças previstas na LBI, no que diz respeito à acessibilidade, foi criada a norma brasileira (NBR) 9050, que estabelece os critérios e parâmetros técnicos que devem orientar os projetos e as obras urbanas e rurais quanto às condições de acessibilidade, inclusive no turismo.

O *discurso direto substituído* se faz perceber nesse trecho especialmente no momento em que o autor fala pelo outro, fala *no lugar* do discurso citado. Dito de outro modo, o próprio autor cita o objetivo da norma brasileira (NBR) 9050 sem que ela precise fazer isso. Assim, o autor apresenta a norma citada, fala no lugar dessa norma, em nome dessa norma sobre os objetivos a que ela se propõe. Nessa direção, a presença do outro é trazida ao discurso por meio do *discurso direto substituído*.

Em relação ao *discurso bivocal de orientação única*, podemos perceber a sua atuação nesse trecho no momento em que notamos a presença de duas vozes, mas essas vozes estão seguindo uma única orientação: a orientação prescrita pelo autor. As vozes seguem uma única orientação, pois ambas convergem para um único objetivo, qual seja: a regulamentação das mudanças previstas na LBI no que diz respeito à acessibilidade. Desse modo, a atuação do *discurso bivocal de orientação única* se torna produtiva na medida em que o discurso trazido — o discurso do outro — converge para a orientação prescrita pelo autor.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz presente nessa passagem na medida em que o discurso alheio trazido pelo autor “serve” às intenções do autor. A unidade de enunciação da voz alheia se subordina à unidade de enunciação do autor nesse caso de uma maneira muito explícita: no momento em que o autor antecipa a finalidade da criação da LBI, o discurso posterior — o discurso presente na NBR 9050 — cita os objetivos a que se propõe a criação dessa lei. Ou seja, o discurso posterior, o discurso da voz alheia, complementa o que pelo autor foi dito anteriormente. Por essa razão, o uso do *discurso objetificado* foi uma estratégia produtiva.

A próxima passagem a ser analisada se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Muitas falas que apontam como ponto positivo o nível de acessibilidade nas estruturas de turismo se referem comumente ao acesso físico aos espaços turísticos, ou seja, à presença de recursos relacionados à dimensão arquitetônica da acessibilidade, como rampas e elevadores, direcionados principalmente às pessoas com dificuldades motoras, como cadeirantes e aquelas com mobilidade reduzida. Para os turistas com deficiências cognitiva e sensorial, e notadamente para os cegos, todavia, percebeu-se que poucos recursos são ofertados para que a prática turística ocorra de modo equânime em sentidos e oportunidades com as demais pessoas.

Esse trecho é representativo do seguinte tipo de discurso: *discurso bivocal de orientação vária*. Esse tipo de discurso é atuante nesse trecho especialmente na medida em que percebemos que o discurso se converte em palco de luta entre as vozes cuja orientação é diametralmente oposta. Dito de outro modo, há um conflito entre o que é dito pela voz alheia e entre o que é dito pela voz do autor. Mais especificamente, entre o que é dito em relação ao nível de acessibilidade nas estruturas de turismo e entre o que é dito pelos turistas com deficiências cognitiva e sensorial. Para ilustrar esse tipo de embate entre as vozes citadas, o uso do *discurso bivocal de orientação vária* se mostrou uma importante estratégia, pois contribui para o

desenvolvimento da narrativa, de maneira a antecipar a problemática a ser tecida pelo autor do artigo no que concerne aos poucos recursos que são ofertados, a fim de que a prática turística possa ocorrer de modo equânime.

A próxima passagem a ser analisada se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A publicação ‘Museus em números’ do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2011) traz dados sobre a acessibilidade dos museus no Brasil. Segundo esta publicação, lançada em 2011, 50% dos museus brasileiros possuíam instalações destinadas às pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, no entanto, destes, apenas 7,4% tinham etiquetas e textos em braile, e 5,7%, sinalização em braile – recursos direcionados ao público cego.

Essa passagem é representativa dos seguintes tipos de discurso: *discurso direto orientado para o referente, discurso objetificado, discurso bivocal de tipo ativo e diálogo velado.*

No que toca ao uso do *discurso direto orientado para o referente*, ele se faz presente no primeiro período deste parágrafo sob análise, ou seja, no seu tópico frasal. Percebemos a sua atuação especialmente no momento em que o discurso de EICE volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a saber: a publicação “Museus em números”. Para EICE, portanto, importa apenas esse referente — a publicação “Museus em números” —, e não o que dizem outras vozes acerca desse mesmo objeto. Assim, todo o restante do parágrafo diz respeito a essa publicação. O parágrafo é inteiramente construído a partir desse referente. Por isso, nesse momento, é oportuno, para o autor, que o seu discurso se volte exclusivamente a esse referente e, portanto, é oportuno o uso do *discurso direto orientado para o referente* com vistas a apresentar o tópico frasal que constitui o parágrafo.

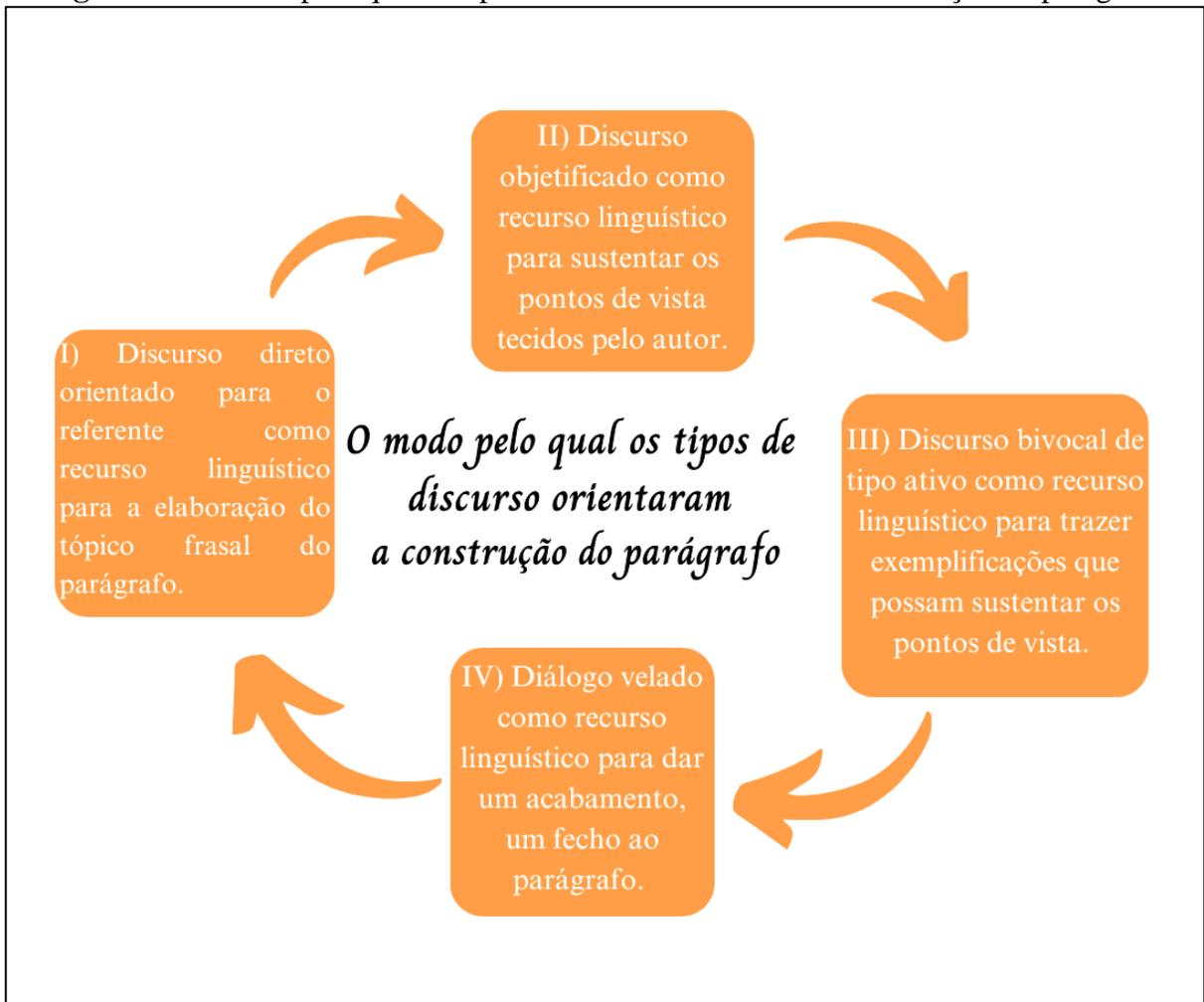
Em relação ao *discurso objetificado*, a sua presença é notada no momento em que o discurso trazido pela voz alheia se torna objeto por meio da voz do autor. Assim, o autor se apropria do discurso de outrem, de modo que a unidade de enunciação do discurso trazido se subordina à unidade de enunciação do autor. No caso da passagem sob análise, EICE se vale do discurso da publicação “Museus em números”, para, em seguida, apresentar observações contrárias ao que por essa voz é dito. Ainda que haja um conflito entre ambas as vozes — o que caracterizar-se-ia um outro tipo de discurso —, podemos notar que o discurso objetificado se faz presente nesse trecho, sobretudo porque a voz alheia é objetificada por meio da voz do autor, ou seja, o próprio discurso trazido é também o objeto de discurso do autor.

O *discurso bivocal de tipo ativo* pode ser percebido nessa passagem especialmente no momento em que o discurso do outro não “serve”, não se sujeita às intenções da palavra do autor. Dito de outra maneira, há um confronto entre ambas as vozes, pois ao mesmo tempo em que o discurso é objetificado por meio da voz do autor, ele também não se submete às intenções do autor: ele apresenta orientações contrárias entre si. No caso da passagem sob análise, apesar de 50% dos museus brasileiros possuírem instalações destinadas às pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, apenas 7,4% tinham etiquetas e textos em braile e apenas 5,7%, sinalização em braile. Desse modo, percebemos como E1CE se vale do *discurso bivocal de tipo ativo* para ilustrar o conflito existente entre as vozes citadas e também para ilustrar o modo pelo qual esse embate é relevante para a compreensão das ideias que serão desenvolvidas na composição de seu artigo.

Por fim, em relação à passagem sob análise, temos a presença do *diálogo velado*, que é uma espécie de ramificação, por assim dizer, do *discurso bivocal de tipo ativo*. Especialmente em relação ao seu uso, ele se faz perceber no momento em que o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente, mas cuja presença, embora não visível, pode ser “sentida”, ainda que de forma velada. No caso do trecho sob análise, podemos notar a atuação desse tipo de discurso quando o autor faz uma pequena explicação em relação ao que seria o que por ele foi dito anteriormente. Essa explicação compreende o pequeno período “recursos direcionados ao público cego”. Em outras palavras, E1CE dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente na medida em que tece observações complementares em relação ao que por ele é dito anteriormente, de modo a não deixar seus eventuais leitores com possíveis dúvidas acerca dos termos ditos anteriormente. Por isso, a utilização desse tipo de discurso acaba por deixar o texto de E1CE mais coerente em termos composicionais, temáticos e estilísticos.

Como o uso dos tipos de discurso orientou toda a construção desse parágrafo em análise, julgamos oportuna uma figura que ilustre a composição desse trecho específico com base nos tipos de discurso:

Figura 9 - O modo pelo qual os tipos de discurso orientaram a construção do parágrafo



Fonte: Elaboração própria

O próximo trecho sob análise traz representações do *discurso direto preparado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, *discurso objetificado* e *discurso bivocal de orientação única*. A passagem se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Lima, Lima e Vieira (2009, p. 38) definem a audiodescrição nos seguintes termos: 'adequada a construir entendimento, onde antes não existia, [...] que mantém os atributos de ambos os elementos, do áudio e da descrição, com qualidade e independência.' Logo, o objetivo da audiodescrição é dar sentido ao que antes não havia, é ser ponte de construção da imagem na mente do deficiente visual.

No que respeita ao *discurso direto preparado*, percebemos sua atuação no momento em que o autor — E1CE — antecipa o discurso de outrem, antecipa o discurso de outros pesquisadores com os quais dialoga. No momento em que o autor escreve “Lima, Lima e Vieira

(2009, p. 38) definem a audiodescrição nos seguintes termos”, E1CE apresenta o discurso alheio, antecipa a fala do discurso do outro. Assim, por meio do uso desse tipo de discurso, E1CE dá abertura à fala de outrem, anuncia o momento do discurso alheio.

Com relação ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, percebemos que o discurso autoral — o discurso de E1CE — recebe influências *diretas* do discurso alheio. Desse modo, para tecer as suas conclusões que são introduzidas pela conjunção “logo” no discurso, E1CE se vale totalmente do discurso ora apresentado anteriormente; por isso, o discurso alheio passa a “contaminar” as falas do discurso autoral, dado que E1CE depende das observações citadas anteriormente para tecer as suas próprias considerações/conclusões.

A atuação do *discurso objetificado* se faz sentir nessa passagem no momento em que notamos que a unidade de enunciação do discurso alheio se submete, subordina-se à unidade de enunciação do autor, de modo a objetificá-la. Assim, o *discurso alheio* trazido pelo autor ao seu discurso “serve” às intenções do seu projeto discursivo e é por meio do discurso alheio trazido que E1CE consegue tecer as conclusões em relação a esse mesmo objeto. Portanto, a unidade de enunciação do discurso do outro “serve” às intenções do autor na medida em que o seu dizer posterior se baseia no que foi dito anteriormente por outros autores com os quais dialoga.

O uso do *discurso bivocal de orientação única* é presente nessa passagem no momento em que notamos a presença de duas vozes; no entanto, essas vozes estão seguindo uma única orientação — a orientação prescrita pelo autor. Dito de outro modo, o discurso alheio trazido por E1CE apresenta a mesma orientação prescrita pelo autor do texto, pois a citação trazida apresenta a mesma orientação que o autor do texto compartilha em relação ao objetivo da audiodescrição. Sendo assim, as vozes presentes nesse trecho dispõem de uma relação de concordância, de acordo entre si, uma vez que elas estão seguindo uma única orientação acerca de um determinado objeto.

O próximo trecho a ser analisado é representativo do *discurso bivocal de orientação vária* e do *discurso objetificado*. A passagem se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

É notório, no entanto, que a evolução social e tecnológica da civilização ocorreu desde o ponto de vista dos videntes e daqueles considerados normais, ficando de lado, assim, o acesso universal aos avanços obtidos por todos os agentes sociais marginalizados. Isso impediu, portanto, o acesso das pessoas com deficiência, sobretudo dos cegos, especialmente aos contextos pautados na visualidade.

No momento em que EICE cita a conjunção de valor adversativo “no entanto”, notamos que há um confronto entre pontos de vista diferentes. Em relação ao que por outros estudiosos foi dito anteriormente, o autor tece observações contrárias, de modo a mostrar como a evolução social e tecnológica deixou à margem o acesso universal aos avanços obtidos por todos os agentes sociais marginalizados. Por essa razão, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* na medida em que o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes com orientação diametralmente oposta. O uso desse tipo de discurso, portanto, se mostra produtivo especialmente no momento em que ilustra o conflito existente entre as vozes citadas.

O autor segue dando continuidade ao seu raciocínio e, nesse momento, apresenta uma conclusão que é introduzida pelo conectivo “portanto”. O uso do *discurso objetificado* se torna produtivo nesse caso na medida em que o autor aponta o fato de os avanços obtidos pelos agentes sociais marginalizados terem sido colocados à margem. Assim, o discurso alheio — o discurso referente aos avanços sociais — se torna objeto por meio da voz do autor. A unidade de enunciação do outro (nesse caso, o discurso que representa os agentes sociais marginalizados) se subordina, “serve” à unidade de enunciação do autor e, por isso, é objetificada. EICE, então, se vale desse tipo de discurso para apresentar ponderações em relação a um determinado objeto a partir da objetificação da fala de outrem²⁹.

O uso do *discurso direto orientado para o referente* também se mostra uma estratégia produtiva para que o autor introduza suas hipóteses relacionadas ao trabalho que por ele é desenvolvido. O trecho:

A investigação fundamentou-se no pressuposto de que a fotografia poderia desempenhar, com as pessoas cegas, um papel de similar importância ao que desempenha na vida dos videntes.

²⁹ Ainda que o discurso alheio não tenha sido citado de forma direta, percebemos que a voz alheia — no caso a voz dos agentes sociais marginalizados — está presente nesse trecho, pois, certamente, o autor trouxe um repertório acerca desse assunto sobre o qual já tenha lido anteriormente. Por isso, o discurso alheio é *objetificado* por meio da voz do autor.

É um exemplo desse tipo de discurso sobretudo na medida em que, para o autor, importa mesmo o referente, e não outra voz. Sendo assim, o discurso aparentemente se volta exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: a hipótese segundo a qual a fotografia poderia desempenhar um papel de muita importância na vida das pessoas cegas. Assim, o autor procura se adequar somente a esse objeto, o que faz com que para ele não importe o que por outras vozes é dito.

A próxima passagem a ser analisada é representativa da atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. O trecho se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Nesse sentido, o estudo de Araújo e Santos (2015), 'Fotografia tátil: desenvolvimento de modelos táteis a partir de fotografias com a utilização de impressora 3D', mostra que a compreensão das informações contidas na imagem tátil pode ser prejudicada se o tateamento for realizado pelo usuário cego sem nenhum tipo de intermediação.

No que toca ao *discurso objetificado*, notamos sua presença no momento em que o autor se vale do discurso alheio — objetifica o discurso de outrem — para tecer suas próprias observações acerca do mesmo referente. Assim, o discurso dos autores Araújo e Santos se torna objeto por meio da voz do autor. O discurso alheio citado, portanto, “serve” às intenções do autor na medida em que a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, de que é objeto.

Em relação ao *discurso bivocal de orientação única*, ele se faz atuante no momento em que notamos a presença de duas vozes, mas essas vozes estão seguindo uma única orientação, a orientação prescrita pelo autor. Dito de outro modo, o estudo de Araújo e Santos apresenta a mesma orientação prescrita pelo autor do texto; por isso, as vozes presentes nesse trecho não estão em conflito, pelo contrário: elas se complementam entre si. O uso do *discurso bivocal de orientação única*, portanto, se mostra uma estratégia eficiente para que o autor aborde os temas presentes em seu artigo com base em outras vozes cujos dizeres também já mencionaram aspectos em relação a esses temas, dado que as vozes citadas estão em acordo.

O *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, por sua vez, se mostra de uma maneira bem evidente na passagem sob análise: o discurso alheio passou a fazer parte do discurso autoral. Sendo assim, as observações tecidas por EICE são diretamente influenciadas pelo discurso

citado anteriormente — pelo estudo de Araújo e Santos. O uso desse tipo de discurso, portanto, se mostra uma estratégia produtiva na elaboração desse trecho, pois o autor se vale das palavras de outrem para tecer as suas ponderações acerca de um mesmo objeto, de um mesmo referente. Logo, podemos também inferir que o uso desse tipo de discurso — o *discurso antecipado, disperso, oculto* —, nos artigos científicos, também é uma estratégia produtiva de argumentação textual.

O próximo trecho selecionado para análise é representativo do *discurso bivocal de tipo ativo*, especialmente porque podemos notar em sua construção a presença do *diálogo velado*. A passagem se apresenta da seguinte forma na composição do artigo:

Ressalta-se que a participação dos envolvidos no projeto, sobretudo das pessoas cegas, foram realizados dentro da Ajidevi com a autorização da coordenação da instituição.

Nessa passagem, podemos perceber que não há visivelmente a presença de um outro, mas podemos sentir a presença desse outro ainda que de forma velada. Colocando-se de outra forma, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente. No caso sob análise, EICE, com base na presença *oculta* de seu interlocutor, tece considerações a respeito da participação dos envolvidos no projeto; consideração segundo a qual tal participação foi realizada dentro da Ajidevi, ou seja, respeitando-se os parâmetros de pesquisa. Assim sendo, o uso do *diálogo velado* se mostra uma estratégia eficiente nesse caso, sobretudo por antecipar possíveis réplicas tendo em vista possíveis questionamentos que poderiam ser feitos por eventuais leitores, o que torna o texto mais bem acabado do ponto de vista temático, estilístico e composicional.

A passagem a seguir é representativa da atuação do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação vária*:

Apolinário (2018) destacou que por mais que as pessoas descrevessem os detalhes ele não compreendia a disposição dos elementos descritos, porém a respeito da fotografia tátil afirmou: ‘eu pude perceber a mudança de tamanho com a distância, a percepção que as pessoas têm ao olhar uma fotografia, e pude me sentir mais incluído da sociedade’.

No que se refere ao *discurso objetificado*, temos que no momento em que EICE cita o discurso de outrem, o faz objetificando-o, visto que o dizer do discurso do outro se torna objeto

por meio da voz do autor. Dito de outro modo, EICE cita o discurso de Apolinário como uma forma de “servir” às suas intenções enquanto produtor de um artigo científico, como um modo, portanto, de “servir” ao seu projeto discursivo. Ao fazer uso do dizer de Apolinário, o autor traz para a sua pesquisa resultados que podem ser comprovados cientificamente, dado que o discurso trazido se refere à fala de um dos participantes da pesquisa. Por essa razão, o uso do discurso objetificado também pode se afigurar como um recurso linguístico eficiente para a discussão dos resultados de um artigo científico.

No que toca ao *discurso bivocal de orientação vária*, temos que as vozes presentes nessa passagem, em dado momento, entram em conflito. Há duas vozes — a voz do autor e a voz do participante da pesquisa —; contudo, essas vozes estão seguindo orientações opostas. Esse conflito pode ser percebido no momento em que há uma oposição de ideias entre os períodos. Em outras palavras, o autor mostra um resultado positivo em relação a um resultado negativo para um mesmo participante da pesquisa; nisso se reside o conflito entre os pontos de vista. Tal conflito, em termos linguísticos, pode ser vislumbrado a partir da presença da conjunção “porém”. No entanto, ainda que haja esse tipo de conflito entre as vozes citadas, EICE termina esse trecho demonstrando mais efeitos positivos do que negativos com a pesquisa por ele desenvolvida, pois, apesar de o participante não compreender a disposição dos elementos descritos, ele pode perceber a percepção que as pessoas têm ao olhar uma fotografia e, assim, se sentir mais incluído na sociedade. Portanto, o uso do *discurso bivocal*, embora demonstre um confronto entre as vozes citadas, também serve para evidenciar os prós e contras, os ganhos e os desafios de uma pesquisa realizada, os quais, ainda que estejam em confronto, culminam em efeitos mais positivos do que negativos.

O próximo trecho sob análise se refere à discussão dos resultados/contribuições alcançadas pela pesquisa desenvolvida. Esse trecho é representativo do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. O trecho se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A solução final do projeto atendeu aos objetivos elencados. De acordo com as pessoas cegas que testaram o produto, ademais as dificuldades de uso identificadas no decorrer dos primeiros testes, todas declararam de modo uníssono que ele ajuda a ampliar o entendimento do espaço representado e, por consequência, pode contribuir para a acessibilidade do cego durante o lazer turístico.

O primeiro período do trecho diz respeito ao *discurso direto orientado para o referente*, dado que o discurso se volta exclusivamente a um único objeto, qual seja: a solução final do projeto. O uso desse tipo de discurso é um recurso eficiente na medida em que o autor atribui uma precisão maior aos resultados alcançados pelo seu respectivo estudo. Assim, por meio de um discurso referencial, o autor não se concentra em outras vozes, mas apenas em seu referente — importa apenas a solução final alcançada pelo seu respectivo estudo.

O *discurso objetificado* se faz presente nessa passagem no momento em que notamos que EICE se vale do discurso das pessoas cegas que testaram o produto para tecer as suas próprias conclusões acerca da pesquisa por ele desenvolvida. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina à unidade de enunciação do autor, pois EICE se apropria do discurso alheio com vistas a demonstrar a importância da aplicação do produto, pois ele ajuda a ampliar o entendimento do espaço representado e a contribuir para a acessibilidade das pessoas cegas durante as práticas turísticas.

Com relação ao *discurso bivocal de orientação única*, notamos uma relação de conformidade/concordância entre as vozes citadas, especialmente a partir do uso da conjunção conformativa “de acordo”. Desse modo, as vozes citadas estão seguindo uma única orientação, aquela orientação segundo a qual a aplicação do produto se faz importante, visto que contribui para a acessibilidade das pessoas cegas. Portanto, o uso das vozes em uma relação de concordância é uma estratégia eficiente para que o autor se aproprie do discurso do outro como uma forma de validação/confirmação dos resultados alcançados pela pesquisa por ele desenvolvida, o que também contribui para a argumentação do texto.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, se faz presente nesse trecho no momento em que notamos que o discurso alheio passa a “contaminar” as ideias do autor. Dito de outro modo, o discurso do autor recebeu influências diretas do discurso alheio e, assim, tais influências passaram a determinar o que foi dito pelo autor do artigo. No caso, as respostas dos participantes da pesquisa foram de grande relevância principalmente porque foram a base por meio da qual o autor pode chegar à discussão dos resultados e, conseqüentemente, às conclusões apresentadas pela pesquisa. Assim, o uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* se mostrou um recurso eficiente para que o autor pudesse tecer as implicações sociais da pesquisa por ele realizada.

Na seção de considerações finais do artigo, outra passagem analisada também vai ao encontro do que foi dito anteriormente. Ela é representativa do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única e discurso antecipado, disperso, oculto*. Afigura-se da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Como citado por um dos cegos que participaram do projeto, chegou a hora de dar um basta na acessibilidade para ‘inglês ver’. É fundamental que as ações voltadas à acessibilidade contribuam verdadeiramente para o processo de inclusão social dos marginalizados.

Como pode ser visto, EICE se vale do discurso alheio a fim de que fala alheia se torne objeto por meio da sua voz, caracterizando o *discurso objetificado*. Assim, a unidade de enunciação do discurso citado “serve” às intenções do projeto discursivo do autor. No que toca ao *discurso bivocal de orientação única*, como temos em cena uma relação de concordância entre as vozes citadas na passagem, temos também que tais vozes estão seguindo uma única orientação, o que caracteriza esse tipo de discurso na atuação da construção do trecho. Por fim, o uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* se faz presente nessa passagem especialmente no momento em que notamos que o discurso autoral recebe influências diretas do discurso citado e por meio das quais tece as implicações decorrentes do estudo empreendido. Implicações segundo as quais é fundamental que as ações voltadas à acessibilidade contribuam de forma efetiva para o processo de inclusão social, sobretudo das pessoas cegas.

O segundo artigo listado na edição atual do periódico sob análise está intitulado “A comunicação mediada pelas tecnologias como fator de influência no desempenho de equipes em projetos de design de moda”. Novamente, para a análise dos tipos e variantes de discurso encontrados no artigo e que constituem a construção dele, recorreremos, desta feita, à identificação “E2CE — escrevente 2 (Ciências Exatas)” a fim de designar o(s) autor(es) do segundo artigo científico publicado na edição “atual” do periódico em questão relativo à grande área de Ciências Exatas.

O primeiro trecho a ser analisado se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Observa-se, no entanto, que a comunicação mediada por computador tem gerado algumas dificuldades, principalmente no que tange à interação e fluxos de informação entre os membros da equipe. Estudos têm sido realizados para identificar os principais problemas gerados por esse novo ambiente, e entender quais são os melhores métodos para viabilizar esse tipo de equipe.

Essa passagem é representativa do *discurso bivocal de orientação vária* e do *diálogo velado*. Quanto ao *discurso bivocal de orientação vária*, notamos sua atuação no momento em que E2CE tece o seu discurso com base numa orientação diametralmente oposta em relação ao que por outra voz é dito. Assim, ambas as vozes presentes — a do discurso autoral e a do discurso do outro — estão servindo a fins opostos àqueles originalmente empregados. No caso em questão, as vozes estão seguindo uma orientação oposta, pois, para E2CE, diferentemente do que é dito por outras vozes, a comunicação mediada por computador gera algumas dificuldades, ou seja, não dispõe apenas de aspectos positivos. O autor, então, se vale do *discurso bivocal de orientação vária* para ilustrar esse confronto presente entre ambas as vozes; confronto esse cuja presença se dá em função da atuação de vozes que estão seguindo orientações opostas entre si.

Quanto ao uso do *diálogo velado*, é possível perceber a sua atuação no momento em que podemos sentir a presença de um outro de forma velada. Assim, quando E2CE aponta que estudos estão sendo realizados acerca da problemática da comunicação mediada por computador, o faz com base na presença *velada* de um outro, pois se utiliza de uma estratégia de argumentação — a menção a outros estudos — como uma forma de embasar teoricamente o que está sendo dito por ele. Em outras palavras, E2CE antecipa possíveis réplicas de seus destinatários acerca da problemática da comunicação mediada por computadores, pois considera, por exemplo, a possibilidade de haver um questionamento por parte de seu(s) interlocutor(es) acerca das soluções para a problemática posta em causa. Desse modo, ainda que de forma velada, podemos “sentir” a presença de um outro com o qual E2CE dialoga, pois considera suas réplicas no momento em que apresenta/cita outros estudos que têm sido desenvolvidos nessa seara.

O próximo trecho sob análise se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Diante desse contexto, buscou-se, através da análise dos processos comunicacionais em relação à organização do conteúdo mediado pelas tecnologias, entender se os atributos de resposta imediata, ensaiabilidade, reprocessabilidade, variedade de símbolos e paralelismo estão presentes nos canais de comunicação e, nesse caso, como influenciam as equipes de design de moda.

Essa passagem é representativa do *discurso direto orientado para o referente*. Por meio dele, E2CE apresenta o objetivo geral de seu trabalho e, para apresentar esse objetivo, o seu discurso volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, a saber: a compreensão de como os atributos de resposta imediata influenciam as equipes de *design* de moda. Assim, para E2CE importa mesmo, neste momento, apenas o referente, e não o que dizem outras vozes. Por isso, o discurso autoral não aparece envolto por outras vozes, dado que importa mesmo, para E2CE, apenas um único referente: o objetivo de sua pesquisa. Podemos inferir, portanto, que o uso do *discurso direto orientado para o referente* é uma estratégia produtiva para a apresentação do(s) objetivo(s) concernente(s) a uma determinada pesquisa.

A próxima passagem sob análise é representativa do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única, discurso antecipado, disperso, oculto e discurso direto substituído*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Para ter êxito, o receptor deve compreender a mensagem que o emissor teve pretensão de enviar. Ambos devem concordar na compreensão e significado da mensagem. Essa teoria, proposta por Shannon e Weaver (1949), indica que, para haver a transmissão, o emissor codifica a mensagem, utiliza um canal e a envia ao receptor, que, ao recebê-la, deve decodificá-la, para que haja o entendimento da mensagem. A comunicação é um dos aspectos mais pesquisados, em se tratando de equipes virtuais. Muitos estudos abordam seu efeito considerando a interdependência da tarefa e relatam que há muita divergência quanto à influência da utilização das TICs no desempenho das equipes.

Quanto à atuação do *discurso objetificado*, percebemos que o próprio discurso de outros autores funciona como o objeto de discurso do autor. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina, “serve” às intenções do projeto discursivo do autor na medida em que E2CE se vale da teoria de Shannon e Weaver para tecer suas próprias considerações na composição de seu artigo a respeito da temática por ele desenvolvida. Portanto, o discurso trazido pelos autores com os quais E2CE dialoga se torna o próprio objeto de discurso do autor. Esse *discurso objetificado* serve como a base a partir da qual o autor parte para a descrição da importância da comunicação em seu trabalho. Por isso, o discurso alheio “serve”, se subordina às intenções do projeto discursivo do autor.

A atuação do *discurso bivocal de orientação única* também se faz sentir nesse trecho na medida em que as vozes presentes estão seguindo uma única orientação — a orientação prescrita por E2CE. Assim, as vozes presentes não entram em conflito, dado que elas convergem para uma única orientação. Especificamente o trecho “ambos devem concordar na compreensão e significado da mensagem” também ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, dado que ambos — discurso autoral e discurso alheio — compartilham da mesma orientação em relação a essa noção de comunicação. Por isso, o discurso alheio trazido serve como base para que o autor teça seus pontos de vista em relação à importância da comunicação no desempenho das equipes, pois as vozes em cena convergem para uma única orientação: a orientação prescrita pelo autor.

A atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* se faz sentir nessa passagem no momento em que notamos que o discurso alheio — o discurso citado — passa a “contaminar” o discurso autoral. Assim, o discurso autoral recebe influências *diretas* do discurso de outrem. No caso do trecho sob análise, a teoria trazida pelo autor serviu como fundamentação teórica e interferiu diretamente nas próprias considerações do autor a respeito da importância da comunicação no desempenho das equipes de moda. Por isso, o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral, dado que o autor e as vozes citadas compartilham dos mesmos pontos de vista no que tange à visão a ser concebida em relação à comunicação.

No que toca à atuação do *discurso direto substituído*, notamos que o autor fala *pelo* outro, fala *no lugar* desse outro. Nesse caso, o autor fala no lugar de Shannon e Weaver — os proponentes da teoria. Assim, os autores da teoria não precisaram anunciar no que consiste essa teoria; E2CE mesmo faz isso ao citar que a teoria indica os modos pelos quais se dá a transmissão da comunicação. Portanto, percebemos a atuação do *discurso direto substituído* no momento em que o autor fala *pelo* e *no lugar* do outro ao apresentar no que consiste determinado estudo.

O próximo trecho sob análise se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Diante do exposto, percebe-se que para a resolução de uma tarefa pode haver muitos processos comunicacionais, pois, se a tarefa produz equívoco, é necessária a adoção de algumas estratégias para resolvê-lo.

A passagem é ilustrativa da atuação do *discurso direto orientado para o referente* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Com relação ao *discurso direto orientado para o referente*, notamos sua presença no momento em que, para E2CE, importa apenas o referente — a resolução de uma tarefa —, bem como o que ele diz acerca desse referente; não importa, portanto, o que dizem outras vozes acerca desse objeto. Esse recurso — o uso do *discurso direto orientado para o referente* — se mostra eficiente principalmente quando o autor quer ser mais preciso e objetivo em suas palavras; por isso, seu uso é mais recorrente quando o discurso autoral propõe, por exemplo, intervenções com vistas à resolução de determinada problemática discutida.

Relativamente ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, notamos sua atuação no momento em que percebemos que o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. No caso em questão, E2CE tece suas considerações com base no que também foi dito por outros autores — outros discursos com os quais E2CE dialoga — acerca da resolução de uma tarefa. Assim, as considerações feitas por E2CE são tecidas tendo por base as influências *diretas* que recebe do discurso alheio. Faz-se relevante pontuar, portanto, nesse particular, que, embora tenhamos a presença do *discurso direto orientado para o referente*, cuja principal função é voltar-se exclusivamente a um determinado objeto, o discurso autoral se vale das influências que recebe do discurso do outro para se referir a apenas um único referente. Sendo assim, não importa, neste momento, o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente, visto que a importância dada a essas outras vozes foi considerada em momentos passados.

A passagem a seguir ilustra a atuação dos seguintes tipos de discurso: *discurso antecipado, disperso, oculto, discurso objetificado* e *discurso bivocal de orientação única*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O design se processa através de tomadas de decisões racionais e articuladas, agregadas a processos criativos. É uma forma de sistematizar métodos com o intuito de melhorar e otimizar regras e critérios. (BURDECK, 2006).

No que toca à atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, percebemos o modo pelo qual o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. Dito de outro modo, a

menção ao autor — Burdeck — se configura a atuação desse tipo de discurso na medida em que as considerações tecidas por E2CE recebem influências diretas do discurso alheio. Assim, o autor — E2CE — compreende o *design* como uma forma de sistematizar métodos cujo intuito é melhorar e otimizar regras e critérios. O escrevente compreende o *design* dessa forma justamente porque recebeu influências diretas da concepção de outrem; essa concepção, por sua vez, é trazida ao discurso de E2CE por meio da manifestação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

Quanto à atuação do *discurso objetificado*, percebemos sua presença no momento em que a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. Assim, a fala do discurso do outro se torna objeto por meio da voz do escrevente. No caso do trecho sob análise, o discurso alheio trazido “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CE, pois o escrevente bebe na fonte do discurso alheio para trazer suas considerações a respeito do *design*; por isso, a fala do discurso alheio é objetificada por meio da voz do autor.

O *discurso bivocal de orientação única*, por sua vez, se faz presente na composição desse trecho na medida em que é possível perceber que ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma única orientação: a orientação prescrita pelo autor. Desse modo, ambas as vozes estão seguindo a mesma orientação; essa orientação é aquela sobre o modo de se entender o *design*. Ambas as vozes, portanto, compartilham da mesma compreensão acerca do *design*; por isso, a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

A próxima passagem sob análise é ilustrativa da atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto, discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única* e *discurso direto substituído*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Este método estatístico é capaz de fornecer informações sobre como a combinação de variáveis explicativas está relacionada à variável critério (desempenho) e qual é a contribuição relativa de cada uma delas. Portanto, têm-se os efeitos cumulativos de um grupo de variáveis explicativas na variável dependente. (DANCEY; REIDY, 2013).

O *discurso antecipado, disperso, oculto* se faz perceber nesta passagem no momento em que o discurso de E2CE é determinado pelo discurso alheio; esse discurso — discurso alheio — passa a “contaminar” o discurso autoral. No caso da passagem em questão, o discurso de E2CE em relação à funcionalidade deste método estatístico é determinado pelas palavras do discurso de outrem, sem as quais o seu discurso não traria essas ideias — ou não traria essas ideias com a mesma carga semântica e a mesma compreensão. Assim, o discurso autoral recebe influências *diretas* do discurso alheio e, por isso, o discurso autoral é determinado pelas influências que recebe.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz presente na passagem no momento em que a unidade de enunciação do discurso alheio — pesquisadores com os quais E2CE dialoga — subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. Assim, o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CE na medida em que a paráfrase do pensamento concernente ao discurso alheio é trazida à tona por meio da voz do autor. A construção do trecho, portanto, “bebe” na fonte da unidade de enunciação do discurso alheio.

O *discurso bivocal de orientação única* está presente nesse trecho quando ambos — discurso autoral e discurso alheio — compartilham da mesma compreensão acerca do método estatístico. Assim, as vozes presentes na construção desse trecho estão seguindo uma única orientação, aquela prescrita pelo autor do texto. Por isso, há no trecho uma orientação única e por isso também há a atuação do *discurso bivocal de orientação única* na construção dessa passagem.

Ainda que não muito nitidamente, também podemos perceber a atuação do *discurso direto substituído* na construção dessa passagem. O autor (E2CE) fala *no lugar* do discurso alheio ao citar a funcionalidade deste método estatístico. Originalmente, essa fala trazida concerne aos pesquisadores com os quais E2CE dialoga; ao trazer essa fala de outros autores, E2CE, ainda que de forma indireta, fala *no lugar* desses autores, em nome desses autores. Esses autores, portanto, não precisam falar por si mesmos acerca de suas interpretações, de suas visões em relação ao tema que é exposto no artigo, visto que o discurso de E2CE faz isso *no lugar* deles.

O próximo trecho sob análise apresenta em sua constituição a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, do *discurso direto orientado para o referente* e do *diálogo velado*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Há, em todas as demais, um agente concentrado da informação, onde o fluxo segue ambas as direções de idas e vindas, sendo redirecionado conforme necessidade. Há a bidirecionalidade do fluxo de mensagens, porém, por causa desse agente concentrador da informação, não se cria uma rede de interação mútua com todos os indivíduos-chave que participam do processo.

O *discurso direto orientado para o referente* atua nesse trecho quando da construção do tópico frasal do parágrafo. Sendo assim, o discurso volta-se única e exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: o agente concentrado da informação. Neste momento, não importa, para E2CE, o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente; importa apenas o referente, o objeto sobre o qual se fala. Por isso, o uso do *discurso direto orientado para o referente* se mostra uma estratégia eficiente para a construção do tópico frasal, dado que, neste momento, se anuncia/introduz o assunto sobre o qual se discorrerá no parágrafo. Não cabem, portanto, pelo menos neste momento e neste espaço, outras considerações, outras vozes a respeito desse objeto. Por isso, o discurso está orientado para o referente.

No que toca ao uso do *discurso bivocal de orientação vária* e do *diálogo velado*, notamos suas atuações especialmente a partir do segundo período do trecho sob análise. Nesse período, há uma contradição entre ideias — entre ideias concernentes ao discurso autoral e ideias concernentes ao discurso alheio. No trecho em questão, não notamos explicitamente um diálogo com outras vozes, com outros pesquisadores; no entanto, esse diálogo é tecido no momento em que as vozes presentes não convergem para uma mesma orientação em relação ao uso do agente concentrador da informação. Para outros pesquisadores, esse agente só traz efeitos positivos quando de sua implementação; para o autor, entretanto, a utilização desse agente não cria uma rede de interação mútua com todos os indivíduos. Por isso, temos em cena um confronto entre o discurso autoral e o discurso alheio; confronto esse que pode ser visualizado por meio do *discurso bivocal de orientação vária* e do *diálogo velado*.

Na próxima passagem sob análise, podemos notar a atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Na parte da ideação, ou criação, quando o processo organizacional parece não estar bem definido, onde as informações são repassadas de maneira muito informal, o processamento da informação fica prejudicado, assim como sua qualidade, produzindo incertezas, conflitos e ambiguidades, o que é corroborado em estudos de Lin, Standing e Liu (2008) e Gressgard (2011).

No que toca à atuação do *discurso objetificado*, ele cumpre a função, na passagem sob análise, de objetificar o discurso de outros pesquisadores com os quais E2CE dialoga para a construção de seu texto. Sendo assim, a unidade de enunciação do discurso alheio está *a serviço* da unidade de enunciação do discurso autoral, de que é objeto. Na passagem em questão, a fala de outros pesquisadores se torna objeto por meio da voz do autor e, assim, o discurso alheio — a fala de outros pesquisadores — “serve” ao propósito discursivo do autor.

Quanto à atuação do *discurso bivocal de orientação única*, notamos sua presença no momento em que percebemos que há duas vozes, porém essas vozes estão seguindo uma única orientação — aquela orientação prescrita pelo autor do texto. Sendo assim, como vimos que o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo do autor por meio da atuação do *discurso objetificado*, notamos, também, que as vozes convergem para uma única orientação: não há, portanto, um conflito entre ambas as vozes. Disso podemos depreender que, na maioria das vezes, onde há atuação do *discurso objetificado*, há, também, a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, se faz sentir nesse trecho no momento em que notamos que o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. Dito de outro modo, a passagem sob análise somente foi construída por meio do que disseram outras vozes; assim, o discurso autoral acaba por se embasar no discurso alheio e, portanto, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio. Essas influências podem ser claramente identificadas no momento em que E2CE cita o fato de o discurso autoral ser corroborado por autores com base em pesquisas realizadas anteriormente.

No que concerne à atuação do *discurso direto substituído*, esse discurso cumpre a função, na passagem sob análise, de *antecipar* o discurso alheio; assim, o autor fala pelo outro, fala no lugar do outro. Dito de outro modo, o discurso autoral fala em nome dos pesquisadores

com os quais E2CE dialoga e, nesse sentido, não é necessário que os próprios pesquisadores falem a respeito de sua teoria, dado que o discurso autoral fala *pelo* discurso alheio.

A próxima passagem sob análise é representativa da atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como essa passagem se apresenta no todo composicional do artigo:

Isso foi também um ponto ressaltado pelo indivíduo E9. Além dos aspectos culturais que têm influência nisso, existe também a falta de preparação técnica para o trabalho industrial, ou falta de experiência no mesmo, que podem agravar desentendimentos.

O *discurso objetificado* se faz sentir nessa passagem no momento em que percebemos que a fala do discurso alheio — o discurso do indivíduo E9 — “serve” às intenções do projeto discursivo do autor. Assim, a fala do indivíduo E9 se torna objeto por meio da voz do autor e se subordina à unidade de enunciação do autor, de que é objeto. O discurso autoral, portanto, objetiva o discurso alheio e, assim, o próprio discurso do indivíduo E9 funciona como o objeto do discurso do autor. Paralelamente a essa objetivação do discurso alheio está o *discurso bivocal de orientação única*, pois ambas as vozes convergem para uma mesma orientação — a orientação prescrita pelo autor. Ainda que seja um ponto ressaltado pelo indivíduo E9, esse ponto serve para o tecer das considerações do autor; por isso, ambos — discurso autoral e discurso alheio — convergem para uma mesma orientação.

O *discurso direto substituído*, por sua vez, se faz sentir nesse trecho no momento em que notamos que o autor fala *no lugar* do discurso alheio — nesse caso, fala no lugar do indivíduo E9. Assim, a fala do indivíduo E9 é trazida a lume por meio da voz do autor e por meio também, principalmente, da atuação do *discurso direto substituído* na constituição dessa passagem.

A próxima passagem sob análise é representativa da atuação do *discurso direto impressionista*, *discurso direto substituído* e do *discurso bivocal de orientação única*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

O E8 identifica a falta de estruturação da informação como grande causadora de conflitos, confirmado por E10, que relata: "Sempre tem algum impasse, que volta para a questão da informação".

Quanto ao uso do *discurso direto impressionista*, notamos sua presença no momento em que há a transmissão do *discurso interior* dos indivíduos participantes da pesquisa. Por meio do uso desse tipo de discurso, o discurso autoral acaba por revelar, de um modo ou de outro, o que está no âmago do discurso interior dos sujeitos participantes da pesquisa. Dito de outro modo, no caso da passagem em questão, o autor — E2CE — revela o discurso interior dos sujeitos participantes da pesquisa no que toca à falta de estruturação da informação e, assim, fala por esses sujeitos participantes da pesquisa. Nesse caso, E2CE não apenas cita o discurso dos sujeitos participantes da pesquisa, como também revela a opinião deles acerca da falta de estruturação da informação; opinião segundo a qual essa falta de estruturação seria a grande causadora de conflitos.

Como o discurso autoral acaba por revelar o que está no âmago do discurso interior dos sujeitos participantes da pesquisa, constatamos também a atuação do *discurso direto substituído* no trecho sob análise. Desta feita, o autor fala *no lugar* dos sujeitos participantes da pesquisa; não sendo necessário, portanto, que os sujeitos da pesquisa falem por si próprios, dado que o autor fala por e no lugar deles ao introduzir os seus respectivos relatos.

Especialmente no trecho “confirmado por E10”, percebemos a atuação do *discurso bivocal de orientação única*. Nesse caso, há duas vozes — a voz de E8 e a voz de E10 — e essas vozes estão seguindo a mesma orientação; orientação segundo a qual a falta de estruturação da informação seria a grande causadora de conflitos. Esse fato, por sua vez, é confirmado posteriormente pela voz de E10.

O próximo trecho a ser analisado é representativo do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de tipo ativo*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Esses dados corroboram com pesquisas como as de Hambley, O'Neill, Kline (2007) que chegaram a resultados que a comunicação presencial traz interações mais construtivas. Outros trabalhos constataram que conflitos de tarefa quando ocorrem em equipes com baixo grau de virtualidade têm impacto negativo no desempenho percebido da equipe (DE JONG, SCHALK, CURSEU, 2008).

Quanto ao uso do *discurso objetificado*, notamos sua atuação na constituição do trecho no momento em que o discurso trazido — o discurso de pesquisadores com os quais E2CE dialoga — “serve” às intenções do projeto discursivo do autor. Nesse caso, a voz do discurso alheio se torna objeto por meio da voz do autor, pois o autor se vale desse objeto — as pesquisas citadas — para introduzir suas próprias considerações.

O uso do *discurso bivocal de tipo ativo*, por sua vez, se faz sentir nesse trecho no momento em que percebemos que a voz alheia — o discurso do outro — não é submisso às intenções de outras vozes, havendo, portanto, um confronto entre as vozes. No trecho em questão, quando E2CE cita outros trabalhos comparados àqueles anteriormente ditos, percebemos que há um conflito entre as vozes citadas, pois, se, para as pesquisas anteriormente citadas, a comunicação presencial traz interações mais construtivas; por outro lado, para os outros trabalhos posteriormente citados, o baixo grau de virtualidade apresenta um aspecto negativo no que tange à resolução de conflitos de tarefa. Assim, o discurso alheio — o discurso trazido por outros trabalhos — não se submete às intenções, não é submisso ao que por outras vozes foi dito anteriormente.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, se faz perceber nesse trecho no momento em que notamos que o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral. Desse modo, ao citar que os dados trazidos pela pesquisa de E2CE corroboram o que é dito por outros autores, esse tipo de confirmação é feito por meio das influências *diretas* que o discurso autoral recebeu do discurso alheio.

O *discurso direto substituído* se faz perceber nesse trecho especialmente quando da construção “que chegaram a resultados que a [...]”, pois neste momento notamos que o autor — E2CE — fala *no lugar* desses pesquisadores, fala por esses autores ao citar os resultados a que chegaram. Desse modo, por meio do *discurso direto substituído*, o autor fala por outros

autores com os quais dialoga; não sendo necessário, portanto, que esses autores falem a respeito de suas respectivas pesquisas, dado que E2CE fala por eles, fala *em nome* desses autores.

A próxima passagem sob análise é ilustrativa da atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso objetificado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Estudos realizados durante a pandemia causada pela COVID-19 trazem resultados semelhantes e atribuem maior importância ao fato de a comunicação face a face gerar maior eficácia e desempenho da equipe (STRATONE et al., 2022).

Quanto à atuação do *discurso bivocal de orientação única*, notamos sua presença no momento em que as vozes presentes no trecho sob análise convergem para uma única orientação; orientação segundo a qual a comunicação face a face gera maior eficácia e desempenho da equipe. Não há, portanto, conflitos entre as vozes citadas, pois elas convergem para uma única orientação, para a mesma orientação.

O *discurso objetificado*, por sua vez, é presente na composição desse trecho no momento em que percebemos que o discurso trazido — o discurso de outros pesquisadores — se torna objeto por meio da voz do autor. Assim sendo, a unidade de enunciação dos autores citados se subordina à unidade de enunciação de autor, servindo aos propósitos discursivos deste. O próprio discurso trazido, portanto, é também o próprio objeto de discurso do autor. Por isso, o discurso do outro “serve” às intenções do projeto discursivo do autor.

No concernente ao *discurso direto substituído*, notamos sua atuação no momento em que o autor fala *pelos* pesquisadores com os quais dialoga. E2CE, assim, fala *no lugar* dos estudos realizados durante a pandemia causada pela COVID-19. Desse modo, os estudos realizados durante a pandemia entram em cena graças à voz do autor, graças ao discurso autoral. Se não fosse pela voz do autor, não haveria como esses discursos alheios serem citados, tampouco fazerem parte do projeto discursivo do autor ao expor as ideias de outros pesquisadores. Assim, E2CE fala por esses autores; não sendo necessário que eles mesmos apresentem as suas ideias ou discutam os resultados a que chegaram com base nas respectivas pesquisas por eles desenvolvidas.

O próximo e último trecho sob análise, correspondente ao segundo artigo publicado na edição “atual” do primeiro periódico relativo à área de Exatas, é ilustrativo da atuação do *diálogo velado*, *discurso direto orientado para o referente*, *discurso bivocal de orientação única* e *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

Mesmo sendo, o presente estudo, realizado antes do advento da pandemia causada pela COVID-19, o que foi observado na pesquisa bibliográfica pós pandemia são dados que corroboram as pesquisas anteriores, indicando que a confiança das equipes virtuais se estabelece a partir de uma comunicação e liderança eficientes, o que leva a uma coesão da equipe (GARRO-ABARCA; PALOS-SANCHEZ; AGUAYO-CAMACHO, 2021).

Quanto ao uso do *diálogo velado*, podemos notar a sua atuação nesse trecho no momento em que o autor — E2CE — tece uma ressalva em relação ao seu estudo com base na presença de um outro de forma velada; esse outro, nesse contexto, é entendido como o(s) seu(s) interlocutor(es), e não pesquisadores com os quais eventualmente dialoga na composição do texto. Com base na presença oculta de um outro, E2CE realiza a observação segundo a qual, embora o estudo tenha sido realizado antes do advento da pandemia, os resultados a que chegou em sua pesquisa são os mesmos daqueles encontrados em pesquisas realizadas depois do advento da pandemia. Essa ressalva é importante para a coerência do texto, pois leva em conta o momento em que se deu a pesquisa. Faz-se relevante pontuar, ainda, que essa ressalva se deu em *diálogo velado* com os possíveis interlocutores deste artigo — sejam pareceristas, sejam leitores. Em síntese, E2CE antecipa possíveis réplicas à eventual indagação: “como os resultados poderiam ser os mesmos se a pesquisa foi realizada antes do advento da pandemia de COVID-19?”. Essa réplica (presente no texto em forma de ressalva) — a menção ao fato de a pesquisa ter sido realizada antes da pandemia — é feita por meio do *diálogo velado* com os seus possíveis interlocutores.

O *discurso direto orientado para o referente*, por sua vez, se faz perceber no trecho especialmente no momento em que E2CE cita os dados que foram observados na pesquisa bibliográfica em trabalhos anteriores. Nesse momento, o discurso autoral — discurso de E2CE — se volta exclusivamente a um determinado objeto; esse objeto, no caso, seriam os dados

observados na pesquisa bibliográfica. Sendo assim, ao enunciador — para E2CE — importa apenas o referente (dados observados nas respectivas pesquisas bibliográficas), e não o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente.

No que concerne ao *discurso bivocal de orientação única*, sua atuação é percebida na constituição do texto ao notarmos que as vozes presentes — discurso autoral e discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. No caso do trecho em questão, essa orientação reflete a confiança das equipes virtuais; essa confiança, com base nas vozes presentes para a construção do trecho, se dá a partir de uma comunicação e liderança eficientes. Assim, as vozes trazidas, o discurso alheio trazido em forma de pesquisas anteriores, convergem para uma única orientação: a orientação prescrita pelo autor do texto. Portanto, tais vozes trazidas também contribuem para a construção do projeto discursivo de E2CE.

Por fim, no que toca ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, sua atuação é percebida no momento em que o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. No caso da passagem sob análise, o discurso concernente a outras pesquisas anteriormente realizadas serve como a base a partir da qual o autor tece as suas próprias considerações. Assim, a orientação segundo a qual a confiança das equipes virtuais se estabelece a partir de uma comunicação e liderança eficientes é trazida a lume na composição do artigo de E2CE por meio da atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Portanto, as considerações tecidas por E2CE em relação à confiança das equipes virtuais receberam influências *diretas* do pensamento de outrem — do discurso alheio.

O terceiro artigo publicado na edição “atual” do periódico sob análise, correspondente à área de Ciências Exatas, intitula-se “A metodologia TXM Business aplicada ao desenvolvimento de novos negócios na área de tecnologia”. Para a análise dos trechos selecionados, recorreremos, desta feita, à identificação “E3CE – (escrevente 3 Ciências Exatas). O primeiro trecho a ser analisado se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Estes dados apontam para um aumento no interesse pelo empreendedorismo inovador como oportunidade de desenvolvimento econômico e profissional. No entanto, o processo de criação de um novo negócio é complexo, e envolve muitos riscos, o que acarreta em um índice significativo de empresas que encerram suas atividades nos primeiros anos de existência.

Ele é representativo da atuação do *discurso bivocal de orientação vária, discurso direto orientado para o referente e discurso direto substituído*. O *discurso bivocal de orientação vária* se faz presente nesse trecho especialmente quando da presença da conjunção adversativa “no entanto”, a qual introduz pontos de vista divergentes em relação a um mesmo tema. Sendo assim, as vozes estão seguindo uma orientação diametralmente oposta; não estão voltadas, portanto, para uma mesma e única orientação. No trecho em específico, há um conflito entre o que dizem as vozes em relação ao empreendedorismo inovador como uma fonte de desenvolvimento econômico e profissional. Para os dados apresentados, esse empreendedorismo seria uma fonte de desenvolvimento econômico e profissional; entretanto, para o autor — E3CE —, esse empreendedorismo inovador envolve muitos riscos, promovendo um índice significativo de empresas que encerram suas atividades nos primeiros anos de existência. Há, portanto, um conflito entre ambas as vozes: elas não estão seguindo a mesma orientação. Nisso reside a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

Quanto à atuação do *discurso direto orientado para o referente*, notamos sua presença no momento em que o discurso de E3CE volta-se exclusivamente a um único objeto, a um determinado referente. Nesse caso, o discurso de E3CE volta-se exclusivamente aos dados que introduzem o parágrafo. Neste momento, importa, para E3CE, apenas esse referente para o qual o seu discurso está voltado — os dados —, e não o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente. Dito de outro modo, o discurso de E3CE considera apenas o referente, bem como apenas a interpretação que ele mesmo faz acerca desse referente, acerca desses dados.

O *discurso direto substituído*, por sua vez, se afigura nesse trecho no momento em que E3CE fala em nome do discurso alheio; fala *no lugar* do discurso do outro. Especificamente nesse trecho, o autor — E3CE — fala no lugar da literatura especializada com a qual dialoga, apresentando a interpretação dela acerca dos dados (acerca do empreendedorismo inovador). Assim sendo, as interpretações da literatura com a qual o autor dialoga apenas são apresentadas na estrutura composicional do texto por meio da voz do autor e por meio, portanto, da atuação do *discurso direto substituído*.

O próximo trecho sob análise é ilustrativo da atuação do *discurso objetificado, discurso direto orientado para o referente e discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2015), o número de Startups que morrem antes de completarem 1 ano é de 25%, e outros 50% morrem em até 4 anos.

O *discurso objetificado* orienta em grande parte a construção desse trecho. Por meio dele, o discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor. Assim, a fala alheia se torna objeto por meio da voz do autor. No caso do trecho em questão, a unidade de enunciação do discurso alheio — o que é dito pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) — “serve” aos propósitos discursivos do autor na medida em que funciona como uma estratégia de argumentação ao trazer dados que exemplificam o que pelo autor é dito. O discurso do outro, portanto, se sujeita às intenções do projeto discursivo do autor, tornando-se objetificado.

Quanto à atuação do *discurso direto orientado para o referente*, notamos sua função na construção do texto na medida em que o discurso de E3CE, neste momento, volta-se exclusivamente a um único e determinado objeto — os dados apontados pelo SEBRAE. Nessa direção, importa mesmo para E3CE apenas o referente (os dados apresentados pelo SEBRAE), e não o que dizem outras vozes acerca desse mesmo objeto. Por isso, o discurso autoral procura se adequar ao máximo ao objeto para o qual está voltado, dado que importa mesmo para o autor apenas o referente.

O *discurso direto substituído*, por sua vez, se faz perceber nesse trecho no momento em que E3CE fala *no lugar* do discurso alheio. Dito por outras palavras, E3CE fala pelo SEBRAE ao apontar os dados apresentados pelo serviço brasileiro. O autor, portanto, fala pelo SEBRAE, que se apresenta como o discurso alheio trazido para a construção do trecho, não sendo necessário que o SEBRAE fale por si próprio.

O próximo trecho sob análise é representativo da atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Para ele, uma startup é uma “instituição humana projetada para criar um produto ou serviço sob condições de incerteza extrema” (RIES, 2019, p.35).

O discurso é *orientado para o referente* no momento em que percebemos que o autor não se posiciona em relação à temática abordada no artigo neste momento. Nesse cenário, importa para o discurso autoral apenas o referente — a consideração de um pesquisador acerca de uma *startup*. Não importa, portanto, o que dizem outras vozes acerca desse referente; mas apenas a voz do autor em específico com o qual E3CE dialoga. Mais do que isso: não importa, neste momento, nem mesmo a própria voz do autor, visto que ele não se posiciona em relação à temática das *startups*; importa apenas o referente para o qual o seu discurso encontra-se voltado. Isso posto, podemos inferir que o *discurso direto orientado para o referente* pode ser um recurso linguístico eficiente quando o autor não deseja se posicionar em relação a alguma temática; quando o autor procura se esquivar de um assunto (por vezes polêmico) em relação a determinada temática abordada.

O uso do *discurso direto preparado* é notado nesse trecho no momento em que o autor antecipa o discurso alheio por meio do recurso a uma citação direta. A escolha de “para ele” introduz o que por outro autor foi dito e com o qual E3CE dialoga; porém sem se posicionar. Desse modo, o discurso autoral prepara, antecipa e introduz o discurso alheio. Também pode ser um recurso eficiente para a omissão do autor quanto à temática discutida, pois o discurso refere-se apenas ao discurso do outro; não entra em cena, portanto, a voz do autor.

O *discurso direto substituído* se faz notar nesse trecho no momento em que o autor fala *no lugar* do pesquisador trazido para o seu artigo; fala por esse pesquisador. Assim, ao introduzir a fala do outro de uma maneira totalmente igual ao que o outro disse por meio do recurso à citação direta, o autor fala *no lugar* do outro. No entanto, ainda que fale no lugar do outro, a voz do autor — entendida como o posicionamento do autor — não entra em cena, pois o discurso autoral substitui a fala do discurso alheio e, portanto, o discurso autoral não faz parte desse diálogo, tampouco recebe influências, indiretas ou diretas, do discurso do outro.

O próximo trecho a ser analisado é representativo da atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso objetificado, discurso antecipado, disperso, oculto e discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

O processo de criação do primeiro produto de uma empresa, seja ela tradicional ou inovadora, deve levar em consideração a demanda do mercado, as necessidades dos clientes, a viabilidade técnica do novo produto, estratégias de marketing e venda da solução, entre outras questões que irão gerar valor, e assim, garantir a sustentabilidade econômica e o crescimento do negócio (OSTERWALDER, 2019).

Quanto ao *discurso bivocal de orientação única*, ele se faz presente nesse trecho no momento em que percebemos a presença de duas vozes; todavia essas vozes estão seguindo uma única orientação: a orientação prescrita pelo autor do texto. Portanto, ambas as vozes — as vozes do discurso autoral e do discurso alheio — estão convergindo para uma mesma e única orientação; orientação conforme a qual o processo de criação do primeiro produto de uma empresa passa por uma série de questões, as quais visam à garantia da sustentabilidade econômica e o crescimento do negócio.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz perceber nessa passagem no momento em que a voz trazida — o discurso alheio — “serve” às intenções do propósito discursivo concernente ao projeto discursivo do autor. Em outras palavras, a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina à unidade de enunciação do autor, tornando-se objeto por meio da voz do autor. Assim, o próprio discurso alheio funciona como objeto do discurso do autor, refletindo no conteúdo temático do trecho em causa.

O *discurso antecipado, disperso, oculto* se faz notar nesta passagem no momento em que o discurso do outro passa a “contaminar” o discurso autoral. Sendo assim, o discurso de E3CE recebe influências *diretas* do discurso alheio. A atuação desse tipo de discurso é bem evidente na construção da passagem sob análise, pois E3CE realiza uma espécie de paráfrase do discurso alheio por meio do uso de uma citação indireta; desse modo, o que é dito pelo autor do texto, o assunto sobre o qual discorre o autor (conteúdo temático) é diretamente influenciado pelas palavras alheias — pelo discurso alheio dos pesquisadores com os quais E3CE dialoga.

O *discurso direto substituído*, por seu turno, se afigura nesse trecho na medida em que E3CE fala *pelo* autor com o qual dialoga por meio do recurso à citação indireta. Desse modo, por meio também do recurso à paráfrase do pensamento de outrem, E3CE fala em nome do autor com o qual dialoga; não sendo necessário, portanto, que esse autor fale a respeito de seus

pontos de vista acerca da temática, dado que E3CE fala por ele por meio dos seguintes recursos: paráfrase e citação indireta.

A próxima passagem sob análise é representativa da atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Este apoio no desenvolvimento dos empreendedores é uma demanda que pode repercutir diretamente no sucesso da startup. Segundo Machado (2014), existe uma relação entre a formação dos empreendedores e o sucesso das startups, especialmente na área da tecnologia.

No que concerne à atuação do *discurso objetificado*, notamos sua presença exatamente no momento em que o discurso trazido — o discurso do outro — é o próprio objeto do discurso do autor. Colocando-se de outra forma, a unidade de enunciação do discurso alheio — o discurso de Machado — “serve” às intenções do projeto discursivo do autor, pois essa voz alheia trazida ao discurso de E3CE subordina-se à unidade de enunciação do autor, de que é objeto. Assim sendo, o discurso alheio trazido, ao ser objetificado, “serve” às intenções do projeto discursivo do autor por meio de uma estratégia de argumentação segundo a qual trazer o ponto de vista de outro(s) autor(es) renomados na área auxilia na defesa do ponto de vista.

O *discurso bivocal de orientação única*, por sua vez, se faz perceber nesse trecho no momento em que as vozes presentes na construção da passagem convergem para uma mesma e única orientação. Ou seja, não há conflito entre ambas as vozes, pois elas convergem para a mesma orientação; orientação segundo a qual a formação dos empreendedores reflete diretamente no sucesso da *startup*.

Quanto ao *discurso antecipado, disperso, oculto*, sua atuação é percebida no momento em que o discurso alheio “penetra”, passa a “contaminar” e fazer parte do discurso autoral. Assim, o discurso de E3CE é tecido sobretudo com base na voz alheia, na voz correspondente ao discurso de Machado com o qual E3CE dialoga. Portanto, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio, sem as quais certamente o trecho não teria sido construído do modo como foi, tampouco nele estariam contidas as mesmas ideias.

A próxima passagem ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

A ideação, no contexto deste trabalho, é uma atividade inspiracional atrelada à cocriação, ou seja, é uma atividade coletiva que busca, como apontam Maciel e Vitebron (2020, p. 241), “criar novos conhecimentos dentro da organização, bem como identificar novas oportunidades para inovar, por meio da compreensão dos desejos das pessoas, gerando valor a seus clientes”.

O *discurso direto orientado para o referente* se faz presente nesta passagem no momento em que o autor introduz o tema que será exposto no trabalho, qual seja: a ideação. Neste momento, o discurso de E3CE volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Assim, importa, para E3CE, neste momento, apenas o referente — o modo como a ideação é interpretada —, e não alguma outra voz; a não ser a voz que explica detalhadamente a noção de ideação.

No que respeita ao uso do *discurso bivocal de orientação única*, sua atuação é percebida tendo em vista que as vozes presentes na construção do trecho — a voz alheia e a voz autoral — convergem para uma mesma e única orientação. Dito de outro modo, as vozes não entram em conflito, pois convergem para a mesma orientação; essa orientação, por sua vez, representa o modo como a ideação é interpretada no contexto do trabalho. Esse modo de interpretação da ideação é o mesmo para ambos os discursos: o discurso autoral e o discurso do outro; por isso, o discurso apresenta uma única orientação.

O *discurso direto preparado* e o *discurso antecipado, disperso, oculto* assumem funções semelhantes entre si no plano da construção da passagem sob análise. Quanto ao primeiro — *discurso direto preparado* —, sua função é introduzir o discurso alheio; antecipar o discurso de outrem. Isso é feito de modo bastante evidente na passagem sob análise, dado que E3CE se vale do recurso à citação direta para introduzir o discurso dos pesquisadores com os quais dialoga. Quanto ao segundo — *discurso antecipado, disperso, oculto* —, sua função é determinar o que pelo autor foi dito no trecho. Sendo assim, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio, principalmente no início do parágrafo, no momento em que E3CE introduz sob que perspectiva é compreendida a noção de ideação em seu trabalho. Tal perspectiva é a mesma

adotada pelos pesquisadores citados na construção do trecho; por isso, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do pensamento de outrem, de modo até mesmo a determinar o que será dito no discurso autoral.

A próxima passagem sob análise ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

A literatura de empreendedorismo apresenta diversos materiais que servem de apoio para a criação de novos produtos, desenvolvimento do perfil empreendedor e estabelecimento de negócios. Autores como Brown (2009), Ries (2019), Sinek (2018) e Osterwalder (2019) propõem explorações atuais sob o viés da experimentação como estratégia para sustentar a criação de novos produtos e empresas.

No que concerne ao *discurso direto orientado para o referente*, sua atuação é percebida no momento em que o discurso de E3CE volta-se exclusivamente a um único objeto/referente, a saber: a literatura de empreendedorismo. Desse modo, o discurso autoral — discurso de E3CE — procura se adequar ao máximo ao seu objeto; sendo assim, ao enunciador não importa outra voz, e sim apenas o seu referente: a literatura de empreendedorismo. Neste momento, para E3CE, importa apenas falar a respeito desse objeto/referente.

O *discurso objetificado*, por sua vez, é percebido quando o discurso alheio funciona como o próprio objeto de discurso do autor. Dito de outro modo, o discurso do outro se torna objeto por meio da voz do autor, pois o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos de E3CE. No caso do trecho em questão, o enunciador começa a escrever o parágrafo apresentando os estudos desenvolvidos pela literatura de empreendedorismo; o período em seguida apresenta os autores que dão sustentação ao que foi dito no período anterior acerca da literatura de empreendedorismo; por isso, o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos concernentes ao projeto discursivo do autor.

No que toca ao *discurso direto preparado*, percebemos sua atuação no momento em que E3CE antecipa o discurso alheio; no caso o discurso dos pesquisadores com os quais dialoga. Esse tipo de antecipação do discurso alheio é feito de forma indireta, pois o autor não se vale de uma citação direta para transcrever, ao fim e ao cabo, o que foi dito por outros pesquisadores.

O autor, portanto, antecipa o discurso alheio apenas por meio da citação indireta, por meio da qual, também, é dito o que os autores propõem.

Quanto ao *discurso direto substituído*, sua atuação é percebida no momento em que o discurso autoral — o discurso de E3CE — fala pelo discurso alheio; *no lugar* do discurso alheio. Assim, não é necessário, portanto, que os autores falem por si próprios, dado que E3CE cumpre essa função: o discurso autoral fala por esses autores. Por isso, há um discurso que é substituído, visto que E3CE fala *no lugar* do discurso de outrem.

O próximo trecho sob análise ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente* e do *diálogo velado*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A partir das observações apresentadas, o primeiro objetivo deste artigo é alcançado. Observa-se, portanto, que todas as ferramentas possuem influência nos três fatores.

O *discurso direto orientado para o referente* é atuante nesta passagem quando percebemos que o discurso de E3CE se volta única e exclusivamente a um determinado objeto/referente. Esse discurso está voltado para um determinado objeto/referente no segundo período da passagem quando o discurso de E3CE se volta a todas as ferramentas. Sendo assim, para E3CE, importa apenas o referente para o qual o seu discurso está voltado — as ferramentas —, e não alguma outra voz.

O *diálogo velado*, por sua vez, cumpre um importante papel na constituição da escrita desse trecho, especialmente em termos de escrita acadêmica. Quando E3CE aponta que o primeiro objetivo do artigo é alcançado, certamente dialoga mais diretamente com os pareceristas do artigo em causa, dado que o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente. Desse modo, E3CE considera a presença (sentida e não visível) do outro — o parecerista com o qual dialoga — e antecipa réplicas quanto ao cumprimento dos objetivos a que se propõe o trabalho. Tal diálogo contribui em termos temáticos, estilísticos e composicionais concernentes à escrita acadêmica sobretudo porque o cumprimento dos objetivos a que se propõe determinada pesquisa é um dos aspectos avaliados em termos de construção do gênero do discurso artigo científico.

A próxima passagem a ser analisada é representativa da atuação do *discurso objetificado* e do *diálogo velado*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Ressalta-se aqui novamente que a equipe foi premiada como segunda melhor na apresentação do pitch final, o que também respalda as contribuições da TXM Business no desenvolvimento do perfil empreendedor.

O *discurso objetificado* se faz presente nesta passagem no momento em que o discurso de E3CE se volta exclusivamente a um determinado objeto. No caso da passagem em questão, o discurso autoral volta-se aos resultados alcançados pela equipe. Assim, para E3CE, neste momento, importam apenas os resultados alcançados pela equipe; e não alguma outra voz acerca desse mesmo referente — a equipe.

Quanto à atuação do *diálogo velado*, uma vez mais notamos a possibilidade de E3CE dialogar com os seus pareceristas no trecho em questão. O fato de apontar que os resultados alcançados pela equipe respaldam as contribuições da *TXM Business* é uma maneira de dizer que os resultados alcançados comprovam as contribuições da metodologia TXM na pesquisa desenvolvida. Assim, podemos inferir que, por meio do *diálogo velado*, o autor tece estratégias de argumentação que possam comprovar os resultados aos quais chegou em relação à aplicação da metodologia *TXM Business*. Esse *diálogo velado* contribui tanto em termos estruturais do gênero artigo científico quanto em termos de adequação às expectativas dos destinatários — no caso os pareceristas.

O próximo trecho sob análise também é ilustrativo da atuação do *diálogo velado* — uma maneira peculiar de manifestação do *discurso bivocal de tipo ativo*:

Ressalta-se que a equipe respeitou as recomendações previstas pela metodologia TXM Business, acompanhando as atividades de suporte oferecidas e aplicando as ferramentas, o que aumentou o grau de confiança das análises dos resultados.

Nesse trecho, não podemos visualizar a presença de um outro, mas podemos “sentir” essa presença no momento em que o autor dialoga com os seus pareceristas de forma velada.

Assim, no trecho em questão, o autor considera as réplicas de um interlocutor ausente — muito provavelmente o parecerista do artigo em questão — ao citar que a equipe respeitou as recomendações previstas pela metodologia, aumentando o grau de confiança das análises dos resultados. Esses interlocutores ausentes, evidentemente, não necessariamente poderiam ser apenas os pareceristas do artigo em questão, como também a comunidade acadêmica e os eventuais leitores que poderão vir a ler o trabalho. Por meio do *diálogo velado*, portanto, o autor se preocupa, de certa forma, com a credibilidade da pesquisa realizada em termos éticos, pois faz questão de mencionar o fato de que a equipe respeitou as recomendações previstas pela metodologia *TXM Business*.

As análises porvindouras dizem respeito ao segundo periódico representativo das publicações que concernem à grande área de Exatas. Novamente, recorreremos à identificação “E1CE – escrevente 1 Ciências Exatas” para designar o(s) autor(es) do primeiro artigo científico sob análise; “E2CE – escrevente 2 Ciências Exatas”, por sua vez, para designar o(s) autor(es) do segundo artigo publicado e “E3CE – escrevente 3 Ciências Exatas” para designar o(s) autor(es) do terceiro artigo científico publicado na edição do periódico.

O primeiro trecho a ser analisado ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

Dados empíricos mostram que essa forma de “resolução” de conflitos fundiários apenas agrava o problema habitacional, pois lança uma população já empobrecida em uma situação ainda mais vulnerável, já que ela precisa viabilizar seu acesso à moradia com recursos próprios, ocasionando, assim, mais ocupações irregulares e uma nova situação de fragilidade na posse da terra.

Quanto à atuação do *discurso objetificado*, sua presença se faz notar no momento em que o discurso alheio — nesse caso os dados empíricos — funcionam como o próprio objeto de discurso do autor. Desse modo, a unidade de enunciação do discurso do outro — os dados empíricos — “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CE. Dito de outro modo, ao objetificar o discurso alheio, E1CE faz desse discurso o seu próprio objeto de fala por meio de

sua voz; por isso, o discurso alheio trazido subordina-se, “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CE.

Como o discurso alheio trazido “serve” aos propósitos discursivos de E1CE, temos também que ambas as vozes — a voz relativa ao discurso autoral e a voz concernente ao discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual essa forma de “resolução” de conflitos fundiários apenas agrava o problema habitacional. Não há, portanto, um conflito entre ambas as vozes, dado que elas convergem para a mesma orientação, para o mesmo ponto de vista. Por essa razão, tendo em vista a presença de duas vozes cujas orientações são convergentes, identificamos nesse trecho a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

Quanto à atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, notamos sua atuação no momento em que a voz do outro — o discurso alheio — passou a “contaminar” o discurso autoral. No caso do trecho em análise, o discurso de E1CE recebeu influências *diretas* do que é mostrado pelos dados empíricos; por isso, o discurso afirma que essa forma de “resolução” de conflitos fundiários apenas agrava o problema habitacional. Essa afirmação, por sua vez, é feita com base no que foi mostrado pelos dados empíricos. Temos, portanto, a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* neste momento, dado que o discurso autoral — o discurso de E1CE — recebeu influências *diretas* do discurso alheio.

O *discurso direto substituído*, por seu turno, se faz notar neste trecho no momento em que o autor fala *no lugar* desses dados empíricos trazidos ao discurso; fala *por* esses dados. Sendo assim, não é necessário que os dados falem por si próprios, apresentem a si mesmos no discurso, visto que E1CE faz isso *no lugar* deles; faz essa apresentação *por* eles. As considerações trazidas por esses dados, portanto, apenas se afiguram no texto por meio da voz concernente ao discurso autoral.

A próxima passagem sob análise ilustra a atuação do *diálogo velado*, uma manifestação do *discurso bivocal de tipo ativo*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Antes do início das entrevistas, a pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil.

O *diálogo velado* cumpre um papel importante neste trecho para a construção do artigo ao assumir uma função *metalinguística*. Essa função é metalinguística, pois, neste trecho, há uma menção ao próprio funcionamento da pesquisa em relação à observação dos termos éticos. Assim sendo, por meio do *diálogo velado*, E1CE tece um diálogo com o outro — sejam os pareceristas do artigo em questão, sejam os eventuais leitores — no momento em que demonstra a sua preocupação em registrar o fato de a pesquisa ter obtido parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil. Essa presença do outro com o qual E1CE dialoga por meio do *diálogo velado* não é perceptível visivelmente; contudo, podemos “sentir” essa presença de maneira velada. Portanto, por meio da atuação do *diálogo velado*, E1CE dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente — um interlocutor que poderia se questionar e ao mesmo tempo questionar ao outro a respeito da observação dos termos éticos em pesquisa.

A próxima passagem sob análise ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação vária* e *discurso bivocal de orientação única*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A justiça foi disseminada como uma força supostamente neutra e idônea. Por essas características, ela seria a esfera adequada para a resolução de conflitos. No entanto, desde a sua criação, esteve ligada à disseminação de interesses e fortalecimento do poder exercido pelos mais ricos (FOUCAULT, 2014), mantendo essas raízes até os dias atuais.

O *discurso direto orientado para o referente* introduz o tópico frasal do parágrafo. Por meio de sua atuação, o discurso de E1CE volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, a saber: a justiça. Neste momento, não importa, para E1CE, o que dizem outras vozes acerca desse referente — a justiça —; importa apenas o referente. Por isso, na introdução do parágrafo, o discurso está orientado para o referente: a justiça.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz presente nesta passagem no momento em que o discurso alheio — nesse caso o discurso de Foucault — é objetificado por meio da voz do autor. Sendo assim, o discurso de Foucault se torna objeto por meio da voz concernente ao discurso autoral. Esse discurso — o discurso alheio — também “serve” aos propósitos

discursivos de EICE na medida em que funciona como a base a partir da qual o autor sustenta o seu ponto de vista em relação à resolução de conflitos.

Neste trecho, também há um caso curioso: há a atuação de vozes que seguem uma mesma orientação e também a atuação de vozes cujas orientações são diametralmente opostas. Por isso, temos a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* e do *discurso bivocal de orientação única*. No que concerne à atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, notamos que há um conflito entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. No caso do trecho em específico, esse conflito é notado com base na voz do autor que não concorda com o conceito historicamente designado à justiça. Assim, temos em cena orientações divergentes em relação ao conceito de justiça; essas orientações também revelam os pontos de vista divergentes entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio.

Quanto à atuação do *discurso bivocal de orientação única*, sua presença é notada no momento em que a voz do autor e a voz do discurso alheio trazido convergem para a mesma orientação. No caso do trecho em análise, a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — o discurso de Foucault — convergem para a mesma orientação acerca do conceito de justiça. Orientação segundo a qual a justiça sempre esteve ligada à disseminação de interesses e fortalecimento do poder exercido pelos mais ricos. Portanto, tendo em vista o trecho analisado, notamos que ambos os tipos de discurso — *discurso bivocal de orientação vária* e *discurso bivocal de orientação única* — também podem ser manifestados em um mesmo trecho correspondente a um artigo científico.

O próximo trecho a ser analisado, embora representativo apenas da atuação do *discurso bivocal de tipo ativo*, cumpre um importante papel na composição do texto, pois introduz a tese defendida pelo autor a respeito da problemática em seu artigo. Ele se apresenta do seguinte modo no todo composicional do artigo:

Nesse sentido, as remoções são práticas que vêm sendo atualizadas ao longo do tempo e justificadas a partir de novos discursos, mas em geral mantendo como consequência o agravamento da condição de pobreza e vulnerabilidade da população deslocada.

A presença do *discurso bivocal de tipo ativo* se faz notar nesta passagem no momento em que o discurso de E1CE não se sujeita à palavra dos outros com os quais dialoga, não é submisso às intenções dos outros, o que nos leva a afirmar que há um confronto entre as duas palavras. Dito de outro modo, para o discurso alheio, as remoções seriam práticas que vêm sendo atualizadas e justificadas sob outros matizes; para o discurso autoral, por sua vez, ainda que justificadas com base em outros pontos de vista, em geral elas continuam mantendo o agravamento da condição de pobreza e vulnerabilidade da população deslocada — essa é a tese defendida pelo autor acerca da problemática no decorrer de seu artigo. O uso do *discurso bivocal de tipo ativo*, portanto, nos leva a afirmar que esse tipo de discurso se afigura como um movimento retórico por meio do qual se dá origem/introduz no texto a tese do autor a ser defendida na composição do artigo.

O trecho que se segue ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Em um panorama global, as remoções frequentemente resultam de grandes projetos urbanísticos associados à exploração econômica, à criação de espaços favoráveis para investimentos e à viabilização de megaeventos (ROLNIK, 2016; SASSEN, 2016; DAVIS, 2011; SORBOE; BRAATHEN, 2022).

Há o uso do *discurso bivocal de orientação única* neste trecho, dado que ambas as vozes — a voz concernente ao discurso autoral e a voz concernente ao discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual as remoções tendem a resultar de grandes projetos urbanísticos que se associam à exploração econômica, à criação de espaços favoráveis para investimentos e à viabilização de megaeventos. Sendo assim, as vozes correspondentes ao discurso autoral e ao discurso alheio não entram em conflito; ao contrário: elas se complementam, haja vista a convergência de orientações, de pontos de vista.

O *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, por sua vez, se faz notar neste trecho no momento em que o discurso alheio passou a moldar, a determinar o discurso autoral. No caso do trecho em questão, o que é dito por E1CE em relação às consequências da remoção é resultado das influências recebidas pelo autor do discurso alheio citado. Assim, o discurso

autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio citado com o qual dialoga; em outras palavras, o discurso autoral “adotou” para si as ideias do discurso de outrem.

No que respeita ao uso do *discurso direto substituído*, sua atuação é percebida no momento em que o discurso autoral fala pelo discurso alheio, fala *em nome* do discurso alheio. Dito de outro modo, não foi necessário que os autores falassem por si mesmos a respeito das consequências das remoções; o próprio autor falou no lugar desses autores a respeito da problemática da remoção urbana. Sendo assim, é o discurso autoral que apresenta as ideias dos autores com os quais dialoga, e não os próprios autores; por isso, o discurso autoral fala pelo outro.

O trecho seguinte ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

De acordo com essa ótica tecnicista, “o plano e o planejamento cumprem um papel de ordenadores e racionalizadores da ação pública sobre a cidade” (RIBEIRO; CARDOSO, 1994, p. 85), postos a serviço da eliminação de supostos focos de distorção urbana. Essa forma de intervir nas cidades brasileiras predominou durante grande parte do século XX, quando as estratégias para intervenções em assentamentos informais focavam-se na erradicação das favelas (REGINO, 2017).

O uso do *discurso bivocal de orientação única* é perceptível neste trecho no momento em que notamos o fato de que as vozes presentes convergem para uma mesma e única orientação. Sendo assim, não há conflito entre ambas as vozes — a voz correspondente ao discurso alheio e a voz correspondente ao discurso autoral. Elas seguem, portanto, a mesma orientação; orientação segundo a qual o plano e o planejamento cumprem um papel de ordenadores e racionalizadores da ação pública sobre a cidade.

O *discurso direto em estilo monumental*, por sua vez, se faz presente neste trecho no momento em que EICE faz uso de uma citação direta. Sendo assim, com base no uso dessa citação direta, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta promove no texto justamente esse entendimento de enunciado *imutável*, uma vez que as palavras do discurso de outrem são

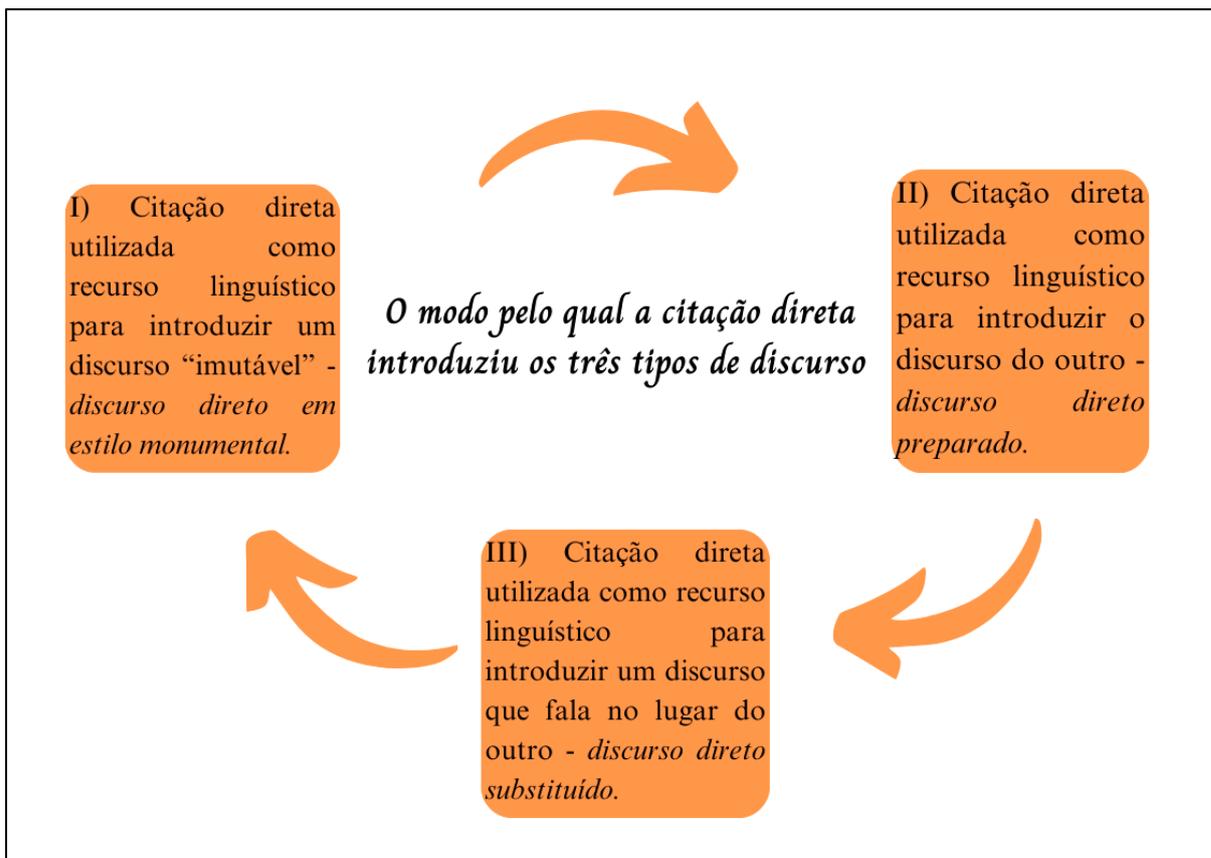
reescritas e transpostas para a composição do texto de maneira cabalmente igual ao discurso original, ou seja, não há mudanças, alterações ou interferências no discurso do outro. Por isso, o uso da citação direta promove esse entendimento de enunciado *imutável*, dado que, de fato, não houve mudanças no enunciado alheio ao ser transposto para o conteúdo do artigo.

A citação direta, assim como no emprego do *discurso direto em estilo monumental*, também promove o uso do *discurso direto preparado*. Essa promoção é feita de maneira bastante evidente, do mesmo modo com que aconteceu com o uso do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio da citação direta, feita com base no uso do *discurso direto preparado*, o autor — EICE — antecipa o discurso alheio; introduz o discurso alheio no todo composicional do artigo. Portanto, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado* no momento em que o discurso autoral antecipa/introduz o discurso de outrem.

O *discurso direto substituído* também aparece no artigo com base no uso da citação direta. Assim, tendo por base a citação direta, o discurso autoral fala pelo outro; fala *no lugar* do outro. O *discurso direto substituído*, portanto, com base no uso da citação direta, fala pelo outro, não sendo necessário que esse outro fale por si mesmo, apresente ele mesmo os seus pontos de vista, pois o autor fala *por* e *em nome* dele.

Como o uso da citação direta fez com que aparecessem no trecho a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*, jugamos oportuna uma figura que ilustre didaticamente como o uso dessa citação orientou o emprego desses três tipos de discurso citados:

Figura 9 – O modo pelo qual a citação direta introduziu os três tipos de discurso



Fonte: Elaboração própria

O trecho que se segue ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado* e *discurso bivocal de orientação vária*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Dessa forma, as políticas remocionistas eram justificadas por um argumento determinista de que as comunidades alcançariam um modo de vida mais civilizado ao saírem das favelas. Essa premissa, no entanto, também servia para encobrir como o setor público estava empenhado em atender aos interesses de classes empresariais.

O *discurso direto orientado para o referente* atua especificamente no início do trecho, no primeiro período. Neste momento, o discurso de EICE volta-se exclusivamente a um único objeto, qual seja: as políticas remocionistas. Assim, o discurso autoral procura se adequar ao máximo a esse objeto para o qual está voltado — às políticas remocionistas. Com base no uso desse tipo de discurso, neste momento, portanto, ao enunciador importa apenas o referente —

a justificativa de se implementarem as políticas remocionistas — e não outra(s) voz(es) acerca desse mesmo objeto.

O *discurso objetificado* se faz presente no momento em que o discurso alheio se torna o próprio objeto de discurso do autor. Desse modo, a premissa segundo a qual as políticas remocionistas garantiriam às comunidades um modo de vida mais civilizado se torna o próprio objeto de discurso por meio da voz do autor. Com base no uso desse tipo de discurso, portanto, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral ao se tornar objeto por meio da voz do autor.

O uso da conjunção adversativa “no entanto” introduz no trecho a utilização do *discurso bivocal de orientação vária*. Com base no uso desse tipo de discurso, percebemos a atuação de duas vozes, mas essas vozes seguem orientações diametralmente opostas, ou seja, as vozes não se convergem entre si. Por isso, há o emprego da conjunção opositiva “no entanto”, pois ela ilustra a atuação de vozes no discurso cujas orientações são divergentes, diametralmente opostas.

A paráfrase a seguir ilustra a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* e do *discurso direto substituído*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Essa conjuntura gerou a necessidade de atualização dos projetos enquanto as obras já estavam sendo realizadas e também colaborou para que imprevistos relevantes ocorressem durante as intervenções, resultando em Reprogramações Contratuais, paralisações de obras e aumento no tempo necessário para a conclusão das obras (CARDOSO; DENALDI, 2018).

O discurso é *antecipado, disperso, oculto* quando percebemos que o discurso alheio passa a determinar o que é dito pelo discurso autoral. No caso do trecho em questão, ele é totalmente construído por meio desse tipo de discurso, visto que EICE realiza uma paráfrase do que é dito pelo discurso alheio por meio do uso de uma citação indireta. Assim, as palavras concernentes ao discurso alheio passaram a “contaminar” o discurso autoral. Portanto, o discurso autoral, neste trecho, recebeu influências *diretas* do discurso alheio. Desse modo, podemos afirmar, também, que o uso da citação indireta é associado à utilização do *discurso*

antecipado, disperso, oculto, pois o autor se vale das palavras alheias para construir o seu próprio dizer de uma maneira bastante explícita.

O discurso é *direto substituído* no momento em que notamos que o discurso autoral no lugar do discurso alheio por meio do uso de uma paráfrase/citação indireta. Assim, por meio do uso do *discurso direto substituído* — que se resulta do uso de uma citação indireta —, não é necessário que o discurso alheio fale por si próprio, dado que o discurso autoral fala no lugar desse discurso alheio; fala por esse discurso alheio. Assim, temos que a citação indireta introduz ambos os tipos de discurso: *discurso antecipado, disperso, oculto* e *discurso direto substituído*.

O trecho que se segue ilustra a atuação do *discurso objetificado, discurso direto preparado, discurso direto em estilo monumental* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

Logo, nos conflitos fundiários, quando a pessoa ou família é enquadrada como “invasor/a”, é autorizada a “intervenção jurisdicional para a extinção do conflito por meio dos despejos coletivos forçados” (MILANO, 2016, p. 18). A remoção serve não apenas para reparar um ato considerado ilegal (a “invasão”), mas também para punir o “invasor”, que ousa ameaçar a norma jurídica (AMADEO; ANSARI, 2021).

O uso do *discurso objetificado* é notado no momento em que o discurso alheio passa a funcionar como o próprio objeto de discurso do autor. Sendo assim, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor ao ser objetificada. Dito de outro modo, as vozes dos autores citados se tornam objeto por meio da voz do autor, pois o discurso concernente ao discurso alheio é o próprio objeto de discurso do autor, sem o qual o discurso autoral fica praticamente sem conteúdo.

O uso do *discurso direto preparado* é notado por meio da utilização da citação direta. Assim, E1CE antecipa o discurso alheio, introduz esse discurso na construção do texto. Nesse caso, o discurso alheio é antecipado por meio do uso das aspas, pois elas indicam que se trata do discurso de outrem, das palavras do discurso alheio. Não há outro recurso linguístico além do uso das aspas, nesse contexto, para indicar que se trata da antecipação do discurso alheio.

Como vimos anteriormente, a citação direta também lança luz ao *discurso direto em estilo monumental*. Desse modo, com base na utilização desse tipo de discurso, o enunciado alheio é interpretado como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Esse discurso alheio é visto como um discurso inalterável exatamente na medida em que é transposto para o discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi escrito,

isto é, não há mudanças; o enunciado é “impenetrável”. Portanto, a citação direta pode ser concebida como uma fiel representação do *discurso direto em estilo monumental* em contexto de escrita acadêmica.

O *discurso direto substituído* se faz notar neste trecho no momento em que o autor — E1CE — fala pelo discurso alheio. Assim, tanto por meio da citação direta (primeiro período do trecho) quanto por meio da citação indireta (segundo período do trecho), o discurso autoral fala *no lugar* desses autores citados; não sendo necessário, portanto, que esses autores falem por si mesmos, dado que o autor apresenta a voz dos autores com os quais dialoga ao falar por eles. É preciso ressaltar, no entanto, que, apesar de o autor falar por esses autores citados, ele não se posiciona em relação à temática discutida; os discursos utilizados no trecho, portanto, apenas discutem e apresentam a voz dos autores citados.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Pesquisas que analisaram ações possessórias acompanhadas por Defensorias Públicas Estaduais (FRANZONI et al., 2020) verificaram que, em grande parte dos casos, não havia qualquer menção acerca de aspectos espaciais das ocupações, como aqueles referentes ao grau de consolidação da ocupação, à incidência de zoneamento especial de interesse social e até mesmo à comprovação de que a posse tenha sido exercida pelos autores dos processos.

O *discurso direto orientado para o referente* é percebido na composição do trecho no momento em que o discurso autoral se volta exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Nesse caso, o discurso autoral está voltado para as pesquisas que analisaram ações possessórias. Desse modo, o discurso autoral procura se adequar ao máximo a esse objeto para o qual está voltado, visto que, para o enunciador — E1CE —, importa mesmo o referente neste momento, e não outras vozes acerca desse mesmo referente ou acerca de outros referentes.

O discurso é *objetificado* na medida em que o próprio discurso alheio citado funciona como o próprio objeto de discurso do autor. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor ao ser objetificada. O discurso alheio, então, “serve” aos propósitos discursivos concernentes ao discurso autoral na medida em que o

objetivo do projeto discursivo de EICE, neste momento, é discorrer acerca das ações possessórias.

A construção “pesquisas (...) verificaram que” ilustra de maneira explícita a atuação do *discurso direto preparado*. Essa construção mostra o momento em que o autor antecipa o discurso alheio — o discurso das pesquisas que analisaram ações possessórias acompanhadas por Defensorias Públicas Estaduais. Assim, por meio da construção “verificaram que”, o discurso autoral introduz o discurso alheio, antecipa o discurso alheio ao ser transposto para o discurso autoral.

O *discurso direto substituído*, por sua vez, se faz notar neste trecho no momento em que o autor fala pelo discurso alheio. A construção “verificaram que” não apenas antecipa/introduz o discurso alheio, mas também é um modo de o autor indicar, no texto, que está falando *em nome* do discurso alheio e, portanto, *no lugar* do discurso alheio. Assim, como sabemos, por meio da utilização desse tipo de discurso, não é necessário que o discurso alheio fale por si próprio, dado que o autor fala no lugar do discurso do outro.

A construção do trecho que se segue foi orientada pela atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O Plano Diretor de Belém (Lei nº 8.655/2008), por sua vez, corrobora esse modus operandi no seu Art. 107, que define não serem passíveis de regularização fundiária as ocupações localizadas em áreas públicas “destinadas à realização de obras ou à implantação de planos urbanísticos de interesse coletivo” (BELÉM, 2008, p. 68).

Quanto às atuações do *discurso direto orientado para o referente* e *discurso objetificado*, notamos o uso do primeiro quando o discurso autoral se volta exclusivamente para um único referente, qual seja: o Plano Diretor de Belém. Neste momento, para EICE, então, importa apenas esse referente, e não outras vozes — sejam vozes acerca desse mesmo referente, sejam vozes acerca de outros referentes. Notamos o uso do segundo, por sua vez, no momento em que o discurso alheio — o discurso do Plano Diretor de Belém — se torna objeto por meio

da voz do autor. Desse modo, o próprio discurso alheio, ao ser objetificado, “serve” aos propósitos discursivos de EICE.

O *discurso direto em estilo monumental* se faz presente no trecho com base no uso da citação direta. Assim, por meio do uso desse tipo de discurso, entendemos ser o enunciado alheio interpretado como um todo imutável e impenetrável. Esse caráter “inalterável” do discurso alheio é percebido por intermédio da citação direta, pois, ao fim e ao cabo, o discurso alheio é transposto para o discurso autoral da mesma maneira como originalmente foi dito pelo discurso alheio, ou seja, sem alterações de qualquer ordem.

No que toca às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, notamos o uso do primeiro no momento em que o autor antecipa/introduz o discurso de outrem, ao apresentar as definições do Plano Diretor de Belém. Notamos, por sua vez, o uso do *discurso direto substituído* no momento em que o autor fala pelo discurso alheio — fala pelo Plano Diretor de Belém. Sendo assim, como sabemos, não é necessário que o discurso alheio — no caso o discurso concernente ao Plano Diretor de Belém — fale por si próprio, dado que o discurso autoral fala *no lugar* desse discurso alheio, fala *em nome* do discurso de outrem.

O trecho que se segue ilustra a atuação do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

A partir dessa argumentação, criou-se o entendimento de que o motivo para as obras estarem paralisadas seria a própria ocupação, quando, na realidade, foi a paralisação das obras e o abandono do canteiro que propiciou a ocupação, e não o contrário.

O *discurso objetificado* se faz presente neste trecho na medida em que o discurso alheio se torna o próprio objeto de discurso por meio da voz do autor. Assim, ao ser objetificada, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor. A unidade de enunciação do discurso do outro encontra-se subordinada, pois se torna o próprio objeto de discurso do autor. Nesse caso, o objeto de discurso de EICE é a argumentação conforme a qual as obras estariam paralisadas em virtude da própria ocupação.

O discurso autoral não concorda com essa argumentação e, portanto, segue uma orientação oposta em relação à paralisação das obras. Como as vozes seguem uma orientação diametralmente oposta, estamos diante da atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Esse embate é ilustrado no trecho quando EICE faz a ressalva introduzida por “quando, na

realidade, (...)”. De acordo com E1CE, foi a própria paralisação das obras e o abandono do canteiro que resultaram na ocupação, e não o contrário. O uso do *discurso bivocal de orientação vária*, portanto, mostra esse conflito entre vozes cujas orientações são diametralmente opostas.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Assim, o aparato legal é operado como dispositivo para a reprodução da dominação, conforme pontuado por Foucault (2014).

No que toca à atuação do *discurso direto preparado*, ele seria mais bem identificado caso se deslocasse a expressão “conforme pontuado por Foucault” para imediatamente depois do conectivo “assim”. Nessa posição, o *discurso direto preparado* estaria mais bem visível ao antecipar/introduzir o discurso alheio. No entanto, ainda que a expressão não esteja posicionada depois do conectivo “assim”, o *discurso direto preparado* participa da construção desse trecho especialmente na medida em que introduz/antecipa o pensamento de Foucault a respeito do aparato legal.

O *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, por sua vez, se faz presente na construção do trecho quando notamos que o discurso alheio passa a “contaminar”, a determinar o discurso autoral. Dito de outro modo, o trecho sob análise apenas foi construído em função da influência do discurso alheio, ou melhor, o trecho é totalmente construído a partir da influência do discurso alheio. A passagem analisada, portanto, “bebe na fonte” do discurso do outro e, assim, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* na construção do trecho.

No que concerne à atuação do *discurso direto substituído*, notamos sua presença no momento em que o discurso autoral fala pelo discurso alheio, fala *no lugar* do discurso alheio. No caso do trecho em causa, o autor fala por Foucault ao apresentar suas ideias acerca do aparato legal. Assim, o discurso alheio apenas é introduzido no texto — no contexto do discurso autoral — por meio da voz concernente ao discurso autoral.

No trecho a seguir, novamente temos o uso de uma citação direta, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

É importante destacar que não se pode fazer uma relação simplista entre criminalidade e pobreza, mas reconhecer que, na verdade, “as condições materiais, sob determinadas circunstâncias culturais e institucionais, podem atuar como fator de estímulo a estratégias de sobrevivência ilegais” (SOUZA, 1998, p. 4).

O uso das aspas serve para indicar que o discurso que se segue concerne ao discurso alheio. Serve, também, para indicar que o discurso alheio está sendo antecipado e introduzido pela voz do autor. Desse modo, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado* no momento em que o discurso de outrem é antecipado por meio do uso de uma citação direta.

Sabemos que, por intermédio da citação direta, o discurso do outro é transposto para o discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado. Sendo assim, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, imutável e impenetrável. O discurso alheio assume esse caráter “imutável” justamente porque foi transcrito da mesma forma com que originalmente foi empregado por meio do uso da citação direta. A citação direta, como sabemos, promove, então, a atuação do *discurso direto em estilo monumental* na construção do trecho.

O uso do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* é percebido no momento em que as considerações do discurso autoral acerca da relação entre criminalidade e pobreza são tecidas por E1CE com base nas influências diretas que recebe do discurso alheio. Essa influência do discurso alheio no dizer do discurso autoral é tão evidente na construção do trecho que o autor usa uma citação direta para embasar e explicar melhor o que por ele foi dito anteriormente. A citação direta, portanto, é um recurso linguístico utilizado, nesse contexto, para embasar a argumentação de E1CE e também promover a atuação do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* por intermédio das influências recebidas do discurso do outro.

Por intermédio também da utilização da citação direta, E1CE fala *no lugar* do outro com o qual dialoga, fala por esse outro. Não é necessário, portanto, que o outro fale por si próprio, apresente as suas considerações, dado que essas considerações são trazidas ao discurso autoral por intermédio da própria voz do autor. Por isso, há o uso do *discurso direto substituído* ao se apresentarem as considerações de outrem por meio da voz do discurso autoral.

O trecho que se segue é parte da seção de considerações finais do artigo de EICE e pode ilustrar a atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso direto impressionista e discurso antecipado, disperso, oculto*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Por fim, é possível afirmar que o contexto existente na Bacia do Tucunduba reforça a ideia de que a cidade capitalista periférica sobrevive de relações não capitalistas e estas, por sua vez, sustentam setores nitidamente capitalistas, ratificando Oliveira (2003).

É de se esperar que, nesta parte do trabalho, — seção de considerações finais —, não se apresentem discursos cujas orientações sejam opostas, dado que o discurso autoral procura confirmar (ou não) e sintetizar, neste momento, com base em discursos outros, o que foi dito por ele no decorrer do artigo. Por isso, as vozes seguem uma mesma e única orientação a respeito do contexto existente na Bacia do Tucunduba. Orientação segundo a qual a cidade capitalista periférica não é em sua essência capitalista; todavia, nutre setores capitalistas. Portanto, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O *discurso direto impressionista*, por sua vez, se faz notar neste trecho no momento em que a voz do discurso autoral revela o que o outro pensa a respeito do contexto existente na Bacia do Tucunduba. Assim, houve a transmissão do discurso interior concernente ao discurso do outro. É evidente que, para aquele que conhece os textos do autor citado, não há nenhuma revelação; no entanto, para aquele que não os conhece, a consideração soa como novidade e, por isso, o uso do *discurso direto impressionista* entra em cena.

O trecho sob análise é totalmente construído mediante a utilização do *discurso antecipado, disperso, oculto*. O discurso autoral recebeu influências *diretas* do autor com o qual dialoga e cita por meio de uma paráfrase. O trecho adquire o caráter de uma paráfrase justamente porque o discurso autoral “bebeu na fonte” do discurso alheio e, assim, as palavras autorais estão completamente determinadas pelas palavras alheias. É com base, portanto, no discurso do outro que EICE tece as suas considerações a respeito do contexto existente na Bacia do Tucunduba e aponta a sua tese segundo a qual a cidade capitalista periférica não é essencialmente capitalista, mas nutre setores nitidamente capitalistas.

As análises que se seguem concernem ao segundo artigo científico publicado na edição “atual” — edição analisada — do periódico “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais”, representativo da grande área de Exatas. O artigo intitula-se “Geoprocessamento aplicado ao estudo da dinâmica imobiliária: um estudo de caso sobre vazios urbanos na região Norte de Niterói/RJ”. Desta feita, recorreremos à identificação “E2CE – escrevente 2 Ciências Exatas”.

O primeiro segmento a ser analisado ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, *discurso objetificado* e *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

Para fazer um contraponto a esse modelo, utilizamos as diretrizes do Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável (DOTS), que propõe reflexões a respeito do aproveitamento do solo urbano em áreas centrais ou com boa oferta de infraestrutura e transportes.

O trecho se propõe a fazer um contraponto ao modelo citado anteriormente; assim, podemos depreender que temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Esse tipo de discurso ilustra a atuação de duas vozes cujas orientações são diametralmente opostas. Essa oposição surge no momento em que E2CE se propõe a realizar, no seu projeto discursivo, uma contraposição ao modelo citado; desse modo, o uso do *discurso bivocal de orientação vária* promove esse tipo de conflito entre as vozes citadas, dado que o discurso autoral e o discurso alheio não convergem para uma mesma e única orientação.

O uso do *discurso objetificado*, por seu turno, se afigura no segmento no momento em que o discurso alheio funciona como o próprio objeto de discurso do autor. Percebemos que a unidade de enunciação do discurso alheio se subordina à unidade de enunciação do discurso autoral quando E2CE menciona que se vale das diretrizes do Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável. Assim, o uso dessas diretrizes se configura, no plano discursivo, como a atuação do *discurso objetificado*, dado que, direta ou indiretamente, elas “servem” ao projeto discursivo do autor na medida em que o discurso autoral se vale dessas diretrizes — que são objetificadas por meio da voz do autor — para tecer as suas próprias considerações.

No que toca à atuação do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, percebemos o uso desse tipo de discurso no momento em que o discurso autoral é determinado pelas influências que

recebe do discurso de outrem. Assim sendo, aquilo que é dito ou será dito pelo autor está “contaminado” pelas palavras alheias. Nesse caso, o discurso autoral se vale do discurso alheio na medida em que se apropria das diretrizes do Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável e, portanto, tais diretrizes passam a determinar aquilo que foi dito ou será dito pela voz do discurso autoral.

O uso do *discurso direto orientado para o referente* orientou a construção da passagem a seguir. Tal passagem é parte da justificativa da relevância do trabalho realizado:

Com a evolução da informática e dos meios de comunicação, as ferramentas de geoprocessamento se tornaram imprescindíveis meios de acesso e análise do grande volume de dados gerados sobre o fenômeno urbano.

Nesse excerto, o discurso autoral volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Esse referente se caracteriza como a importância das ferramentas de geoprocessamento para o acesso e a análise do grande volume de dados gerados sobre o fenômeno urbano. Assim, neste momento, para E2CE, importa apenas esse objeto, esse referente sobre o qual se discorre, e não outra(s) voz(es) acerca desse mesmo referente ou acerca de outros referentes. Faz-se relevante pontuar que, neste momento, não seria oportuno o uso do *discurso bivocal de orientação vária*, por exemplo, até mesmo porque, quando o autor procura demonstrar a relevância de seu trabalho, ele não se valerá, evidentemente, de outras vozes cujas orientações sejam contrárias às suas.

O próximo trecho sob análise ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído* em sua construção. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O setor público, em especial, vem se configurando como uma das principais fontes de dados para o estudo da cidade, e a espacialização de tais dados se revela uma ação valiosa no apoio aos estudos urbanos (SANFELICI; CARVALHO; SILVA, 2023).

O *discurso bivocal de orientação única* se faz presente na constituição desse excerto no momento em que notamos que as vozes presentes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual o setor público vem se configurando como uma das principais fontes de dados para os estudos urbanos. Sendo assim, não há um conflito entre as vozes citadas, visto que ambas seguem uma mesma e única orientação, isto é, compartilham do mesmo ponto de vista. O uso do *discurso bivocal de orientação única*, então, mostra a convergência de orientação entre as vozes citadas.

Notamos que o segmento é inteiramente construído por meio das influências recebidas pelas vozes concernentes ao discurso alheio. Sendo assim, o excerto é escrito com base no uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Por intermédio desse tipo de discurso, o discurso do outro passa a “contaminar” o discurso autoral. O uso da paráfrase realizada por E2CE demonstra de maneira cabal como o discurso autoral foi construído com base nas influências recebidas dos outros com os quais dialoga. Podemos afirmar, também, que, frequentemente, onde há o uso do *discurso bivocal de orientação única*, há também o uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, pois a concordância com o discurso alheio faz com que o discurso do outro passe a determinar o que pelo discurso autoral foi ou será dito.

O *discurso direto substituído*, por sua vez, ilustra o momento em que o discurso autoral fala *pelo e no lugar* do outro por meio do uso de uma paráfrase. Assim, as ideias trazidas pelas vozes do discurso alheio apenas aparecem no texto por meio da voz do discurso autoral. O discurso é *substituído* justamente por isto: o autor fala no lugar dessas vozes com as quais dialoga; não sendo necessário, portanto, que essas vozes falem por si mesmas.

A próxima passagem ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente, discurso objetificado, discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

O conceito DOTS é derivado do termo em inglês TOD (Transit-Oriented Development), usado por Peter Calthorpe (1993), para definir um modelo de planejamento voltado à formação de comunidades sustentáveis agradáveis, baseadas em ambiências de uso misto e espaços públicos qualificados, com boa oferta de infraestrutura, serviços e transportes, onde as pessoas se sintam encorajadas a reduzir o uso e a dependência do automóvel particular.

O *discurso direto orientado para o referente* se faz presente nesta passagem no momento em que o discurso de E2CE volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Nesse caso, o discurso autoral está voltado para o conceito de DOTS. Neste momento, portanto, para E2CE, importa apenas esse objeto sobre o qual se fala, e não alguma outra voz. Assim, o discurso autoral procura se adequar ao máximo a esse objeto, dado que o discurso está voltado exclusivamente para o referente — o conceito DOTS.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz presente na constituição dessa passagem no momento em que o discurso alheio passa a se tornar o próprio objeto de discurso do autor. Dito de outro modo, o conceito de DOTS funciona como o próprio objeto de discurso por meio da voz do autor. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral ao ser objetificada pela voz do discurso autoral.

No que concerne ao uso do *discurso direto preparado*, notamos esse uso quando E2CE antecipa/introduz o discurso alheio — o conceito usado por Peter Calthorpe. A sentença “usado por Peter Carthorpe” ilustra o momento exato em que E2CE introduz o discurso alheio no discurso autoral. Por isso, o discurso do outro foi *preparado* especialmente por meio do uso da expressão “usado por Peter Carthorpe”.

A expressão “usado por Peter Carthorpe” também introduz outro tipo de discurso. Referimo-nos ao *discurso direto substituído*. Por meio da voz concernente ao discurso autoral, o autor fala no lugar do discurso alheio. Assim, não é necessário que Peter Carthorpe — autor com o qual E2CE dialoga — fale por si mesmo, apresente o seu conceito de DOTS. A voz do discurso autoral o faz pelo outro, faz no lugar do outro. Por isso, o discurso é *substituído*: ainda que o conceito pertença a outrem, a voz autoral fala *pelo* e *no lugar* do outro.

A próxima passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso direto impressionista*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Para Rogers, o adensamento construtivo e populacional planejado possibilita o uso mais eficiente da infraestrutura urbana, resultando em menor custo de urbanização, melhor aproveitamento de recursos (como energia, água e alimentos), redução da poluição e diminuição dos deslocamentos e da dependência do automóvel particular.

O *discurso direto impressionista* se faz presente nesta passagem no momento em que percebemos que o discurso autoral transmite o que está presente no discurso interior concernente ao discurso alheio. Assim, por meio do uso desse tipo de discurso, E2CE revela a consideração do autor com o qual dialoga a respeito do adensamento construtivo e populacional. Por isso, o discurso utilizado é *impressionista*, pois revela o que está presente no discurso interior do discurso alheio.

A expressão “para Rogers” introduz no texto o uso do *discurso direto preparado*. Por meio desse tipo de discurso, E2CE antecipa o discurso alheio. Essa antecipação do discurso do outro é feita de maneira muito evidente no discurso autoral por meio do uso da expressão “para Rogers”. Essa expressão cumpre o papel coesivo de introduzir/antecipar o discurso alheio no texto; e tal antecipação é feita por meio do uso do *discurso direto preparado*.

O articulador “para Rogers” também cumpre um papel coesivo semelhante ao uso do *discurso direto preparado*. Desta feita, temos em cena a atuação do *discurso direto substituído*. Com base nesse tipo de discurso, o discurso autoral fala pelo discurso alheio, fala *no lugar* do outro e *em nome* do outro. Assim, esse tipo de substituição também é feito de maneira explícita no discurso autoral por intermédio da expressão “para Rogers”. Esse conectivo também cumpre um papel de substituir o discurso alheio, uma vez que o discurso autoral fala no lugar do autor com que dialoga.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso objetificado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Ela se afigura da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

Como o solo urbano é um bem escasso, o mercado traduz em preços os diferenciais de acesso e localização na cidade, produzindo gradientes de rendas do solo urbano em que os preços mais elevados correspondem, grosso modo, às áreas de maior acessibilidade (SINGER, 1982; SANFELICI, 2016).

O discurso é *bivocal de orientação única* sobretudo porque as vozes presentes na passagem convergem para uma mesma e única orientação. Orientação conforme a qual o mercado traduz em preços os diferenciais de acesso e localização na cidade e, assim, às áreas de maior acessibilidade correspondem os preços mais elevados. Assim, como há a presença de duas vozes — discurso bivocal — e essas vozes seguem uma única orientação, temos que o discurso é também construído por meio do uso do *discurso bivocal de orientação única*.

A passagem também é construída com base no uso do *discurso objetificado* tendo em vista que o discurso do outro se torna objeto por meio da voz do discurso do autor. Posto de outra maneira, o discurso autoral apresenta um objeto — algo acerca do qual os discursos (autoral e alheio) falam —, mas também o próprio discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor. Assim, o discurso alheio se torna objeto e, conseqüentemente, objetificado por meio da voz do autor. Sendo objetificado, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. Dessa maneira, direta ou indiretamente, o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos concernentes ao projeto discursivo do autor.

O discurso da passagem acima também é *antecipado, disperso, oculto* na medida em que notamos que o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral. O discurso autoral, portanto, recebeu influências *diretas* do discurso alheio. Dito de outro modo, tudo o que é posto por E2CE na passagem é resultado da influência recebida do discurso alheio. Desse modo, o discurso autoral é determinado pelas palavras alheias, pois é influenciado pelo o que dizem as vozes alheias com as quais dialoga com base no uso de uma paráfrase.

O *discurso direto substituído*, por seu turno, se faz presente na passagem no momento em que o autor — E2CE — fala pelo outro, no lugar do outro. Assim, por meio da paráfrase utilizada, o autor fala no lugar dos outros com os quais dialoga; não sendo necessário, portanto, que esses outros falem por si mesmos, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído* na construção da passagem. Nesse sentido, a fala de outrem é trazida a lume, “ganha vida” no projeto discursivo do autor com base na fala do autor.

O próximo trecho em análise ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente, discurso objetificado, discurso bivocal de orientação vária* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

O Plano Diretor de 2019 (Lei nº 3385; NITERÓI, 2019) manteve a delimitação das regiões, conforme indicado no mapa da Figura 1, mas essa divisão teve sua importância diminuída no planejamento urbano, já que foram fixadas diretrizes de ordenamento territorial e de uso e ocupação do solo baseadas em um novo macrozoneamento, para o qual a paisagem (construída e natural) se configura como relevante critério de planejamento e ordenamento (NITERÓI, 2019).

O discurso está *orientado para o referente* na medida em que o discurso autoral volta-se exclusivamente a um determinado objeto — o Plano Diretor de 2019. Neste momento, para E2CE, importa apenas esse referente, e não alguma outra voz. O discurso autoral, então, gira em torno desse referente (Plano Diretor de 2019), pois o discurso tenciona se adequar ao máximo ao seu objeto.

O discurso presente no Plano Diretor de 2019 funciona como o próprio objeto de discurso do autor. Assim, o discurso alheio se torna *objetificado* por meio da voz do autor. Dito de outro modo, o discurso alheio apresenta um objeto — o Plano Diretor — e esse mesmo objeto se torna o próprio discurso do autor. A unidade de enunciação do discurso alheio, portanto, subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. A fala alheia, nesse contexto, “serve” aos propósitos discursivos do autor.

Como o discurso não apresenta uma mesma e única orientação entre ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio —, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Essa divergência de orientação é explicitada no texto por meio do uso da conjunção adversativa “mas”, a qual demonstra o contraste entre a importância que é dada à delimitação das regiões pelo Plano Diretor de 2019 e pelo planejamento urbano. Assim, com base no uso desse tipo de discurso, as vozes presentes seguem orientações diametralmente opostas.

No que toca à atuação do *discurso direto substituído* nessa passagem, notamos que o discurso autoral também fala pelo outro. Esse outro é representado, no contexto, pelo Plano Diretor de 2019. Assim, o discurso autoral apresenta as considerações e as deliberações do Plano Diretor de 2019; não sendo necessário, portanto, que o Plano fale por si mesmo, dado que o discurso autoral fala por e no lugar do discurso alheio. Embora o discurso autoral fale pelo discurso do outro, o discurso autoral não apresenta, como visto, a mesma orientação do

discurso alheio. Podemos depreender, portanto, que, ainda que o discurso *substitua* a voz do outro, não necessariamente ele concordará com ela.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso antecipado, disperso, oculto e discurso direto preparado*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Além disso, é marcada pela concentração de favelas, com cerca de 30% da área de favelas do município, o que a torna a maior nesse quesito, de acordo com as informações de uso do solo da Prefeitura de Niterói (NITERÓI, 2019).

O uso do *discurso bivocal de orientação única* se faz presente nesta passagem no momento em que notamos que as vozes seguem uma mesma e única orientação. Não há, portanto, divergência entre as vozes citadas; ao contrário: elas convergem para a mesma orientação. Orientação segundo a qual a região é marcada pela concentração de favelas, tornando-a a maior nesse quesito. Por isso, o discurso apresenta uma única orientação.

Quanto ao uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, sua atuação se faz presente no trecho no momento em que percebemos que o discurso alheio determina o que está sendo dito no discurso autoral. Assim, o discurso autoral apenas foi construído com base nas referências que recebe do discurso alheio. Nesse sentido, não há, portanto, pelo menos no trecho em análise, uma total autonomia no dizer de E2CE, pois o que é dito por ele nesta passagem é resultado das influências *diretas* que recebeu do discurso alheio e com as quais dialoga.

Caso o trecho fosse construído da seguinte maneira: “além disso, de acordo com as informações de uso do solo da Prefeitura de Niterói”, a atuação do *discurso direto preparado* seria mais fácil de ser notada, pois a antecipação do discurso alheio por meio do uso da expressão “de acordo com” estaria presente no texto de modo evidente. Entretanto, sua atuação também não deixa de ser percebida na construção do trecho sob análise, dado que E2CE também antecipa/introduz o discurso alheio na passagem analisada por meio do uso do conector aditivo “além disso”.

O excerto que se segue ilustra a atuação do *discurso objetificado e do diálogo velado*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Para aprofundar o estudo de vazios urbanos, analisamos a base de dados fiscais do IPTU, disponibilizada para a pesquisa com campos de informação selecionados, em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD (BRASIL, 2018).

No que concerne à atuação do *discurso objetificado*, ela é percebida no momento em que o discurso alheio — no caso a base de dados fiscais do IPTU — se torna objeto por meio da voz do autor. O uso desse tipo de discurso é percebido de maneira evidente no excerto sob análise sobretudo em virtude da presença do verbo na terceira pessoa do plural (“analisamos”). O uso desse verbo, entendido também como uma posição axiológica adotada por E2CE, demonstra de maneira cabal que o discurso de outrem se tornou o próprio objeto de discurso do autor, ao estar sob análise do discurso autoral. Desse modo, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto e, portanto, o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo do autor, principalmente porque o discurso autoral se vale dessa base de dados fiscais para o aprofundamento do estudo de vazios urbanos.

Quanto ao uso do *diálogo velado*, sua apropriação é notada principalmente na sentença “em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais”. Podemos depreender que E2CE não consegue visualizar a presença de um outro, mas, no momento da escrita do artigo, pode “sentir” essa presença do outro. Dito de outra maneira, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente — quer os pareceristas do artigo em questão, quer os eventuais leitores do trabalho realizado. O discurso autoral considera, portanto, as réplicas desse interlocutor ausente, mas que, de alguma forma, é levado em consideração, pois a preocupação do autor em mencionar que houve o respeito à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais proporciona ao trabalho mais credibilidade em termos éticos da pesquisa e, ao mesmo tempo, responde à possível indagação acerca do respeito à lei mencionada.

A passagem a seguir é representativa da atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Pode indicar também movimentos do mercado de terras para novos parcelamentos (por desmembramento) ou a formação de reserva de capital por antecipação espacial (CORRÊA, 1995), além de ser característica de um modelo de urbanização comum no Brasil, descrito por Gottman (1961) como do tipo leapfrog (“salto de rã” ou urbanização em saltos), que deixa vazios que serão valorizados no futuro, seja por novos vizinhos, seja pela provisão de serviços e infraestrutura, seja por decisões normativas que alteram o padrão de uso e ocupação dessas localidades.

O discurso é *objetificado* nesta passagem porque o discurso autoral objetifica o discurso alheio. Em outras palavras, o discurso dos autores com os quais E2CE dialoga se torna o próprio objeto de discurso do autor. A unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, ao se tornar objeto. A fala alheia “serve”, portanto, aos propósitos discursivos do discurso autoral, visto que dá sustentação ao que pelo discurso autoral é dito.

Quanto ao *discurso bivocal de orientação única*, sua atuação é percebida no momento em que notamos a presença de duas vozes — a voz concernente ao discurso alheio e a voz concernente ao discurso autoral — e essas vozes seguem uma mesma e única orientação. Orientação consoante a qual o que foi discutido anteriormente no trabalho pode indicar também movimentos do mercado de terras, formação de reserva de capital, além de ser um modelo de urbanização comum no Brasil. Logo, não há conflito entre as vozes citadas, dado que elas seguem uma mesma e única orientação.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, se faz presente na composição do trecho especialmente no momento em que o discurso alheio determina o que pelo discurso autoral é dito. Assim, sobretudo nos períodos finais da passagem, o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso de outrem. Tudo o que foi dito por E2CE, portanto, advém das considerações dos autores com os quais dialoga.

O discurso autoral também fala *em nome* dos autores com os quais dialoga. A atuação do *discurso direto substituído*, então, é percebida no momento em que o autor fala pelo e no lugar do discurso alheio. Assim, por meio da paráfrase do discurso do outro, E2CE fala por esse outro; não sendo necessário que esse outro fale por si mesmo. A voz do discurso alheio apenas é trazida a lume por meio da voz do discurso autoral.

O trecho a seguir pertence à seção de considerações finais do artigo. Ele ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente, discurso bivocal de orientação única, diálogo*

velado e discurso antecipado, disperso, oculto e se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Os dados gerados nessas análises, portanto, poderiam apoiar a definição de estratégias de ocupação voltadas à reintegração de vazios urbanos, capazes de proporcionar melhor uso do solo em áreas de entorno dos transportes coletivos, como proposto no DOTS.

O discurso autoral está diretamente *orientado para o referente* no momento em que E2CE volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: os dados gerados nas análises. Assim, por meio da atuação do *discurso direto orientado para o referente*, o discurso autoral procura mostrar as implicações dos dados gerados nas análises. Neste momento, para E2CE, importa apenas o referente — os dados gerados nas análises —, e não outras vozes acerca do mesmo referente ou acerca de outros referentes. Por isso, o discurso é voltado única e exclusivamente para o referente, pois o autor concentra-se, nesta etapa do texto, em demonstrar as implicações por meio das quais se podem constatar as contribuições decorrentes da pesquisa realizada.

No que toca às atuações do *discurso antecipado, disperso, oculto* e do *discurso bivocal de orientação única*, a presença de ambos é notada no momento em que o discurso autoral é determinado pelo discurso presente no DOTS e as vozes presentes no segmento seguem uma mesma e única orientação. Assim, em relação ao primeiro — *discurso antecipado, disperso, oculto* —, vemos que o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio principalmente no momento em que ratifica as proposições do DOTS. No que se refere ao segundo — *discurso bivocal de orientação única* —, sua atuação é percebida no momento em que as vozes convergem para uma mesma e única orientação sobretudo porque ratificam as proposições do DOTS.

O *diálogo velado*, por sua vez, orientou toda a construção do trecho. Ao apresentar as implicações/contribuições dos dados gerados nas análises, E2CE o faz tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente, pois busca demonstrar as contribuições alcançadas pela pesquisa realizada e ratificar o que já foi dito pela literatura especializada da área. Assim, neste momento da escrita, E2CE preocupa-se mais em termos de escrita acadêmica, dado que o espaço reservado às contribuições/implicações advindas da pesquisa está na seção de

considerações finais. Esse movimento de preocupar-se com as implicações dos dados gerados nas análises é feito também, como visto, com base no uso do *diálogo velado*, ao antecipar as possíveis réplicas de um interlocutor cuja presença não é visualizada, mas pode ser sentida.

As análises porvindouras dizem respeito ao terceiro artigo publicado no periódico “Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais” cujo título é “Representações como Potência: Da Trama Verde e Azul às outras Tramas na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, São Paulo”. Novamente, nas análises, recorreremos à identificação “E3CE – escrevente 3 Ciências Exatas” para designar o(s) escrevente(s) do terceiro artigo publicado sob análise.

A primeira passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O fato urbano na Bacia do Vale do Paraíba foi evidenciado por Nice Müller em 1969, que utilizando os dados do Censo Demográfico de 1960 e um conjunto de dados auxiliares, como registros civis, planos diretores, fotos e documentos de arquivos, nos apresentava a força da transformação da região, com municípios que apresentavam mais de 70% de população urbana (MÜLLER, 1969).

É possível perceber a atuação do *discurso objetificado* nesta passagem no momento em que a voz do discurso alheio se torna o próprio objeto de discurso do autor. O discurso é objetificado, pois o conteúdo temático presente na passagem acima é o discurso de outrem que foi objetificado por meio da voz concernente ao discurso autoral. Desse modo, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto. O discurso alheio, portanto, “serve” às intenções do projeto discursivo do autor na medida em que se apresenta como o próprio objeto de discurso do autor.

O *discurso direto preparado*, por sua vez, se faz presente na construção do trecho de uma maneira explícita. O discurso autoral é construído para antecipar/introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Expressões como “foi evidenciado por” e “nos apresentava” são gestos de linguagem que indicam de maneira cabal como o discurso alheio está sendo antecipado por meio da voz do discurso autoral. Assim, o uso das expressões promove no texto o movimento de introduzir a fala alheia, o discurso do pesquisador com o qual E3CE dialoga por meio do uso de uma paráfrase.

Tais expressões analisadas anteriormente — “foi evidenciado por” e “nos apresentava” — também explicitam o uso do *discurso direto substituído* de que se valeu o autor para a construção do trecho. O uso desse tipo de discurso cumpre a função de falar por e no lugar do outro. O discurso autoral, portanto, se torna o passaporte por meio do qual a voz do discurso alheio é trazida a lume. Ressalte-se, entretanto, que, nesse caso, o autor apenas fala no lugar do discurso de outrem, mas não se posiciona em relação à temática discutida. Por isso, o discurso autoral apenas fala no lugar de outrem, mas não se deixa influenciar pelas palavras alheias, ou seja, o discurso do outro não determina o que é dito no discurso autoral.

O próximo trecho sob análise ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

O processo transformador que envolveu as metrópoles, produzidas pela reestruturação produtiva, “desencadeou uma nova forma urbana ou uma meta-morfose que reconfigura cidades e metrópoles em categorias territoriais regionais” (MOURA, 2013, p. 3).

O discurso em análise apresenta uma mesma e única orientação, pois o discurso autoral não discorda da fala alheia citada no texto. Assim, ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação em relação às implicações do processo transformador que envolveu as metrópoles. Por isso, o discurso é caracterizado como *discurso bivocal de orientação única*, pois há a presença de duas vozes, e essas vozes seguem uma mesma e única orientação.

O uso da citação direta ilustra de maneira evidente a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta representa de maneira cabal esse tipo de discurso, pois as aspas demonstram que o discurso alheio foi transposto para o contexto do discurso autoral da mesma forma com que originalmente foi empregado pelo autor com o qual E3CE dialoga. Portanto, o enunciado alheio é entendido como algo “imutável” e “impenetrável”, uma vez que não houve interferências por parte do autor no discurso alheio.

O uso da citação direta também promove no texto o entendimento de que a passagem foi construída pelo uso do *discurso direto preparado*. Não há, na passagem, escolhas lexicais que nos permitam identificar de maneira evidente que o discurso alheio está sendo antecipado pela voz do discurso autoral. No entanto, o uso das aspas nos permite identificar que o discurso que se segue concerne ao discurso alheio, ou seja, não é dito pelo discurso autoral. O discurso autoral, nesse caso, apenas cumpre a função de antecipar/introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral.

Assim como o uso da citação direta promoveu o uso do *discurso direto em estilo monumental* e do *discurso direto preparado*, também promoveu o uso do *discurso direto substituído*. A citação direta demonstra que o autor fala no lugar do outro e, no caso do uso da citação direta, o autor fala pelo outro, mas sem realizar interferências de qualquer ordem no discurso alheio. O discurso autoral, portanto, *substitui* o discurso alheio ao falar por ele; contudo, não realiza alterações no discurso alheio (nem por meio de uma paráfrase).

O próximo trecho a ser analisado apresenta em sua constituição tipos de discurso semelhantes aos discursos apresentados anteriormente. O trecho ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Esses vetores explicitam o planejamento adotado para a MMP, a partir de uma estratégia de desenvolvimento, que “ao privilegiar mais as atividades produtivistas e as áreas mais competitivas, utiliza o argumento de ‘desenvolvimento’ para justificar a modernização dos equipamentos infraestruturais” (TAVARES, 2016, p. 68).

Como vemos, temos em cena o uso de uma citação direta. Sabemos, também, que a citação direta ilustra de maneira cabal o uso do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo “imutável” e “impenetrável”. A citação direta confere esse caráter de imutabilidade ao enunciado justamente na medida em que as palavras de outrem são transpostas para o contexto do discurso autoral da mesma maneira com que originalmente foram empregadas. Não há, portanto, interferências de qualquer ordem no enunciado alheio; por isso, preserva-se o caráter imutável e inalterável do discurso alheio por meio da citação direta e do uso do *discurso direto em estilo monumental*.

Da mesma maneira com que aconteceu com o uso do *discurso direto preparado* na passagem analisada anteriormente, nesta passagem o uso das aspas também introduz no contexto do discurso autoral a fala de outrem. Assim, ao ser transposta para o contexto do discurso autoral, o uso da citação direta antecipa o discurso alheio, e essa antecipação está marcada visivelmente pelo uso das aspas.

Nesse excerto, também podemos perceber a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na medida em que o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio. O discurso alheio, então, passou a “contaminar” o discurso autoral na medida em que os vetores apresentados por E3CE explicitam o planejamento adotado para a MMP. Dito de outro modo, o planejamento adotado para a MMP funciona no contexto como a manifestação do discurso alheio e, se os dados apresentados por E3CE ratificam essa manifestação, o discurso alheio, então, passou a determinar o que é dito pela voz do discurso autoral.

No que toca à atuação do *discurso direto substituído*, esse uso se faz notar também com base na utilização da citação direta. Assim, pela citação direta, o autor fala em nome e no lugar do discurso alheio, transpõe para o seu discurso a presença do outro por meio da sua voz, substituindo essa presença alheia. O uso das aspas também demarca textualmente como o discurso alheio foi transposto para o contexto do discurso autoral; por isso, o autor substituiu o outro ao se valer da citação direta. Essa substituição do discurso alheio também serve aos propósitos discursivos de E3CE na medida em que explicita como essa estratégia de desenvolvimento contribui para o planejamento adotado para a MMP.

O fragmento a ser analisado ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

São estes deslocamentos, de pessoas e mercadorias, que estabelecem as novas relações entre as localizações metropolitanas, um elemento essencial na melhor caracterização destes territórios (VILLAÇA, 2001).

O *discurso bivocal de orientação única* representa a atuação de duas vozes cujas orientações convergem entre si. Sendo assim, não há conflito entre ambas as vozes — a voz concernente ao discurso autoral e a voz concernente ao discurso alheio —, pois elas seguem uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual esses deslocamentos de pessoas e

mercadorias estabelecem as novas relações entre as localizações metropolitanas. Assim, E3CE concorda com o discurso alheio e apropria-se dele na medida em que as vozes convergem para uma mesma e única orientação.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, se faz presente na composição da passagem na medida em que o discurso alheio passou a determinar o que por E3CE é dito. Por meio da paráfrase, notamos que o discurso autoral recebeu influências *diretas* das palavras de outrem, pois o que é dito no discurso autoral é resultado da influência recebida do discurso alheio. Assim, como já sabemos até o presente momento, o uso da paráfrase pode representar de maneira cabal a influência do discurso do outro na composição do discurso autoral.

O fragmento a seguir ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente, discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Em seu trabalho, Lynch (1996) examina algumas tipologias de mapas (Mapas de Constituição dos Estados – penetração, orientação, mapas territoriais/fronteiras, administrativos, zoneamentos; mapas como discurso de desenvolvimento; e mapas como discurso nacionalista) utilizados para a formação do Estado e para o desen-volvimento, com a finalidade de revelar as consequências e respostas políticas dos mapas enquanto narrativas espaciais.

O discurso autoral está diretamente *orientado para o referente* na medida em que esse discurso se volta exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: o trabalho de Lynch. Assim, o discurso autoral tenciona se adequar ao máximo a esse objeto — ao trabalho de Lynch. Neste momento da escrita, para E3CE, não importa, portanto, o que dizem outras vozes, pois o seu discurso está orientado para o referente, ou seja, importa mesmo discorrer acerca do referente para o qual está voltado.

A construção da passagem nos permite identificar de maneira evidente o modo pelo qual o discurso autoral *prepara* o discurso alheio. A construção “Lynch examina [...]” ilustra como o discurso autoral preocupa-se em antecipar o discurso alheio. Depois da forma verbal “examina”, todo o conteúdo do discurso autoral concerne ao discurso alheio, pois se trata da

antecipação do discurso alheio no contexto do discurso autoral. Por isso, o *discurso direto preparado* está em cena: a passagem é construída de modo a antecipar o discurso alheio.

Quanto à atuação do *discurso direto substituído*, ela se faz perceber no momento em que, por meio de uma paráfrase, o discurso autoral fala pelo e no lugar do outro. Assim, o discurso alheio apenas é trazido a lume por meio da voz do discurso autoral ao falar pelo outro. A paráfrase, nesse caso, apenas cumpre, então, a função de falar pelo outro; contudo, o discurso autoral não é influenciado pelo outro, uma vez que o autor não se posiciona em relação à tipologia dos mapas. Sendo assim, o discurso autoral não é determinado pelas palavras alheias; do contrário, teríamos em cena a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A passagem a seguir ilustra de maneira cabal a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Segundo Halder e Michel (2018), a abordagem adotada pelo livro sugere que os mapas são moldados por relações sociais, discursos e práticas, sendo estes sempre políticos.

A conjunção conformativa “segundo” nos indica que o discurso de outrem está sendo preparado para ser apresentado ao contexto do discurso autoral e, ao mesmo tempo, nos indica que o autor fala no lugar do outro com o qual dialoga. Assim, se o discurso alheio foi antecipado por meio da voz concernente ao discurso autoral, temos em cena o *discurso direto preparado*; e, se o autor fala no lugar do outro pesquisador com que dialoga, temos em cena o *discurso direto substituído*. Ressalve-se, contudo, que, embora a conjunção conformativa “segundo” foi utilizada, ela não cumpre o papel de indicar, na composição do texto, que o autor está de acordo com o que propõe o pesquisador citado, visto que E3CE não se posiciona em relação à abordagem adotada pelo livro. Podemos depreender que o uso da conjunção conformativa “segundo” apenas cumpre o papel de antecipar o discurso alheio e de falar pelo e no lugar do outro, e não de demonstrar concordância por parte do autor para com o discurso alheio.

O trecho a seguir ilustra apenas a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, mas cumpre uma importante estratégia textual ao se valer desse tipo de discurso:

As formas de representação cartográfica de instrumentos de planejamento precisam considerar a inclusão, em suas formas técnicas, das várias narrativas em disputa para a formação dos territórios.

Neste momento, o discurso autoral volta-se única e exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, a saber: as formas de representação cartográfica de instrumentos de planejamento. Podemos depreender, com base no excerto analisado, que o uso do *discurso direto orientado para o referente* cumpre, também, a função de tornar mais preciso e objetivo o discurso autoral. Sendo assim, esse tipo de discurso é usado principalmente no momento em que o escrevente tem por finalidade deixar o seu discurso mais objetivo e enfático em relação às considerações apresentadas sobre determinado tema.

No caso do excerto em questão, o uso do *discurso direto orientado para o referente* funciona também como uma estratégia por meio da qual o discurso autoral torna-se preciso e objetivo em relação ao que deseja transmitir. A utilização de “precisam considerar” é um exemplo dessa manifestação de objetividade presente no discurso; objetividade esta que também se manifesta por meio do uso do *discurso direto orientado para o referente*, uma vez que o discurso apresenta um objeto para o qual está voltado, única e exclusivamente.

A passagem a seguir ilustra de maneira interessante a atuação de variados tipos de discurso: *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, *diálogo velado* e, por fim, *discurso direto substituído*. Ela se apresenta da seguinte forma na composição do artigo:

O termo potência, empregado aqui, busca inspiração em Aristóteles (2002), que afirma que potência é “o princípio de movimento ou de mudança que se encontra em outra coisa ou na própria coisa enquanto outra”. (ARISTÓTELES, 2002, p. 225).

O uso do *discurso objetificado* se faz notar na construção desta passagem no momento em que o discurso autoral *objetifica* o discurso alheio. Dito de outro modo, o discurso autoral apresenta um objeto — algo sobre o qual o discurso alheio fala —, mas também o próprio

discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor. No caso da passagem em questão, o discurso objetificado refere-se ao discurso de Aristóteles, pois esse discurso — o de Aristóteles — se torna objeto por meio da voz do autor; é acerca desse discurso que discorre o autor. A unidade de enunciação do discurso alheio, portanto, subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto. Assim, o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos de E3CE.

O *discurso bivocal de orientação única* faz-se presente na composição do trecho no momento em que notamos que o fragmento se constitui de duas vozes; todavia, essas vozes seguem uma mesma e única orientação. Há uma convergência entre ambas as vozes citadas — a voz concernente ao discurso alheio e a voz concernente ao discurso autoral —, pois elas dispõem de uma única orientação. Essa única orientação é representada pela interpretação do termo “potência”, em que essa interpretação “bebe” diretamente na fonte de Aristóteles, ao buscar inspiração no discurso desse último.

Temos em cena uma citação direta e, até o presente momento do trabalho, já sabemos que, se temos uma citação direta, temos também a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. O uso da citação direta é um exemplo cabal de que o enunciado é compreendido como um todo compacto, indivisível e imutável. A citação direta, ao promover a transposição do discurso alheio da mesma forma com que originalmente foi empregado, preserva o caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado. Preserva-se, também, o uso do *discurso direto em estilo monumental*, tendo em vista que o caráter imutável do enunciado é concebido pela perspectiva desse tipo de discurso.

A construção “que afirma que” é responsável, na composição do trecho, por antecipar o discurso de outrem, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o autor antecipa/introduz o discurso alheio — nesse caso, o discurso de Aristóteles com que dialoga. Assim, E3CE *prepara* a introdução do discurso do outro no contexto do discurso autoral mediante o uso da expressão “que afirma que”, relativa ao discurso de Aristóteles.

O uso da sentença “busca inspiração em Aristóteles” ilustra de maneira cabal a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ao buscar inspiração no discurso de outrem, o discurso alheio passa a determinar o que por E3CE será dito no contexto do discurso autoral. Assim, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio, justamente na medida em que a fala do discurso autoral é inspirada pela fala do discurso de outrem com a qual dialoga. Portanto, a apropriação do discurso do outro se dá medida em que o discurso alheio passa a fazer parte, ou melhor, a determinar o que será dito no contexto do discurso autoral.

A construção “empregado aqui” pode ter sido muito possivelmente orientada pela atuação do *diálogo velado*. Por meio do uso desse tipo de discurso, notamos que não há visivelmente a presença de um outro, mas podemos “sentir” a presença do outro de uma forma velada. O uso de “empregado aqui” funciona como uma ressalva por meio da qual o autor nos indica que, em outros contextos, a palavra “potência” pode ser interpretada sob outros matizes. Essa consideração a respeito do termo “potência” pode ter sido tecida no contexto do discurso autoral com base na percepção das réplicas de um interlocutor ausente, o qual poderia questionar ou mesmo apontar que, em outros trabalhos, esse termo é concebido sob outras perspectivas. Assim, direta ou indiretamente, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente, ao levar em consideração as possíveis observações desse interlocutor cuja presença não é visivelmente notada, mas pode ser sensorialmente percebida.

O uso do *discurso direto substituído*, por sua vez, também pode ser perceptível com base na presença da citação direta. A citação direta promove, no contexto do discurso autoral, a substituição da fala de outrem. Nesse sentido, o discurso autoral fala *por* e *no lugar* do outro com base no uso de uma citação direta. A citação direta é o recurso adotado por E3CE, nesse caso, para falar em nome do outro; trazer à baila as perspectivas de outrem. Por isso, o discurso é *substituído*, visto que o discurso autoral fala no lugar do discurso alheio.

O excerto que se segue ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente* e do *diálogo velado*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Nesse sentido, a leitura de potência que este trabalho realiza é a potência enquanto “princípio de movimento”.

O discurso está *diretamente* orientado para o referente na medida em que o discurso autoral volta-se única e exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Esse referente é a leitura de potência desenvolvida pelo trabalho. Neste momento da escrita, para E3CE, então, importa apenas o referente, e não o que dizem outras vozes acerca do mesmo referente — a leitura de potência. O discurso autoral, então, procura se adequar ao máximo ao seu objeto/referente para o qual está voltado. O uso do *discurso direto orientado para o referente* também se mostra uma estratégia produtiva no momento em que o autor pretende ser mais objetivo e direto em relação ao que está dizendo; por essa razão, o discurso é diretamente orientado para um determinado referente.

O uso do *diálogo velado*, por sua vez, cumpre a função de se observar a presença de um outro e, com base nessa presença, tecer considerações. A consideração tecida por E3CE com base na presença (oculta) de um outro diz respeito ao fato de afirmar que a leitura de potência que o trabalho realiza é apenas a potência enquanto “princípio de movimento”. Essa consideração indica, implicitamente, que o autor desconsidera outras leituras de potência, já que, certamente, tem consciência da existência de outras leituras de potência. O fato de levar em conta a presença (oculta) do outro se revela no texto na medida em que o autor antecipa considerações em relação a possíveis interpretações equivocadas acerca da leitura de potência, o que prejudicaria toda a interpretação posterior em relação ao trabalho desenvolvido.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Ao construir uma análise crítica frente ao projeto realizado da TVA para a RMBH, Oliveira e Costa (2018, p. 550) pontuam que a representação da TVA no território perdeu sua potência conceitual inovadora a partir da escala trabalhada no projeto e a não incorporação de “experiências e espacialidades locais”, além de uma proposta mínima de dimensões utilizadas na TVA, resultando em um “esvaziamento em relação ao suporte conceitual”.

No que toca à atuação do *discurso objetificado*, seu uso é notado na medida em que o discurso alheio se torna o próprio objeto de discurso de que fala o autor. Dito de outro modo, o discurso do outro apresenta um objeto — algo a respeito do qual o discurso alheio fala —, mas também o próprio discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor. Assim, o discurso do outro é o objeto de discurso do autor e, portanto, a unidade de enunciação do discurso do outro subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, ao se tornar objeto por meio da voz do discurso autoral.

O uso da citação direta, como sabemos até o presente momento deste trabalho, caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio citado é entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. A citação direta caracteriza o uso desse tipo de discurso especialmente porque o discurso do outro é transposto para o contexto do discurso autoral da mesma forma com que originalmente foi empregado, ou seja, não houve alterações de qualquer ordem. Por isso, como

o discurso alheio é transposto da mesma forma com que originalmente foi empregado, preserva-se o caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado alheio, dado que esse enunciado não recebe alterações ou influências de qualquer espécie.

O uso do *discurso direto preparado*, por sua vez, faz-se presente no momento em que o autor antecipa o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Essa antecipação é feita pela forma verbal do verbo “pontuar”: “pontuam que”. Após o uso de “pontuam que”, o discurso autoral discorre sobre o que concerne ao discurso do outro. O uso de “pontuam que”, portanto, cumpre a função de introduzir a fala de outrem no contexto do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*.

Por meio do uso da citação direta, o autor também fala no lugar do outro com o qual dialoga. Desse modo, o discurso autoral fala pelo outro, fala no lugar e em nome do outro. A voz do discurso alheio apenas é trazida a lume, portanto, por meio da voz do discurso autoral, que, mediante o uso da citação direta, fala no lugar dos autores com que dialoga. Temos uma substituição em cena: o autor fala pelo outro, a voz do outro “ganha vida”, por assim dizer, pela voz do discurso autoral. Por isso, temos o uso do *discurso direto substituído*.

O excerto que se segue ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, *discurso objetificado* e *discurso direto substituído*. Ele se apresenta da seguinte maneira na composição do artigo:

No entanto, a expansão da cafeicultura não se deu de forma e intensidade homogêneas no Vale, sendo uma adoção rápida pelos municípios como Areias e Bananal e lentamente por municípios como Guaratinguetá, Taubaté, Lorena e São José dos Campos, porém sempre acompanhado de um processo de urbanização intenso (MÜLLER, 1969).

O uso da conjunção adversativa “no entanto” introduz no contexto do discurso autoral a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Mediante o uso desse tipo de discurso, fica evidente o conflito entre duas vozes que seguem uma orientação diametralmente oposta. Assim, ambas as vozes — a voz concernente ao discurso autoral e a voz concernente ao discurso alheio — não convergem para uma mesma e única orientação. Essa divergência é apresentada em relação à expansão da cafeicultura, cuja adoção não se deu de forma e intensidade semelhantes

em relação a determinadas localidades. O uso do *discurso bivocal de orientação vária*, então, ilustra a atuação de vozes cujos pontos de vista são divergentes entre si.

O uso da paráfrase de que se valeu o autor para construir este trecho ilustra a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o que foi dito no contexto do discurso autoral é determinado pelo discurso alheio. Assim, a paráfrase presente nesse trecho foi realizada com base nas influências diretamente recebidas do discurso de outrem. Toda a construção desse trecho, portanto, se deu com base nas influências recebidas do discurso alheio, as quais foram usadas para compor o excerto em questão.

O uso do *discurso objetificado*, por sua vez, faz-se notar na composição desse trecho na medida em que percebemos que o discurso do outro é usado (objetificado) para se contrapor ao que foi dito anteriormente em relação à expansão da cafeicultura. O discurso do outro, assim, se torna objeto por meio da voz do autor, pois é a partir dele que E3CE tece considerações a respeito da expansão da cafeicultura. Considerações essas que se contrapõem aos discursos cujos dizeres a respeito da expansão da cafeicultura seriam aqueles que a consideram de forma e intensidade homogêneas.

O uso do *discurso direto substituído* também é perceptível por meio da paráfrase de que se valeu o autor. Mediante o uso desse tipo de discurso cuja manifestação se deu a partir do uso de uma paráfrase, E3CE fala por e no lugar do outro com o qual dialoga. O discurso autoral, portanto, fala *em nome* do discurso alheio ao se valer de uma paráfrase por meio da qual se transpõe o discurso alheio para o contexto do discurso autoral. Por isso, há aí uma relação de substituição: o discurso do outro não apresenta as suas concepções por meio de si mesmo, mas apenas por meio do discurso autoral. Esse discurso autoral, por sua vez, é um *outro* também para o discurso alheio, pois há entre ambos — discurso autoral e discurso alheio — uma relação dialógica.

A passagem que se segue diz respeito ao tópico frasal do parágrafo a que concerne e ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A RMVPLN é constituída por movimentos populacionais relacionados aos serviços (como por exemplo os movimentos pendulares voltados aos estudos e ao trabalho), aos materiais (associados às infraestruturas existentes, como os oleodutos e às malhas viárias), além de movimentos relacionados ao turismo e lazer (enfatizando municípios com potencial turístico, como Aparecida e os municípios do Litoral Norte).

O uso do *discurso direto orientado para o referente* configura-se como uma estratégia produtiva especialmente na medida em que o foco do projeto discursivo do autor é estabelecer o tópico frasal do parágrafo. O trecho sob análise é o primeiro período de um parágrafo retirado do artigo e funciona como o tópico frasal desse parágrafo. Assim, como o tópico frasal precisa ser objetivo e pontual, o uso do *discurso direto orientado para o referente* é uma estratégia para configurar precisão ao período, pois, com base nesse tipo de discurso, o discurso autoral volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Mediante o uso desse tipo de discurso, portanto, importa mesmo, para E3CE, apenas o referente, e não alguma outra voz acerca desse mesmo referente, tampouco acerca de outros referentes. O tópico frasal funciona como o período a partir do qual surgem as ideias secundárias as quais orientarão todo o restante do parágrafo; logo, a intenção é que este seja preciso e objetivo. O uso do *discurso direto orientado para o referente*, então, configura essa objetividade mormente porque o discurso autoral se volta única e exclusivamente a um determinado objeto.

O excerto a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso direto em estilo monumental, discurso antecipado, disperso, oculto, discurso direto preparado e discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

Pensar em uma nova forma de planejamento inclusivo exige compreender a complexidade e a diferença entre os sujeitos: “Pensar, planejar ou projetar uma outra cidade, outra sociedade, demanda esclarecer para quem, como e em qual contexto” (LIMONAD, 2018, p. 86).

A atuação do *discurso bivocal de orientação única* é presente de maneira evidente na construção dessa passagem sobretudo porque há uma relação de concordância entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio; por isso, as vozes seguem uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual uma nova forma de planejamento inclusivo exigiria a compreensão da complexidade e da diferença entre os sujeitos. A inclusão de uma citação direta representa, *ipso facto*, a sustentação e até mesmo a confirmação do que foi dito anteriormente, mas também a indicação de que as vozes presentes no discurso seguem uma mesma e única orientação, pois o discurso autoral se vale do discurso alheio para conferir sustentação ao que pelo discurso autoral foi dito.

Quanto ao uso do *discurso direto em estilo monumental*, ele se faz presente por meio do uso da citação direta. Assim, com base no uso desse tipo de discurso e no uso da citação direta, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e

impenetrável. O enunciado alheio assume esse caráter de indivisível e impenetrável justamente porque o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado, isto é, sem alterações de qualquer ordem. Mediante o uso desse tipo de discurso, então, preserva-se o caráter inalterável do enunciado alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral por meio do uso da citação direta.

Como vimos que as vozes seguem uma mesma e única orientação, temos também em cena a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*. O uso de uma citação direta para conferir sustentação ao que por E3CE foi dito ilustra de maneira cabal o modo pelo qual o discurso alheio passou a determinar o que foi dito pelo contexto do discurso autoral. Dito de outro modo, o período anterior à citação direta é uma inferência sobre o que foi dito pelo enunciado alheio e, portanto, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio: o discurso autoral é determinado pelo discurso alheio.

No que respeita às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, seus usos também são percebidos por meio da utilização da citação direta. O primeiro — *discurso direto preparado* — se faz notar no momento em que o discurso autoral se prepara para introduzir o discurso alheio. Essa preparação não é feita de maneira tão evidente, por meio da utilização de escolhas lexicais, por exemplo; entretanto, podemos notar essa preparação por meio do uso das aspas, dado que elas nos indicam que o enunciado seguinte pertence a outrem, e não ao autor. O segundo — *discurso direto substituído* —, por sua vez, se faz perceber no momento em que o autor fala no lugar do outro com o qual dialoga, fala em nome desse outro ao se valer de uma citação direta.

O trecho a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso objetificado, discurso direto em estilo monumental, discurso antecipado, disperso, oculto, discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O retorno do lugar no processo de planejamento territorial é centrado na comunidade local, nos “sujeitos portadores de auto sustentabilidade e autogoverno” (ANDRADE; ALMEIDA, 2016, p. 125) e sua relação com o território.

No que toca às atuações do *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*, elas são percebidas na medida em que as vozes presentes nesse trecho seguem uma mesma e única orientação. Há apenas uma orientação seguida pelas vozes discursivas presentes nesse trecho, o que não se resulta em conflito entre ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. Por isso, a atuação do *discurso bivocal de orientação única* é trazida à cena na construção desse trecho. O trecho também conta com a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, pois E3CE realiza inferências do pensamento alheio no contexto do seu discurso; sendo assim, o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral e, portanto, o que é dito no contexto do discurso autoral é diretamente influenciado pelas falas alheias.

O uso do *discurso objetificado*, por sua vez, faz-se presente na composição da passagem mormente no momento em que E3CE apropria-se do discurso alheio para servir aos seus propósitos discursivos. Assim, o próprio discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor; a fala do outro torna-se objeto por meio da voz do autor. Dito de outro modo, o autor se apropria da fala do outro para tecer suas considerações a respeito do retorno do lugar no processo de planejamento territorial. Por isso, a unidade de enunciação do discurso alheio está *a serviço* da unidade de enunciação do autor, da qual é objeto; portanto, o discurso alheio é *objetificado* pela voz do autor.

O uso da citação direta caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio da utilização desse tipo de discurso, como sabemos, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta vai ao encontro da proposta do *discurso direto em estilo monumental*, visto que preserva o caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado ao este ser transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado.

Quanto às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, também podemos percebê-las com base no uso da citação direta. O uso das aspas concernente a esse tipo de citação cumpre o papel de introduzir/antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral, pois as aspas demarcam textualmente que o enunciado seguinte é de autoria do outro, e não do discurso autoral — o discurso de E3CE. O uso da citação direta também fala no lugar do outro, substitui a voz alheia, pois essa voz apenas é trazida à baila por meio da voz do discurso autoral. Desse modo, o autor fala pelo outro e em nome desse outro, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

O fragmento que se segue ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído*, *discurso direto em estilo monumental* e *discurso objetificado*. Ele se afigura da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

Batty (2012, p. 4) expressa este problema com clareza: “[...] na modelagem, a busca por parcimônia, simplicidade e homogeneidade está sendo cada vez mais confrontada pela necessidade de plausibilidade, riqueza e heterogeneidade”. Nossa proposta técnica procura equilibrar esta relação entre complexidade do mundo e a legibilidade da sua representação.

No que toca às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, elas se fazem presentes no momento em que notamos o fato de o autor preparar o discurso alheio por meio da construção “expressa este problema com clareza”, pois, a partir dela, E3CE introduz/antecipa o discurso do outro no contexto do discurso autoral. Portanto, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado*. Quanto ao segundo — *discurso direto substituído* —, a substituição do discurso de outrem é feita por meio do uso da citação direta. Com base, portanto, no uso da citação direta, o autor fala no lugar do outro com o qual dialoga; fala em nome desse outro. Houve, assim, a substituição da voz alheia no contexto do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

Como sabemos até o presente momento de realização desta pesquisa, o uso da citação direta caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado, vez que ele é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado. Sendo assim, não há alterações de qualquer ordem na transposição do discurso alheio para o contexto do discurso autoral.

O discurso alheio também está *objetificado* mormente no momento em que percebemos que o autor se vale do discurso do outro para buscar um equilíbrio entre complexidade do mundo e a legibilidade da sua representação. Assim, o próprio discurso alheio funciona como objeto de discurso do autor, ao ser objetificado por meio da voz do discurso autoral. Nesse caso, o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E3CE na medida em que ele se vale do discurso de outrem para buscar o equilíbrio da relação apresentada anteriormente. A

unidade de enunciação do discurso alheio, portanto, subordina-se, está *a serviço* da unidade de enunciação do autor, da qual é objeto.

Com as análises supracitadas, findam-se as observações concernentes às relações dialógicas manifestadas em termos de tipos de discurso encontrados na constituição dos artigos científicos representantes da grande área de Ciências Exatas. A seguir, passemos às análises relativas às relações dialógicas manifestadas em termos de tipos e variantes de discurso nos artigos científicos representativos da grande área de Ciências Humanas.

4.3 EXAME DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS NOS ARTIGOS CIENTÍFICOS REPRESENTATIVOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

O primeiro artigo a ser analisado tem por título “Abrindo trilhas com leituras: reflexões sobre a gênese de O nascimento da Tragédia” e encontra-se publicado na edição “atual” — a edição analisada — do periódico “Cadernos Nietzsche”, representativo, nesta pesquisa, das publicações concernentes à área de Ciências Humanas. Desta feita, recorreremos à identificação “E1CH – Escrevente 1 (Ciências Humanas)” com vistas a designar o(s) autor(es) do primeiro artigo sob análise.

O primeiro excerto a ser analisado é representativo da atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso objetificado* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Uma das decisivas novidades de O nascimento da tragédia, como afirma Nietzsche em Ecce Homo, é a compreensão do fenômeno dionisíaco entre os antigos gregos, a formulação e apresentação desse fenômeno como a raiz única de toda a arte helênica.

Percebemos que há a atuação de duas vozes na construção do excerto — a voz concernente ao discurso autoral e a voz concernente ao discurso alheio — e essas vozes seguem uma mesma e única orientação em relação às novidades apresentadas por “O nascimento da tragédia”. Orientação segundo a qual uma das novidades decisivas no que respeita à obra seria a compreensão do fenômeno dionisíaco entre os antigos gregos e a apresentação desse fenômeno como o motivo único de toda a arte helênica. Assim, como as vozes presentes no

discurso autoral seguem uma mesma e única orientação, o fragmento retirado do artigo foi construído com base, também, na atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

No que toca ao uso do *discurso objetificado*, sua atuação é percebida no momento em que a fala alheia — o discurso do outro com que EICH dialoga — passa a funcionar como o próprio objeto de discurso do autor. Desse modo, o discurso alheio se torna objeto por meio da voz do autor. Por isso, o discurso é *objetificado*, pois o que é dito pelo discurso do outro — nesse caso a fala de Nietzsche — tornou-se o próprio objeto de discurso do autor, funcionando como conteúdo temático nas palavras do discurso autoral.

O que foi dito pelo discurso alheio influenciou diretamente no que foi dito pelo discurso autoral. Assim, temos em cena a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, pois o discurso do outro passou a “contaminar” o discurso autoral. Dito por outras palavras, ao receber influências *diretas* do discurso alheio, esse discurso — o discurso alheio — passou a determinar o que foi dito no contexto do discurso autoral. Sem a fala alheia, portanto, o discurso autoral não seria capaz de vir a lume.

A próxima passagem sob análise ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente* e do *discurso objetificado*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O presente trabalho procura problematizar essa tensão entre as leituras de Nietzsche, em especial dos escritos de August Schlegel, e o processo de formação de seu pensamento, o que implica uma transformação muito significativa daquilo que foi lido e recebido, como atestam inúmeros textos do período de elaboração de O nascimento da tragédia.

Já vimos que, em momentos em que o enunciador precisa ser direto e objetivo, o uso do *discurso direto orientado para o referente* pode ser uma estratégia produtiva. É o que acontece na construção do excerto acima. O discurso autoral, neste momento, apresenta o objetivo central de seu artigo e, para tal, tem-se a necessidade de ser mostrar pontual, direto e objetivo. Assim, o discurso autoral volta-se exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente, qual seja: o(s) objetivo(s) a que se propõe a realização do trabalho. Esses objetivos seriam a problematização entre as leituras de Nietzsche e o processo de formação de seu pensamento. Assim, o discurso autoral está diretamente orientado para o seu referente; o enunciador procura, portanto, se adequar ao máximo a esse referente.

Quanto à atuação do *discurso objetificado*, ela é percebida no momento em que o discurso do outro, de certa forma, passa a se tornar objeto por meio do discurso autoral. No caso do trecho em causa, o discurso do outro é objetificado no momento em que EICH cita que os inúmeros textos do período de elaboração de “O nascimento da Tragédia” já implicavam uma transformação daquilo que foi lido a recebido. Por isso, o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos de EICH: a fala do outro se tornou objeto de discurso do autor no momento em que a unidade de enunciação do discurso do outro subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. Isso posto, podemos inferir que os objetivos do artigo foram transpostos para o contexto do discurso autoral com base na utilização do *discurso direto orientado para o referente* e também do *discurso objetificado*, dado que a fala alheia “serve” ao projeto discursivo de EICH na medida em que embasa, em certa medida, o que é dito em relação aos objetivos propostos pela pesquisa.

A próxima passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

A arte apolínea é concebida como o domínio da “visão, do belo, da aparência”, no qual devemos “ver não com os olhos abertos”, mas com “imagens interiores”, cuja produção o rapsodo procura nos estimular (DW/VD2, KSA1.563).

Como vemos, temos em cena uma citação direta e, assim, temos também a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso que se manifesta mediante a utilização da citação direta, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Esse caráter “imutável” do enunciado é preservado sobretudo porque o discurso alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de nenhuma ordem; preserva-se, assim, o caráter “inalterável” do discurso alheio. O discurso do outro, portanto, é transmitido *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregado; sem alterações de qualquer ordem. O uso do *discurso direto em estilo monumental* também pode ser percebido como um recurso por meio do qual o autor recorre fielmente às palavras de outrem para explicar determinado tema, seja porque não se sente seguro em explicar com suas próprias palavras, seja porque acredita que a transcrição fiel das palavras de outrem pode explicar melhor o assunto tratado.

Quanto ao uso do *discurso direto preparado*, sua atuação é percebida no momento em que o enunciador antecipa o discurso alheio, introduz o discurso de outrem no contexto do discurso autoral. Nesse caso, a antecipação do discurso alheio é feita com base no uso da citação direta, que, por meio das aspas, marca que o discurso concerne a outrem; esse recurso gráfico (as aspas) também serve para indicar a introdução da fala de outrem no contexto do discurso autoral. Por isso, por meio do uso desse tipo de discurso, há a antecipação do discurso do outro.

O uso da citação direta também promove textualmente a atuação do *discurso direto substituído*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o autor fala pelo outro; fala no lugar desse outro. A citação direta mostra que o autor fala pelo outro no momento em que se introduz a fala do outro por meio do recurso à citação direta. Assim, o autor fala em nome do outro, substituindo-o por meio de sua voz.

O fragmento a seguir ilustra a atuação do *discurso objetificado* e do *discurso direto em estilo monumental*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Em O nascimento da tragédia, enfim, desdobra-se a analogia entre as imagens de sonho e a visão apolínea da arte: Apolo “reina sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia” (GT/NT1, KSA1.27) e, ao mesmo tempo, tal fantasia não se confunde com a realidade, mantendo bem delimitadas suas fronteiras.

O discurso é *objetificado* na medida em que percebemos que a voz do outro está “a serviço” da voz autoral. Dito de outro modo, EICH se vale do discurso alheio para ilustrar o que por ele foi dito anteriormente. Por isso, a unidade de enunciação do discurso do outro subordina-se à unidade de enunciação do autor, de que é objeto. O discurso do outro é objetificado por meio da voz do autor justamente por isto: o autor se vale do discurso alheio para ilustrar/exemplificar o que foi dito anteriormente pelo discurso autoral.

Como temos uma citação direta, temos também a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso dessa citação e desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido com um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Na passagem acima, vemos que o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Por isso, tanto o uso da citação direta quanto o uso do *discurso direto em estilo monumental* preservam esse caráter

“imutável” e “inalterável” do discurso alheio ao ser transposto para o contexto do discurso autoral.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Enquanto o elemento da epopeia é a beleza, a tragédia forma um mundo intermediário entre a beleza e a verdade, constituído não pela “bela aparência, mas pela aparência”, não pela “verdade, mas pela verossimilhança” (DW/VD3, KSA1.567).

Nessa passagem, talvez possamos inferir que o uso do *discurso direto em estilo monumental* cumpre uma função para além da mera transcrição exata do pensamento de outrem. Nesse caso, talvez EICH tenha se sentido mais confiante em transcrever *ipsis litteris* o pensamento de outrem ao invés de explicar com suas próprias palavras os elementos da tragédia. Esse tipo de escolha pela transcrição literal do pensamento de outrem pode se dar em função da crença de esses elementos citados serem mais bem explicados por meio das palavras alheias; com base nas mesmas palavras originalmente empregadas. Assim, o uso do *discurso direto em estilo monumental* também pode ser entendido como um recurso por meio do qual o autor se sinta mais confiante em transcrever as palavras de outrem da mesma forma com que originalmente foram empregadas, seja porque elas explicam melhor o assunto tratado, seja porque o autor não conseguiria explicar tão bem esses conceitos com suas próprias palavras; seja, ainda, porque o uso da citação direta demonstra que o autor não está “inventando” ou “deturpando” algo que em outras ocasiões já foi por outros pesquisadores.

No que toca às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, elas são percebidas por meio do uso da citação direta. A citação direta antecipa o discurso alheio visivelmente por meio do recurso às aspas, as quais demarcam textualmente que o discurso concerne a outrem; não faz parte do discurso autoral. Assim, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado*. A citação direta também indica textualmente que o autor fala pelo outro, fala em nome desse outro ao transpor o discurso alheio para o contexto do discurso

autoral; portanto, também temos em cena a atuação do *discurso direto substituído* na construção dessa passagem.

O fragmento que se segue é representativo da atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso objetificado* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ele se apresenta da seguinte forma na composição do artigo:

A música, com seu lirismo, faz com que o símbolo aja como verdade, que o mundo da cena possa ser experimentado como um mundo que parece verdadeiro (DW/VD4, KSA1.571;574), tornando possível o envolvimento na emoção dionisíaca simbolizada nos personagens trágicos.

O *discurso bivocal de orientação única* faz-se presente no momento em que percebemos a atuação de duas vozes; contudo, essas vozes seguem uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual a música faz com que o símbolo aja como verdade, como aquilo que parece verdadeiro. Não há, portanto, conflito entre ambas as vozes citadas — a voz concernente ao discurso autoral e a voz concernente ao discurso alheio —, pois elas estão seguindo uma mesma e única orientação em relação à música.

O *discurso objetificado*, por sua vez, se faz presente na medida em que notamos que o próprio discurso alheio funciona como o objeto de discurso do autor. Dito de outro modo, o excerto não apresenta uma ideia original e inédita; o excerto é construído com base nas palavras de outrem por meio do recurso à paráfrase. Sendo assim, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se, está sujeita à unidade de enunciação do autor, de que é objeto. A unidade de enunciação do discurso alheio, portanto, “serve” às intenções do projeto discursivo de EICH.

No que concerne ao uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, ele orientou toda a construção desse fragmento; ele foi, por assim dizer, a base para a construção do fragmento. Mediante o uso desse tipo de discurso, o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral. O discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio, sobretudo porque tudo o que é dito no contexto do discurso autoral foi baseado no que por outras vozes foi dito e com as quais se estabelece um diálogo. Por isso, o discurso autoral é determinado pelas palavras do discurso alheio, pois o que é dito pelo discurso autoral é feito com base em uma paráfrase e, portanto, com base no que já foi dito por outras vozes.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental* e mostra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* apenas na composição do discurso alheio; não sendo transposta, portanto, para o contexto do discurso autoral, dado que a relação “eu/outro” está presente apenas no contexto do discurso alheio. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Já no capítulo 8, introduzindo a relação entre a forma primitiva do coro, associada aos rituais dionisíacos, e sua forma trágica, Nietzsche reabilita a noção de espectador ideal, antes criticada, enfatizando que na tragédia “não se dava nenhuma contraposição entre público e coro” (GT/NT8, KSA1.59).

Como é sabido até o presente momento desta pesquisa, o uso de uma citação direta promove a atuação do *discurso direto em estilo monumental* na escrita de artigos científicos. Com base no uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta, portanto, preserva esse caráter de “imutabilidade” do enunciado alheio exatamente na medida em que o discurso do outro é transposto *ipsis litteris* para o contexto do discurso autoral. Ou seja, o enunciado alheio é transposto para o contexto do discurso autoral sem alterações de qualquer ordem; sem interferências realizadas pela voz concernente ao discurso autoral. Essa preservação do caráter inalterável do enunciado pode ser justificada também pelo fato de talvez o autor considerar que o uso da palavra alheia explicaria de forma mais bem elaborada o pensamento alheio ao invés de explicar determinado conceito com base nas próprias palavras do autor.

Percebemos que há, no discurso de Nietzsche — autor com o qual o discurso autoral dialoga —, uma divergência de orientações. Essas orientações são relacionadas à noção de espectador ideal, a qual anteriormente era criticada. Para Nietzsche, essa noção de espectador ideal não deveria ser criticada, mas sim reabilitada. Há em cena, portanto, duas vozes cujas orientações são diametralmente opostas, isto é, não são convergentes entre si. Por essa razão, o discurso de Nietzsche — transposto para o contexto do discurso autoral — foi elaborado com base no uso do *discurso bivocal de orientação vária*.

O segmento que se segue ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e *discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

É nesse sentido que se deve compreender a afirmação de Nietzsche de que Dioniso é o “efetivo herói cênico” e que todas as figuras do palco grego são apenas “máscaras” do deus (GT/NT10, KSA1.69).

As duas vozes presentes na constituição do fragmento não apresentam orientações opostas entre si; pelo contrário: ambas convergem para uma mesma e única orientação. Orientação conforme a qual se deve compreender a afirmação de Nietzsche como “efetivo herói cênico” e que as outras figuras do palco seriam apenas “máscaras” do deus. Não há, portanto, conflitos/divergências entre ambas as vozes citadas, pois elas seguem uma mesma e única orientação. Assim, a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio estão embasadas no uso do *discurso bivocal de orientação única*.

O pequeno trecho “efetivo herói cênico” caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e inalterável. Notamos que as palavras de outrem foram transpostas para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foram empregadas. Assim, preserva-se o caráter “imutável” do enunciado do outro, haja vista que ele foi transposto para o contexto do discurso autoral sem alterações de qualquer ordem. Mediante o uso desse tipo de discurso, há também um modo de o autor se manter fiel às palavras do outro com o qual dialoga, tendo em vista que não houve alterações na passagem do discurso alheio para o contexto do discurso autoral.

No que toca aos usos do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, eles se fazem presentes na constituição do excerto na medida em que o autor fala em nome do outro com que dialoga. O uso das aspas, por exemplo, é um recurso gráfico que mostra textualmente a antecipação do discurso alheio para o contexto do discurso autoral. Elas — as aspas — antecipam/introduzem o discurso alheio no contexto do discurso autoral, uma vez que demarcam textualmente que o enunciado seguinte concerne ao outro, e não à voz autoral. Sendo assim, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado*. Mediante o uso da citação direta, o autor também fala no lugar do outro com o qual dialoga, já que a voz alheia apenas é trazida

à baila com base na voz autoral. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso direto substituído*.

Quanto ao uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, ele faz-se presente na medida em que notamos que o discurso alheio passou a determinar o que foi dito pelo discurso autoral. Nesse ponto, podemos fazer um cruzamento, por assim dizer, com o *discurso bivocal de orientação única*, já que, se o fragmento dispõe de uma mesma e única orientação, é de se esperar que o discurso alheio tenha influenciado diretamente o que foi dito no contexto do discurso autoral. Desse modo, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio; influências sem as quais o fragmento não teria sido escrito da maneira como foi.

A próxima passagem ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária, discurso direto em estilo monumental, discurso direto preparado e discurso direto substituído*. Ela se apresenta da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

O coro expressa, como tal, o “sentido republicano” dos gregos, segundo o qual todo acontecimento relevante deveria transcorrer publicamente, aos olhos do conjunto de cidadãos (DK, 49). Nietzsche, por sua vez, concebe o coro como o “símbolo da multidão dionisiacamente excitada” (GT/NT8, KSA1.61), remetendo, como num espelhamento, à configuração primitiva da tragédia.

O discurso é *bivocal de orientação vária*; no entanto, não há orientações diametralmente opostas entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. Essas orientações opostas são percebidas entre as vozes alheias, tendo em vista que o autor e, portanto, o discurso autoral não se posiciona acerca do tema em voga. Portanto, há um conflito entre as vozes alheias no que respeita ao coro. O discurso autoral, nesse caso, apenas cumpre a função de mostrar textualmente orientações/visões distintas em relação ao coro. Sendo assim, podemos afirmar que a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* é mostrada com base nas palavras do autor; ou melhor, é *narrada* por meio da voz autoral.

As palavras alheias são transpostas para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foram empregadas. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Com base no uso desse tipo de discurso, o

enunciado do outro é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso desse tipo de discurso preserva esse caráter de imutabilidade do enunciado, já que o discurso alheio foi transposto para o contexto do discurso autoral sem alterações de qualquer ordem. O uso desse tipo de discurso também é, como vimos, um modo de o autor manter-se fiel às palavras de outrem, representando, de saída, a(s) ideia(s) de outrem da mesma maneira que o autor gostaria de que elas fossem explicadas, uma vez que o discurso autoral se mantém fiel à transcrição do discurso alheio.

O uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, por sua vez, é notado no momento em que o autor fala pelo outro. Quanto ao primeiro — *discurso direto preparado* —, as aspas cumprem a função de demarcar textualmente a antecipação do discurso alheio para o contexto do discurso autoral. Quanto ao segundo — *discurso direto substituído* —, o uso da citação direta promove a ascensão do discurso alheio no contexto do discurso autoral, uma vez que E1CH fala pelo e no lugar do outro com o qual dialoga. Ambos esses tipos de discurso, ao serem usados, também garantem que o autor fale pelo outro, mas sem se comprometer com aquilo que é dito pelo outro, já que o discurso autoral não se posiciona em relação ao assunto, ou seja, o discurso autoral, nesse caso, não se deixa influenciar pelas palavras alheias.

O excerto a seguir é particularmente interessante, sobretudo porque E1CH mostra como o discurso alheio se valeu do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação vária* para compor o seu próprio discurso — o discurso alheio citado. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Em A visão dionisíaca de mundo, Nietzsche utiliza a interpretação de Schlegel do uso da máscara na tragédia, mas a desloca de seu contexto, transformando-a em um apoio para a elaboração de sua própria tese sobre o dionisíaco.

Nesse excerto, notamos a atuação do *discurso objetificado* no discurso de Nietzsche, ou seja, no discurso alheio, e não no contexto do discurso autoral. O discurso autoral narra, por assim dizer, a atuação do *discurso objetificado* nesse excerto. Dito por outras palavras, Nietzsche se valeu do pensamento de outrem de uma maneira muito evidente na construção desse excerto; por isso, o discurso é objetificado. E1CH afirma que Nietzsche “utiliza a

interpretação de Schlegel”. É um exemplo cabal da atuação do *discurso objetificado*, visto que o próprio discurso de outrem — nesse caso o discurso de Schlegel — funciona como o próprio objeto de discurso do autor. Desse modo, a unidade de enunciação do autor com o qual Nietzsche dialoga subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto e, portanto, a unidade de enunciação do discurso alheio está “a serviço” da unidade de enunciação do discurso de Nietzsche. O discurso autoral, por sua vez, — o discurso de EICH —, cumpre a função de narrar a atuação desse tipo de discurso no discurso de Nietzsche.

O discurso autoral também narra, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* na composição desse trecho. Percebemos que há um conflito entre a voz de Nietzsche e a voz com a qual ele dialoga, pois ambas não compartilham da mesma orientação em relação ao uso da máscara na tragédia. Nietzsche desloca a interpretação de Schlegel de seu contexto e a transforma em um apoio para a elaboração de sua própria tese. O fato de Nietzsche deslocar essa interpretação já demonstra que ambas as vozes — a voz do discurso de Nietzsche e a voz com a qual ele dialoga — não compartilham de uma mesma e única orientação. Por essa razão, o discurso é *bivocal de orientação vária* e o discurso autoral — o discurso de EICH — cumpre a função de narrar a atuação desse tipo de discurso na composição do excerto sob análise.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Essa anotação, retomada no ensaio A visão dionisíaca de mundo, dá lugar a uma singular interpretação do uso de máscara na tragédia, na qual Nietzsche afirma que a máscara expressa o surgimento de um novo aspecto na arte dramática, uma “certa indiferença em relação à aparência”

O discurso autoral se vale do uso de uma citação direta e, como tal, sabemos que a citação direta ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o discurso de outrem é trazido para o contexto do discurso autoral da mesma forma com que originalmente foi empregado, ou seja, *ipsis litteris*. Com base no uso desse tipo de discurso, então, o enunciado alheio é entendido como um todo compacto, indivisível,

imutável e impenetrável. Apesar de a citação direta longa não ter sido também transposta para este trabalho (a passagem citada termina nos dois-pontos, que introduziriam a citação direta longa), sabemos que ela preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado alheio, já que esse enunciado é transposto para o contexto autoral sem alterações de qualquer ordem. O uso desse tipo de citação e, por conseguinte, desse tipo de discurso é também um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, pois o discurso alheio não sofre alterações. É talvez também uma maneira de o autor procurar transmitir a explicação de um conceito da forma o mais clara possível, uma vez que determinado conceito seria mais bem explicado com base nas palavras de outrem, nas palavras originalmente empregadas de outrem.

Quanto às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, elas cumprem, como já sabemos até o presente momento, uma função muito semelhante. O *discurso direto preparado* cumpre a função de antecipar o discurso de outrem no contexto do discurso autoral. Esse movimento retórico ocorre com base no uso do verbo “afirmar”: “Nietzsche afirma que”. Assim, o discurso autoral antecipa o discurso alheio de modo a fazer parte do contexto do discurso autoral. Esse movimento retórico também cumpre a função de *substituir* o discurso alheio, tendo em vista que o autor fala por e no lugar do outro com o qual dialoga; fala em nome desse outro. Portanto, temos em cena a atuação do *discurso direto substituído*.

O próximo excerto a ser analisado ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Essa apropriação do conceito é corroborada pelo capítulo 10 de O nascimento da tragédia, no qual Nietzsche afirma que os gregos “não podiam suportar indivíduos na cena trágica” (GT/NT10, KSA1.71).

Uma vez mais, podemos notar que o discurso autoral narra, por assim dizer, a atuação do *discurso objetificado*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o próprio discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor e, nesse caso, entenda-se Nietzsche como autor. O termo “apropriação do conceito” ilustra de maneira cabal a atuação do *discurso objetificado*, pois, por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio “serve” aos propósitos

discursivos concernentes ao projeto discurso do autor (entenda-se Nietzsche como autor). O discurso autoral, por sua vez, cumpre a função de narrar a atuação desse tipo de discurso no discurso de Nietzsche, já que, desta vez, o discurso é objetificado por Nietzsche, e não pela voz do discurso autoral.

O uso da citação direta promove a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Com base no uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter de imutabilidade do enunciado alheio, já que ele é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregado. É um modo também, como vimos, de o autor se manter fiel às palavras de outrem, pois o discurso alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem. Pode ser um modo também pelo qual o autor se sinta mais confiante ao explicar determinado conceito, pois talvez as suas palavras não conseguiriam contemplar com clareza, ao fim e ao cabo, toda a complexidade que possa estar atrelada a determinada noção.

O uso da escolha verbal “afirma” também ilustra, nesse caso, a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. A construção “no qual Nietzsche afirma” introduz a palavra de outrem no contexto do discurso autoral; ocorre, assim, a antecipação do discurso alheio no contexto do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*. A partir desse movimento, o discurso alheio passa a fazer parte do discurso autoral, ainda que, nesse caso, o discurso autoral não tenha recebido influências diretas do discurso de outrem. A construção “no qual Nietzsche afirma” também cumpre o papel de falar pelo outro, falar no lugar do outro com o qual dialoga, por meio, também, do uso da citação direta. Portanto, temos em cena a atuação do *discurso direto substituído*.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *diálogo velado*, uma subclassificação do *discurso bivocal de tipo ativo*. Ela cumpre uma função metalinguística, dado que se refere à própria construção do artigo. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Escapa aos objetivos do presente artigo empreender uma análise detalhada de tal concepção de Schlegel, o que se pretende aqui é justamente estabelecer uma relação, a nosso ver fecunda, entre a leitura e o modelo entendido em sentido artístico

Como sabemos, na seara da escrita acadêmica, é comum que se apresentem as limitações decorrentes de determinado trabalho realizado; algo que pode lançar luz, por exemplo, a sugestões para pesquisas futuras. É o que acontece com a construção dessa passagem sob análise: por meio do uso do *diálogo velado*, E1CH considera as réplicas de um interlocutor ausente ou mesmo leva em conta a presença — não visível, mas sentida — de outrem. Assim, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as possíveis réplicas de um interlocutor ausente — seja a comunidade acadêmica leitora, sejam os pareceristas do artigo em questão. Apresentar as limitações de determinada pesquisa realizada é um movimento que leva em conta a presença do outro, pois esse movimento poderia ser uma resposta a possíveis indagações dos leitores, por exemplo, ou mesmo dos pareceristas em relação a objetivos não contemplados pelo presente artigo. Logo, o *diálogo velado* é um modo pelo qual o autor pode evitar possíveis críticas no que tange à construção do seu artigo, contribuindo, também, em certa medida, para que o artigo seja aceito para publicação no periódico escolhido.

O fragmento a seguir ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Nietzsche nomeia essa capacidade apropriadora, que diz respeito “a um homem, a um povo, a uma cultura”, de força plástica e a descreve como a “capacidade de crescer por si mesmo, transformar e incorporar o estranho e passado” (HL/Co. Ext. II, 1, KSA1. 251).

O enunciado alheio, na composição deste trecho, foi entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Isso porque o discurso do outro foi transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, com as mesmas palavras que originalmente foram empregadas. Assim, ao fazer uso da citação direta que se manifesta com base no uso do *discurso direto em estilo monumental*, E1CH preserva esse caráter de imutabilidade do enunciado alheio, já que ele não sofre alterações de qualquer ordem ao ser transposto para o contexto do discurso autoral. O uso do *discurso direto em estilo monumental* também é um modo de E1CH se manter fiel à descrição proposta por Nietzsche, tendo em vista que opta pelas palavras de outrem para se referir a essa capacidade apropriadora; não faz uso, portanto, de suas próprias palavras.

No que toca às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, elas também são percebidas com base no uso da citação direta. Essa capacidade apropriadora a que Nietzsche se refere é antecipada por meio da voz do discurso autoral, especialmente com o uso de “que diz respeito a” e “e a descreve como a”: valorações adotadas por E1CH para introduzir o discurso de outrem no contexto do discurso autoral. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado*. Essas mesmas posições axiológicas — “que diz respeito a” e “e a descreve como a” —, bem como o uso das aspas servem para demarcar o momento em que o autor fala pelo outro, fala em nome e no lugar desse outro. Dessa maneira, a voz concernente ao discurso do outro apenas é trazida à baila por meio da voz do discurso autoral e, portanto, temos em cena a atuação do *discurso direto substituído*.

O próximo excerto é o último trecho a ser analisado referente ao primeiro artigo publicado na edição “atual” do periódico representativo da área de Ciências Humanas. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

As leituras de Nietzsche, do período de redação de O nascimento da tragédia, contribuem para compreender aspectos significativos da relação que estabelece com a tradição filosófica: ele se confronta em suas leituras e comentários continuamente com a tradição, mas nesse confronto é criado algo novo, algo que implica uma transformação da tradição.

Este excerto representa a atuação do *discurso objetificado*, do *diálogo velado* e do *discurso direto impressionista*. Quanto ao *discurso objetificado*, seu uso é percebido no momento em que o próprio discurso do outro funciona como o objeto de discurso de E1CH. Assim, há uma apropriação do discurso alheio e, portanto, a voz do discurso alheio está “a serviço”, “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CH. Dito de outro modo, as leituras de Nietzsche contribuíram para a compreensão dos aspectos significativos da relação estabelecida com a tradição filosófica. Por isso, o discurso do outro foi *objetificado*, dado que foi apropriado pela voz do discurso autoral e subordinou-se às intenções do projeto discursivo de E1CH.

O uso do *diálogo velado*, por seu turno, mais uma vez contribui para a construção do trecho na medida em que se refere a uma parte importante da composição de um artigo científico: as contribuições da pesquisa. Sabendo que o seu texto será julgado, ou melhor, a relevância do seu artigo científico será julgada também por meio das contribuições alcançadas

pela pesquisa, E1CH se preocupa em descrever detalhadamente as contribuições das leituras de Nietzsche para o trabalho realizado. Esse movimento é feito tendo em vista as réplicas de um interlocutor cuja presença não pode ser visualizada; todavia, pode ser sentida. Até o presente momento, podemos inferir também que o uso do *diálogo velado* pode ser uma estratégia que, ao considerar eventuais críticas dos destinatários, leva o autor a pensar melhor nas escolhas lexicais, estilísticas e fraseológicas, contribuindo para o tecer produtivo do artigo científico em termos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero.

Nesse excerto, também notamos a atuação do *discurso direto impressionista*. Mediante o uso desse tipo de discurso, há a revelação do que está no âmago do discurso interior do outro. Essa revelação seria a de que Nietzsche se confronta em suas leituras e comentários de maneira constante e, nesse confronto, cria-se algo novo, algo que implica transformação da tradição. Por isso, o *discurso direto impressionista* está em cena, sobretudo porque houve a transmissão do discurso interior de Nietzsche. Essa revelação do discurso interior é entendida em termos da relação de Nietzsche com a tradição filosófica: a partir do confronto, cria-se um novo ponto de vista.

As análises que se seguem dizem respeito ao segundo artigo publicado na edição “atual” /analizada do periódico “Cadernos Nietzsche”, representativo da grande área de Ciências Humanas. O artigo se intitula “Entre a arte e a filosofia: Nietzsche e o lugar de Platão em O nascimento da tragédia”. Desta vez, recorreremos à identificação “E2CH – Escrevente 2 (Ciências Humanas)”.

O primeiro trecho a ser analisado ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Como mostra Roberto Machado em sua publicação dedicada à apresentação da polêmica e dos próprios textos que compuseram todo o embate em torno de O nascimento da tragédia, a originalidade de Nietzsche não está exatamente no modo como neste livro ele concebe a música – muito próximo ao posicionamento de Schopenhauer. Está sobretudo no fato de ele se inspirar na concepção schopenhaueriana da música “para pensar a tragédia como uma arte fundamentalmente musical, articulando Schopenhauer com o movimento de utilização da Grécia como modelo para pensar a cultura alemã, através de um renascimento do espírito trágico”.

Quanto ao uso do *discurso objetificado*, ele se faz notar no momento em que E2CH se vale do discurso de outrem para tecer suas próprias considerações em relação à apresentação da polêmica e dos próprios textos que compuseram “O nascimento da tragédia”. Nesse sentido, o discurso alheio está “a serviço”, “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CH. A unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. Por isso, o discurso de outrem é objetificado e a fala alheia passa a se tornar, portanto, objeto por meio da voz do discurso autoral.

A atuação do *discurso bivocal de orientação única* se faz presente no momento em que notamos a presença de duas vozes, mas essas vozes seguem uma mesma e única orientação. Não há conflito, portanto, entre ambas as vozes citadas. Dito por outros termos, a orientação é a mesma no que se refere à inspiração de Nietzsche na concepção schopenhaueriana: ambas as vozes concordam que Nietzsche “bebe” na fonte de Schopenhauer. Por isso, ambas as vozes seguem uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

Percebemos o uso do *discurso direto em estilo monumental* no fim desse trecho sob análise. Como sabemos, temos a presença de uma citação direta. Por meio dela, as palavras de outrem são transpostas para o contexto do discurso autoral da mesma forma com que originalmente foram empregadas, isto é, *ipsis litteris*. Nesse sentido, o uso da citação direta preserva esse caráter imutável e inalterável do enunciado, já que o discurso do outro foi transposto para o contexto do discurso autoral da mesma maneira com que originalmente foi empregado. O uso do *discurso direto em estilo monumental* e, portanto, da citação direta

também pode ser entendido como um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem e também promover um melhor entendimento do assunto tratado ao julgar que as palavras do discurso do outro podem elucidar de mais bem detalhada as ideias expostas.

No que concerne ao uso do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, podemos considerar o fato de ele ter orientado toda a construção desse trecho. Isso porque o discurso alheio passou a determinar o conteúdo temático presente no discurso autoral. Nesse sentido, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio e, por isso, o discurso autoral está embebido das ideias de outrem. Dito por outras palavras, os autores lidos por E2CH influenciaram diretamente o que por ele foi dito no contexto do discurso autoral; influências sem as quais possivelmente o discurso autoral sequer poderia ser formulado e tomado forma.

O próximo segmento a ser analisado ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Em sua Introdução, Machado afirma que, ao se referir aos gregos como “nossos luminosos guias”, Nietzsche dá continuidade ao projeto de Winckelmann, Goethe e Schiller de pensar a obra de arte moderna a partir de uma reflexão sobre a arte grega. Contudo, diferentemente destes autores, Nietzsche não toma os gregos como essencialmente ou exclusivamente apolíneos, e os relaciona ao que, para ele próprio, seria um aspecto mais profundo da cultura grega: o dionisíaco, que não havia sido pensado por aqueles.

Podemos perceber que E2CH narra, por assim dizer, as ideias do discurso do outro no momento em que introduz esse discurso no contexto do discurso autoral. Sentenças como “Machado afirma que” e “Nietzsche dá continuidade” são ilustrativas do modo pelo qual ocorre a preparação do discurso do outro para fazer parte do discurso autoral. Essa antecipação do discurso alheio, por sua vez, é feita com base em uma narrativa, pois o discurso autoral conta sobre a introdução de Machado. Partindo dessa introdução de Machado, o discurso autoral introduz as falas dos outros com os quais dialoga — Machado e Nietzsche. Sendo assim, como houve a antecipação do discurso alheio de modo a fazer parte do discurso autoral e como o discurso autoral fala pelo e no lugar dos autores com os quais dialoga, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

Quanto ao uso do *discurso bivocal de orientação vária*, sua presença é notada no momento em que as vozes presentes apresentam orientações diametralmente opostas. Ressalve-

se, em tempo, que essas vozes não dizem respeito ao discurso autoral, ou seja, não são aquelas vozes concernentes ao discurso autoral, mas sim ao discurso alheio. O papel de E2CH, nesse caso, é narrar, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Essa narração se dá a partir do momento em que E2CH cita a conjunção adversativa “contudo”, a qual ilustra de maneira cabal a presença de um conflito. Tal conflito se dá entre a voz de Nietzsche e de outros autores citados por E2CH. Assim, o discurso autoral narra a orientação oposta entre a voz de Nietzsche e a voz dos autores com que ele dialoga. Essa orientação oposta reflete o pensamento diferente de Nietzsche em relação aos seus contemporâneos: ele não toma os gregos como única e exclusivamente apolíneos. Por isso, nesse cenário, E2CH narra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* na composição desse trecho.

O fragmento que se segue ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Ele empreende um movimento de valorização radical das aparências, que passam a ser compreendidas exclusivamente no âmbito da imanência, sem qualquer essência subjacente, o que, em 1887, lhe permitirá chegar a apontar a arte como a principal antípoda dos ideais ascéticos: “– a arte, na qual precisamente a mentira se santifica, a vontade de ilusão tem boa consciência a seu favor, opõe-se bem mais radicalmente do que a ciência ao ideal ascético: assim percebeu o instinto de Platão, esse grande inimigo da arte, o maior que a Europa jamais produziu”. (GM/GM III, 25, KSA 5.420, tradução de PCS).

Podemos notar que, neste excerto, E2CH também cumpre o papel de narrar a atuação dos discursos *direto preparado* e do *direto substituído*. E2CH cita o modo pelo qual Nietzsche empreende um movimento de valorização radical das aparências e todas as outras implicações dessas aparências. Esse movimento de contar sobre essa valorização radical das aparências é narrado no contexto do discurso autoral pela voz de E2CH. Desse modo, o discurso do outro apenas é trazido à baila mediante a voz do discurso autoral; o discurso alheio apenas toma forma por meio da voz do autor que o introduz no contexto do discurso autoral. Desse modo, E2CH fala pelo outro, fala em nome desse outro com o qual dialoga; não sendo necessário, portanto, que esse outro fale a respeito de suas ideias, pois o autor faz isso por ele. Por isso, temos a atuação do *discurso direto substituído*, já que o discurso autoral fala pelo discurso alheio.

Temos, também, a atuação do *discurso direto preparado*, tendo em vista que E2CH antecipa/introduz o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Todos esses movimentos — de antecipação do discurso alheio e de fala no lugar do outro — são acontecimentos discursivos narrados pela voz do discurso autoral.

No que concerne à atuação do *discurso direto em estilo monumental*, ela se faz presente no momento em que E2CH faz uso de uma citação direta. Por meio da citação direta, o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregado. Por isso, o uso dessa citação preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado alheio ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, pois há a compreensão segundo a qual o enunciado alheio seria um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. É uma forma também, portanto, de o autor se manter fiel às palavras de outrem, não acrescentando a elas nenhuma alteração de qualquer ordem.

A passagem que se segue também ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Nietzsche menciona rapidamente a relação estreita entre mestre e discípulo no momento em que trata mais especificamente das restrições de Sócrates à tragédia. Ali, alude a um Platão que, seduzido pelos preceitos racionais defendidos por Sócrates, e persuadido pelas objeções que este último faz à poesia e à arte trágica, teria abandonado sua própria origem artística para se aproximar do mestre: ele [Sócrates] a incluía [a tragédia] nas artes lisonjeiras, que representam apenas o que é agradável, não o que é útil, e por isso exigia que os seus discípulos se privassem e mantivessem distância desses estímulos tão pouco filosóficos; com tal sucesso que o jovem tragediógrafo Platão queimou o que havia escrito para poder se tornar discípulo de Sócrates. (GT/NT 14, KSA 1.92, tradução de PCS).

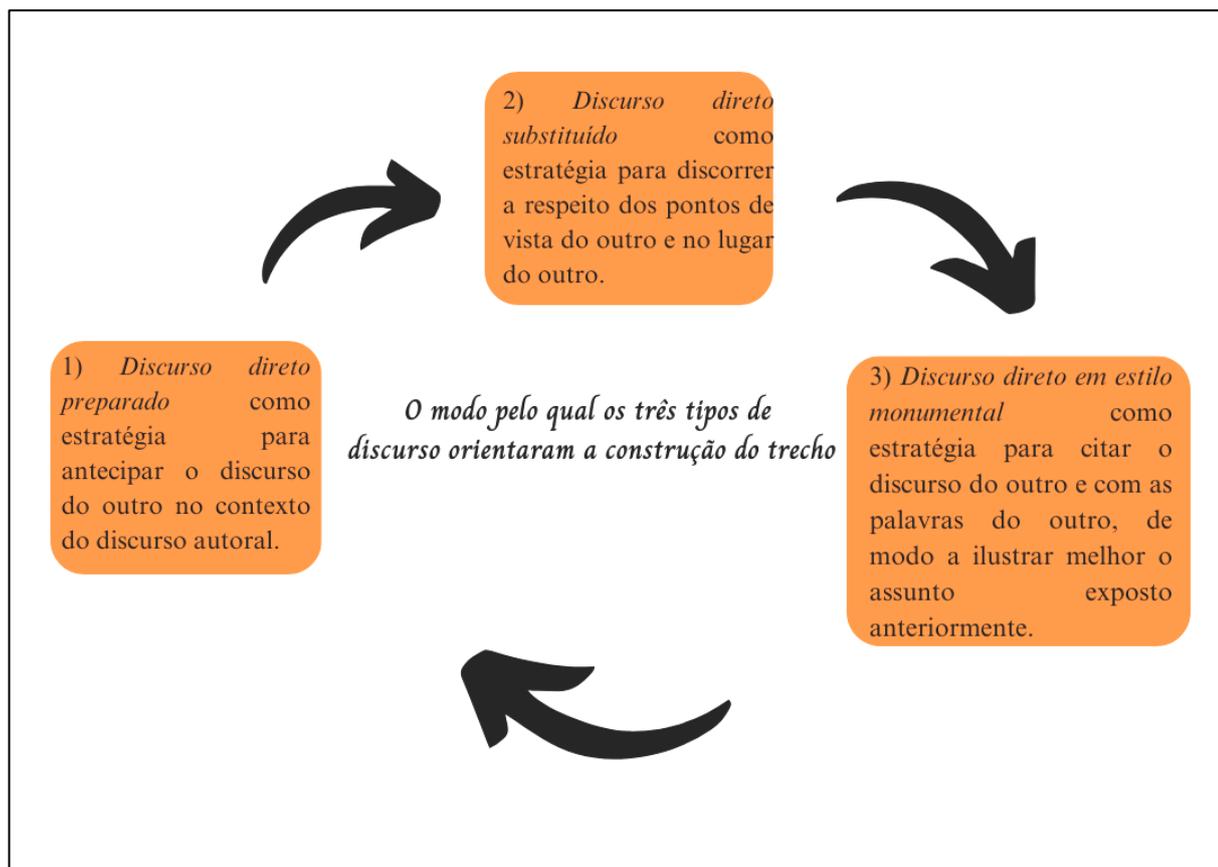
Ao se referir a Nietzsche, E2CH prepara, no contexto de seu discurso, a antecipação do discurso alheio — nesse caso, o discurso de Nietzsche. Ao preparar o discurso do outro de modo a fazer parte do discurso autoral, E2CH menciona como Nietzsche interpreta a relação entre mestre e discípulo, especialmente no que tange às restrições de Sócrates à tragédia. Todas as sentenças anteriores à fala propriamente dita de Nietzsche servem justamente para antecipar o discurso de Nietzsche no contexto do discurso autoral. Por isso, o autor — E2CH — também fala por e em nome desse outro com o qual dialoga (Nietzsche). Dito de outro modo, o discurso

alheio apenas é trazido à cena e passa a fazer parte do discurso autoral por meio da voz concernente ao discurso do autor. Dessa maneira, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

O *discurso direto em estilo monumental*, por sua vez, cumpre a função de transmitir as palavras de outrem para o contexto do discurso autoral e, desta feita, também por meio do uso de uma tradução. A tradução também cumpre um papel semelhante ao uso da citação direta, qual seja: procurar transpor para o contexto do discurso autoral a fala de outrem da mesma maneira com que originalmente foi empregada. Saliente-se que, embora estejamos diante de uma tradução, e não de apenas uma citação direta, por exemplo, a tradução também procura se manter fiel às palavras do outro, ou seja, transpor as palavras alheias para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foram empregadas. Assim, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto e imutável, sobretudo porque preserva esse caráter “inalterável” do discurso alheio ao ser transposto para o contexto do discurso autoral.

Notamos que o uso do *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental* orientou não apenas a construção do trecho acima analisado, como também a do excerto anterior a ele. Por essa razão, julgamos oportuna a inserção de uma figura que procure ilustrar objetiva e didaticamente a atuação desses tipos de discurso na construção desses trechos analisados:

Figura 10 – O modo pelo qual os três tipos de discurso orientaram a construção do trecho



Fonte: Elaboração própria

O fragmento a seguir ilustra a atuação do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso objetificado*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Pela interpretação de Nietzsche, os diálogos platônicos, na medida em que são fruto da criação de um artista corrompido pela necessidade de racionalização da vida, não produziram senão uma arte decadente, que repele suas irmãs mais nobres: a tragédia, a pintura, a poesia, a retórica, a sofística, e todos os outros tipos de discurso que apostam nos chamados tropos, nas figuras de linguagem, nas intervenções poéticas, no poder de sedução e embelezamento que as aparências encerram.

Notamos a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* no momento em que o que está sendo dito pelo discurso autoral é diretamente influenciado pelas palavras do outro. Nesse caso, E2CH se vale do discurso do outro — o discurso de Nietzsche — para discorrer a respeito dos diálogos platônicos. As considerações que se seguem acerca dos diálogos platônicos apenas são tecidas com base na interpretação de Nietzsche. Sendo assim, o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio; influências sem as quais o discurso autoral sequer poderia talvez ter tomado forma. Portanto, o discurso alheio determina, exerce influência no discurso autoral.

Não há conflito entre as vozes presentes no fragmento citado — seja a voz do outro, seja a voz autoral. Por essa razão, como as vozes seguem uma mesma e única orientação, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*. Como vimos que o discurso alheio passou a determinar o que está sendo dito no contexto do discurso autoral, é de se esperar que as vozes presentes na constituição do excerto não disponham de orientações opostas, mas sim de orientações que se complementam, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

Notamos também que o *discurso objetificado* é usado no momento em que o próprio discurso do outro funciona como o objeto de discurso do autor. No caso do trecho em questão, a interpretação de Nietzsche funciona como o próprio objeto de discurso do autor, dado que E2CH se vale desse discurso para tecer suas próprias considerações a respeito dos diálogos platônicos. Desse modo, o discurso alheio — a interpretação de Nietzsche a respeito dos diálogos platônicos — “serve” aos propósitos discursivos de E2CH justamente na medida em que o autor se vale do discurso alheio, objetifica esse discurso no momento em que ele funciona como o próprio objeto de discurso do autor. Dessa maneira, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, de que é objeto.

A próxima passagem é representativa da atuação do *discurso direto orientado para o referente* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Vejamos como ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Por ser personagem principal de certos escritos de seu discípulo, Sócrates ocuparia o lugar de herói nos referidos textos. E estes textos, na medida em que são redigidos em forma de diálogos, encaixam-se bem no termo drama. Contudo, o conteúdo veiculado pelos escritos em questão estaria muito mais ligado à crítica das artes em geral e à defesa de uma visão racional e moral do mundo do que propriamente aos temas recorrentes nos tradicionais dramas trágicos.

O excerto se inicia com a utilização do *discurso direto orientado para o referente*. Nesse caso, o discurso de E2CH volta-se única e exclusivamente ao lugar ocupado por Sócrates nos referidos textos. Neste momento da construção do trecho, para E2CH, importa mesmo o referente, o objeto para o qual o discurso autoral está voltado, e não alguma outra voz. Já vimos que esse tipo de discurso pode ser produtivo exatamente no momento em que o discurso autoral tem por intenção ser mais preciso e objetivo em relação à informação a ser transmitida. Por isso, o discurso está diretamente orientado para o referente, pois, neste momento, para E2CH, importa apenas se referir a esse objeto para o qual o seu discurso está voltado.

Uma vez mais, também nesse caso, o uso da conjunção opositiva “contudo” marca textualmente a presença do *discurso bivocal de orientação vária*. Com base no uso desse tipo de discurso, notamos que há um confronto entre vozes cujas orientações são diametralmente opostas. As vozes presentes, portanto, não compartilham da mesma orientação. Tal orientação está relacionada ao fato de que o conteúdo vinculado aos escritos em relação a Sócrates estaria muito mais ligado à crítica das artes em geral e à defesa de uma visão particularizada de mundo do que propriamente a temas recorrentes nos tradicionais dramas. Para ilustrar essa atuação de vozes que seguem orientações diametralmente opostas entre si, E2CH se vale, portanto, do *discurso bivocal de orientação vária*.

O segmento a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* de uma forma diferente: o uso desse tipo de discurso é narrado pela voz do autor. Esse tipo de discurso não está, portanto, vinculado à voz autoral, não concerne a E2CH; apenas está presente no contexto autoral porque seu uso é narrado pela voz do autor. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

Nos diálogos platônicos, estes recursos da linguagem são utilizados para dar voz a um tipo de pensamento cuja pretensão é, entre outras, a de se opor diametralmente à visão artística do mundo que marca a cultura trágica grega, a de propor uma outra forma de a humanidade lidar com a realidade que a cerca, tomando a razão como único guia legítimo.

Há, nesse excerto, o uso da seguinte construção lexical “opor diametralmente à visão”. O uso dessa sentença é particularmente interessante, pois essa mesma expressão “diametralmente oposta” aparece nos textos do Círculo de Bakhtin para explicar a função do *discurso bivocal de orientação vária*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o discurso autoral se converte em um palco de luta entre vozes cujas orientações são diametralmente opostas. Essas orientações estão relacionadas aos pensamentos cujas intenções é se opor à visão artística de mundo que marca a tragédia grega. Logo, o uso desse tipo de discurso é narrado pela voz do discurso autoral, já que essas orientações opostas concernem a outras vozes, e não à de E2CH — a voz do discurso autoral.

O excerto a seguir ilustra a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído* e cumpre uma importante função em termos de construção do enunciado autoral. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Os diálogos de Platão, segundo esta interpretação, seriam dramas cujos roteiros contam a vitória da perspectiva teórica sobre a perspectiva artística.

Notamos que, nesse caso, E2CH antecipa/introduz o discurso de outrem no contexto do discurso autoral; mas não se posiciona em relação à perspectiva. O uso de “segundo esta interpretação” deixa evidente no contexto do discurso autoral o modo como o autor não “compra”, por assim dizer, a ideia, a interpretação mencionada em relação aos diálogos de Platão. O discurso autoral apenas introduz o discurso alheio e apenas fala no lugar do outro com o qual dialoga; todavia, o discurso autoral não se deixa influenciar pelas palavras alheias. Logo,

não há posicionamento por parte do autor. Como o discurso autoral antecipa o discurso alheio e também fala no lugar desse outro, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. O uso desses tipos de discurso pode ser um recurso interessante, como vimos, no momento em que o autor procura se esquivar de determinada problemática, por exemplo, e quando tenciona não se posicionar em relação a determinado assunto. Pode ser também, portanto, um modo de autor não se posicionar e não se comprometer a respeito de assuntos polêmicos.

As análises que se seguem dizem respeito ao terceiro artigo publicado na edição “atual” do periódico “Cadernos Nietzsche”, entendido como representante, neste trabalho, das publicações concernentes à área de Ciências Humanas. Recorreremos, desta vez, à identificação “E3CH” – Escrevente 3 (Ciências Humanas).

O primeiro excerto a ser analisado ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Assim como ocorre em relação a Platão, dentre os precedentes ilustres, o conjunto da obra de Nietzsche suscita abordagens bastante variadas, em cujos pontos extremos figuram, de um lado, as que defendem uma periodização estrita, apta a discernir fases no desenvolvimento interno do pensamento e, de outro, as que reivindicam uma continuidade de fundo, segundo a qual o percurso deste pensamento, muito acidentado, cumpre a retomada de intenções e propósitos fixados desde o início, ainda que reapropriados conforme programas de pesquisa distintos entre si.

O *discurso bivocal de orientação vária* está presente na constituição desse trecho, mas ele não faz parte do discurso autoral. Nesse caso, E3CH narra, por assim dizer, a atuação de vozes — entendidas como abordagens — as quais não compartilham da mesma orientação. Essa atuação de vozes que não dispõem da mesma orientação é demarcada textualmente pelo uso da construção “por um lado/por outro lado”. Assim, E3CH explica que, de um lado, há abordagens conforme as quais se tem a defesa de uma periodização estrita e, de outro, há abordagens que reivindicam uma continuidade de fundo. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* — vozes que não seguem uma mesma e única orientação.

No entanto, tais vozes não concernem ao discurso autoral; elas fazem parte do discurso do outro com o qual E3CH estabelece vínculos dialógicos em seu projeto discursivo.

No que respeita ao uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, eles cumprem a função de, respectivamente, antecipar a fala de outrem no contexto do discurso autoral e de falar no lugar do outro com o qual E3CH dialoga. Desse modo, E3CH antecipa o discurso do outro no contexto do discurso autoral e, ao mesmo tempo, fala por e no lugar desse outro. Saliente-se, contudo, que, embora o discurso autoral fale no lugar do outro, apresente as ideias concernentes ao discurso do outro, ele não se posiciona acerca da temática — a temática das abordagens —, tampouco se deixa influenciar pelo discurso alheio. Assim, E3CH, nesse excerto, apenas antecipa o discurso do outro no contexto do discurso autoral e fala no lugar desse outro; todavia, não se deixa “contaminar”, não se deixa ser influenciado pelo discurso alheio, tendo em vista que E3CH apenas narra sobre as abordagens, mas não toma partido em relação a elas. Logo, podemos inferir que o uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído* é uma estratégia por meio da qual o autor pode se esquivar de se posicionar em relação a determinada temática.

O fragmento que se segue ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos como ele se afigura no todo composicional do artigo:

Retomaremos, de saída, a concepção de filosofia exposta por Nietzsche na aula sobre Tales que aparece em seu curso sobre a filosofia na era trágica dos gregos para, em conexão com as indicações de Colli sobre a gestação do livro sobre a tragédia, firmar uma ideia geral acerca das expectativas nietzschianas sobre a cultura que apenas a filosofia pode atender.

A utilização do *discurso objetificado* é feita de maneira evidente na composição desse excerto. E3CH mostra claramente como se valeu do discurso de outrem para, em suas palavras, “firmar uma ideia geral acerca das expectativas nietzschianas sobre a cultura que apenas a filosofia pode atender”. Desse modo, é evidente como E3CH se apropria do discurso do outro para tecer os seus próprios pontos de vista. O próprio discurso alheio, então, funciona como o próprio objeto de discurso do autor, já que o discurso autoral “bebe” nas fontes de outrem para tecer suas próprias considerações. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio

subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, uma vez que o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo do autor.

Sabemos que o discurso autoral se apropriou do discurso alheio para tecer as suas próprias ideias. Por isso, como houve uma apropriação do discurso alheio, temos também que as vozes discursivas — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem ambas para uma mesma e única orientação. Não há, portanto, conflito entre as vozes citadas, visto que ambas compartilham da mesma orientação. Assim, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O discurso autoral, em sua composição, apropriou-se do discurso alheio e, portanto, recebeu influências do discurso alheio. Nesse caso, o discurso autoral é tão influenciado pelas palavras alheias a ponto de firmar uma ideia com base no discurso do outro com o qual dialoga. Assim, o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral, já que as ideias relativas ao discurso autoral “beberam” diretamente na fonte do discurso alheio. O discurso autoral é, portanto, diretamente influenciado pelas ideias do(s) outro(s) com que dialoga, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso direto preparado, discurso direto substituído* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos como ela se apresenta na composição do artigo:

Quanto a isso, por sua vez, cabe considerar que arte e ciência podem ser vistas como metamorfoses uma da outra, segundo Medrado.

O uso da expressão “segundo Medrado” caracteriza a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Por meio do uso desses tipos de discurso, o discurso autoral — E3CH — antecipa a fala do outro no contexto do discurso autoral e também fala por e no lugar desse outro com o qual dialoga. Sendo assim, a palavra do outro apenas toma forma e é trazida à cena por meio da voz concernente ao discurso autoral, sem a qual a palavra do outro não poderia ser apresentada, tampouco considerada no contexto do discurso autoral.

Nesse caso, o discurso autoral não apenas apresenta e fala no lugar do outro, mas também “compra”, por assim dizer, a ideia do outro. Em caso de o discurso autoral não ter se deixado influenciar pelas palavras alheias, teríamos a seguinte construção, por exemplo:

“segundo Medrado, arte e ciência podem ser vistas como metamorfoses uma da outra”. Assim, o discurso autoral não teria se deixado influenciar pelas palavras alheias; apenas estaria apresentando as ideias de outrem. Já o uso de “cabe considerar”, por sua vez, marca textualmente o posicionamento do autor: é preciso fazer esse tipo de consideração. Por isso, o discurso autoral “bebe” na fonte de outrem e recebe influências diretas do pensamento alheio, o que caracteriza a atuação do discurso *antecipado, disperso, oculto*.

O excerto que se segue é representativo da atuação do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única, do discurso direto preparado e do discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Fiando-nos em Colli e Machado, podemos então sustentar a permanência do páthos dionisíaco mediando o nexa entre O nascimento da tragédia e Assim falava Zaratustra. Se, a par disso, admitimos também a proposição de Giacoia acerca da continuidade entre o espírito que anima o Zaratustra e os livros seguintes – Fiando-nos em Colli e Machado, podemos então sustentar a permanência do páthos dionisíaco mediando o nexa entre O nascimento da tragédia e Assim falava Zaratustra. Se, a par disso, admitimos também a proposição de Giacoia acerca da continuidade entre o espírito que anima o Zaratustra e os livros seguintes – Nietzsche decidiu-se, pois, a dar prosseguimento à sua missão de pensador, renunciando à ousadia estilística e formal de Assim falou Zaratustra. Em 1886, publicou Para além de bem e mal, livro que deveria explicitar conceitualmente as principais intuições filosóficas de Assim falou Zaratustra. [...] Para a genealogia da moral, publicado em 1887, foi concebido e executado pelo autor como uma espécie de esclarecimento e complemento de Além de bem e mal –, parece que temos em mãos alguns laços inequívocos ligando o centauro às obras do terceiro período.

O discurso autoral claramente se vale do discurso do outro na construção deste trecho. Em “Fiando-nos em Colli e Machado”, vemos como E3CH apropria-se do discurso de outrem com vistas à defesa da permanência do *páthos* dionisíaco. Assim, o discurso autoral tece suas considerações com base no discurso de outrem. Por isso, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto. O discurso alheio, então, “serve” às intenções do projeto discursivo de E3CH, pois, a partir dele, o discurso autoral admite suas próprias considerações. Em vista disso, temos em cena a atuação do *discurso objetificado*.

No que diz respeito à atuação do *discurso bivocal de orientação única*, ela se faz sentir no momento em que notamos a presença de duas vozes; todavia, essas vozes não seguem orientações opostas. O discurso é *bivocal de orientação única* justamente por isto: as vozes presentes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma

e única orientação. Não há, portanto, conflito entre ambas as vozes citadas. Essa ausência de conflito também é de se esperar, já que o discurso autoral se apropria, como vimos, do discurso alheio para tecer as suas próprias considerações.

No que toca às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, elas se fazem presentes na constituição deste trecho exatamente na medida em que o discurso autoral antecipa o discurso alheio e fala em nome desse discurso. Nesse caso, E3CH fala no lugar de Nietzsche. Essa fala no lugar do outro é claramente apresentada em: “Nietzsche decidiu-se, pois, a dar prosseguimento à sua missão de pensador, renunciando à ousadia estilística e formal de Assim falou Zaratustra”. Nesse contexto, não é necessário que Nietzsche fale por si próprio; apresente as suas próprias concepções. O discurso autoral faz isso no lugar dele. Sendo assim, E3CH acaba por falar pelo outro e no lugar desse outro e acaba, também, por antecipar/introduzir o discurso de outrem no contexto do discurso autoral, o que caracteriza as atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado* e *discurso direto substituído*. Vejamos como ela se afigura no todo composicional do artigo:

Nesta chave, a natureza figura como palco central, na tentativa de encenar a dança entre arte e ciência sob a direção de uma filosofia afirmativa. Nas palavras de Medrado, na ideia de que ‘o homem científico é a continuação do homem artístico’ (MA I/HH I, 222, KSA 2.165-6) está contida [...] a analogia genética entre arte e ciência. O fator comum entre arte e ciência segundo este aforismo é que ambas seriam meios pelos quais se aprende a ‘olhar a vida, em todas as formas, com interesse e prazer, e a elevar nosso sentimento ao ponto de enfim exclamarmos: “Seja como for, é boa a vida”’.

O trecho se inicia com a atuação do *discurso direto orientado para o referente*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o discurso autoral volta-se única e exclusivamente a um determinado objeto, a um único referente. Nesse caso, o discurso de E3CH está voltado para a natureza, dado que, nesse período, importa mesmo discorrer acerca da natureza, e não a respeito de algum outro determinado objeto. Nessa direção, o discurso de E3CH tenciona se adequar ao máximo a esse único referente para o qual o seu discurso encontra-se voltado. Como sabemos,

o uso desse tipo de discurso pode se mostrar produtivo especialmente na medida em que o discurso autoral procura ser preciso e objetivo em relação à informação que deseja transmitir.

Como vemos, temos a presença de uma citação direta. A citação direta é um exemplo cabal da atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter inalterável e imutável do enunciado alheio, visto que ele é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado. O uso desse tipo de discurso também é uma maneira pela qual o enunciador pode se mostrar fiel às palavras de outrem, dado que o discurso alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem.

Quanto ao uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, ele se faz presente no momento em que o discurso autoral antecipa o discurso alheio e fala em nome desse discurso. O uso da citação direta também pode ser um exemplo cabal da atuação de ambos esses tipos de discurso, tendo em vista que ela também cumpre o papel de antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral e também de falar pelo discurso alheio e em nome desse discurso. Desse modo, não é necessário que o outro fale por si mesmo a respeito de seus pontos de vista, já que o autor fala por e no lugar do outro com o qual dialoga. A voz do discurso alheio, nesse caso, também apenas é trazida à baila por meio da voz concernente ao discurso autoral.

O fragmento a seguir ilustra a atuação do *diálogo velado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Muito se aprende com a imperfeição, é ela que nos lança ao próximo movimento – pelo menos é o que atestam as releituras de Nietzsche por ele mesmo.

A atuação do *diálogo velado* é percebida no momento em que o autor se preocupa em demonstrar a(s) contribuição(ões) de seu trabalho. Nesse caso, E3CH se preocupa em demonstrar que, por meio da imperfeição, podemos chegar ao próximo movimento. Ressalte-se que esse trecho está presente na seção de considerações finais do artigo, o que nos leva a afirmar que E3CH considera a presença de um interlocutor ausente, sobretudo porque, em se

tratando da escrita de artigos científicos, sabe que, na seção de considerações finais, espera-se demonstrar de forma resumida as principais contribuições do trabalho realizado. Com esse movimento, E3CH antecipa eventuais réplicas em relação às contribuições do trabalho a partir da presença de um outro; presença essa que não pode ser visualizada, mas pode ser sentida.

O *discurso direto substituído*, por sua vez, é percebido no momento em que E3CH cita “pelo menos é o que atestam as releituras de Nietzsche por ele mesmo”. Neste momento, o discurso de E3CH fala pelo outro com o qual dialoga, fala em nome desse outro (Nietzsche). Ressalve-se, contudo, que, embora fale pelo outro, E3CH não se compromete com a fala dita pelo discurso alheio. Essa ressalva já é feita pelo discurso autoral ao dizer que isso é correspondente às leituras de Nietzsche, ou seja, o discurso autoral procura se esquivar das responsabilidades presentes no discurso do outro. Sendo assim, E3CH não se deixa influenciar pelo discurso alheio; apenas fala por esse discurso. O uso do *diálogo velado* é o que determina, nesse caso, a aparição do *discurso direto substituído*, dado que, ao considerar um interlocutor cuja presença pode ser sentida (e não visualizada) por parte do discurso autoral, E3CH faz essa ressalva em relação às releituras de Nietzsche.

As análises que se seguem são correspondentes ao segundo periódico intitulado “Cadernos Pagu”, entendido, neste trabalho, como representativo das publicações relativas à grande área de Ciências Humanas. Mais uma vez, em relação às análises do segundo periódico, recorreremos à identificação “E1CH” para designar o(s) escrevente(s) do primeiro artigo publicado; “E2CH”, o segundo artigo publicado e “E3CH”, por fim, o terceiro artigo publicado e listado na edição “atual”/analisada da revista escolhida.

O primeiro trecho a ser analisado corresponde ao artigo “Desejo e acusação: a ‘novinha’ e a sexualidade feminina como fonte de tensão”. Ele é representativo da atuação do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Autores do campo da sexualidade mostram que os enunciados científicos em torno das categorias de infância e adolescência estão presentes na linguagem das políticas públicas estatais, nas ciências médicas e na psicologia (Duarte, 2004; Russo; Carrara, 2002; Lowenkron, 2015). Enquanto a presença destas categorias permanece na gramática das ciências biomédicas e das políticas públicas, a “novinha” corre solta no repertório cultural do senso comum.

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado na construção deste trecho na medida em que o próprio discurso alheio passa a funcionar como o objeto de discurso do autor. No caso do trecho sob análise, E1CH apropria-se do discurso do outro com vistas a mencionar as categorias de infância e de adolescência na literatura científica e em outras esferas, para, posteriormente, contrapor tais definições às categorias que se apresentam no senso comum. Desse modo, depreendemos que o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CH, já que é com base nas definições apresentadas por outrem que o autor realiza esse movimento de contraposição entre categorias relacionadas a um mesmo aspecto: a infância e a adolescência. Por isso, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, ao ser objetificada.

No que concerne ao uso do *discurso bivocal de orientação vária*, E1CH narra, por assim dizer, a atuação desse tipo de discurso na constituição deste trecho. Percebemos que as vozes discursivas não seguem uma mesma e única orientação em relação às categorias de infância e de adolescência. O discurso autoral cumpre a função de narrar, nesse caso, como as vozes se contrapõem acerca do mesmo assunto, no caso, acerca das mesmas categorias. Por isso, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* está em cena: as vozes não compartilham da mesma orientação em relação às categorias de infância e de adolescência; o discurso autoral, por sua vez, cumpre o papel de narrar esse tipo de atuação na composição desse trecho.

A próxima passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso objetificado* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Por outro lado, a literatura interseccional atenta para a articulação dinâmica entre categorias de diferenciação – a saber, gênero, raça, sexualidade, idade e território – que incidem sobre determinada realidade produzindo configurações relacionais complexas e ambivalentes (Moutinho, 2014; Piscitelli, 2008). Assim, o objetivo é pensar tais categorias a partir de contextos específicos, a fim de analisar relações de poder e sujeição que incidem na produção de desigualdades (Díaz-Benítez; Mattos, 2019).

O uso do *discurso objetificado* é percebido no momento em que o discurso autoral se apropria da voz alheia para construir o objetivo do seu artigo, da sua pesquisa. Com esse movimento, percebemos claramente como o discurso alheio se torna o próprio objeto de discurso do autor. Desse modo, o discurso alheio está a serviço da voz concernente ao discurso autoral, já que este se apropria daquele de modo a tecer e construir o objetivo de sua pesquisa. Como a voz do outro se torna objeto por meio da voz do discurso autoral, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se, está a serviço da enunciação do autor.

Nesse excerto, também estamos diante de uma paráfrase. Isso significa dizer que o discurso autoral foi determinado e influenciado pelas palavras alheias. No caso, o discurso *antecipado, disperso, oculto* funciona como a base a partir da qual o autor consegue formular o próprio objetivo de sua pesquisa. Assim, a influência do discurso alheio cumpre uma função de destaque não apenas na construção, em termos estilísticos, temáticos e composicionais do gênero do discurso artigo científico, como também na formulação da própria pesquisa, pois é com base no discurso alheio que o pesquisador consegue formular até mesmo o objetivo de sua pesquisa. Nesse sentido, podemos depreender que não apenas esse trecho foi influenciado pelas palavras alheias, como também a construção do trabalho como um todo.

O próximo excerto a ser analisado ilustra a atuação do *discurso objetificado, discurso direto em estilo monumental, discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

“Olha, você não vê? Essas novinhas não param de fazer filho!”, comenta Flor, uma mulher de 27 anos. Mulheres mais velhas, porém ainda jovens, circulam as mensagens com tom de advertência: “tá vendo, depois abandona aí, porque tem sempre gente pra cuidar”, diz Karen, uma mulher de 32 anos ao se referir às “novinhas”.

O *discurso objetificado* está presente na composição do trecho, especialmente porque o discurso alheio citado se torna o próprio objeto de discurso do autor. É a respeito do discurso alheio que discorre o discurso autoral; e isso é feito de maneira evidente na composição do trecho, uma vez que as falas correspondentes ao discurso do outro são transpostas para o contexto do discurso autoral por meio do discurso direto. A voz alheia, ao ser objetificada, está a serviço do projeto discursivo do autor, tendo em vista que é a respeito do discurso alheio que

se discorre no contexto do discurso autoral. Por isso, o discurso alheio “serve” aos propósitos discursivos do autor, está *a serviço* do projeto discursivo de EICH.

Quanto ao uso do *discurso direto em estilo monumental*, sua atuação é percebida no momento em que a fala do discurso alheio é transposta para o contexto discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregada. Nesse caso, o uso do *discurso direto em estilo monumental* é também uma maneira de o autor se manter fiel às palavras de outrem, dado que elas são transpostas para o contexto do discurso autoral da mesma forma com que originalmente foram empregadas. Por isso, há a compreensão segundo a qual o enunciado alheio seria um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Para o trabalho realizado, é importante que o autor transponha para o contexto do discurso autoral o discurso alheio da mesma forma com que originalmente foi empregado, pois é um modo de garantir credibilidade ao que está sendo discutido neste momento do artigo ao exemplificar o assunto tratado por meio da voz do discurso alheio.

O uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído* faz-se perceber na medida em que o autor antecipa/introduz o discurso alheio no contexto do discurso autoral e também no momento em que, a partir desse movimento, EICH fala por e no lugar do outro com o qual dialoga. Construções como “comenta Flor” e “diz Karen” são maneiras pelas quais o discurso autoral fala no lugar desse outro com o qual dialoga e também é uma maneira pela qual o discurso autoral introduz o discurso alheio na construção do trecho.

O fragmento a seguir ilustra de maneira cabal a atuação do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Cynthia emenda: “a culpa das novinha engravidar é das mães que não fica em cima, não fala de sexo, não fala de gravidez e às vezes fica feliz quando a filha fica grávida, posta no Facebook e diz que vai ser vovó”, sentença que localiza a natureza “errada” das “novinhas” num ponto nevrálgico para esta discussão, que diz respeito à relação entre mães e filhas, feita nas dobras do conflito e da amorosidade maternal.

O uso de “Cynthia emenda” ilustra de maneira evidente o modo pelo qual o discurso autoral “prepara”, por assim dizer, o discurso alheio para fazer parte do discurso autoral. Com

esse movimento — o uso de “Cinthia emenda” —, E1CH antecipa o discurso alheio no contexto do discurso autoral e também fala em nome desse outro (Cinthia) com o qual dialoga. Por isso, há a substituição do discurso do outro no momento em que o discurso autoral fala no lugar desse outro; sendo assim, a voz alheia apenas é trazida a lume por meio da voz concernente ao discurso autoral. Esses movimentos de antecipar o discurso alheio e de falar no lugar desse discurso caracterizam a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

Quanto à atuação do *discurso direto em estilo monumental*, ela é percebida no momento em que o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregado. Como sabemos, o uso desse tipo de discurso também pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, já que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Por isso, o enunciado alheio é entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Ao não sofrer alterações na passagem para o contexto do discurso autoral, preserva-se esse caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado.

A próxima passagem ilustra a atuação do *discurso objetificado* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Ela se apresenta da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

Entretanto, em conversa com especialistas que atuam com adolescentes nas escolas municipais do entorno acerca do tema “sexualidade”, as profissionais usaram termos como “espanto” ou “pesado” para falar das percepções que tinham sobre as jovens. A atuação das profissionais sugere que a gestão da sexualidade das “novinhas” é um tema “difícil” e “complexo”: Difícil até pra gente que atua nesta área... e pior ainda é a forma como a sociedade lida com isso... as pessoas falam muito dessas novinhas, como se pra elas fosse tudo muito fácil, que elas fazem tudo isso, que elas se exibem assim, mas eu acredito que não é, não pode ser fácil encarnar isso com tanta firmeza... e fico pensando que elas fazem isso porque parece que fora criado um lugar pra elas né, e elas incorporam tudo isso. É muito curioso esse jogo entre o lugar que foi criado e a realidade (Priscila, 33 anos, psicóloga na escola Municipal Estados Unidos).

O uso do *discurso bivocal de orientação vária* se faz presente no momento em que E1CH cita a conjunção adversativa “entretanto”. O uso dessa conjunção introduz o conflito existente entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio; nesse caso, tal conflito é representado pela voz das mulheres da comunidade e a voz da psicóloga. Na voz da psicóloga, não há um tom de julgamento para com as “novinhas”; pelo contrário: ela as defende alegando que as coisas não são fáceis para essas “novinhas”; e que há muitos pontos a serem levados em

conta. Para a psicóloga da comunidade, as “novinhas” não se exibem simplesmente porque querem; há outras variáveis que deveriam ser consideradas. Por isso, as psicólogas não as julgam como fazem as mulheres da comunidade. Ao passo que há um tom de julgamento na voz das mulheres da comunidade, há um tom de “espanto” na voz da psicóloga. Sendo assim, ambas as vozes alheias com as quais o discurso autoral dialoga — a voz da psicóloga e a voz das mulheres da comunidade — não convergem para uma mesma e única orientação em relação à situação das “novinhas”. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

Com vistas a ilustrar esse conflito presente entre a voz das mulheres da comunidade e a voz da psicóloga, EICH se vale do discurso alheio para exemplificar o conflito dito anteriormente. Ao citar a fala da psicóloga, o autor demonstra como ela não concorda com a atitude das mulheres da comunidade e também com a atitude da sociedade em geral, pois, para a psicóloga, as “novinhas” foram colocadas neste lugar pela sociedade. A sociedade atribuiu esse lugar a essas “novinhas”. Assim, o discurso alheio se torna objetificado por meio da voz do discurso autoral, pois o discurso do outro se torna *objeto* por meio da voz do discurso autoral. Assim também, o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo do autor, pois funciona como a comprovação de que essa fala foi realmente dita pela psicóloga e que, portanto, ilustra como o pensamento da psicóloga vai de encontro às falas ditas pelas mulheres da comunidade e também da sociedade em geral. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso objetificado*.

O próximo trecho é representativo da atuação do *discurso direto impressionista*, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Contam de situações nas quais se sentiam pressionadas a “dar logo”. Entre elas, há uma preocupação muito significativa em relação a “se guardar”: explicaram-me diversas vezes sobre a importância de “segurar” e “esperar pra dar”, categorias que falam de uma sexualidade que não pode ser desgastada.

O *discurso direto impressionista* cumpre a função de transmitir o discurso interior do outro. É exatamente isso o que acontece na passagem acima. Por meio da voz do discurso autoral, há a revelação do que está presente no âmago do discurso interior do outro com o qual dialoga. Esse discurso interior seria a preocupação sentida por elas (as “novinhas”) em “se segurar”, ou seja, não iniciar a vida sexual antes do momento oportuno. Por isso, está em cena a atuação do *discurso direto impressionista*, pois o discurso autoral desvela o que está presente no discurso interior dessas “novinhas”: elas sentem uma preocupação em não iniciar a vida sexual antes da hora, antes do momento que elas julgam ser o apropriado e o oportuno.

Quanto às atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, sabemos que elas podem ser observadas no momento em que o discurso autoral antecipa o discurso alheio e no momento em que o discurso autoral fala no lugar do discurso alheio. É exatamente isso o que acontece no excerto acima, pois o discurso autoral antecipa a fala alheia e fala no lugar dessa fala ao se referir às situações nas quais as “novinhas” sentiam-se pressionadas a “dar logo”.

A passagem que se segue é representativa da atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Certa vez, uma menina criticou a forma como comumente referiam-se a outras garotas que já haviam iniciado a vida sexual: eram apontadas como “a menina que se perdeu”. Ela questionava: “por que se perdeu, né? Se perdeu nada, se achou!”, traduzindo uma expressão positiva da vida sexual ativa.

Neste excerto, o discurso autoral narra, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Dito de outro modo, o *discurso bivocal de orientação vária* não se manifesta na voz concernente ao discurso autoral, mas sim na voz concernente ao discurso alheio. Esse conflito entre vozes que não seguem uma mesma e única orientação é narrado na voz do discurso autoral no momento em que uma menina critica e, por conseguinte, não concorda com a forma pela qual comumente se referiam a outras garotas cujas vidas sexuais eram ativas. Para a menina, tais garotas não teriam se “perdido”, mas sim “se achado”. Por isso, há um conflito entre vozes que não seguem uma mesma e única orientação em relação à vida sexual ativa precocemente iniciada. Essas vozes — voz da menina e voz alheia referente ao

modo como as garotas se relacionam sexualmente — não convergem para uma única orientação; por isso, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. O discurso autoral, por sua vez, nesse caso, além de apenas narrar o conflito entre essas vozes, não se posiciona acerca do assunto.

Ao apresentar o discurso de outrem no contexto do discurso autoral, E1CH também cumpre o papel de antecipar o discurso alheio e de falar em nome desse discurso. Esses dois movimentos — o de antecipação do discurso alheio no contexto do discurso autoral e o de falar no lugar do outro — caracterizam a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Por meio do uso desses tipos de discurso, E1CH apresenta a voz de outrem, no caso, a voz da menina que se contrapõe a outras vozes relacionadas à vida sexual precocemente iniciada.

A próxima passagem a ser analisada é representativa da atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Da parte dos meninos, eles afirmam que as “novinhas” “gostam de se amostrar”. Esse é o ponto de vista de Maycon, um jovem de 21 anos de idade que trabalha na pequena loja de açaí que tem com a sua mãe na favela. Ele explica que a troca de imagens em que elas aparecem nuas acontece porque: “elas são exibidas e querem mostrar peitinho”.

O discurso alheio é *objetificado* por meio da voz do discurso autoral, porque ele se torna o próprio objeto de discurso do autor. Nesse caso, o objeto de discurso do autor seria a fala dos meninos. É acerca dessa fala — mais especificamente da fala de Maycon — que discorre o discurso autoral. Por esse motivo, a fala alheia funciona como o próprio objeto de discurso do autor e, assim, o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CH. Assim também, por meio do *discurso objetificado*, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto.

Podemos perceber, no excerto, que a fala alheia é transposta para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregada. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, já que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem.

Assim, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Ao ser transposto para o contexto do discurso autoral sem alterações de qualquer ordem, preserva-se esse caráter “inalterável” e “imutável” do discurso alheio.

No que concerne às atuações do *discurso direto substituído* e do *discurso direto preparado*, elas podem ser notadas no momento em que ocorre a antecipação do discurso alheio e no momento em que o discurso autoral fala pelo outro, fala no lugar do outro. Nesse caso, o discurso autoral fala no lugar de Maycon, o jovem de 21 anos. A voz de Maycon apenas é trazida à cena por meio da voz do discurso autoral; esse movimento faz com que o discurso autoral fale no lugar do discurso alheio e, ao mesmo tempo, antecipe o discurso alheio e o introduza no contexto do discurso autoral. Tais ações caracterizam o uso do *discurso direto substituído* e do *discurso direto preparado* na composição desse trecho.

O próximo trecho a ser analisado ilustra a atuação do *discurso objetificado* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

A discussão sobre roupas nos remete aos debates feitos por antropólogas como Lila AbuLughod (2012) acerca do olhar ocidental sobre as mulheres islâmicas. Abu-Lughod (2012) destaca como a burca se forjou como um dos símbolos de maior fetiche do imaginário ocidental acerca do “Oriente”.

O *discurso objetificado* se faz presente na composição desse trecho na medida em que o discurso autoral discorre acerca do discurso de outrem. Dito por outros termos, o próprio discurso alheio funciona como o objeto de discurso do autor, pois é sobre ele que se discorre o discurso autoral. Nesse caso, o *discurso objetificado* seria o discurso concernente ao pesquisador com o qual E1CH dialoga. Como o discurso alheio se tornou objeto por meio da voz do discurso autoral, temos que a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, já que ela “serve” às intenções do projeto discursivo de E1CH.

O uso do discurso *antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, se faz sentir na composição do fragmento na medida em que notamos que o discurso autoral foi diretamente influenciado pelas palavras alheias. O discurso foi influenciado pelas palavras alheias, pois E1CH cita que a discussão sobre roupas, presente na pesquisa, remonta aos debates feitos pelas antropólogas.

Com esse gesto, E1CH associa a discussão das roupas, presente em sua pesquisa, aos debates feitos pelas antropólogas. Esse movimento de associação já demonstra por si só como o discurso autoral “bebe” na fonte do discurso alheio com o qual dialoga. Por esse motivo, o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio.

O excerto que se segue é ilustrativo da atuação do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído*, do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e do *discurso bivocal de orientação única*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

A antropóloga Lélia Gonzalez fala sobre uma dialética entre a “consciência” e a “memória”, na qual processos de enunciação são reveladores de categorias de pensamento que estão encobertas no cotidiano (1984:226). A autora analisa as figuras da “mucama”, da “mãe preta” e da “mulata”, procurando mostrar de que maneira esses nominativos dizem respeito à atribuição de lugares sociais. Diante de suas considerações, podemos pensar que as manifestações temerárias em relação às “roupas curtas” guardam relação com o imaginário racializado e colonial acerca de mulheres negras e pobres, vistas ora enquanto “corpos fortes”, “reprodutivos” e por isto admissíveis para o castigo e a escravização, ora como provocativos e sexualizados, e nesse sentido considerados despertadores de desejos ilícitos.

O trecho se inicia com o uso do *discurso direto preparado* e com o uso do *discurso direto substituído*. Mediante o uso desses tipos de discurso, o discurso autoral introduz o discurso alheio no contexto do discurso autoral. O discurso autoral narra sobre as ideias de Lélia Gonzalez, mostra as intenções de suas análises e indica o modo pelo qual podemos considerar as manifestações em relação às roupas curtas. Esse movimento de introduzir a fala do discurso alheio no contexto do discurso autoral e de falar no lugar do outro com o qual dialoga caracteriza a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

O uso do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* pode ser percebido no momento em que E1CH cita o modo pelo qual podemos pensar as manifestações em relação às roupas curtas. Esse modo de pensar citado pelo discurso autoral está direta e intrinsecamente relacionado às pesquisas de Lélia Gonzalez, pois, a partir de suas pesquisas, E1CH tece as considerações segundo as quais as manifestações das roupas curtas podem apresentar uma relação com o imaginário racializado referente às mulheres negras e pobres. Nesse sentido, ainda que uma

“novinha” não seja negra, por exemplo, mas seja pobre, o fato de estar com roupas curtas é diretamente associado ao imaginário relativo a mulheres negras e pobres. Essa ideia é compartilhada e dita no contexto do discurso autoral; todavia, essa ideia está envolvida em discursos outros, dado que parte de outros discursos para ser trazida à baila, isto é, para fazer parte do discurso autoral. Nesse sentido, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

Como o discurso autoral está embasado nas ideias ditas por outrem, o que vimos com a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, é de se esperar que ambos — discurso autoral e discurso alheio — compartilhem de uma mesma e única orientação. Nesse caso, a orientação compartilhada por ambos diz respeito ao modo como as “novinhas” com roupas curtas podem ser relacionadas ao imaginário coletivo “representativo”, na visão de alguns, como característicos de mulheres negras e pobres. Essa visão é compartilhada pela voz do discurso autoral e também pela voz do discurso alheio (a visão de que algumas pessoas veem as “novinhas” de roupas curtas com vestimentas características de mulheres negras e pobres). Portanto, ambos os discursos convergem para uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única* também na composição desse trecho.

O próximo fragmento a ser analisado é representativo da atuação do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Essa ideia racializada fundamenta a crença num desejo sexual intenso mesclado à incapacidade de se prevenir, atribuídos ao campo das sexualidades consideradas “erradas”. Ao mesmo tempo, a metáfora alude a uma lascívia sexual, representação há muito tempo presente no conjunto dos estereótipos sobre mulheres negras (Carneiro, 1995; Corrêa, 1996; Segato, 2006). Nesse contexto, a raça enquanto construção social se articula ao gênero, engendrando também os marcadores territoriais e de classe remetidos às mulheres moradoras da favela, uma vez que no Brasil a classe é racializada (Piscitelli, 2010).

O uso do *discurso objetificado* faz-se presente na composição deste trecho no momento em que o discurso alheio “serve”, por assim dizer, às intenções do projeto discursivo de E1CH. Nesse caso, o discurso alheio se torna objeto por meio da voz do discurso autoral, pois é acerca

do discurso alheio que se discorre no contexto do discurso autoral. Dito de outro modo, a “ideia racializada” não é um conceito desenvolvido pelo autor do artigo científico em questão, mas sim pelos pesquisadores com os quais dialoga. Por esse motivo, o discurso autoral apropria-se do discurso alheio e, conseqüentemente, o discurso alheio torna-se objetificado pela voz do discurso autoral. Assim, como o discurso alheio está *a serviço* do discurso autoral, temos que a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral.

Podemos perceber também a atuação do *discurso bivocal de orientação única* na composição desse trecho, dado que não há conflito entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. Nesse caso, os discursos seguem de tal maneira a mesma orientação a ponto de ambos estarem em uma relação de complementação. Assim, o discurso alheio complementa o discurso autoral na medida em que o conceito alheio trazido se reverbera, se reflete na pesquisa realizada pelo autor e encontra ecos nela. Esses ecos apenas podem ser encontrados na voz concernente ao discurso autoral porque ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Temos em cena, portanto, a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

Quanto ao uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, sua atuação faz-se presente no momento em que notamos que o discurso autoral recebe influências diretas do discurso alheio. Desse modo, o discurso autoral apenas toma forma por meio das palavras de outrem, pois é a partir das noções desenvolvidas por outros autores e com as quais EICH dialoga que o discurso autoral apresenta um conteúdo temático, ou seja, dispõe de um assunto sobre o qual possa discorrer. No caso do excerto em questão, a inferência segundo a qual a raça enquanto construção social se articula ao gênero e promove uma visão racializada de classe é baseada em outros discursos já ditos, haja vista que o discurso autoral se vale de uma paráfrase para tecer essas ponderações. Por isso, o discurso alheio passou a fazer parte do discurso autoral, estabelecendo ressonâncias do discurso alheio no contexto do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na construção do trecho em questão.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso objetificado* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Dessa maneira, os corpos das “novinhas” são enunciados como mobilizadores de dilemas entre relações filiais ou de aliança. O enquadramento desses corpos atua de maneira semelhante ao que Néstor Perlonguer (1987) denominou “tensores libidinais”, potencializando rupturas entre relações afetivas e de parentesco, articulando incitação e possíveis transgressões.

O uso do *discurso bivocal de orientação única* pode ser reconhecido na composição desse trecho no momento em que percebemos que ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Não há, portanto, conflito entre as vozes citadas, dado que elas compartilham da mesma orientação em relação à temática dos corpos das “novinhas”. Orientação segundo a qual esses corpos seriam mobilizadores de dilemas entre relações filiais ou de aliança. Por isso, por compartilharem da mesma orientação, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

Como os discursos compartilham da mesma orientação, o discurso autoral também cumpre a função de “servir” aos propósitos discursivos de E1CH. Dito por outras palavras, o conceito de “tensores libidinais” serviu aos propósitos do projeto discursivo de E1CH na medida em que esse conceito pode ser associado ao enquadramento presente na classificação desses corpos; corpos esses que foram analisados pela pesquisa de E1CH. Por esse motivo, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto, visto que a fala alheia se torna objeto por meio da voz do autor. Assim, temos em cena a atuação do *discurso objetificado*.

No que concerne à atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, podemos notar que ela orientou toda a construção desse trecho. A observação segundo a qual os corpos das “novinhas” seriam mobilizadores de dilemas entre relações filiais ou de aliança, por exemplo, é associada ao conceito de “tensores libidinais”, o qual foi desenvolvido pelo pesquisador com quem o discurso autoral dialoga. Dessa maneira, o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral, dado que os corpos das “novinhas”, na composição desse trecho, foram associados a um conceito desenvolvido por outrem. Portanto, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio.

O próximo fragmento a ser analisado também³⁰ ilustra a atuação do *discurso objetificado*, do *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Situações como essas não foram raras e explicitam que, na dinâmica da circulação de crianças, relações de sangue e origem convivem de modo candente junto às relações de cuidado (Fonseca, 2006).

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado a partir do momento em que a voz alheia trazida ao contexto do discurso autoral “serve” aos propósitos discursivos de E1CH. No caso do trecho em questão, as situações apresentadas pela pesquisa desenvolvida funcionam como o discurso alheio. Tais situações passam a funcionar, no contexto do discurso autoral, como o próprio objeto de discurso do autor. Desse modo, a fala alheia — as situações desenvolvidas na presente pesquisa — tornam-se o próprio objeto de discurso por meio da voz do discurso autoral. Dito de outro modo, as situações apresentadas pela pesquisa referida ratificam o que já foi dito por outros pesquisadores. Esse movimento de mostrar como essas situações confirmam o estudo de outros pesquisadores é o que faz com que a voz alheia se torne objetificada por meio da voz do discurso autoral. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio está a serviço da unidade de enunciação do discurso autoral.

Quanto ao uso do *discurso bivocal de orientação única*, sua atuação é percebida no momento em que não há conflito entre as vozes citadas; pelo contrário: elas convergem para uma mesma e única orientação. Nesse sentido, as situações descritas pela voz do discurso autoral ratificam as observações já realizadas por outros pesquisadores em outros estudos. Há, portanto, uma relação de complementação entre ambas as vozes citadas. Ambas acreditam que essas situações, descritas na pesquisa, explicitam o fato de relações de sangue e de origem conviverem de modo candente às relações de cuidado. Diante desse cenário, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

³⁰ Essa “repetição” da utilização de certos tipos de discurso talvez indique uma preferência estilística do autor ou dos autores dos artigos no momento em que se relacionam com as palavras dos outros.

No que concerne à atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, podemos depreender que ela orientou toda a construção do trecho em questão. Como sabemos, estamos diante de uma paráfrase; a paráfrase é um modo pelo qual o escrevente discorre sobre as ideias de outrem utilizando-se de suas próprias palavras. Assim, o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral e, portanto, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso do outro. Essas influências recebidas do discurso alheio permitiram que E1CH pudesse discorrer acerca do assunto, dado que esse mesmo assunto (conteúdo temático) já foi dito e abordado por outros pesquisadores; pesquisadores aos quais E1CH faz referência por meio do uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A passagem que se segue é representativa da atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*, do *diálogo velado* e do *discurso direto orientado para o referente*. Vejamos de que modo ela se afigura no todo composicional do artigo:

As mulheres mães das “novinhas” que engravidam são cobradas socialmente de duas maneiras, seja na ostentação da alegria de ter uma filha grávida, quando é o caso de “ficar feliz” com uma nova vida que chega na família, seja no fracasso de não ter conseguido controlar a reprodução da filha. Essas projeções sociais são dirigidas a pares e trios de mulheres, ligadas por linhas intergeracionais de expectativas, deveres, confianças e medos.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* e do *diálogo velado* é narrado pela voz do discurso autoral. Desse modo, o uso desse tipo de discurso está presente apenas no contexto do discurso alheio, e não no contexto do discurso autoral. Dito de outra maneira, a voz do discurso autoral narra a atuação desse tipo de discurso na voz do discurso alheio no momento em que outro discurso alheio passa a influenciar o discurso alheio presente na composição desse artigo. Desse modo, o que é dito pelas mães das “novinhas” é feito com base na percepção de um interlocutor cuja presença não pode ser visualizada, mas sim sentida. Esses outros ausentes seriam aqueles que esperam da mãe algum posicionamento em relação à gravidez da sua filha, a “novinha”. Com base nessa expectativa dos outros, é que as mães revelam o seu posicionamento: ora se mostram alegres com a chegada de mais um integrante da família; ora se mostram fracassadas por não terem conseguido controlar a reprodução da filha. Tais

posicionamentos apenas são trazidos a lume com base na(s) expectativa(s) de outrem; por isso, o discurso das mães, no caso, recebeu influências *diretas* de outro discurso alheio: o discurso concernente à voz da sociedade e, assim, temos a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Por considerar essa presença (velada) do outro, é que as mães também mostram o seu posicionamento; por isso, também temos em cena a atuação do *diálogo velado*.

Quanto ao uso do *discurso direto orientado para o referente*, sua atuação é percebida no momento em que EICH se refere às projeções sociais. Neste momento, seu discurso, então, encontra-se única e exclusivamente voltado para este referente: as projeções sociais. Não importa para EICH o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente, uma vez que o seu discurso encontra-se voltado apenas para as projeções sociais. Como sabemos até o presente momento, o uso desse tipo de discurso — *discurso direto orientado para o referente* — é uma maneira pela qual o discurso autoral demonstra objetividade e, como tal, é usado em situações nas quais o escrevente precisa ser objetivo e preciso em relação à mensagem que deseja transmitir.

O próximo fragmento a ser analisado é representativo da atuação do *discurso objetificado, discurso direto em estilo monumental, discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Assim, existem meninas que não são reconhecidas como uma “novinha que afronta”. Em situações como essas, as mães das “novinhas” podem ser responsabilizadas por “abusos” que as crianças sofreram, como certa vez uma interlocutora, mãe de duas filhas, comentou: “igual aquele caso, a menina com três anos e ele (o padrasto) estava chupando a boceta da criança, a mãe ao invés de ir na boca, não, deu tempo pra ele ir embora. Essa mãe é culpada, né?”.

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado no momento em que o próprio discurso alheio funciona como o objeto de discurso do autor. Assim, o objeto de discurso do autor é o próprio discurso alheio que responsabiliza as mães das “novinhas” pelos abusos pelos quais essas “novinhas” passaram. O discurso alheio “serve”, então, às intenções do projeto discursivo do autor na medida em que opera como o próprio objeto de discurso do autor. Nessa direção, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto.

O uso do *discurso direto em estilo monumental*, por sua vez, pode ser notado no momento em que o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Desse ponto de vista, o

enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso desse tipo de discurso preserva esse caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado, tendo em vista que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem.

Quanto aos usos do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, ambos podem ser notados no momento em que E1CH prepara o discurso alheio e fala no lugar desse discurso. Nesse caso, o discurso autoral é responsável por introduzir a fala da mãe, que é referente a uma ação de outra mãe. Esse movimento de antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral é o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*. Por sua vez, o ato de falar no lugar do outro, trazer à cena a fala do outro por meio da voz do discurso autoral, é o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

As análises que se seguem dizem respeito ao segundo artigo publicado na edição “atual” do período “Cadernos Nietzsche”. O artigo tem por título “Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade”. Desta vez, recorreremos à identificação “E2CH – Escrevente 2 (Ciências Humanas).

O primeiro trecho sob análise é representativo da atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

A origem etimológica da palavra ambiguidade, descrita por Victor Turner, comporta em si dois significados subjacentes e complementares: “mover-se de um lado para o outro” e “de natureza duvidosa” (Turner, 2015:145). Essa definição dicotômica e inicial serve como chave de leitura para um conjunto de produções discursivas sobre a bissexualidade no que tange à literatura médica e midiática sobre as práticas sexuais de risco no século XX.

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado no momento em que o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CH. No caso do trecho em questão, o discurso de Victor Turner torna-se objeto por meio da voz do discurso autoral. O discurso autoral, portanto, apropria-se desse discurso alheio ao se tornar objetificado pela voz do discurso

autoral. Assim, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto. Ao apropriar-se do discurso alheio, a voz do discurso autoral apresenta um objeto de discurso — o discurso alheio.

O uso do *discurso bivocal de orientação única* pode ser percebido no momento em que não há conflito entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. Ambas convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual essa definição da palavra ambiguidade serve como chave de leitura para uma ampla gama de produções discursivas sobre a bissexualidade. Assim, as vozes são convergentes, e não divergentes, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única* na composição desse trecho.

Quanto ao uso do *discurso direto em estilo monumental*, sua atuação é percebida no momento em que a palavra de outrem é transposta para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregada. Dito de outro modo, o enunciado de Victor Turner, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem. Sob esse prisma, o enunciado alheio é entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso do *discurso direto em estilo monumental* também pode ser compreendido como um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, dado que elas não sofreram alterações de qualquer ordem ao serem transpostas para o contexto do discurso autoral. Nesse caso, em se tratando de uma transcrição de um significado, é importante também que esse significado não sofra alterações ao ser transposto para o contexto do discurso autoral; por isso, temos em cena a atuação do *discurso direto em estilo monumental*.

A atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* pode ser notada no momento em que EICH se apropria do discurso do outro com vistas a ler um conjunto de produções discursivas sobre a bissexualidade. Ou seja, o discurso alheio é utilizado como um instrumento por meio do qual se analisam produções discursivas sobre a bissexualidade. Desse modo, o método de análise sobre as produções discursivas referentes à bissexualidade é concebido com base no discurso alheio e, por isso, o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio. Como o discurso alheio determinou o discurso autoral — especialmente o método de análise das produções discursivas sobre a bissexualidade —, estamos diante da atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Outra mulher entrevistada em Miami acredita em seu potencial investigativo: “Eu não me importo com o quanto eles querem encobrir isso, seus pequenos modos afeminados alertam você”. No entanto, alerta o jornalista, essa visão é totalmente contestável, pois os homens bissexuais podem parecer masculinos para as suas parceiras sexuais, “as mulheres que eles atraem”.

Podemos notar a presença do *discurso direto em estilo monumental* no momento de transcrição da fala alheia para o contexto do discurso autoral. A fala da mulher entrevistada, ao ser transposta para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem por parte do discurso autoral. Sob esse prisma, o enunciado alheio é entendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O enunciado alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. O uso desse tipo de discurso — *discurso direto em estilo monumental* —, então, também pode ser entendido como uma forma de o autor se manter fiel às palavras de outrem, já que, ao serem transpostas para o contexto do discurso autoral, elas não sofrem modificações.

O uso da conjunção adversativa “no entanto” introduz a presença do *discurso bivocal de orientação vária* no contexto do discurso autoral. Por meio do uso desse tipo de discurso, há um conflito entre duas vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — cujas orientações são diametralmente opostas. Esse conflito é ilustrado entre a voz que acredita identificar os bissexuais por meio de seus modos efeminados e a voz que alega o fato de haver homens bissexuais que podem parecer masculinos para as suas mulheres. Nesse cenário, há, portanto, um conflito entre vozes que não convergem para uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* na construção deste trecho.

A próxima passagem a ser analisada é representativa da atuação do *discurso objetificado*, do *discurso direto em estilo monumental*, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ela se afigura no todo composicional do artigo:

A Cosmopolitan, por sua vez, alertou seus leitores para o “Negócio arriscado do amor bissexual”, fornecendo dicas e instruções para ajudar a detectar os homens bissexuais. Dentre alguns exemplos destacados por Garber (1995:105), têm-se: “Se os olhos do homem seguem outro homem, tenham muito cuidado”; “Suspeite se ele parecer muito interessado no modo como outros homens se vestem” ou “Se ele olhar nos olhos de outro homem por até mesmo um microssegundo a mais do que o necessário para um contato visual socialmente aceitável, cuidado”.

A atuação do *discurso objetificado* pode ser notada no momento em que o “Negócio arriscado do amor bissexual” passa a se tornar o objeto de discurso do autor. Esse “Negócio arriscado do amor bissexual” é o discurso alheio que funciona como o próprio objeto de discurso de autor. Portanto, esse objeto de discurso — o discurso do outro — “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CH na medida em que a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se, está *a serviço* da unidade de enunciação do autor, da qual é objeto. Assim, o discurso alheio — que nesse caso se apresenta como o “Negócio arriscado do amor bissexual” — “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CH, pois o discurso alheio funciona como o próprio objeto de discurso do autor, ou seja, o tema acerca do qual discorre o discurso autoral.

O uso do *discurso direto em estilo monumental*, por sua vez, pode ser notado no momento em que o discurso alheio trazido a lume não sofre modificações por parte do discurso autoral. Assim, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta, nesse caso, preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado alheio, dado que o enunciado é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregado. O uso desse tipo de discurso, como sabemos, também é um modo pelo qual o discurso autoral consegue se manter fiel às palavras de outrem, visto que elas não sofrem alterações de qualquer ordem, nem mesmo são transpostas pelas palavras do autor; entram em cena, portanto, exclusivamente da mesma maneira como foram originalmente empregadas.

O uso de “dentre alguns exemplos destacados por Garber (1995: 105), têm-se” caracteriza a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Por meio da sentença supracitada, o discurso autoral antecipa/introduz o discurso alheio no contexto do discurso autoral. O uso da sentença é o modo pelo qual o discurso autoral adotou para preparar

o discurso alheio, isto é, para introduzir o discurso do outro no contexto do discurso autoral. Por isso, temos em cena a atuação do *discurso direto preparado*, dado que houve a antecipação do discurso alheio no contexto do discurso autoral. Por meio dessa sentença, o discurso autoral também cumpre a função de falar no lugar do outro com o qual dialoga; falar em nome desse outro. Há, assim, a substituição da voz alheia pela voz autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado* na construção deste trecho analisado.

O próximo excerto sob análise ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Segundo o autor, o conhecimento produzido sobre a bissexualidade masculina está intimamente vinculado ao volume de pesquisas interessadas na potencialidade de transmissão do HIV do homem para a mulher e, por outro lado, na associação entre bissexualidade e homossexualidade em pesquisas médicas e epidemiológicas. O autor adverte que: A reconstrução experimentada pelo tema da bissexualidade passa pela discussão da identidade bissexual, da subjetividade bissexual, e da existência ou não de uma cultura da bissexualidade no Brasil. A bissexualidade masculina foi vinculada à epidemia de AIDS, e isso estabeleceu novos modos de lidar com o tema, incluindo a culpabilidade dos homens bissexuais pela disseminação da epidemia (Seffner, 2016:89).

Neste fragmento, podemos perceber a atuação do *discurso objetificado* na medida em que o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CH. O discurso alheio funciona como o objeto de discurso a partir do qual o discurso autoral discorre. Desse modo, o próprio discurso alheio torna-se objeto por meio da voz do autor. O discurso autoral, então, apropria-se do discurso alheio com vistas a tecer comentários acerca desse discurso do outro. No caso da passagem em questão, o que é dito a respeito da bissexualidade masculina não pertence às ideias do discurso autoral, mas sim às ideias do discurso alheio. Desse ponto de vista, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral e “serve”, portanto, aos propósitos discursivos de E2CH.

O uso do *discurso direto em estilo monumental*, por sua vez, é notado na composição do trecho no momento de transposição da fala de outrem para o contexto do discurso autoral. Nesse momento de transposição da fala do outro, o discurso autoral não se vale de uma paráfrase, por exemplo, o que nos leva a afirmar que o discurso alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofreu alterações de qualquer ordem. Sob essa perspectiva, o

enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso do *discurso direto em estilo monumental* preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado, dado que o discurso alheio é transcrito *ipsis litteris*, isto é, da mesma forma com que originalmente foi empregado.

No que toca aos usos do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, estes podem ser observados no momento em que o discurso autoral antecipa a fala de outrem e no momento em que o discurso autoral fala no lugar do outro. Os usos de “segundo o autor” e “o autor adverte que” cumprem a função de introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral; assim, temos em cena a *atuação do discurso direto preparado*. Por meio também dos usos dessas sentenças, o discurso autoral cumpre a função de falar no lugar desse outro com o qual dialoga, falar em nome desse outro, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*. Ressalve-se, contudo, que, embora fale no lugar do outro e introduza a fala do outro, o discurso autoral não se posiciona acerca da temática; não há um posicionamento por parte do autor. O discurso autoral, assim, apenas cumpre a função de introduzir a fala do outro e falar no lugar desse outro, mas não se deixa influenciar pelas palavras ditas por outrem.

A próxima passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Segundo a autora, a terceira categoria era concebida como indesejável, pois as respectivas mulheres figurariam como indivíduos “possuidores de um comportamento que ultrapassa, para a maioria das entrevistadas, o limite do aceitável e do legítimo” (Facchini, 2009:319).

Neste excerto, temos em cena a atuação do *discurso direto em estilo monumental* por meio do uso de uma citação direta. O uso da citação direta também compreende o discurso alheio como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável, pois, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Assim, o discurso alheio é transposto *ipsis litteris*, o que preserva esse caráter “inalterável” e

“imutável” do enunciado alheio e caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental* na construção da passagem sob análise.

Quanto aos usos do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, estes cumprem a função, como sabemos, de antecipar o discurso alheio e de falar no lugar desse discurso alheio. No caso do trecho em questão, o uso de “segundo a autora” cumpre essa função de introduzir/antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral. O uso dessa sentença também cumpre o papel de falar no lugar do outro, falar em nome desse outro, dado que a voz do discurso alheio é trazida à cena por meio da voz do discurso autoral. Ressalve-se, todavia, que, também nesse caso, o autor não se deixa influenciar pelas palavras ditas quanto à temática abordada no artigo, tendo em vista que não há um posicionamento do autor em relação à temática discutida. Há um tipo de influência do discurso alheio no contexto do discurso autoral apenas nos momentos em que o discurso autoral conhece a voz alheia e passa a citá-la em seu artigo.

O excerto que se segue ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto em estilo monumental* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Ele se afigura da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

A categoria “saúde” designaria, aqui, tanto os aspectos da vida emocional como relativo às possibilidades de doenças sexualmente transmissíveis, como mostra uma das respostas dadas à antropóloga: Sara: É. Eu acho que ganha. Eu fiquei traumatizada pelo fato da Nicinha ter optado pelos caras novamente. Ela ficou comigo, aí ela voltou. [...] Eu procuro assim uma pessoa na mesma idade, ou mais velha que eu e pelo menos não tenha tanto atrativo com meninos. Por causa dessa coisa da sexualidade e da DST também. É mais fácil. É mais fácil você se contaminar com os caras do que com as mulheres, eu acho, porque eles são mais promíscuos (Facchini, 2009:320).

O primeiro período do trecho sob análise ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente* sobretudo porque o discurso autoral está voltado exclusivamente para um único objeto, qual seja: a categoria “saúde”. Neste momento de construção do excerto, então, não importa, para E2CH, o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente, pois, para o autor,

importa mesmo apenas o referente para o qual o seu discurso está voltado e ao qual procura se adequar ao máximo. Como sabemos até o presente momento, o uso desse tipo de discurso confere ao enunciado um sentido mais objetivo e preciso em relação à mensagem que o discurso autoral pretende transmitir. Nesse caso, o uso do *discurso direto orientado para o referente* confere mais objetividade ao discurso autoral no momento em que se refere ao que a categoria “saúde” designa no presente artigo científico sob análise.

O uso do *discurso objetificado*, por sua vez, é notado no momento em que uma das respostas à antropóloga é trazida à cena. A partir do momento em que essa resposta passa a fazer parte do contexto do discurso autoral, percebemos que o discurso autoral apropria-se do discurso alheio e essa apropriação do discurso alheio faz com que esse discurso (alheio) se torne objeto por meio da voz do discurso autoral. Assim, o próprio discurso alheio funciona como o objeto de discurso do autor; a unidade de enunciação do discurso alheio, portanto, subordina-se à unidade de enunciação do autor, da qual é objeto.

Quanto à atuação do *discurso bivocal de orientação única*, notamos sua presença no momento em que a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio seguem uma mesma e única orientação. Essa orientação é referente à categoria “saúde”: tanto o discurso autoral quanto o discurso alheio entendem que a saúde designaria os aspectos da vida emocional em relação às possibilidades de doenças sexualmente transmissíveis. Essa única orientação está presente de modo tão evidente na constituição desse fragmento que a própria resposta dada à antropóloga serviu para ilustrar essa concepção de saúde atrelada a aspectos emocionais relacionados às possibilidades de doenças sexualmente transmissíveis. Assim, temos em cena uma relação de complementação entre discurso autoral e discurso alheio, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O *discurso direto em estilo monumental* é atuante na medida em que a fala do outro trazida ao contexto do discurso autoral não sofreu alterações de qualquer ordem. Assim, o discurso alheio é transposto para o contexto do discurso autoral *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. O uso desse tipo de discurso, então, pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem e também um modo de garantir credibilidade à sua argumentação, tendo em vista que o discurso alheio não sofreu alterações: ele permanece intacto. Assim, o uso desse tipo de discurso preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado, já que, ao ser transposta para o contexto do discurso autoral, a voz do discurso alheio não sofreu alterações de qualquer ordem.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, nesse contexto, pode ser entendido como a motivação para trazer a fala alheia para o contexto do discurso autoral. É justamente

pelo fato de o autor se “conectar”, por assim dizer, com as falas do outro que o discurso alheio vem à cena. Assim, o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio e, com base nessas influências recebidas, o discurso autoral opta por trazer à cena o discurso alheio, de modo que o discurso do outro passa a “contaminar” o discurso autoral. Essa inclusão da fala alheia no contexto do discurso autoral se dá em virtude da conexão do discurso autoral com o discurso alheio, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* também na construção desse período.

O excerto a seguir ilustra a atuação do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única, discurso direto preparado, do discurso direto substituído* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Nos dois casos, os termos podem ser encarados como “categorias de acusação”, como propõe Gilberto Velho (1997). Para o antropólogo, as categorias de acusação seriam processos estratégicos de construção de fronteiras, de organização de sentimentos e de mapeamento das distinções sociais na vida cotidiana.

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado no momento em que o discurso autoral se apropria do discurso alheio. Assim, as “categorias de acusação” seriam o discurso alheio que se torna objeto por meio da voz concernente ao discurso alheio. As “categorias de acusação” foram noções desenvolvidas por outros autores com os quais o discurso autoral dialoga e essas noções estão servindo para designar os casos encontrados pela pesquisa desenvolvida. Por isso, o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E2CH e, como tal, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se, está *a serviço* da unidade de enunciação de autor, da qual é objeto.

Quanto ao uso do *discurso bivocal de orientação única*, este pode ser notado no momento em que as vozes presentes — a voz do discurso alheio e a voz do discurso autoral — convergem para uma mesma e única orientação. Essa orientação diz respeito ao modo como os casos podem ser encarados: como “categorias de acusação”. O discurso autoral se vale do

discurso alheio justamente porque o discurso autoral toma “emprestado” o conceito de outrem para analisar dados de sua própria pesquisa. Esse empréstimo, evidentemente, apenas se realizou em função de as vozes compartilharem de uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O uso do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído* pode ser observado no momento em que o autor cita “para o antropólogo”. Com essa escolha lexical, o discurso autoral cumpre a função de antecipar/introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral e também de falar no lugar e em nome desse discurso alheio. Tudo o que vem depois de “para o antropólogo” são palavras do discurso autoral as quais cumprem a função de apresentar o conceito desenvolvido pelo antropólogo: as “categorias de acusação”. Desse modo, o discurso autoral fala no lugar desse outro ao apresentar tal conceito; no entanto, o discurso autoral não dispõe de um posicionamento neste momento do texto, sobretudo porque o uso de “para o antropólogo” já demarca textualmente que esse conceito concerne ao discurso alheio, e não ao discurso autoral.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, pode ser notado no momento em que o discurso autoral se vale da seguinte escolha lexical: “os termos podem ser encarados”. Com essa escolha lexical, E2CH demonstra o modo pelo qual o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral. Esse modo de encarar esses termos reflete como o discurso autoral recebeu influências *diretas* do discurso alheio, pois houve o empréstimo de um conceito desenvolvido por outro pesquisador para ser utilizado na pesquisa de E2CH, o que demonstra como o discurso autoral é influenciado pelo discurso alheio e, assim, a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A passagem que se segue é ilustrativa da atuação do *discurso direto preparado, discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

O segundo princípio é o da contiguidade, em que “as coisas que estiveram em contato continuam a agir umas sobre as outras, mesmo a distância, depois de cortado o contato físico” (Frazer, 1982:34).

O trecho é totalmente construído sob a influência do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Esse trecho apresenta a função de antecipar/introduzir a fala do outro no contexto do discurso autoral e, sendo assim, também cumpre a função de falar no lugar desse outro com o qual dialoga; falar em nome desse outro. O trecho, por cumprir a função de apresentar o princípio da contiguidade — conceito desenvolvido pelo discurso alheio —, se vale, portanto, do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído* em sua composição.

Quanto ao uso do *discurso direto em estilo monumental*, sua atuação é percebida no momento em que o discurso autoral se vale de uma citação direta. Por meio do uso da citação direta, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “inalterável” e “imutável” do discurso alheio, tendo em vista que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Ou seja, o discurso alheio é transposto *ipsis litteris*: da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Pode ser entendido, também, como um modo de o autor se manter fiel às palavras alheias, não acrescentando a elas (ou retirando) quaisquer vocábulos.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Para o estudo das formas de sociabilidade bissexual, essa concepção de linguagem parece essencial para a compreensão das causas que incidem na manutenção de seu apagamento e estigmatização social, em especial, por compartilhar uma especial atenção ao princípio da contiguidade.

O uso do *discurso objetificado* pode ser percebido no momento em que E2CH se vale de uma concepção de linguagem com vistas à compreensão das causas das formas de sociabilidade bissexual. Desse modo, essa concepção de linguagem — que se apresenta como o discurso alheio — está *a serviço* das intenções do projeto discursivo de E2CH. O discurso autoral se apropria do discurso alheio exatamente na medida em que essa concepção de linguagem ajuda o pesquisador no estudo das formas de sociabilidade bissexual. Portanto, a

unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto.

Se essa concepção de linguagem é apropriada pela voz do discurso autoral, evidentemente, essa apropriação apenas foi realizada em virtude de ambas — voz do discurso autoral e voz do discurso alheio — compartilharem de uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual essa concepção de linguagem pode ajudar no estudo das formas de sociabilidade bissexual. Sendo assim, não há um conflito entre ambas as vozes citadas; pelo contrário: elas convergem para uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única* na composição deste trecho.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, cumpre a função de organizar totalmente toda a construção deste trecho. Esse trecho foi totalmente construído com base nas influências recebidas do discurso alheio, de modo que a concepção de linguagem adotada — concepção criada por outrem — é utilizada pelo discurso autoral a fim de analisar as formas de sociabilidade bissexual. Assim, podemos depreender que o discurso alheio passou a determinar o discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na composição do excerto em questão.

A próxima passagem sob análise ilustra a atuação do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação única, discurso antecipado, disperso, oculto* e do *discurso direto em estilo monumental*. Ela se apresenta da seguinte maneira no todo composicional do artigo:

Nessa etapa, pode-se utilizar como exemplo a noção de “bissexualidade psíquica” de Sigmund Freud para determinar o desenvolvimento do psiquismo humano. De acordo com Roudinesco (1998), a ideia inicial era compartilhada por Wilhelm Fliess, para quem “a bissexualidade biológica prolongava-se, no ser humano, numa bissexualidade psíquica” (Roudinesco, 1998:72).

O uso da noção de “bissexualidade psíquica”, de Sigmund Freud, caracteriza a atuação do *discurso objetificado* na construção deste trecho. Mediante o uso dessa noção, há a determinação do desenvolvimento do psiquismo humano no trabalho desenvolvido. Por isso, a voz do discurso alheio está *a serviço* das intenções do projeto discursivo de E2CH, dado que ela se torna objetificada pela voz do discurso autoral. O discurso alheio, portanto, torna-se objeto por meio da voz do discurso autoral; a unidade de enunciação do discurso alheio

subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, de que é objeto, caracterizando a atuação do *discurso objetificado*.

Se o discurso autoral apropria-se do discurso alheio, evidentemente, esses discursos convergem para uma mesma e única orientação. Ambos os discursos, portanto, são concordantes no sentido de que a noção de “bissexualidade psíquica” pode determinar o desenvolvimento do psiquismo humano. Dito de outro modo, tanto para o discurso autoral quanto para o discurso alheio, a noção de “bissexualidade psíquica” serve como instrumento por meio do qual se pode estudar o psiquismo humano. Assim, ambas as vozes compartilham de uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única*. O uso de “a ideia inicial era compartilhada por” demonstra de maneira evidente o modo pelo qual as vozes convergem para uma mesma e única orientação, dado que a utilização desse tipo de discurso chega a ser *narrada*, por assim dizer, pela voz concernente ao discurso autoral.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* funciona como a base a partir da qual o fragmento em análise foi construído. Nesse sentido, o fragmento em questão apenas pode ser construído com base nas influências recebidas do discurso alheio. Por determinar o discurso alheio, o discurso autoral apenas toma forma por meio das palavras ditas pelo discurso alheio, pois, a partir delas, é que o discurso autoral dispõe de um conteúdo temático — um assunto sobre o qual discorrer. Por meio dessas influências recebidas do discurso alheio, caracteriza-se a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na construção deste trecho.

O uso do *discurso direto em estilo monumental*, por seu turno, pode ser identificado a partir do uso da citação direta. Mediante o uso desse tipo de citação, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “inalterável” e “imutável” do discurso alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Dessa maneira, o discurso alheio é transposto *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Como sabemos, o uso do *discurso direto em estilo monumental* também é um modo de o autor permanecer fiel às palavras ditas pelo discurso alheio, tendo em vista que elas não sofrem alterações de qualquer ordem. O uso da citação direta, nesse contexto, também é entendido como uma maneira pela qual o discurso autoral procura ilustrar/explicar melhor o conceito de “bissexualidade psíquica” anteriormente citado.

O fragmento que se segue ilustra a atuação do *discurso objetificado, discurso bivocal de orientação vária, discurso bivocal de orientação única* e do *discurso direto em estilo monumental*. Vejamos como ele se apresenta no todo composicional do artigo:

No entanto, como aponta Calazans e Facchini (2022), a adoção dessa categoria na esfera das políticas de HIV/AIDS acabaria por homogeneizar diferentes segmentos sociais, o que acarretaria na violação das “expectativas normativas de reconhecimento no cuidado público em saúde” (Calazans; Facchini, 2022:3919).

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado a partir da sentença “como aponta Calanzans e Facchini”. O uso dessa sentença demonstra cabalmente o modo pelo qual o discurso autoral se apropria do discurso alheio. Desse modo, o discurso alheio está a serviço das intenções do projeto discursivo do discurso autoral na medida em que, ao ser objetificado, o discurso alheio se torna objeto por meio da voz do discurso autoral. Sendo assim, ao fim e ao cabo, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto.

O uso da conjunção adversativa “no entanto” introduz no contexto do discurso autoral a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. O uso desse tipo de discurso está presente na contrariedade de opiniões em relação à adoção da categoria anteriormente mencionada. Dessa maneira, há um conflito entre a voz do discurso autoral e a voz alheia com a qual ele dialoga em relação à adoção dessa categoria. Para o discurso autoral, embasado em outros discursos, a adoção dessa categoria acabaria por homogeneizar diferentes segmentos sociais. Ou seja, não existem apenas aspectos positivos na adoção dessa categoria. Como há, portanto, vozes cujas orientações são divergentes entre si, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

Por sua vez, o uso do *discurso bivocal de orientação única* pode ser notado no momento em que o discurso autoral se apropriou do discurso alheio com vistas a tecer críticas relacionadas à adoção dessa categoria. Desta feita, embora haja a presença do *discurso bivocal de orientação vária*, há também vozes cujas orientações são as mesmas no que tange a essa adoção da categoria. Tanto para o discurso autoral quanto para o discurso alheio — o discurso de Calazans e Facchini — a adoção dessa categoria acabaria por homogeneizar diferentes segmentos sociais. Nesse ponto, as vozes se complementam; por isso, temos em cena também a atuação do *discurso bivocal de orientação única* na construção do segmento sob análise.

Como sabemos até o presente momento, o uso da citação direta caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso dessa citação, o enunciado alheio é

compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso dessa citação preserva esse caráter “inalterável” e “imutável” do enunciado alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Assim, o discurso alheio é transcrito *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação vária*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e do *discurso direto em estilo monumental*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Seus exemplos são categóricos para a discussão: “há crenças de que cada sexo é perigoso para o outro através do contato com fluidos sexuais. De acordo com outras crenças somente um dos sexos é posto em perigo pelo contato com o outro, geralmente masculino, mas algumas vezes o inverso” (Douglas, 2017:14). No entanto, tais padrões de perigo sexual ou de poluição corporal não estão inscritas na relação dos sexos em si mesma, mas antes expressam simbolicamente a relação entre as partes na sociedade, atuando “como reflexos de projetos de simetria ou hierarquia que se aplica ao sistema social mais amplo” (Douglas, 2017:14).

O fato de o discurso autoral ter se valido desses exemplos demonstra de maneira cabal o modo pelo qual o discurso alheio é apropriado pela voz do discurso autoral. Os exemplos — interpretados nesse contexto como o discurso alheio — “servem” às intenções do projeto discursivo de E2CH. Na voz do discurso autoral, tais exemplos seriam categóricos para a discussão promovida no texto. Por isso, o discurso alheio é objetificado, visto que se torna objeto de discurso por meio da voz do discurso autoral. Sendo assim, ao fim e ao cabo, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral, da qual é objeto.

No momento em que E2CH narra sobre o que dizem as crenças, há um conflito entre as crenças citadas. Por um lado, há crenças segundo as quais cada sexo é perigoso para o outro em termos de contatos sexuais. Por outro lado, há crenças segundo as quais apenas um dos sexos é posto em perigo em termos de contatos sexuais — o masculino. O conflito entre as crenças citadas, narrado pela voz do discurso autoral, ilustra de maneira cabal a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. No entanto, não apenas as crenças citadas seriam exemplos de orientações diametralmente opostas: para o discurso autoral, não somente há padrões de perigo

sexual na relação dos sexos em si mesma; antes expressam a relação entre as partes na sociedade. Há, portanto, nesse caso, uma divergência de orientações entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio, caracterizando, uma vez mais, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. O uso do *discurso bivocal de orientação vária* assume nesse trecho uma atuação particularmente interessante, sobretudo porque está presente no discurso sobre as crenças citadas e entre o discurso autoral e o discurso alheio.

A observação que o autor faz no que tange aos padrões de perigo sexual apenas é trazida à baila com base nas influências diretamente recebidas de outrem. Dito de outro modo, o discurso autoral consegue realizar a observação segundo a qual os padrões de perigo sexual expressam a relação entre as partes na sociedade porque está embasado nas ideias ditas pelo outro com o qual se estabelecem vínculos dialógicos. Assim, o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral. É com base nas influências recebidas do discurso alheio que o discurso autoral consegue, portanto, tecer observações em relação aos padrões de perigo sexual.

Podemos perceber a presença da citação direta, que é um exemplo cabal da atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do discurso alheio, já que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso do outro não sofre alterações de qualquer ordem. Assim, o enunciado alheio é transposto *ipsis litteris*, ou seja, da mesma forma com que originalmente foi empregado. O uso da citação direta, nesse caso, também é um modo de o autor explicar melhor as ideias ditas anteriormente e, para isso, recorre ao discurso alheio. Essa menção ao discurso alheio é um modo de o autor se manter fiel às palavras do outro e também um modo de o autor se mostrar mais seguro em relação aos temas sobre os quais pretende discorrer, porque recorre ao discurso alheio (da mesma forma com que originalmente foi empregado) para discorrer acerca dos temas presentes em sua pesquisa. O uso da citação direta e, portanto, do *discurso direto em estilo monumental* é um modo também de o autor julgar que as palavras alheias explicariam melhor determinado conceito no lugar de suas próprias palavras.

O último trecho concernente a este artigo científico sob análise é representativo da atuação do *discurso objetificado*, *discurso bivocal de orientação única* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Ele se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Ela representa, com significativa força expositiva, o que Balandier determinou ser a relação entre o “medo do contágio” e as “relações de evitação” em um cenário em que as relações sociais são corrompidas pela angústia da contaminação e pela alteridade compreendida como uma fonte incessante de suspeita e de incertezas (Balandier, 2019).

O fato de estar presente uma representação do que o discurso alheio denominou “medo do contágio” e as “relações de evitação” ilustram a atuação do *discurso objetificado*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o discurso autoral apropria-se do discurso alheio, de modo a usá-lo para servir aos fins do projeto discursivo de E2CH. Ao ser objetificado, o discurso alheio passa a se tornar o objeto de discurso por meio da voz do discurso autoral. O conteúdo temático deste trecho, portanto, configura-se como o discurso alheio que se torna objetificado por meio da voz do discurso autoral. Servindo aos propósitos discursivos de E2CH, a unidade de enunciação do discurso do outro, dessa maneira, está *a serviço* da unidade de enunciação do discurso autoral.

Como o discurso do outro serve aos propósitos discursivos de E2CH, temos que as vozes discursivas — do discurso autoral e do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual há a representação da relação entre o “medo do contágio” e as “relações de evitação”. Desse modo, não há um conflito entre as vozes citadas; pelo contrário: elas se complementam na medida em que ambas compartilham de uma mesma e única orientação. Ao compartilharem de uma mesma e única orientação, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, funciona como a base a partir da qual o discurso autoral toma forma. Dito por outras palavras, o discurso autoral, neste fragmento, se vale de uma paráfrase para a formulação do texto. A paráfrase é a estratégia por meio da qual o discurso autoral dispõe de um assunto sobre o qual discorre. Isso porque o conteúdo temático deste trecho sob análise é diretamente influenciado pelas palavras do outro com o qual dialoga. Desse modo, o discurso autoral apenas existe porque se valeu das palavras de outrem; porque se utilizou de uma paráfrase e, sendo assim, tomou a liberdade de organizar as considerações de outrem por meio de suas próprias palavras, caracterizando, por conseguinte, a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na construção deste trecho.

As análises que se seguem concernem ao terceiro artigo publicado no periódico “Cadernos Pagu”. Ele se intitula “Mulheres com deficiência e dependência complexa: experiências de relações de cuidado para (sobre)viver”. Recorreremos, desta vez, à identificação “E3CH – Escrevente 3 Ciências Humanas”.

O primeiro excerto a ser analisado é representativo da atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso antecipado, disperso, oculto, discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

De acordo com esse documento, o percentual deve crescer, uma vez que a população de todo o mundo está envelhecendo, e que há uma relação entre envelhecimento e deficiência. O relatório também aponta o aumento da necessidade de serviços de cuidado.

O uso da expressão de valor semântico conformativo “de acordo com” indica que há uma relação de concordância entre o discurso autoral e o discurso alheio. Nessa direção, as vozes presentes na composição deste trecho — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual o percentual referido deve crescer, tendo em vista que a população de todo o mundo está envelhecendo e, por conseguinte, haverá um aumento da necessidade de serviços de cuidado. Assim, não há um conflito entre ambas as vozes citadas; pelo contrário: elas convergem para uma mesma e única orientação, o que caracteriza a atuação do *discurso bivocal de orientação única* na construção deste excerto.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* funciona como a base a partir da qual este fragmento foi construído. É por meio das palavras de outrem — nesse caso o que está descrito no percentual — que houve uma relação de concordância entre o discurso autoral e o discurso alheio no que toca ao desempenho do percentual citado. Dessa maneira, essa relação de concordância entre ambos os discursos apenas se deu em função da(s) influência(s) recebida(s) do discurso alheio. Nesse caso, com a utilização do *discurso antecipado, disperso, oculto*, o discurso alheio passou a determinar o discurso autoral.

Quanto aos usos do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*, eles cumprem a função, como sabemos, de introduzir/antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral e de falar no lugar do outro com o qual dialoga. É exatamente isso o que

acontece também no excerto sob análise. No momento em que o discurso autoral apresenta as considerações do documento, ele também faz o movimento de antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral, preparando-o, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*. Ao apresentar as considerações desse documento, o discurso autoral também cumpre o papel de falar por e em nome desse outro com que dialoga, o que também caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*, *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído* e do *discurso direto em estilo monumental*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Quando falamos sobre o cuidado, não há um consenso entre autoras(es) sobre o seu conceito e seu significado. No entanto, para grande parte das(os) teóricas(os), o cuidado é uma prática que acontece de modo relacional entre as pessoas (Noddings, 1984; 2002; Tronto, 2007); é “(...) tentativa e erro. Mais do que isso, estamos falando de uma prática cujo desfecho é incerto. Um aprendizado constante e que pode ser feito por todos aqueles que se dispuserem a aprendê-lo” (Fietz, 2020, s/p).

O uso do *discurso bivocal de orientação vária* assume um papel particularmente interessante na composição do fragmento sob análise. A atuação do *discurso bivocal de orientação vária* é narrada, por assim dizer, pela voz do discurso autoral. Dessa maneira, ao citar que não há um consenso entre os autores sobre o conceito, E3CH demonstra o modo pelo qual há um conflito na literatura especializada a respeito dessa definição do conceito. Ao mostrar esse conflito, o discurso autoral, ao mesmo tempo, também nos revela que as vozes presentes na literatura especializada não são convergentes para uma mesma e única orientação, o que caracteriza, por conseguinte, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* na construção deste fragmento.

Com o uso de “grande parte dos teóricos”, E3CH antecipa e introduz o discurso alheio no contexto do discurso autoral e também cumpre a função de falar no lugar desse discurso alheio. Desse modo, o conceito de cuidado apenas é trazido a lume, com base no que pensa a grande maioria dos teóricos, por meio da voz do discurso autoral. Por isso, o discurso autoral cumpre a função de falar no lugar do outro com o qual dialoga e também de introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral, caracterizando, assim, a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

O uso do *discurso direto em estilo monumental*, por seu turno, pode ser percebido no momento em que o discurso autoral se vale de uma citação direta na composição do trecho. Mediante o uso dessa citação — e desse tipo de discurso —, o enunciado alheio é interpretado como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do discurso alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Assim, o enunciado alheio é transposto *ipsis litteris*, isto é, com as mesmas palavras com as quais fora originalmente empregado. O uso da citação direta, nesse caso, também é um modo de o autor julgar que, com as palavras alheias, o conceito de cuidado pode ser mais bem explicado; ao invés de recorrer às suas próprias palavras, ou seja, às palavras do discurso autoral.

O excerto que se segue ilustra a atuação do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Vejamos de que maneira ele se apresenta no todo composicional do artigo:

Para Wilkerson (2002), o termo “agência” está relacionado à capacidade de reconhecer e agir em nome dos próprios interesses. Logo, poder contar com uma rede de cuidado pode significar a diferença entre sobreviver, poder ter agência ou estar vulnerável ao isolamento social e à violência (Fietz, 2020; Masson, 2017).

O uso da expressão “para Wilkerson” cumpre a função de antecipar/introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Esse modo de introdução do discurso alheio representa a atuação do *discurso direto preparado* na construção deste trecho, uma vez que, de certa forma, o discurso autoral prepara, por assim dizer, o discurso alheio de modo a fazer parte do contexto do discurso autoral. O uso dessa mesma expressão — “para Wilkerson” — também cumpre o papel de falar no lugar do outro com o qual se estabelecem vínculos dialógicos. Mediante o uso dessa expressão, o discurso autoral falar em nome do discurso alheio, fala no lugar desse discurso, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

No que concerne à utilização do *discurso antecipado, disperso, oculto*, ela pode ser percebida no momento em que o discurso autoral realiza inferências acerca do conceito de “agência”. Essas inferências apenas puderam ser tecidas porque o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio. Desse modo, o discurso alheio determinou o que foi dito

pelo discurso autoral, pois é com base nas palavras alheias que o discurso autoral realizou as suas inferências valendo-se de uma paráfrase. Dito de outro modo, o fato de poder contar com uma rede de cuidado significar sobreviver já foi dito, de uma maneira ou de outra, por outros; o autor (re)elabora essa consideração, então, com base no que foi dito por outrem, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A próxima passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso direto preparado, discurso direto substituído, discurso direto em estilo monumental, do discurso antecipado, disperso, oculto* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Em entrevista a Gesser e Fietz (2019:141), Eva Kittay ressalta que é inevitável que pensemos no cuidado, pois “um mundo em que ninguém se importasse com ninguém seria um mundo em que as necessidades daquelas(es) que não pudessem atender às suas próprias necessidades (e que somos todos nós em algum momento de nossas vidas) seriam negligenciadas”. Assim, a abordagem da temática do cuidado torna urgente e inevitável o rompimento com os ideais liberais de autonomia e independência, que estão fortemente presentes no contexto social em geral, inclusive nas teorias sobre justiça (Kittay, 2015).

O uso da expressão “Eva Kittay ressalta” é representativo da atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Mediante o uso dessa expressão, o discurso autoral cumpre a função de antecipar/introduzir o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Assim, a voz do discurso alheio apenas é trazida a lume por meio da voz do discurso autoral; a voz do discurso alheio apenas passa a fazer parte do discurso autoral porque é introduzida pela voz do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado*. Por meio do uso dessa expressão, o discurso autoral também cumpre a função de falar no lugar do outro com o qual dialoga; dessa maneira, a voz do discurso autoral apresenta o discurso alheio no momento em que fala por ela, fala no lugar dela, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*.

Temos em cena a atuação de uma citação direta, o que também significa dizer que temos em cena a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do

enunciado alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio é transposto *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Assim, não houve alterações de qualquer ordem na transposição do enunciado alheio para o contexto do discurso autoral. O uso do *discurso direto em estilo monumental*, portanto, também pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, visto que elas não sofrem alterações. Pode ser, também, uma maneira de o autor julgar que determinada ideia ou conceito pode ser mais bem explicado por meio das palavras do outro, considerando que a voz alheia é interpretada como uma voz de autoridade naquele assunto em voga, ao invés de se valer de suas próprias palavras.

As inferências relacionadas à abordagem do cuidado apenas são tecidas com base na influência do discurso alheio. O discurso do outro, então, passa a determinar o que está sendo dito pelo discurso autoral. O discurso autoral se vale de uma paráfrase para citar as suas inferências que dizem respeito à abordagem da temática do cuidado. Essas inferências já foram ditas em algum contexto por outrem; o discurso autoral as reformula com as suas próprias palavras. Nesse caso, o autor — E3CH — julga que as suas próprias palavras podem explicar de maneira satisfatória a abordagem da temática do cuidado e não vê, portanto, a necessidade de recorrer às palavras alheias para discorrer acerca dessa temática. Essas influências do discurso alheio no contexto do discurso autoral caracterizam a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto*.

A voz do discurso autoral narra, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. O discurso autoral sugere que haja o rompimento com os ideais liberais de autonomia e independência. Esse rompimento ilustra de maneira evidente o modo pelo qual o discurso se converteu em um palco de luta entre duas vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — cujas orientações são diametralmente opostas. As orientações são opostas, pois, para o discurso autoral, deve haver o *rompimento* com os ideais liberais de autonomia e independência impregnados no contexto social em geral. Há um conflito, portanto, entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio (o que diz o contexto social mais amplo). Além de o discurso autoral não concordar com o que diz o contexto social em geral (o discurso alheio), ele também cita que deve haver esse rompimento, o que acaba por narrar a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

O excerto que se segue ilustra a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Segundo Oliver (1992), a investigação emancipatória é uma perspectiva crítica de pesquisa no campo da deficiência, na qual, em articulação ao modelo social, propõe uma desmistificação de estruturas e processos opressores, estabelecendo um diálogo entre a comunidade científica e as pessoas com deficiência, de modo a potencializar a participação e emancipação dessas últimas.

O uso da expressão “segundo Oliver” cumpre o papel de introduzir/antecipar o discurso alheio no contexto do discurso autoral. Também cumpre a função de falar no lugar desse outro com o qual dialoga. A função do discurso autoral, nesse caso, é a de apresentar as concepções de outrem, as concepções relativas à investigação emancipatória do ponto de vista do outro. Ressalve-se, todavia, que, embora fale no lugar do outro, neste excerto, o discurso autoral não se deixa influenciar pelas palavras alheias, não deixa que as palavras alheias determinem o conteúdo temático do discurso autoral. O discurso autoral, então, apenas cumpre a função de apresentar as perspectivas de outrem com o qual se estabelecem vínculos dialógicos; as palavras alheias, nesse sentido, não influenciam as perspectivas do discurso autoral, dado que ele apenas cumpre o papel de apresentá-las. Com esses movimentos — introdução da fala alheia no contexto do discurso autoral e apresentação dos pontos de vista do outro —, entram em cena as atuações do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso antecipado, disperso, oculto*. Ela se apresenta da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Em outras palavras, “na ciência, todo olhar é situado, tecido a partir de conexões e mediações que fazem certos mundos visíveis e deixam outros na sombra” (Moraes; Tsallis, 2016:5). A partir dessa ideia, podemos compreender que todo conhecimento é localizado e produzido por sujeitos atravessados por gênero, raça, classe, deficiência/capacidade, entre outras características.

Neste excerto, temos a presença de uma citação direta, o que também caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o

enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do discurso alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio é transposto *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Assim, o enunciado alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem. O uso do *discurso direto em estilo monumental* é também um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, haja vista a não modificação do discurso alheio quando passa a fazer parte do contexto do discurso autoral. O uso de “em outras palavras” também parece nos indicar que essas outras palavras — as palavras de outrem — explicariam melhor a ideia de ciência contemplada pela presente pesquisa, ou seja, o autor se sentiria mais confortável em explicar tal ideia de ciências com base nas palavras alheias; no modo como essa ideia foi originalmente concebida por outro.

A passagem que se segue ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Vejamos de que maneira ela se apresenta no todo composicional do artigo:

Essa técnica tem como foco principal permitir que a(o) entrevistada(o) retome sua vivência de forma retrospectiva. As histórias de vida fornecem uma possibilidade interpretativa por meio da qual os sentidos se revelam em relatos pessoais, dando prioridade à subjetividade em relação aos métodos que classificam as respostas em categorias conceituais pré-determinadas (Cordero, 2012).

Ao se referir à técnica, o discurso autoral volta-se única e exclusivamente a esse objeto, a esse referente. Desse modo, o discurso autoral está diretamente voltado para esse referente — a técnica. Neste momento da escrita, para E3CH, importa apenas esse referente — a técnica — para o qual o seu discurso está voltado. Como sabemos até o presente momento, o uso do *discurso direto orientado para o referente* pode ser uma estratégia por meio da qual o discurso autoral confere mais precisão e objetividade ao seu discurso. Ao se voltar para um único objeto, o discurso autoral se mostra mais objetivo em relação à informação que deseja transmitir relacionada a determinado objeto.

O uso do *discurso bivocal de orientação única* pode ser percebido no momento em que não há conflito entre as vozes presentes no discurso — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. Elas são convergentes, portanto, para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual as histórias de vida podem fornecer uma possibilidade interpretativa a fim de que os sentidos se revelem em relatos pessoais. Ambos — discurso autoral e discurso alheio — seguem essa mesma e única orientação; por isso, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

No que toca às atuações do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, elas podem ser percebidas no momento em que o discurso autoral introduz o discurso alheio por meio das influências recebidas desse discurso e também no momento em que o discurso autoral fala no lugar desse outro com o qual dialoga. Percebemos que, nesse caso, por meio de uma paráfrase, o discurso autoral também cumpre a função de apresentar o discurso alheio no contexto do discurso autoral, pois, de certo modo, as palavras do outro estão presentes na voz do discurso autoral, pois é nelas em que o autor se baseia para tecer as suas considerações. Dessa maneira, o discurso autoral “bebe”, por assim dizer, na fonte do discurso alheio, pois ele se deixa influenciar pelas palavras alheias. Esse tipo de influência também faz com que o autor fale do lugar do outro, dado que as concepções de outrem apenas são trazidas à baila — para o contexto do discurso autoral — por intermédio da voz do discurso autoral. Com efeito, podemos notar, com esses movimentos retóricos, a atuação do *discurso direto preparado*, do *discurso direto substituído* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*.

O excerto a seguir ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, do *discurso direto em estilo monumental* e do *discurso bivocal de orientação vária*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Para as análises das entrevistas, utilizamos a análise temática que, conforme Braun e Clarke (2006), trata-se de um “método para identificar, analisar e fazer relatórios de temas nos dados. É, minimamente, organizado e descreve seu conjunto de dados visando manter a riqueza dos detalhes. No entanto, frequentemente vai além, e interpreta vários aspectos do tópico de pesquisa” (Braun; Clarke, 2006:79, tradução nossa).

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado no momento em que o próprio discurso alheio passa a funcionar como o objeto de discurso do autor. No caso do trecho em questão, o fato de o discurso autoral afirmar que se vale da análise temática demonstra de maneira cabal como o discurso alheio se torna objetificado por meio da voz do discurso autoral, pois o discurso alheio se torna objeto por meio da voz do discurso autoral. Desse modo, o discurso alheio — que nesse caso é representado pela análise temática — “serve” às intenções do projeto discursivo de E3CH. A unidade de enunciação do discurso alheio, por estar objetificado, subordina-se à unidade de enunciação do autor, de que é objeto.

O uso da conjunção de valor semântico conformativo “conforme” ilustra o modo pelo qual o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso alheio. É com base no método proposto por outros pesquisadores que o discurso autoral consegue realizar a metodologia de sua pesquisa. Os procedimentos metodológicos da pesquisa, então, estão embasados no método criado por outrem. Desse modo, o discurso autoral referente aos métodos de análise presentes na pesquisa foi totalmente formulado com base nas influências recebidas do discurso alheio. Por isso, o discurso do outro passou a determinar o que está sendo dito no contexto do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na construção deste trecho.

O uso da citação direta, por sua vez, caracteriza a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Por meio do uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do enunciado alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio é transcrito *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. Assim, não houve alterações de qualquer ordem na passagem do discurso alheio para o contexto do discurso autoral. Como sabemos até o presente momento, o uso do *discurso direto em estilo monumental* pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras de outrem, dado que elas não sofrem alterações de qualquer ordem. Pode ser, também, uma maneira pela qual o autor se sinta mais seguro ao se referir a um método desenvolvido por outros pesquisadores por meio das palavras originais desse outro, ou seja, por intermédio das palavras alheias.

O discurso autoral também cumpre a função de “narrar”, por assim dizer, a atuação do *discurso bivocal de orientação vária*. Para o discurso alheio com o qual o discurso autoral dialoga, o uso desse método empregado na pesquisa vai além daquilo que lhe foi proposto originalmente. Por isso, esse discurso alheio se vale da conjunção adversativa “no entanto” justamente para (de)marcar as orientações opostas: por um lado, o discurso de um método originalmente criado para assumir determinadas funções; por outro lado, o discurso consoante o qual esse método pode ir além daquilo que lhe foi originalmente proposto. Com essas orientações em certa medida divergentes, temos em cena atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

O trecho que se segue ilustra a atuação do *diálogo velado*, uma subclassificação, por assim dizer, do *discurso bivocal de tipo ativo*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CAAE 29072920.0.0000.0121) e, portanto, todos os princípios éticos recomendados pelas Resoluções n. 466/12 e n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados.

Podemos notar que o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de um interlocutor ausente no momento em que se preocupa em afirmar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos. Como sabemos, essa informação é de suma importância sobretudo porque diz respeito aos critérios éticos adotados pela presente pesquisa. Tal informação contribui para a credibilidade da pesquisa realizada em termos éticos e a sua ausência poderia suscitar um questionamento por parte do(s) parecerista(s) do artigo em questão ou mesmo dos eventuais leitores desse artigo científico. Essa preocupação sentida em relação à menção ao Conselho de Ética em Pesquisa é tecida com base na presença de um outro; presença essa que pode não ser visivelmente percebida; porém, sentida, ainda que de forma velada.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única, discurso antecipado, disperso, oculto* e do *discurso objetificado*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Essas percepções se articulam com a afirmação de que o cuidado opera sempre de maneira relacional e, muitas vezes, de modos contraditórios, conflituosos e ambíguos (Fietz, 2017). Além disso, corroboram a perspectiva de que a dependência e o cuidado são inerentes à vida humana e não apenas de um grupo específico – no caso, das pessoas com deficiência (Kröger, 2009; Fietz, 2017).

O fato de essas percepções, citadas no fragmento, articularem-se com a afirmação de que o cuidado opera sempre de maneira relacional ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação única*. Por meio do uso desse tipo de discurso, podemos notar que há uma relação de concordância entre ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio. Dessa maneira, as vozes são convergentes para uma mesma e única orientação. Orientação segundo a qual essas percepções podem se articular com a afirmação de que o cuidado opera sempre de maneira relacional, como descrito nas palavras do discurso autoral. Assim, temos em cena a atuação do *discurso bivocal de orientação única*, pois as vozes convergem para uma mesma e única orientação.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* funciona como a base a partir da qual todo esse fragmento foi construído. Podemos notar que o discurso autoral tece as suas considerações com base no que já foi dito por outros pesquisadores. Assim, o discurso alheio passa a “contaminar” o discurso autoral, visto que o discurso autoral recebeu influências diretas do discurso do outro com o qual dialoga. Todas as observações realizadas pelo discurso autoral, portanto, são tecidas com base nas influências recebidas do discurso alheio, o que caracteriza a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na constituição deste fragmento.

Quanto à atuação do *discurso objetificado*, sua presença pode ser observada no momento em que o discurso alheio “serve” às intenções do projeto discursivo de E3CH. Dito por outros termos, ao dizer que tais observações corroboram as perspectivas de outros pesquisadores, o discurso autoral mostra o modo pelo qual o discurso alheio está subordinado à enunciação do discurso autoral. O discurso alheio, assim, torna-se objeto de discurso por meio da voz do discurso autoral. Tendo em vista que essas percepções corroboram o que já foi dito por outros pesquisadores, tais percepções (o discurso alheio) servem, portanto, às intenções do projeto discursivo de E3CH, dado que o discurso autoral afirma que elas confirmam o que já

foi dito por outros pesquisadores na pesquisa realizada pelo autor do artigo científico sob análise.

O excerto a seguir ilustra a atuação do *discurso direto orientado para o referente*, *discurso bivocal de orientação única*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* e do *discurso direto em estilo monumental*. Ele se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

Isso porque, nas sociedades modernas e liberais, a independência é uma categoria fundamental para a valorização dos sujeitos e, conseqüentemente, as percepções da dependência emergem como algo ruim e limitante, que atribui um valor de inferioridade à pessoa. Nesse cenário, os sujeitos com dignidade são aqueles que (supostamente) conseguem ser livres, independentes e com capacidade de se autogerir (Ferguson, 2013; Fietz, 2017). Ou seja, “(...) a racionalidade e a escolha são, portanto, centrais para o indivíduo moderno e a autonomia se torna uma categoria central nos modos de subjetivação liberal” (Fietz, 2017:108).

O uso do *discurso direto orientado para o referente* pode ser observado no primeiro período do artigo em questão. Neste momento da escrita, o discurso autoral está voltado única e exclusivamente para um determinado objeto, a um único referente, qual seja: a independência como categoria social. Desse modo, para o discurso autoral, importa apenas esse referente para o qual o seu discurso está voltado; não importa, portanto, o que dizem outras vozes acerca desse mesmo referente. Como sabemos, o uso do *discurso direto orientado para o referente* pode ser uma estratégia por meio da qual o discurso autoral consegue ser mais preciso e objetivo no que se refere à informação que deseja transmitir. Nesse caso, o discurso autoral está direta e objetivamente orientado para a independência como categoria social — o referente.

Podemos notar a atuação do *discurso bivocal de orientação única* porque ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — convergem para uma mesma e única orientação. Orientação conforme a qual a independência é uma categoria de valor essencial para a valorização dos sujeitos e, como tal, as percepções de dependência podem ser relacionadas a indivíduos “inferiores”. Nesse sentido, ambas as vozes convergem para uma mesma orientação e não há, portanto, conflito entre essas vozes, caracterizando a atuação do *discurso bivocal de orientação única*.

O *discurso antecipado, disperso, oculto*, por sua vez, pode ser entendido como a base a partir da qual todo o discurso autoral foi construído. Dito por outros termos, é com base nas influências recebidas do discurso alheio que o discurso autoral toma forma, ou seja, que o discurso autoral vem a lume. Dessa maneira, o discurso do outro determinou o conteúdo temático do discurso autoral, uma vez que o discurso autoral “bebe”, por assim dizer, na fonte do discurso alheio. As considerações acerca da (in)dependência são tecidas com base no que já disseram outros autores; a paráfrase da perspectiva de outrem, então, também é um modo pelo qual o discurso autoral confere créditos a quem já, em algum momento, disse as mesmas observações com outras palavras. Essas influências recebidas do discurso alheio caracterizam a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na composição do trecho sob análise.

Podemos perceber, também, que o discurso autoral se finda com o uso de uma citação direta e, portanto, também com a utilização do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “impenetrável” do enunciado, uma vez que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o discurso alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Assim, o discurso alheio é transposto *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com a qual originalmente foi empregado. O uso do *discurso direto em estilo monumental* também pode ser um modo de o autor se manter fiel às palavras alheias, visto que o discurso alheio não sofre alterações de nenhuma espécie por parte do discurso autoral. Nesse caso, o uso da expressão de natureza explicativa “ou seja” também demonstra como o autor se sente mais confortável em explicar determinados pontos de vista com base nas palavras alheias, pois julga que as palavras de outrem talvez possam explicar melhor as ideias descritas por ele anteriormente.

A passagem a seguir ilustra a atuação do *discurso bivocal de orientação vária* e do *discurso direto orientado para o referente*. Ela se afigura da seguinte forma no todo composicional do artigo:

No entanto, para conferir dignidade a todas as pessoas e, principalmente, àquelas com dependência complexa, a dependência precisa ser reconhecida como atributo inerente à vida humana.

O uso da conjunção adversativa “no entanto” demarca linguisticamente a presença do *discurso bivocal de orientação vária*. Por meio do uso desse tipo de discurso, ambas as vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — afiguram-se num palco de luta tendo em vista as suas orientações diametralmente opostas. Dito de outro modo, o discurso autoral se opõe àquelas orientações segundo as quais a independência apenas traz valores positivos. Para o discurso autoral, a dependência deve(ria) ser vista como algo inerente à espécie humana, com vistas a não rotular as pessoas que necessitam em larga medida de um outro como uma espécie “inferior”. Assim, o discurso autoral confronta essas perspectivas segundo as quais essas pessoas seriam “inferiores”; para o discurso autoral — para E3CH —, a dependência deve(ria) ser reconhecida como algo inerente à espécie humana, de modo a colaborar, principalmente, com a saúde mental desses indivíduos que dependem dos cuidados de outros. Desse modo, o discurso autoral, portanto, é construído à luz da atuação do *discurso bivocal de orientação vária*.

O uso da forma verbal “precisa” ilustra de maneira cabal a atuação do *discurso direto orientado para o referente* na construção deste trecho. Neste momento, o discurso autoral se vê diante da necessidade de ser direto e objetivo em relação à mensagem que pretende transmitir. E3CH reconhece que a dependência deve(ria) ser reconhecida como condição inerente à vida humana e, sendo assim, o seu discurso está *diretamente* orientado para esse único referente, qual seja: a dependência. Neste momento, não importa, para E3CH, o que dizem outras vozes; importa apenas o seu referente para o qual o discurso autoral encontra-se voltado. Como sabemos até o presente momento, o uso do *discurso direto orientado para o referente* pode ser uma estratégia produtiva na medida em que o discurso autoral tem a pretensão de ser mais direto, objetivo e enfático em relação à informação/mensagem que deseja transmitir.

A última passagem a ser analisada ilustra a atuação do *discurso objetificado*, *discurso direto em estilo monumental*, *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*, do *discurso direto substituído* e do *discurso direto preparado*. Ela se apresenta da seguinte maneira na composição do artigo:

A partir do depoimento acima apresentado, podemos refletir sobre “(...) como as relações de dependência e relações de cuidado nas quais os sujeitos se inserem podem ressignificar as noções de autonomia e dependência” (Fietz, 2017:110). É possível observar que Lígia – a pessoa com dependência que, supostamente, apenas pode ser cuidada – passa também a cuidar de alguém em alguma medida. Assim, a deficiência deixa de ser um fenômeno isolado e individual para ser uma experiência coletiva que inclui redes familiares e da comunidade, de tal modo que o sujeito passa a ser parte das relações nas quais se insere (Das, 2015).

O uso do *discurso objetificado* pode ser notado no momento em que o discurso autoral se vale do depoimento acima apresentado para tecer suas reflexões. Desse modo, o próprio discurso alheio funciona como o objeto de discurso do discurso autoral. Como é com base no discurso alheio que o autor tece as suas reflexões, podemos depreender que o discurso do outro “serve” às intenções do projeto discursivo de E3CH. Ao se tornar objetificado por meio da voz do discurso autoral, a unidade de enunciação do discurso alheio subordina-se à unidade de enunciação do discurso autoral. O discurso alheio é *objetificado* justamente porque o depoimento apresentado pela pesquisa serviu como parâmetro de orientação para as reflexões tecidas pelo discurso autoral.

Podemos notar a presença de uma citação direta; com isso, também podemos apontar a atuação do *discurso direto em estilo monumental*. Mediante o uso desse tipo de discurso, o enunciado alheio é compreendido como um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. O uso da citação direta preserva esse caráter “imutável” e “inalterável” do discurso alheio, dado que, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, o enunciado alheio não sofre alterações de qualquer ordem. Dessa maneira, o enunciado alheio é transcrito *ipsis litteris*, isto é, da mesma maneira com que originalmente foi empregado. O uso do discurso *direto em estilo monumental* também pode ser um modo pelo qual o autor se mantém fiel às palavras alheias, pois não existem modificações de qualquer ordem na passagem do discurso do outro para o contexto do discurso autoral. Também pode ser um modo de o autor julgar que as palavras alheias explicariam melhor essa noção de ressignificação da autonomia e da dependência presente nas relações sociais no lugar de suas próprias palavras.

A principal contribuição talvez a que a realização da pesquisa sobre pessoas com deficiência chegou seja a consideração segundo a qual a deficiência deixa de ser um fenômeno isolado e passa a ser parte das relações sociais. Essa contribuição, por sua vez, já foi dita por

outros pesquisadores em outros trabalhos. O discurso autoral, portanto, cumpre o papel de ratificar essas considerações de outrem, (re)afirmando as conclusões de outros pesquisadores. Esse tipo de (re)afirmação, realizada pelo discurso autoral, é feita com base nas influências recebidas do discurso alheio; o discurso alheio, então, passa a “contaminar” o discurso autoral. Nesse sentido, temos em cena a atuação do *discurso antecipado, disperso, oculto* na construção do trecho sob análise.

No que concerne às atuações do *discurso direto substituído* e do *discurso direto preparado*, ela pode ser observada no momento em que o discurso autoral se vale de uma paráfrase. Por meio dessa paráfrase das considerações de outrem, o discurso autoral também cumpre a função de falar no lugar desse outro com o qual se estabelecem vínculos dialógicos. Assim, esse pensamento do outro apenas é trazido à cena por meio da voz do discurso autoral; por isso, de uma maneira ou de outra, o discurso autoral cumpre a função de falar no lugar desse outro, em nome desse outro, substituindo, portanto, a voz do discurso alheio, o que caracteriza a atuação do *discurso direto substituído*. Ainda por meio da paráfrase, o discurso autoral também cumpre o papel de introduzir a fala alheia no contexto do discurso autoral; nesse caso, mediante o uso das aspas, as quais indicam que o discurso alheio concerne à voz do outro, e não à voz do discurso autoral, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado* na construção deste excerto.

Chegamos ao fim de todas as análises empreendidas no presente trabalho a respeito da atuação das relações dialógicas, em termos de tipos e variantes de discurso que se apresentaram na composição dos artigos científicos selecionados. Cabe salientar neste momento algumas observações no que se refere aos resultados a que chegamos com base nas análises anteriormente tecidas e com base nos tipos e variantes de discurso que recorrentemente se mostraram na escrita desses artigos.

Conforme vimos anteriormente, o uso do *discurso direto orientado para o referente* pode ser uma estratégia por meio da qual o discurso autoral pretende ser mais preciso e objetivo em relação à mensagem que deseja transmitir, visto que o discurso autoral se volta exclusivamente a um único referente/objeto. Desse modo, como vimos na figura 8, o uso do *discurso direto orientado para o referente* é um recurso explorado na elaboração do tópico frasal de determinado parágrafo, pois a precisão e a objetividade se fazem presentes no momento em que o discurso autoral apresenta a principal ideia a partir da qual surgirão outros subtemas no decorrer do parágrafo. A atuação do *discurso objetificado* faz com que o discurso alheio atenda aos propósitos discursivos do discurso autoral tendo em vista que o próprio

discurso alheio funciona como o objeto de discurso do autor; assim, a unidade de enunciação do discurso do outro está *a serviço* da unidade de enunciação do autor, da qual é objeto.

O uso do *discurso bivocal de orientação única* é oportuno no momento em que as vozes discursivas — a voz autoral e a voz alheia — convergem para uma mesma e única orientação. Desse modo, esse tipo de discurso nos indica que não há conflito entre ambas as vozes em determinado momento de composição do artigo científico. O uso do *discurso bivocal de orientação vária*, em contrapartida, indica que há um confronto entre a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio e, como tal, o uso de conjunções adversativas (“no entanto”, “contudo”, “todavia”, “entretanto”, “porém”, por exemplo) são bastante presentes nessas situações de discordância entre o discurso autoral e o discurso alheio.

O uso do *diálogo velado* é uma estratégia discursiva por meio da qual o autor considera a presença de um outro (interlocutor) e, dessa forma, antecipa possíveis réplicas que esse outro possa fazer em relação ao que foi dito pelo autor. No caso dos artigos científicos, esse outro muitas vezes foi interpretado como o(s) parecerista(s) do artigo em questão e como os eventuais leitores interessados na discussão promovida por essas pesquisas realizadas. Assim, não há visivelmente a presença desse parecerista ou desses leitores, por exemplo, mas o autor “sente” essa presença do outro, ainda que de forma velada. Com essa presença — não visível, mas sentida —, o autor dialoga consigo mesmo tendo em vista as réplicas de (e a) um interlocutor ausente, que pode ser o parecerista do artigo em questão ou os leitores em potencial para a leitura do artigo científico produzido.

O uso do *discurso direto em estilo monumental* acompanha a presença da citação direta. No momento do uso da citação direta, o enunciado alheio, ao ser transposto para o contexto do discurso autoral, não sofre alterações de qualquer ordem, ou seja, é transposto *ipsis litteris*. Assim, preserva-se, por meio do uso desse tipo de discurso e da citação direta, a compreensão segundo a qual o enunciado alheio seria um todo compacto, indivisível, imutável e impenetrável. Também é um recurso bastante explorado no momento em que o autor prefere não acrescentar ou retirar palavras ao explicar determinado conceito por meio das palavras originais do outro, no lugar de suas próprias palavras, em razão de diversos motivos: seja por acreditar que as palavras alheias já são suficientemente claras para a compreensão de determinada noção, seja porque essa voz do outro pode ser uma voz de autoridade naquele assunto em voga; seja, ainda, para mostrar que o discurso autoral não está “inventando” ou “deturpando” algo que já foi dito por outros pesquisadores. Assim, o discurso autoral também se mantém fiel às palavras de outrem, pois, na passagem para o contexto do discurso autoral, tais palavras do outro não sofreram nenhum tipo de modificação. As palavras do outro, todavia,

impactam o discurso autoral. O autor decidiu citá-las por alguma razão e isso já mostra a importância dessas palavras, traduzidas em posições axiológicas adotadas pelo escrevente.

A atuação do *discurso direto impressionista* raramente apareceu na construção composicional dos artigos científicos analisados. Nas poucas vezes em que se fez presente, podemos depreender que o seu uso é oportuno no momento em que o discurso autoral tem por objetivo revelar, de um modo ou de outro, o discurso interior dos autores trazidos e com os quais dialoga para a formulação de seus artigos científicos.

O uso do *discurso direto preparado* foi um recurso bastante explorado pelo discurso autoral na formulação de seus textos. Com base nesse tipo de discurso, o autor consegue antecipar o discurso alheio, fazendo com que ele seja introduzido no contexto do discurso autoral. O uso de citações diretas ou indiretas — sobretudo as diretas — ilustra de maneira evidente a atuação desse tipo de discurso, pois, por meio delas, o discurso autoral introduz a fala alheia nos momentos em que o discurso alheio contribui para a discussão promovida acerca de determinada temática abordada pelos artigos científicos.

O uso do *discurso antecipado, disperso, oculto* acompanha a presença das paráfrases realizadas pelo discurso autoral. As paráfrases do pensamento de outrem são um recurso por meio do qual o discurso autoral indica como as considerações alheias influenciaram as suas próprias considerações e, assim, com base na voz do outro, o discurso autoral dispõe de um assunto sobre o qual possa discorrer. A atuação desse tipo de discurso, portanto, ilustra como o enunciado autoral se deixou influenciar pelas palavras alheias, pois o discurso alheio passou a “contaminar” o discurso autoral. Observamos, ainda, que, no mais das vezes, quando temos a presença do *discurso antecipado, disperso, oculto*, também temos a presença do *discurso bivocal de orientação única*. Em ambos os tipos de discurso, há uma relação de concordância entre o discurso autoral e o discurso alheio e, por essa razão, o discurso autoral se deixa influenciar pelas palavras do discurso alheio, realizando uma paráfrase do pensamento alheio por meio do uso de uma citação indireta.

O uso do *discurso direto substituído*, por fim, ocorre simultaneamente ao uso do *discurso direto preparado*. Isso porque, como identificamos, no momento em que o discurso autoral introduz/antecipa o discurso alheio, o autor também faz o movimento de falar pelo outro, falar no lugar desse outro com o qual dialoga e em nome desse outro. Assim, a voz concernente ao discurso alheio apenas é trazida à baila por meio da voz do discurso autoral.

Todas essas observações não se restringem a uma área específica do saber; pelo contrário: por se tratar de linguagem, todas essas diferentes relações dialógicas dizem respeito aos artigos científicos representativos, neste trabalho, das três grandes áreas do conhecimento.

Assim, é preciso ressaltar que todas essas observações a que chegamos, com base nas análises anteriormente empreendidas, dizem respeito à escrita acadêmica de artigos científicos, independentemente da área do conhecimento a que determinado artigo se vincula. Isso porque as relações dialógicas são constitutivas da linguagem e, como tal, também constitutivas do gênero do discurso artigo científico. Dessa maneira, embora alguns tipos de discurso não se apresentem de maneira tão recorrente como outros na composição dos artigos científicos, as relações dialógicas, em termos de tipos e variantes de discurso, orientam a construção da escrita dos artigos nas três grandes áreas do conhecimento de forma semelhante. Isso porque, a despeito de cada área do conhecimento dispor de suas peculiaridades, elas não deixam de apresentar relações de concordância, de conflito, de influência, de inspiração, etc. com os autores com os quais estabelecem vínculos dialógicos na construção de seus textos.

De uma perspectiva geral, o que todas essas análises demonstram é que, em cada artigo científico, os tipos e variantes de discurso mobilizados tendem a se repetir, o que mostra uma preferência estilística do autor ou dos autores por aqueles modos de se relacionar com as palavras alheias. Ademais, notamos uma espécie de sobreposição dos tipos e variantes de discurso; a depender de por qual perspectiva se analise. Isso, a nosso ver, é uma contribuição importante nesse tipo de abordagem, pois permite vislumbrar o fato de que, em uma única passagem, são mobilizados diferentes tipos de discurso.

As escolhas desses tipos de discurso mobilizados pelos autores também se mostram como estratégias argumentativas dos autores na composição de seus artigos. São, pois, modos peculiares de trazer as palavras do outro, de sorte que essas vozes sirvam aos objetivos comunicacionais dos autores dos artigos. Tais estratégias argumentativas, a nosso ver, não são apenas “textuais”; mas mostram também aspectos mais amplos, como as dimensões ocultas imbricadas nas práticas de letramentos acadêmicos, a respeito de *como* citar, *por que* e *para quê* citar outros autores. Embora esse não seja o foco do presente trabalho, as análises apontam a possibilidade de um estudo produtivo nesse sentido.

Assim como na constituição da escrita dos artigos científicos analisados, nesta dissertação também recorreremos às relações dialógicas e aos tipos e variantes de discurso em sua estrutura composicional. Para tanto, a fim de ilustrar a utilização de tipo(s) de discurso predominante(s) e explicar de maneira um pouco mais satisfatória a noção de relações dialógicas, trazemos a voz alheia de Maciel (2014, p. 258), segundo a qual:

No viés bakhtiniano, pensar em dialogismo, em relações dialógicas, significa considerar os sujeitos (discursivos) implicados no processo de comunicação. As relações dialógicas se forjam na assunção explícita ou implícita, consciente ou não, de vozes alheias.

A passagem acima foi retirada da Tese de Doutorado de Maciel (2014) e, como nos utilizamos de uma citação direta longa, temos em cena em nosso discurso autoral a atuação do *discurso direto em estilo monumental*, *discurso direto preparado*, *discurso direto substituído* e do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto*. Todos esses tipos de discurso foram mobilizados apenas porque citamos um fragmento que pode nos auxiliar na compreensão do alcance das relações dialógicas — tema de nosso trabalho.

Em síntese, o enunciado alheio foi transposto da mesma maneira com que originalmente foi empregado em Maciel (2014), o que caracteriza o uso do *discurso direto em estilo monumental*. O discurso alheio foi preparado pela voz do discurso autoral (pela nossa voz) e, assim, também falamos no lugar desse outro com o qual dialogamos, o que caracteriza a atuação do *discurso direto preparado* e do *discurso direto substituído*. Por fim, o uso do *discurso antecipado*, *disperso*, *oculto* mostra-se como a razão por que trazemos à cena esse fragmento de Maciel (2014): por meio de suas palavras, compreendemos que trabalhar com as relações dialógicas também implica considerar os sujeitos discursivos presentes em dado processo de comunicação. Por isso, consideramos, neste trabalho, os sujeitos discursivos e suas respectivas vozes — a voz do discurso autoral e a voz do discurso alheio — nos variados modos de citação do discurso do outro por meio dos quais os artigos científicos selecionados para análise foram construídos em termos de escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na exposição anterior, apresentamos, nesta seção, o modo pelo qual nossas análises responderam à pergunta de pesquisa norteadora desta Dissertação de Mestrado e aos objetivos propostos pelo presente trabalho. Para tal, recuperamos essa pergunta de pesquisa norteadora e também os objetivos — geral e específicos — que nos conduziram à reflexão empreendida.

No que toca à pergunta de pesquisa norteadora, *de que maneira se dão as relações dialógicas presentes no processo de escrita do gênero do discurso artigo científico ao se privilegiar o estudo dos diferentes modos de citação nele empregados?*, podemos depreender, com base na pesquisa realizada, que as relações dialógicas, sendo fenômeno constitutivo da linguagem, também são constitutivas da produção escrita de artigos científicos nas diferentes áreas do conhecimento. Ao se privilegiar o estudo dos diferentes modos de citação encontrados nesses artigos, analisamos as variadas formas pelas quais os tipos e variantes de discurso orientaram e influenciaram a escrita dos artigos científicos representantes das três grandes áreas do conhecimento. Consideramos que essa orientação dos tipos e variantes de discurso para a produção escrita dos artigos científicos se deu de maneira produtiva, visto que tais artigos foram publicados em periódicos avaliados no estrato A1 (Qualis), o que implica dizer, pelo reconhecimento dessa esfera da atividade humana, que tais artigos atenderam a critérios de relações de poder intrínsecos à seara da escrita acadêmica e, conseqüentemente, podem ser vistos como *bons artigos* em termos temáticos, estilísticos e composicionais do gênero.

Quanto aos objetivos específicos, o primeiro objetivo *analisar de que maneira se dão as relações dialógicas entre o discurso autoral e o discurso alheio na construção composicional do gênero do discurso artigo científico*, julgamos que tenha sido plenamente alcançado pela análise empreendida, uma vez que os vínculos dialógicos estabelecidos entre o discurso autoral e o discurso alheio, presentes na construção composicional dos artigos selecionados, foram a base principal a partir da qual conseguimos identificar os tipos e variantes de discurso atuantes na composição desses artigos científicos.

O segundo objetivo específico, por sua vez, *verificar como os tipos e variantes de discurso encontrados nas obras do Círculo de Bakhtin expõem as eventuais interações dialógicas encontradas na composição desses artigos científicos*, também julgamos que tenha sido plenamente atendido, pois o modo pelo qual esses tipos e variantes de discurso, expostos em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2021) e em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018), auxiliaram na construção do gênero do discurso artigo científico em termos temáticos,

estilísticos e composicionais foi o motivo de exaustivas e longas análises concernentes a vários fragmentos retirados do todo composicional dos artigos científicos analisados.

O terceiro objetivo específico, por fim, *identificar quais as possíveis relações dialógicas estabelecidas entre os artigos científicos representativos das três grandes áreas do conhecimento — Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas — e as vozes outras que auxiliaram na construção desses artigos*, julgamos, também, que tenha sido plenamente alcançado, pois realizamos diversas análises acerca de 18 (dezoito) artigos científicos, distribuídos em 3 (três) artigos científicos correspondentes a 2 (dois) periódicos avaliados no estrato A1, os quais são representativos das publicações relativas às áreas de Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Ciências Humanas. Essas possíveis relações dialógicas identificadas na composição dos artigos científicos se deram em termos de análise dos tipos e variantes de discurso atuantes na construção desses artigos e, portanto, auxiliaram na formulação desses textos.

No que concerne ao objetivo geral, *analisar e detalhar o papel das relações dialógicas na constituição da escrita de artigos científicos*, cremos que este também foi plenamente atendido, haja vista a presença de todas as análises empreendidas por este trabalho, embasadas nas diferentes relações dialógicas que puderam ser estabelecidas entre o discurso autoral e o discurso alheio, entre o discurso citado e o discurso que cita. Por intermédio dessas análises, acreditamos ter conseguido detalhar o papel das relações dialógicas em termos de citação do discurso do outro na constituição da escrita desses artigos científicos selecionados.

Como principais resultados decorrentes desta pesquisa e principais contribuições por ela alcançadas, destacamos como as relações dialógicas são constitutivas do gênero do discurso artigo científico e como elas demonstram diferentes modos de se relacionar com as palavras do outro em termos de estratégias argumentativas adotadas pelos escreventes em seu percurso pela escrita; independentemente da área de conhecimento a que se filia determinado artigo produzido. Verificamos os diversos modos pelos quais os tipos e variantes de discurso podem orientar e conduzir a escrita acadêmico-científica de artigos científicos nas publicações relativas às três grandes áreas do conhecimento.

Dentre os tipos e variantes de discurso mais recorrentes na composição dos artigos selecionados, podemos destacar: (a) *discurso direto em estilo monumental* (uso de citação direta); (b) *discurso direto orientado para o referente* (recurso linguístico bastante explorado para a elaboração de tópicos frasais e em momentos nos quais o discurso autoral precisa ser direto e objetivo); (c) *discurso objetificado* (o discurso alheio está *a serviço* do projeto discursivo do autor); (d) *diálogo velado* (o autor consegue antecipar possíveis réplicas com base

na presença oculta de um interlocutor); (e) *discurso antecipado, disperso, oculto* (o discurso autoral se deixa influenciar pelas palavras alheias); (f) *discurso direto preparado* (o discurso autoral introduz a fala alheia em seu discurso); (g) *discurso direto substituído* (o autor fala no lugar e em nome do pesquisador com o qual dialoga); (h) *discurso bivocal de orientação única* (o autor está em posição de concordância com o discurso alheio citado); e (i) *discurso bivocal de orientação vária* (o autor está em posição de discordância com o discurso alheio citado).

Assim, esta pesquisa está ancorada, portanto, na abordagem bakhtiniana dos gêneros do discurso, considerando a tríade — relações dialógicas, tipos e variantes de discurso e gêneros do discurso — como a base teórico-metodológica de sua concretização. Com efeito, abrem-se novos caminhos de pesquisa para investigações porvindouras acerca do modo de constituição da escrita na perspectiva dos letramentos acadêmicos (ou não), conjugadas com os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, sejam em gêneros que circulam na esfera acadêmica, sejam em gêneros discursivos relativos às diversas outras esferas da atividade/comunicação humana.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. (2020). *Publication manual of the American psychological association: The official guide to APA style* (7th ed.). APA.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 105 p. (Obras Completas.v.1). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1888>. Acesso em: 25 de jul. 2023.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT 6022: informação e documentação – artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Martins fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In.: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (1919/1921). *Para uma filosofia do ato*. Tradução não revisada, para fins didáticos e acadêmicos, realizada por Carlos Alberto Faraco e Cristovam Tezza. [S.I.: s.n.], [2005-2006].
- BAKHTIN, M. M. (Mikhail Mikhailovitch), 1895-1975. *Problemas da poética de Dostoiévski/Mikhail Bakhtin*; tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- CADERNOS NIETZSCHE. v. 44. n. 3. 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet> Acesso em: 12 jun. 2023.
- CADERNOS PAGU. n. 68. 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu> . Acesso em: 02 jul. 2023.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Competências*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/80-conteudo-estatico/acesso-a-informacao/5418-competencias> . Acesso em: 12 nov. 2023.
- CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA. *Revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva*. v. 28. n. 11. 2023. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/#> . Acesso em: 18 jun. 2023.
- CLARES, Letícia Moreira. *Mediação editorial na comunicação científica: um estudo de dois periódicos de Humanidades*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGL, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 147, 2017.
- CURRY, Mary Jane. LILLIS, Thereza. Uma crítica ao “inglês como língua franca” da publicação de periódicos acadêmicos. Tradução de Raquel Salek Fiad e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda. *Roseta*. v. 1, n. 1, 2018.

D&T. *Design e Tecnologia*. v. 13. n. 26. 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/det/index.php/det> . Acesso em: 08 jun. 2023.

DINIZ, Jéssica. *Tudo isso nos estados unidos*. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@jedinizm/video/7265730567692406022> . Acesso em: 13 ago. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FUZA, Ângela Francine. *A constituição dos discursos escritos em práticas de letramento acadêmico-científicas*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2015.

GINZBURG, Carlo. (1986). *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos Emblemas Sinais: Morfologia e História*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.143-179.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Diferenças entre dialogismo e polifonia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 24, n. 2, p. 580-601, 2016.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. *Para entender os gêneros do discurso*. Araraquara: Letraria, 2022.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. *Relações dialógicas em narrativas*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2014.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação de artigos científicos: métodos de realização, seleção de periódicos, publicação* / João Bosco Medeiros, Carolina Tomasi. – 2. Ed. – São Paulo: Atlas, 2021.

MIRANDA, Flávia Danielle Sordi Silva. *Letramentos (en) formados por relações dialógicas na universidade: (res) significações e refrações com tecnologias digitais*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2016.

RBEUR. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. v. 25. n. 1. 2023. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur> . Acesso em: 06 jun. 2023.

REGINA, Elis. *Alô, alô, marciano*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GjWuop9G6bU> . Acesso em: 16 jul. 2023.

RSP. *Revista de Saúde Pública*. v. 57. 2023. Disponível em: <https://rsp.fsp.usp.br/> . Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, Fabrício José; MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Relações de poder na escrita de gêneros acadêmico-científicos: o suporte como mecanismo legitimador. In: Baronas, Roberto Leiser (Org.). *Sa(gui)beres discursivos* (no prelo).

SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. HIV/Aids, os estigmas e a história. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 25, p. 311-314, 2018.

SUCUPIRA, *Plataforma*. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>
Acesso em: 10 mai. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin, 1895-1936. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*/Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2021 (3ª edição). 376 p.